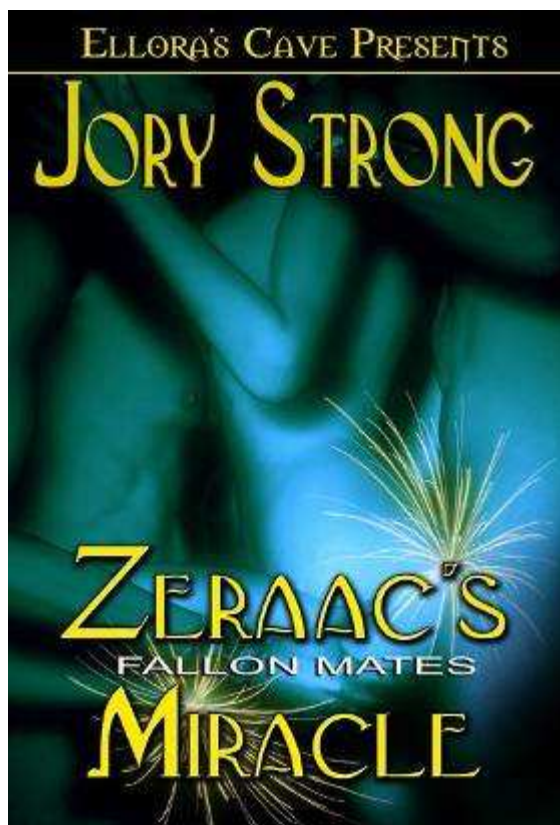




Jory Strong

O Milagre de Zeraac

Fallon Mates 02

Na Terra, Ariel Ripa necessita um milagre para sua filha. Em Belizair, só um milagre proporcionará a Zeraac d'Amato e Komet d'Vesti uma companheira de vínculo compartilhada. Nem eles, nem Ariel esperam obter o maior desejo de seu coração. Mas quando Zeraac viaja a Terra, a pedido da companheira humana de seu irmão, resgata Ariel, e encontra a resposta a suas próprias orações, e as de Komet, assim como eles são a resposta às dela. Segundo a lei do Conselho, Ariel deve concordar com uma cerimônia de vinculação por sua livre vontade, e só pode saber a verdade sobre eles, uma vez que estejam na câmara de transporte. Mas seguir as regras significaria a morte da filha de Ariel. E ao romper a lei pode significar a anulação da vinculação e possibilidade do exílio para os dois homens. Para Zeraac e Komet, não há outra opção que arriscar sua honra e corações por Ariel e sua filha. Através do amor e esperança, nascidos nas profundezas da escuridão e desespero, os três encontrarão algo mais estranho que pedras preciosas Ylan dos braceletes em seus pulsos, um milagre que mudará suas vidas.

Disp em Esp: El Club De Las Excomulgadas

Envio do arquivo: Δίκη

Revisão Inicial: Tessy

Revisão Final: Leka

Formatação: Cynha **Imagem:** Élica

Talions





Comentário da Revisora Tessy: Meninas as outras histórias foram boas, hots e com um pouco de história... Mas esta supera tudo o que eu esperava!! Gente amei. Ela é linda!!! Cheia de sofrimentos, romance, superação, esperança e um amor maior que o mundo... Com tudo isso um milagre é só um detalhe... Ah!! E não esqueçamos das maravilhosas cenas hots que a Jory é mestre.

Comentário da Revisora Leka: Quando achou que tudo teria um fim, uma nova vida se abre a ela. Com novos amores, esperanças e milagre.

Capítulo 1

A névoa envolveu ao redor e por cima de Zeraac d'Amato, úmida e pegajosa, recobrando sua pele e a roupa com suas lágrimas, um espelho dos danos que já tinham sofrido seu coração e sua alma. Estava de pé diante o velho edifício de apartamentos, ansioso por terminar com este encargo, mas, estranhamente reticente, agora que estava no planeta conhecido por seus nativos como Terra.

A imagem da companheira de vínculo humana de seu irmão, Krista, apareceu na mente de Zeraac, emoldurada pela alegria e a felicidade. Um sorriso encontrou um pequeno lugar onde assentar-se em sua face, uma diminuta inclinação para cima, que vacilou brevemente e depois desapareceu.

O coração cambaleou, recordando as expressões nos rostos de Adan, Lyan e de Krista, quando saíram da câmara de transporte... Expressões cheias de amor, cheias da promessa de um futuro juntos, promessa de filhos. A alegria era de uma vez um raio de felicidade e um lento e ensurdecedor tombo de dor imensa no peito de Zeraac. Um aviso de tudo o que perdera quando os Hotalings encontraram a maneira de invadir Belizair, deixando livre sua arma bio-genética, que causou estragos tanto nos Amato como nos Vesti.

Ninguém tinha sabor de ciência certa se os Hotalings planejavam que o vírus matasse todo mundo diretamente, deixando Belizair cheio de mortos, talvez acreditando que se nenhum Vesti ou Amato ficassem com vida, o planeta permitiria que outros seres entrassem em sua atmosfera. Ou talvez, eles tinham planejado isto, uma visão de extinção, pondo de joelhos os Vesti e Amato, antes de reaparecer, de em qualquer lugar que se foram, e oferecer um antídoto em troca do acesso às pedras Ylan.

Mesmo se aqueles de Belizair, estivessem *dispostos* a oferecer o acesso às pedras Ylan, não teriam sido capazes de fazê-lo.

As pedras Ylan não eram umas pedras verdadeiras no absoluto, eram quase uma entidade viva. Uma fonte de poder, e muito mais. Ainda os Amato e os Vesti não as entendiam totalmente,



embora com o tempo, aprenderam a utilizar vários dos tipos das pedras.

Era a energia produzida por nervuras profundas de certos tipos de pedras Ylan, o que permitia viajar entre cidades de qualquer região. Viajar a Terra e de volta, utilizando o antigo portal situado em Winseka.

As pedras individuais nos braceletes de seus pulsos, permitia curar e mover-se mais rápido, assim como reduzir seus inimigos a um milhão de partículas, se ameaçados. Os usos eram intermináveis, em parte, porque existiam variações em como as pedras reagiam diante cada indivíduo. Para os Amato, eram sagradas. Para os Vesti, valoradas e entesouradas. Mas, apesar da crença, nem os Vesti nem os Amato tinham o poder para extrair grandes depósitos de pedras Ylan do planeta.

Como os Fallon conseguiram tirar de Belizair as pedras Ylan necessárias para construir as câmaras de transporte na terra? Era um mistério. Os Amato e os Vesti nunca tiveram êxito em extraí-las, salvo as que usavam em seus braceletes. As naves não podiam sair do planeta, se no porão continham depósitos de pedras Ylan. As naves que não provinham de Belizair desintegravam se persistiam na tentativa de entrar no espaço aéreo de Belizair.

Assim, mesmo se os habitantes de Belizair quisessem dar aos Hotalings essa tremenda fonte de poder, não poderiam tê-lo feito. Os Hotalings tampouco poderiam descer no planeta, se seu vírus tivesse tido êxito ao aniquilar toda a população.

Zeraac tinha uma grande dor no coração por todo o sofrimento, tudo para nada. Nada.

Os Altos Sacerdotes e Sacerdotisas Amato afirmavam que a Deusa, cujo braço rodeava Belizair, derramou lágrimas. E Ylan, cuja forma era Belizair em si mesmo, cuja força vital pulsava através das nervuras dos cristais entrelaçados por todo o subsolo do planeta, como o sangue bombeava através da carne de um homem, advertiu que seriam mais fortes por seu sofrimento.

Mas Zeraac não encontrou consolo, nem nenhuma esperança, no que diziam aqueles que afirmaram ouvir as vozes da Deusa ou seu consorte. Suas palavras eram vazias e ocas. O que diziam carecia de sentido.

Zeraac já não se importava. Não haveria filhos para ele. Nenhuma companheira. Nem sequer uma compartilhada.

O fato de que Zantara se afastasse dele, uma vez que os cientistas declararam que era estéril, um estranho efeito do vírus dos Hotaling ou talvez ele sempre tivesse sido, tinha evaporado qualquer sonho de ter uma família, até uma que só incluía uma companheira. Se ela, que tinha afirmado amá-lo e se comprometeu com ele, foi-se pela desesperança de uma união, então, como poderia esperar que outra, uma estranha, ligasse sua vida à dele?

Zeraac não esperava tal milagre.

O único que tinha para oferecer a seu povo era sua vida. E, assim que cumprisse o encargo da companheira compartilhada de seu irmão e Lyan, então partiria, seguindo o rastro dos Hotalings, com a esperança de encontrar o lugar que chamavam lar, e aprender algo mais sobre suas armas biogenéticas.

Até agora, os próprios cientistas do Conselho, só encontraram um modo de derrotar o vírus Hotaling. Agora, os agentes do Conselho, procuravam entre os humanos com o fim de identificar



aquelas mulheres que tinham o traço genético dos Fallon, a raça predecessora compartilhada dos Amato e Vesti.

Todas as esperanças para evitar a extinção, estava nos varões não apareados, e assim, cada homem tinha tanto o medo de que não houvesse nenhuma companheira para ele, como o conhecimento de que se requeria um CO-companheiro Amato ou Vesti com o fim de produzir descendência. Como os cientistas não podiam reproduzir os resultados no laboratório, já seja com uma mulher Amato ou Vesti, sua hipótese era que o soro de um macho Vesti, injetado a uma mulher humana portadora do gen Fallon durante o emparelhamento, mudaria de algum jeito a química da mulher, e permitindo que o esperma tanto Vesti como Amato, fertilizassem seus óvulos.

Tropeçaram com isto por acaso, quando um Amato, em um programa experimental, emparelhou-se a uma humana, mas decidiu compartilhá-la com seu melhor amigo, um Vesti. Ela tinha ficado grávida, os resultados das provas eram confusos quanto a se seus meninos seriam Vesti ou Amato, já que os gêmeos que levava continham os traços genéticos distintivos de ambas as raças.

De todos os modos, era a primeira gravidez, a primeira vez que uma mulher em Belizair obteve tal façanha desde que o vírus Hotaling os atacara. E visto que nenhuma das uniões anteriores “experimentais” entre uma mulher humana e um Vesti ou Amato por separado tinha resultado em gravidez, os cientistas falaram com esses casais e os convenceram de tomar outro companheiro. Tinha sido difícil de assimilar, mas finalmente todos os casais se ampliaram para incluir outro companheiro em sua união, e agora todos esperavam filhos. Gêmeos. Os resultados das provas dos fetos eram igualmente confusos, mas os cientistas prediziam um menino de cada raça. Supunham que talvez o vírus Hotaling mudara o esperma dos varões de tal maneira que necessitava que ambos estivessem presentes no útero de uma portadora humana do gen Fallon, e que ela também devia ser injetada com o soro de emparelhamento Vesti.

Assim que os varões não emparelhados em Belizair estavam preocupados, esperando que sua companheira fosse encontrada, enquanto consideravam a quem escolheriam como co-companheiro. Mas para Zeraac, não havia nem esperança nem medo. Só resolução. Ele faria o que fosse necessário para ajudar a sua gente.

Apertou a mandíbula enquanto recordava o encontro com seu irmão. Tinha visto a preocupação nos olhos de Adan e a compaixão, mas não disse nada.

Zeraac ficou rígido e afastou aqueles pensamentos incômodos. Estava aqui por Krista, e resolveria isto para que ela pudesse seguir para um futuro brilhante com Adan e Lyan, para que sua mente estivesse tranquila e pudesse deixar a um lado sua vida na Terra por uma em Belizair.

Ela pouco sabia como já era valorizada, tanto pelos Vesti como pelos Amato. Quando chegou a notícia de que Krista presenciou o assassinato de um policial, e que temia por seus amigos e alunos, depois que Lyan matasse o assassino, não houve escassez de voluntários, tanto Amato como Vesti, que pediu permissão e se precipitaram a São Francisco para proteger aqueles pelos quais Krista se preocupava.

Fazia muito tempo aprovaram leis contra a interferência com culturas não tão avançadas



como a de Belizair. E mesmo agora, a viagem ao mundo de Krista, ainda estava limitado, controlado. Na sua maior parte, só os cientistas do Conselho e seus agentes, além daqueles que tinham sido emparelhados, junto com quem quer que estes escolheram como co-companheiro, estavam autorizados para visitá-lo, e ainda então, insistiam a retornar assim que fosse possível. Mas a felicidade de uma companheira de vínculo era de suma importância, e, portanto, foi fácil para Zeraac, assim como para o irmão de Lyan e vários outros, obter a permissão e ir a San Francisco, com o fim de assegurar que Krista encontrasse a felicidade em Belizair. E por esse motivo, Zeraac estava agora rodeado por edifícios neste inóspito planeta, com uma tarefa que agora se sentia estranhamente resistente a realizar.

Os sons de uma porta abrindo e fechando, seguidos por um acesso de tosse seca, e um longo ruído de respiração, como de asfixia, chegou até Zeraac através da névoa. Seguiu a voz fina de uma menina.

— Acha que será diferente quando papai me ver a próxima vez? Acha que quererá estar comigo se já não estiver doente?

— Kaylee... — A voz suave de uma mulher começou a responder, só para ser interrompida por outro acesso de tosse e um soluço — Dói tanto, mami. Dói muito.

— Retornemos dentro. Vou dar...

— Não, mami, por favor. Não quero uma injeção. Não quero dormir. Por favor, não faça que vá dormir.

Um punho se apertou ao redor do coração de Zeraac, quando outro acesso de tosse seguiu, comprido e doloroso, como se os pulmões da menina estivessem tão cheios de resíduos, que não havia lugar para o ar, como se cada respiração fosse uma batalha pela sobrevivência.

Ele já se movia para frente, quando o som cessou, os passos seguiram a voz da mulher, em vez de dirigir-se para o edifício de apartamentos onde viviam a viúva de Colin Ripa e sua filha. Sentiu outros mover-se pela densa névoa, tão atraídos como ele, pelo som da mulher e a menina. E embora não sabia exatamente onde estavam esses outros, suas intenções foram transmitidas pela ameaça silenciosa que projetavam.

Zeraac os seguiu por várias quadras, a tosse frequente da menina era como um farol, o ritmo constante, mas único, os passos da mulher, dizia que levava a menina nos braços, a voz suave chegou até ele, enquanto cantava uma canção à filha.

— Quase chegamos — Disse finalmente a mulher — Acredito que o carro não está muito longe.

Zeraac pôde sentir outros se apressando, dispersando-se em abano para rodear e apanhar a mulher. Acelerou o próprio passo, dirigindo-se para onde pensava que a mulher se deteve, a densa névoa dificultava, fazendo-o mais difícil saber qual das ameaças devia chegar primeiro.

E depois não houve tempo para fazer outra coisa que reagir. A voz rouca de um homem, disse:

— Me dê as chaves do carro — Outro disse — Nos divirtamos um pouco com ela primeiro.

O grito da mulher foi cortado abruptamente pelo som de alguém sendo golpeado, e um corpo caindo contra o pavimento. O pranto da menina era afogado, um miado doloroso tragado



pelo ar úmido.

A raiva consumiu Zeraac, antes sempre tinha agido com a eficácia sem emoções de um guerreiro treinado para fazer frente aos criminosos de maneira rápida, eficaz e com justiça. Os três homens encurralaram a mulher e à menina, nunca chegaram a ver o que os golpeou, não tiveram possibilidade contra ele quando se precipitou para eles, usando as mãos e punhos até deixá-los inconscientes, lamentando não poder usar as pedras Ylan para terminar o que tinha começado, e destruí-los tão meticulosamente, que até as menores partículas necessárias para reconhecê-los, já não existissem.

Atou os pulsos e tornozelos com a corda que encontrou em um dos bolsos. Depois os assegurou mais, atando-os juntos. Só quando estavam completamente impossibilitados, voltou sua atenção para a mulher e sua filha. E como se tivesse ordenado qualquer Deus que governasse este planeta, um único raio de luz atravessou a névoa cinza e as iluminou, fazendo que o fôlego de Zeraac ficasse preso em sua garganta, diante a visão frente a ele.

Tanto a mulher como a menina eram delicadas, de ossos finos, com um cabelo que era o contraste prateado de seu cabelo dourado, com olhos tão azuis como os seus próprios. Mas, enquanto a pele da mulher brilhava com saúde, a da filha era pálida, magra, pondo os pequenos ossos claramente de relevo, e os olhos enchiam a maior parte do rosto.

Os traços da mulher falavam de esgotamento, de uma dor que ninguém deveria suportar. A expressão da menina era de medo e, assim mesmo, uma coragem que alcançou profundamente o interior de Zeraac.

— Está aqui para me levar ao Céu agora? — Perguntou a menina, a voz apenas um sussurro, os lábios trementes e seus olhos alagados de lágrimas.

A expressão da mulher mostrou surpresa e sua atenção se desviou para a filha enquanto pressionava suavemente os lábios contra o cabelo da menina, estreitando-a entre seus braços, apesar da inflamada contusão que florescia na testa. Mas o olhar da menina nunca abandonou o de Zeraac.

— Está aqui para me levar a Céu agora? — Repetiu ela, as lágrimas escaparam e correram para baixo por pelas bochechas pálidas e magras.

A mente de Zeraac estava em branco. Sabia um pouco sobre a Terra, mas como esta viagem tinha sido inesperada, não estudara, por isso só tinha o conhecimento de um turista neste mundo.

— Quer que te leve ao Céu agora?

O grito afogado da mulher fez saber imediatamente que disse algo incorreto, mas antes que ela pudesse dizer algo, a menina disse,

— Iámos à casa das borboletas. Eu gostaria de ver isso primeiro. E depois eu gostaria de ir a algum lugar especial. Algum lugar realmente lindo. Assim mamãe não estará tão triste quando for.

Um soluço escapou da mulher, e o coração de Zeraac se sentiu como se estivesse sendo triturado quando as lágrimas começaram a cair por sua face. Ela abraçou à menina com força, sem fazer nenhum esforço para ficar de pé. Os olhos da menina se moveram para os homens atados.

— Mas penso que deveríamos chamar a polícia primeiro, para que estes homens não possam fazer mal a ninguém mais. Então, estarei pronta para... ir.



— Kaylee, OH, pequena! Por favor, não fale assim — Sussurrou sua mãe.

— Está bem, mamãe. É como a mãe de Kendall me disse que aconteceria. Que um anjo desceria para me levar quando chegasse o momento de ir ao Céu e estar com papai.

A mulher estremeceu, a voz apanhada entre um soluço e uma risada.

— Ah, pequena, este homem provavelmente salvou nossas vidas e é um anjo por fazê-lo, mas não é a mesma espécie de anjo sobre o que a mãe de Kendall te contava.

— Sim, sim é, mamãe. Não pode ver suas asas? São tão reluzentes que quase não posso suportar olhá-las.

As palavras ficaram flutuando no ar, detendo a respiração e o coração de Zeraac por sua importância. Deixando-o imóvel pelo que estas poderiam significar para Belizair.

O cenho da mulher franziu ligeiramente, e durante um momento, pôde ver sua forma verdadeira refletida em seus formosos olhos, então ela sacudiu a cabeça, recusando a imagem, mas deixando o coração trovejando em seu peito. Só aqueles humanos nascidos com os traços Fallon podiam atravessar o véu proporcionado pelas pedras Ylan e ver os Vesti e Amato tal e como eram realmente.

Ela esfregou a cabeça, estremeendo quando os dedos roçaram a contusão que estava formando na testa.

— Por favor — Ela disse — Chame à polícia.

— Tem um telefone?

A mulher negou com a cabeça ligeiramente, mas foi a menina que falou, assinalando a um dos atacantes.

— Ele tem um no cinto.

Assim que emitiu as palavras, começou a tossir de novo, e o coração de Zeraac se encheu de dor quando viu a expressão da mulher, ao ler a angústia e a impotência em seu rosto.

Rapidamente, pegou o telefone e o entregou à mulher, se amaldiçoando por não tomar o tempo para aprender mais sobre este mundo. Mas nunca teve a intenção de permanecer mais de uns minutos. Só o tempo necessário para cumprir com seu dever com a companheira do irmão, apresentando-se à viúva do policial e assegurando-se que a ela e sua filha não faltasse nada, salvo um marido e um pai, mas ele não estava em condições para ajudá-las a encher esse vazio.

Agora se encontrava fora de seu elemento, pela primeira vez em muito tempo. Ele era um caçador de recompensas, um guardião da lei, um homem que protegia a sua própria gente, assim como proporcionava serviços aqueles, de outros mundos, que podiam permitir-se pagar seu preço. Desde o dia que tinha começado pela primeira vez a formação para exercer sua profissão, nunca se sentiu tão... pouco preparado.

E agora a tarefa se ampliou. Não só tinha que encontrar à viúva e sua filha, tinha que velar por elas.

O coração contraiu quando a pequena menina, Kaylee, tossiu um pouco mais, quando pôde ler a morte iminente em seus traços. Tinha que conseguir uma amostra de seu material genético e levá-lo aos cientistas do Conselho. Ela levava o gen Fallon em seu interior, ou não seria capaz de ver suas asas pregadas, atadas com cordões de ouro entre as omoplatas, reduzidas a partículas



pequenas pela pedra Ylan, de modo que fossem mais uma ilusão que uma realidade, enquanto se movia por este planeta.

Uma sirene soou a distância e vários dos homens começaram a lutar, conseguindo desviar a atenção de Zeraac da mulher e a menina. Aproximou-se para conferir que os homens continuavam atados, surpreso ao notar que a úmida e densa névoa parecia levantar-se, limpando-se quando uma brisa a levava longe.

Poucos minutos depois, um carro de polícia parou a seu lado, as portas se abriram, e dois homens saíram, com as mãos sobre as culatras das armas primitivas.

— O que está acontecendo aqui? — Perguntou o mais jovem, mas foi a pergunta do velho, a preocupação e a familiaridade da voz, que enviou uma estranha sacudida ao abdômen de Zeraac.

— Ariel, você e Kaylee estão bem?

Ariel. Seu nome se precipitou através de Zeraac, procurando sua alma e alcançando seu objetivo.

— Estamos bem, Peter, graças a... — Sua voz sumiu, mas a menina disse:

— Meu anjo.

— Seu anjo, hein? — A suspeita percorreu os traços do policial quando olhou Zeraac, e depois os três homens atados a seus pés, os homens tinham ficado indefesos ao serem presos de maneira profissional, por alguém que obviamente sabia o que fazia.

— É um policial?

— Um caçador de recompensas — Respondeu Zeraac, sabendo que seria considerado um policial ou um soldado na Terra, mas utilizando o título de seu próprio mundo, porque o sentido deste era diferente para evitar perguntas adicionais. Ofereceu a mão ao polícia uniformizado — Zeraac d'Amato.

— Peter Tyson.

O policial jovem uniu-se a eles, irradiando curiosidade.

— Nick Gaiman. Controlou a todos ao mesmo tempo?

— Sim.

Gaiman abriu a boca para dizer algo mais, mas a tosse de Kaylee mudou o rumo de seus pensamentos, o fazendo dar a volta para seu companheiro e perguntar:

— Quer que ponha estes tipos dentro do carro?

— Sim — O policial mais velho se ajoelhou ao lado de Ariel — Vocês duas vivem perto daqui, não é? Levarei-as a casa. Posso tomar a declaração ali.

O olhar de Kaylee procurou o de Zeraac e os lábios começaram a tremer, com os olhos brilhando pelas lágrimas.

— Não agora. Por favor, não agora. Se voltarmos para apartamento, não poderei ver as borboletas. Nunca mais.

O policial mais velho afastou o olhar da menina e Zeraac viu um sinal de lágrimas em seus olhos, antes que limpasse garganta.

— Se esqueça do que acabo de dizer, Nick. Chama a outra unidade. Estes podem esperar onde estão. Utilizarei o carro patrulha para tomar as declarações — Disse, inclinando-se, em



silêncio, oferecendo tomar Kaylee dos braços de Ariel, de modo que ela pudesse ficar de pé. Mas a menina negou com a cabeça e lutou por ficar ela mesma em pé, tomando a mão da mãe.

A emoção apertou o peito de Zeraac e não pôde conter-se de avançar, tomar o braço de Ariel e ajudá-la a ficar de pé, uma sacudida de reconhecimento precipitou pelo corpo quando a tocou, a negação gritava em sua mente, mesmo enquanto as pedras Ylan dos braceletes palpitavam, ganhando vida de um modo que nunca tinham feito antes, nem sequer na presença da que uma vez tinha sido sua prometida. Solto o braço assim que pôde, afastando-se dela como se fosse um fogo que o queimaria, tentando desesperadamente fechar sua mente e seu coração a ela. Não significava nada que as pedras formassem redemoinhos à vida em sua presença, nada, disse, que não fosse talvez uma confirmação de que ela também levava o marcador Fallon.

— Também precisamos sua declaração — Disse o policial, interpretando mal a retirada de Zeraac e pensando que talvez tinha a intenção de ir-se.

Zeraac assentiu e os seguiu, quando todos, exceto o policial jovem e os três atacantes, dirigiram-se para o carro.

Entraram na viatura de maneira apertada, e só foi possível graças que Kaylee se sentou no colo de sua mãe. Entretanto, o policial fez um trabalho rápido ao recolher os fatos, embora sua expressão fosse mais preocupada cada vez que olhava Ariel, até que finalmente disse:

— Penso que deveria te deixar onde alguém possa te vigiar. Poderia ter uma concussão cerebral.

Antes de poder deter-se, a mão de Zeraac segurou a face de Ariel, girando-a para poder ver seus olhos. A outra mão roçou a contusão da testa e ao redor de um galo na parte de atrás de seu crânio, as pedras dos braceletes palpitavam outra vez, como se queriam oferecer a ela um pouco de sua capacidade de cura.

— Ela deveria ir a um centro médico e ser examinada — Disse.

Ariel se esticou imediatamente, afastando-se dele, as palavras cheias de convicção.

— Não.

O policial se moveu em seu assento, obviamente incômodo.

— O que acontece com a família de Colin...?

— Terminamos, Peter? — Interrompe, cada polegada de seu corpo rígido, completamente inconsciente do assalto turbulento de emoções que ocorriam dentro de Zeraac, quando se inclinou para frente para conseguir uma melhor visão do relatório que o policial acabava de encher, a informação que já conhecia e que não precisava perguntar.

A flecha que atravessara a alma de Zeraac, a partir do primeiro momento em que Ariel e sua filha saíram do bloco de apartamentos, afundou-se mais profundo dentro dele, quando leu seus nomes. *Ariel Ripa, Kaylee Ripa.*

A esposa e filha do Detetive Colin Ripa, falecido.

A esposa e filha do policial assassinado.

A esposa e filha que a companheira de Adan, Krista, tinha pedido que comprovasse.

Acha que será diferente quando ver o papai a próxima vez? Acha que quererá estar comigo se não estiver doente nunca mais?



Está aqui para me levar a Céu agora?

Íamos à casa das borboletas. Eu gostaria de ver primeiro esse lugar. E depois eu gostaria de ir a algum lugar especial. Um lugar realmente formoso. Então, mamãe não estará tão triste quando eu tenha ido.

Está bem, mamãe. É como a mamãe de Kendall disse que seria. Que um anjo desceria e me levaria com ele, quando chegasse o momento de ir ao Céu e estar com papai.

As palavras o assaltaram, tomando um novo significado, derrubando as barreiras que rodeavam o coração de Zeraac.

— Ficarei com elas hoje — Disse ele, interrompendo uma discussão entre o policial e Ariel, da que não era consciente que estava ocorrendo.

O policial franziu o cenho e exigiu uma identificação. Zeraac a tirou, entregando-a sem preocupação. Os cientistas do Conselho e os Caçadores de recompensas que fiscalizavam as viagens à Terra eram peritos em assegurar-se que os Vesti e os Amato tivessem todo o necessário, com o fim de misturar-se sem problemas.

— Por que está você nesta zona? — Perguntou o policial, anotando a informação, antes de devolver a Zeraac a identificação.

— A esposa de meu irmão me sugeriu que visitasse São Francisco.

Um segundo carro patrulha parou frente ao que eles estavam. Um oficial uniformizado saiu, unindo-se ao que estava vigiando os atacantes.

A tosse de Kaylee encheu o carro patrulha no que se encontrava Zeraac, terminando em um gemido de dor.

— Podemos ir agora? A casa das borboletas está aberta só um pouco de tempo cada dia — Sua voz era apenas um sussurro, a respiração ofegante e irregular.

O policial olhou Kaylee, e depois a sua mãe.

— Você não deve dirigir, Ariel. Ao menos não até que esteja segura que não tem uma concussão.

Ariel voltou sua atenção a Zeraac. Até agora ela tentava desesperadamente não fixar-se nele, de não pensar nele, além de como um estranho que entrevistou quando ela e Kaylee precisavam, um estranho que iria logo.

OH, Deus! Ele a assustava. Assustava-a em tantos níveis, embora nenhum deles fosse físico.

— Zeraac já disse que ficaria conosco hoje — Disse sua filha — Ele pode nos levar a casa das borboletas — E Ariel sabia que com a palpitante cabeça e a preocupação sobre uma possível concussão cerebral, não tinha mais remédio que deixar entrar em suas vidas, nesses momentos preciosos com sua filha, a quem os médicos não podiam ajudar mais, com uma filha que teve alta do hospital pela última vez. Uma filha que veio para casa para morrer.

Capítulo 2



Os olhos de Ariel se encheram de lágrimas enquanto olhava Kaylee, a mente tentando desesperadamente de capturar a felicidade na face de sua filha, capturar cada instante fugaz de alegria e assombro, enquanto Kaylee olhava fixamente e muito atenta à borboleta, gloriosamente colorida, que aterrissou em seu joelho.

Um dia de cada vez. Um momento de uma vez, intensa e dolorosamente vivido, os bons momentos se entesouravam juntos, guardados para um futuro que Ariel não podia suportar imaginar.

Tinha vivido dessa maneira durante tanto tempo, que mal podia lembrar-se de fazê-lo de outra forma.

Mal podia imaginar um futuro além deste dia, este momento, embora sabia que haveria. Que de algum jeito sobreviveria e seguiria adiante. Igual sobreviveu a outras perdas.

Mas parte dela morreria com Kaylee. Parte dela *queria* morrer com Kaylee.

Deus!

Esfregou a testa, lamentando não poder fechar os olhos e só dormir. A dor de cabeça a punha chorona, muito sensível.

Teria tempo de sobra para isso mais tarde... Mas não agora. Nunca se perdoaria se ela...

— Sua cabeça está incomodando — Disse Zeraac, interrompendo seus pensamentos, a voz passou sobre ela como uma carícia, fazendo que o coração sacudisse e seu corpo doesse de modo que não tinha feito durante anos, não desde a primeira parte de seu matrimônio com Colin, antes que a culpa desgastasse o que eles tinham e deixasse um espaço oco, vazio.

— Estou bem — Disse ela, uma pequena mentira que disse de forma natural.

Ele se moveu no banco de madeira e a coxa tocou a sua, e depois a mão roçou o cabelo de sua testa, fazendo-a ofegar, fazendo que seus olhos alagados derramassem mais lágrimas, seu toque suave e sua atenção eram quase uma tortura.

Não agora, gritou sua mente. Não agora.

Era tão, tão incorreto. Sentir uma atração por ele, por qualquer homem, nesse momento. Tinha tão pouco tempo com Kaylee. Semanas, talvez, se tinha sorte. Ou poderia acabar amanhã.

Sua mão se moveu ao redor do galo da parte de trás da cabeça, e ela inclinou, o alívio acompanhou um calor estranho, que se filtrava nela quando as pontas dos dedos dele fizeram pequenos círculos calmantes em seu couro cabeludo.

Sentia-se tão bem ser tocada. Estar perto de um homem outra vez. Tão perto que sentia o calor de seu corpo. Tão perto que podia aspirar seu aroma e notar que cheirava bem, sem usar nenhum perfume.

Por um segundo, cedeu à tentação, imaginando o que seria ser abraçada, só abraçada, os braços ao redor dela, sustentando-a contra seu corpo forte, oferecendo conforto, amparo, companhia e uma promessa tácita de que ele se ocuparia dela, de que estaria ali sempre para ela, sempre.

Foi uma doce ilusão em que se perdeu por um instante, e as lágrimas escaparam, deslizando pelas bochechas, enquanto um soluço ardia em seu peito, apanhado pelo hábito e a força de vontade. Apertou as pálpebras, obrigando-se a deter as lágrimas, a face avermelhando pela



vergonha, pela mortificação.

Deus! Não queria que Kaylee a visse assim. Ou Zeraac.

A dor atravessou Zeraac. A impotência o assaltou, deixando-o imóvel.

Ela estava chorando.

Todos seus instintos o impulsionavam a tomá-la entre os braços, para beijar suas lágrimas, e depois cobrir a boca com a sua, consolando-a, brincando com a pressão da boca na sua, esfregando a língua contra a sua, até que ela se enchesse de amor e alegria, em vez de tristeza e dor.

Mas não podia. Não devia. Se ela tinha o gen Fallon, então pertenceria a outros, a um Vesti e a um Amato, e poderia ajudar que suas raças não se extinguissem com um emparelhamento, entre ela, e homens que teriam algo mais que oferecer a uma mulher que ele.

Sentiu que ela recuperava o controle, um aço emocional que fez com que o corpo ficasse rígido e depois se separasse de seu toque, com a cabeça ainda inclinada para frente quando se virou e tirou a jaqueta, limpando, disfarçadamente, os olhos no processo.

Queria perguntar... A respeito dela... De Kaylee. Mas sabia que ela não daria a bem-vinda a suas perguntas. Pedir colocaria em perigo a frágil trégua que permitira entrar em suas vidas.

Se o que suspeitava fosse verdade, então eram importantes para seu mundo, muito importantes para deixá-las escapar, embora o peito doesse no conhecimento que ele não compartilharia seu futuro. O coração já não deixava manter uma distância, fingir que estava simplesmente as vigiando, como uma responsabilidade da qual tinha ocupar-se.

Sua atenção se dirigiu a Kaylee, que levantou a vista nesse momento, como se sentisse seu olhar fixo nela.

— Se aproxime mais — Sussurrou ela e ele respondeu a sua ordem, usando a formação de guerreiro para levantar do banco e ficar junto a ela, sem assustar a borboleta de seu joelho.

— Esta se chama Signo de Interrogação — Sussurrou Kaylee — E essa daí, a azul, verde e preto, chama-se Capitão de Arco íris. Qual acha que é mais bonita?

Um sorriso encheu Zeraac, mas manteve sua expressão séria, enquanto estudava a borboleta de cor vermelha-alaranjada com manchas pretas e amarelas no joelho de Kaylee, antes de mover os olhos para obter uma melhor visão da segunda, seus olhos se dirigiram a uma terceira.

— Penso que essa poderia ser ainda mais bonita que estas outras duas.

— De que tipo é?

— Não sei.

Kaylee o olhou com consternação, os olhos foram da borboleta de seu joelho ao ponto que o olhava.

— Não posso vê-la. E se me movo, esta sairá voando.

O sorriso de Zeraac que tentava conter escapou.

— Me deixe ver se posso trazê-la para você.

Ela franziu o cenho.

— Seja gentil. São muito delicadas, já sabe. Não pode agarrá-las como uma bola de beisebol.



Ele riu um som que não fizera em tanto tempo, que quase doeu quando obrigou seu coração a abrir-se ainda mais.

— Serei muito suave — Prometeu, pouco a pouco estendeu uma mão, e a complacente borboleta permitiu que a mostrasse a Kaylee. Um surpreendente prazer subiu por seus dedos, tão leve, que só o comichão das patas sobre sua pele e a visão de que esta sobre a mão, confirmavam sua presença.

Ele se moveu lentamente, retornando ao banco onde Kaylee estava sentada. A risada fez que a sua própria se alargasse.

— Essa é uma borboleta monarca — Disse ela, sua voz implicava que era uma informação da qual deveria ter estado em posse.

— Está certa? — Não pôde resistir brincar com ela.

Ela rodou os olhos.

— É óbvio, estou certa.

Ele fez um espetáculo ao franzir o cenho intensamente para a borboleta laranja, pensando que as linhas pretas de suas asas davam um aspecto frágil e segmentado, enquanto que o grosso contorno preto que continha pequenos pontos brancos, contribuía ao bonito e régio padrão. Podia entender como conseguiu seu nome.

— Está certa? Talvez seja outra espécie de borboleta que pretende ser uma borboleta monarca.

Ela riu.

— Estou certa. *Todos* sabem como é uma borboleta monarca. Mas com certeza que você não sabia isto. Os astecas acreditavam que as Monarcas eram guerreiros caídos e a razão para que fossem laranja e preto era porque essas eram as cores de batalha.

— Hmmm, tem razão. Não sabia.

Kaylee levantou uma mão dobrada em um punho e a colocou perto de Zeraac, o movimento fez que a mariposa em seu joelho saísse voando, mas ela só a olhou brevemente antes de voltar sua atenção para a que estava na mão de Zeraac.

— Penso que tem razão. Acredito que esta borboleta é mais linda que as outras duas. — A Monarca subiu na mão dela — Sabia que só vivem uns nove meses do momento em que são postas como ovos, até que se transformam em borboletas e nasce uma nova Monarca? Isso é um mês por cada um dos anos que eu vivi. Acabo de fazer nove anos — Seu olhar se moveu e se uniu com o de Zeraac, tão dolorosamente parecida com de um adulto e ele fez tudo o que pôde para não afastar o olhar — Não têm borboletas monarca no Céu?

— OH, pequena — Suspirou Ariel, chamando a atenção de Kaylee para ela e libertando Zeraac dos olhos inquietantes da menina.

— É só uma pergunta, mamãe.

— Sei.

Ariel se levantou e se uniu a eles no banco, querendo tomar Kaylee entre os braços e abraçá-la com força, mas não pôde por temor que a borboleta monarca voasse.

— A que está lá, sobre aquela flor vermelha, é uma borboleta Cauda de Andorinha? —



Perguntou, preferindo desviar a atenção da filha, admitindo diante si mesmo que a crença contínua de Kaylee, de que Zeraac era um anjo, punha-a nervosa.

Ainda sendo uma menina, Kaylee raramente escolhia escapar a um mundo de fantasia, talvez pressentindo desde o começo que seu tempo na terra era limitado. Devorava livros sobre a natureza, olhando as fotos tantas vezes que as páginas estavam puídas pelo uso. Os únicos programas de televisão que tolerava, eram aqueles que tratavam sobre o mundo natural. Zebras e pinguins por um tempo. Leões, guepardos e búfalos. Falcões, águias e colibris. E ultimamente, mariposas.

— Sim, é uma Cauda de Andorinha — Kaylee concordou — Quer saber de que tipo é?

Ariel fingiu pensar no assunto.

— Não quer primeiro minha conjectura?

— Se quiser dizer.

— Bom, eu digo que é uma Cauda de Andorinha amarela e preta.

Kaylee enrugou o nariz, sua atenção girou para Zeraac.

— E você, o que diz que é?

—Concordo com sua mãe. As mães não tem sempre razão? — Sorriu outra vez quando pensou na própria mãe. Ela, na verdade, parecia pensar que sempre tinha razão, mesmo que todos seus filhos eram adultos.

Kaylee rodou os olhos.

— As mães nem sempre têm a razão. Sobre tudo quando se trata de borboletas. Não há nenhuma borboleta chamada Cauda de Andorinha amarela e preta. Essa é uma Cauda de Andorinha Zebra. Sua aparência é parecida com uma Cauda de Andorinha Tigre e algumas pessoas poderiam confundir-se, mas não eu.

Ariel começou a rir, o olhar unindo-se ao de Zeraac em uma diversão compartilhada. A emoção cedeu passo a algo mais em seu corpo, que chegou à vida com uma sacudida, os mamilos e o clitóris se ativaram como se estivessem frios e mortos durante os últimos nove anos. Afastou o olhar rapidamente, perdendo o assombro no rosto de sua filha, e o olhar que Kaylee dirigiu a Zeraac.

— Quero caminhar por aqui durante uns minutos — Disse Kaylee, e a Monarca deixou o dorso da mão, enquanto ela lutava por ficar de pé, sua fraqueza, de repente, era óbvia, sendo menos evidente enquanto estava sentada.

— Quer que te leve nos braços? — Perguntou Ariel, sabendo o muito que sua filha odiava estar indefesa, sobre tudo em público.

— Não. Com certeza que ainda te dói a cabeça. Zeraac pode me levar — Um olhar ardiloso cruzou a face de Kaylee — Mas talvez você pudesse tomá-lo pela mão, no caso dele tropeçar ou algo assim.

Ariel se alarmou diante do muito que desejava tomar a mão de Zeraac. Desejava-o.

Até esse dia, acreditava que as feridas deixadas por seu matrimônio se curaram, mas agora estava aprendendo que só tinham formado crostas. A solidão e a necessidade foram enterradas sob a responsabilidade cotidiana, sob a angústia de ter uma filha com uma enfermidade



progressiva e fatal.

Amou tanto Colin no começo. E ele a amara.

Não duvidava disso. Mesmo agora.

Seu matrimônio não tinha sido o primeiro em desmanchar-se pela tensão de um filho doente, pela culpa de saber que seus gens combinados eram a razão pela qual sua filha sofria, a razão pela qual gritava, pedindo que a ajudassem quando a dor foi maior do que podia suportar. E apesar de não se divorciarem, nem separado, com o passar dos anos, Colin tinha trabalhado mais tempo “disfarçado”, de modo que no final era pouco mais que um estranho que de vez em quando dormia no sofá. O cumprimento de seu dever era entregar o cheque de pagamento.

Só depois de que foi assassinado, chegou a entender o alcance real, de como separadas estavam suas vidas. Seus colegas de trabalho se surpreenderam ao inteirar do estado de Kaylee, seus supervisores estavam incômodos com a culpa de ter dado casos que o mantiveram afastado de sua família.

A dor de sua morte tinha sido quase secundária à dor causada por como completamente parecia tê-las purgado de seu mundo, do mundo no que passou a maior parte de seu tempo.

Até sua morte, nunca se permitiu perguntar se ele teria sido fiel a seus votos de matrimônio, mas depois desta, a pergunta a tinha açoitado, a encheu de agonia. Desgastando-a, até o ponto que pensar em envolver-se com outro homem, de ser vulnerável de novo, era quase insuportável.

Passara quase um ano da morte de Colin, quase sete da última vez que dormiram juntos e ele a procurara na noite, para um acoplamento rápido na escuridão, tão diferente de fazer amor sem pressa que tiveram antes, que ela se retirou ao banheiro e chorou depois. Quando ele decidiu dormir no sofá a noite seguinte, e a partir de então, tinha fechado aquela parte de si mesma que necessitava o toque de um homem, que desejava. Deixou-se chegar ao frio e ao intumescimento. Até agora. Quando parecia tão incorreto mesmo pensar nisso.

Ariel ficou de pé, vendo como Zeraac tomava com facilidade Kaylee entre os braços, sua filha gritou de prazer quando ele a lançou suavemente no ar. Kaylee suplicou que fizesse de novo, antes que um estalo de tosse terminasse seu jogo e levassem Ariel ao lado de Zeraac, colocou a mão sobre seu braço enquanto ele aconchegava Kaylee contra o peito, de modo que pudesse massagear as costas, a fricção pareceu ajudá-la, e embora Kaylee continuou tossindo e lutando pelo ar durante um longo momento, até que finalmente se apoiou em Zeraac, seu olhar se dirigiu para Ariel, pedindo em silêncio um lenço para não desgostar Zeraac ao cuspir o espesso e pegajoso muco que enchia os pulmões, e bloqueava outros órgãos lentamente, matando-a no processo.

Ariel procurou no bolso da jaqueta o lenço, dando a Kaylee.

— Estou bem agora — Disse Kaylee, depois de devolver o lenço usado a sua mãe. Mas não soava bem. A energia que a manteve quando chegaram à casa das borboletas se foi, deixando-a esgotada e fazendo-a ver frágil, a respiração superficial.

— Vamos para casa agora, pequena. Minha cabeça está começando a doer bastante — Disse Ariel, usando sua própria lesão como uma concessão ao orgulho de Kaylee.

— Queria ver mais mariposas — Kaylee gemeu.



O coração de Ariel estava indefeso diante a ternura que viu no rosto de Zeraac, diante a preocupação de suas palavras quando prometeu.

— A trarei de novo amanhã, se desejar, Kaylee. Mas só depois de poder aprender algo mais sobre as borboletas. Não quero que ache aborrecida minha companhia.

— Não me levará com você hoje? — Perguntou Kaylee, com a face tensa e cansada.

As sobrancelhas de Zeraac se juntaram.

— Só tenho a intenção de te levar para casa agora, para que possa descansar.

— A meu apartamento?

— A qualquer lugar que sua mãe me diga que vá.

— Está bem, então. E amanhã?

— Será o mesmo que hoje, se desejar — Sua face se iluminou — Mas talvez possamos deixar de lado a parte onde você e sua mãe são atacadas e tenho que ir ao resgate. Não tenho que a sua mãe gostaria de outro galo na cabeça. O que você pensa?

A risada de Kaylee era quase inaudível.

— Acredito que tem razão — Sussurrou.

Sua luta por respirar era pior agora que chegaram ao lugar que ela chamava lar. O temor de perdê-la atravessou Zeraac, tentando-o a romper todas as regras e levá-la diretamente aos cientistas do Conselho. Mas fazer assim era quase uma garantia de que eles voltariam às costas, decidindo seguir as leis, em vez dos próprios corações.

Ele insistiu em levá-la ao apartamento, ficando com ela quando Ariel tirou a jaqueta e a camisa de Kaylee, expondo as extremidades dos ossos, junto com as cicatrizes no peito de Kaylee, corte cicatrizados deixados por um cirurgião, marcas tão primitivas que fizeram que Zeraac desse um passo atrás em reação, sentindo vontade de chorar quando viu a angústia que causou sua ação.

Sem dizer uma palavra, pegou a camisola de Kaylee, entregando-a Ariel e depois passou a mão sobre a parte superior da cabeça de Kaylee, antes de dar a volta ligeiramente, com o fim de dar um pouco de privacidade para que pudesse pôr a camisola à menina, e tirar o resto da roupa. Depois de que o fizessem, olhou com assombro como Kaylee colocava algo em torno da cabeça, respondendo a sua pergunta tácita dizendo:

— É minha máquina para respirar — Ela fechou os olhos por um segundo, como se estivesse reunindo forças. Quando os abriu, perguntou — Vai ficar comigo daqui em diante?

— Kaylee... — Ariel começou, mas as palavras ficaram entupidas no peito quando sua filha estendeu as mãos, riscando o ar ambos os lados de Zeraac e dizendo.

— Ele é meu anjo, mamãe. Enviaram-me ele, e quero que fique até que seja o tempo que vá.

Começou a tossir, com a dor atormentando corpo frágil, enquanto lutava por respirar. Ariel se levantou e deixou o quarto, voltando um momento depois com uma seringa de injeção. A visão desta fez que Zeraac se sacudisse em reação, como fizera ao ver as cicatrizes de seu peito.

As lágrimas de Kaylee caíram mais rapidamente.

— Por favor, não me injete, mamãe. Por favor — Sussurrou.

— OH, pequena, me deixe fazer isto por você. É só um pouquinho, para te ajudar com a dor.



A mão de Kaylee procurou a de Zeraac, e ele tomou, apertando-a suavemente. Sua voz era tão fraca que mal podia se ouvir.

— Não me levará enquanto esteja dormindo, não é?

— Não.

— Está bem, então. De acordo.

O sono não chegou facilmente, mesmo depois da injeção, mas finalmente reclamou Kaylee, deixando Zeraac e Ariel só pela primeira vez.

Ariel se levantou em silêncio e Zeraac a seguiu, quase assustado de deixar o quarto da menina. Debatia-se entre o desejo intenso de estar com Ariel e Kaylee, e a urgente necessidade de levar os fios de cabelo que tinha no bolso aos cientistas do Conselho para que examinassem. Sem dúvida nenhuma, sabia que Kaylee levava o gen Fallon, ela viu sua forma verdadeira na névoa, e tinha remontado o contorno de suas asas fazia só uns momentos.

— Estará bem esta noite? — Perguntou ele.

— Acredito que sim — Sussurro Ariel, a cabeça caiu, os ombros se esticaram, dirigindo-se ligeiramente para frente, como se estivesse tentando criar um lugar seguro onde poder esconder-se e evitar a dor.

Ao vê-la assim golpeou o coração de Zeraac. Moveu-se para ela, levando-a para seu corpo, sua presença entre os braços descongelou lugares gelados de sua alma.

O sangue encheu seu pênis e este se apertou contra o abdômen. A mão acariciou o cabelo comprido que caía sobre as costas, os cristais dos braceletes pulsavam freneticamente, coincidindo com o batimento de seu coração, e o dela.

Durante um longo momento a abraçou, oferecendo conforto, querendo oferecer mais, mas sem atrever-se a isso.

— Tenho que dar um recado — Disse finalmente — Mas não ficar sozinha — Dirigiu o dedo para o galo do dorso da cabeça, rodeando-o suavemente — O que acha se procurar algo para comer e volto logo?

Ariel estava dividida, entre a emoção, a lógica e a culpa, dando voltas dentro de um caleidoscópio de necessidades em conflito, pela sensação da ereção contra seu ventre e a umidade em resposta entre as próprias coxas. Passou tanto tempo desde que alguém, um homem, a abraçara e tinha devotado o consolo de seus braços.

Sabia por instinto que Zeraac não se aproveitaria. Adivinhou que nem sequer se deixaria levar por seu desejo, não até que desse alguma indicação de que seria bem-vindo. Que ele a desejasse, e mesmo assim não esperasse nada dela, parecia um milagre.

Ariel sorriu contra seu peito. Talvez Kaylee tivesse razão. Talvez fosse um anjo, chegando a suas vidas quando mais precisavam.

— Você gosta da comida chinesa? — Ela perguntou — Há um lugar grandioso de comida para levar a umas quadras daqui.

O alívio se apoderou de Zeraac.

— Me diga o que quer e proporcionarei isso — Disse, as palavras escapando das profundidades dele, uma promessa de algo mais que comida.



Capítulo 3

Cada célula do corpo de Zeraac gritava que o tempo era essencial, e que não deveria desperdiçá-lo utilizando os primitivos meios de transporte da Terra com o fim de chegar aos cientistas do Conselho. E, entretanto... Não se atreveu a não utilizar o carro que tinham subministrado para transportar-se em São Francisco. Mover-se de outra forma, sem que fosse uma emergência, era arriscar-se a ser enviado de volta a Belizair por romper as regras e, possivelmente, advertir sobre a presença dos Vesti e Amato na Terra.

Essa regra estrita parecia uma tolice agora! Facilmente poderia ter se transportado sem ser visto. Era um guerreiro capaz de manter-se sigiloso em situações muito mais difíceis que mover-se de uma posição a outra. E mesmo, se fosse tão descuidado para permitir que alguém o visse desaparecer no ar, eles se convenceriam simplesmente que tinham imaginado. Em seu curto tempo no planeta de Ariel, notou como poucos de seus habitantes o viram, sua atenção dirigida exclusivamente ao rápido ritmo que pareciam viver suas vidas.

Mas não podia arriscar-se a violar a lei. E assim, viu-se obrigado a conduzir através de ruas estreitas, cheias de gente, sua frustração e sua ansiedade crescendo em cada semáforo, em cada pedestre suicida que tomava a prioridade ao sair à rua sem fazer caso dos carros que passavam por ali. Ele chiava os dentes, e estava preparado para a batalha no momento que chegou ao edifício do Conselho com vista ao mar.

— A Terra não parece te satisfazer, Zeraac — Disse Jeqon d'Amato de onde estava encostado em um sofá macio, pelo visto sem fazer mais que olhar as gaivotas e os navios de pesca, através da janela que ocupava a maior parte da parede.

Zeraac ficou rígido diante a visão do irmão de Zantara, preparando-se contra as lembranças que removia a presença de Jeqon, sem desejar sentir de novo o desespero que o encheu quando Zantara disse que não queria ligar sua vida com a dele, quando não havia possibilidade de ter filhos.

“O que está fazendo aqui, Jeqon?” — Perguntou, aliviado ao poder falar com a maneira dos Amato e Vesti, embora soube a resposta antes que a pergunta fosse completamente feita. A diferença dos guerreiros e os caçadores de recompensas de seu próprio clã, os de Lahatiel tendiam a ser eruditos e científicos.

“O que possa para ajudar a todos” — Disse Jeqon, a face e voz mascaravam seus pensamentos, pelo qual Zeraac estava agradecido. Era bastante mal vislumbrar a preocupação e a compaixão nas faces dos próprios membros de sua família, seria ainda pior para ele encontrá-los na face de Jeqon, um homem que desejara chamar irmão uma vez.

Jeqon se levantou do sofá e ficou de pé em frente à Zeraac, estendendo as mãos em sinal de saudação. Zeraac estreitou os antebraços do outro homem, de modo que os braceletes dos pulsos que usavam se tocassem brevemente, antes que ambos os homens deixassem cair os braços,



Jeqon perguntou:

“Terminou seu assunto na Terra? Veio para usar a câmara de transporte?”

“Não, vim procurando um cientista.”

Jeqon sorriu abertamente.

“Então, sou seu homem, e como pode ver, estou disponível. O que necessita?”

Zeraac hesitou, com uma repentina sensação de vazio em seu peito, agora que chegara o momento de entregar os fios prateados de cabelos que continham o DNA de Ariel e Kaylee. Uma vez que o fizesse, não haveria maneira de evitar os resultados, e a breve ilusão de que eles poderiam ser uma família, seria arrebatada. Entretanto, que outra opção ficava?

O lugar vazio em seu coração se encheu de preocupação e dor pelo sofrimento de Kaylee, pela angústia de Ariel. A necessidade de saber que eram cuidadas o enchia.

Que outra coisa podia fazer, exceto entregar as amostras de DNA?

Tirou uma mecha de cabelo do bolso da jaqueta e deu a Jeqon.

“A nova companheira de vínculo de meu irmão pediu que cuidasse e ao fazê-lo, acredito que encontrei uma mãe e sua filha que levam o gen Fallon.”

“De verdade?” — Perguntou Jeqon, tomando a mecha que Zeraac entregava, como se fosse um tesouro inestimável.

“De verdade. Esse pertence à filha, Kaylee. Ela me viu como Amato” — Tirou uma mecha diferente de seu outro bolso — *“E este pertence à mãe, Ariel.”*

Espera um momento — Disse Jeqon, começando a afastar-se, mas depois adicionou — *Me dê um dos seus também.*

Uma onda negra de desespero se levantou do interior de Zeraac

— *“Com que propósito? Sabe melhor que ninguém que não haverá nenhum filho para mim”.*

“A menina te vê, Zeraac. Talvez isso significa algo. Nem sempre podemos compreender os caminhos da Deusa ou seu consorte.”

A negação o percorreu, uma rejeição visceral diante a ideia de que Kaylee pudesse ser sua companheira.

— *“Não.”*

— *“Prefere perder tempo esperando que algum outro cientista venha?”*

A ira encheu Zeraac, mas sabia que Jeqon não recuaria agora que fizera seu pedido. Com um puxão zangado, Zeraac arrancou uma mecha de cabelo da cabeça e deu a Jeqon, antes de segui-lo pela sala.

Embora a casa reclamada pelo Conselho de Cientistas fosse grande, a área onde estes trabalhavam era pequena e cheia de equipamentos que pareciam poder ser encontrados na Terra. Jeqon se sentou em um banco e levantou a vista, vendo o cenho franzido de Zeraac e respondendo com um sorriso.

— *“É difícil acreditar que um povo que utiliza uns métodos tão primitivos de transporte e se encerra em edifícios que são pouco mais que cavernas, poderia ter uma tecnologia que usaríamos de uma vez da nossa. Mas o Conselho opinou que seria mais seguro que usássemos o material daqui enquanto possamos, embora modificamos com o fim de dar rapidez os resultados”* — Fez



uma careta — *“Mesmo assim, é mais lento do que eu gostaria. Será melhor que se sente.”*

Mais de uma vez, Zeraac se encontrou esfregando a mecha de cabelo de Ariel entre os dedos, recordando todo o acontecido desde que estava de pé fora de seu edifício, o corpo ficava cada vez mais duro pelas lembranças do abraço, enquanto sua mão acariciava o cabelo sedoso e seu pênis se pressionava contra o abdômen. Era uma doce tortura imaginar beijá-la, imaginar despi-la devagar, olhar seu corpo pela primeira vez, tocá-lo, prová-lo. Afugentar toda a dor de sua vida e...

A mente e o coração de Zeraac saltaram longe de onde seus pensamentos o levavam, quando seu corpo e alma protestaram por abandonar esse caminho. Mas, negou-se a voltar para os sonhos que só trariam dor. Ariel pertencia a outro Amato, sua vida e a de Kaylee se cruzaram com a sua por este curto período de tempo.

Ariel se sentou na borda da cama de Kaylee, olhando como os traços de sua filha se esticavam e relaxavam, esticavam e relaxavam, a dor a alcançava durante o sono, embora os remédios impedissem que despertasse. Kaylee respirava com dificuldade, o som de sua respiração anulava o ruído da máquina que forçava ar dentro dos pulmões. *Permita ter um dia mais!* Orou Ariel, como rezou tantos outros dias.

Queria tomar a mão da filha na sua, mas não se atreveu por medo de despertá-la. O olhar de Ariel se dirigiu para os dedos de Kaylee, que tinham uma deformação arredondada nas extremidades, causadas pelo pouco oxigênio que chegava. Os dedos que envergonhavam Kaylee quando estava em público, embora hoje esquecesse várias vezes, riscando com eles as asas imaginárias de Zeraac, oferecendo sua mão e deixando-o sustentá-la.

As lágrimas com as que Ariel lutara todo o dia escaparam dos olhos, enquanto as lembranças a enchiam. Junto com o dia de seu casamento, o dia que Kaylee nasceu foi o mais feliz de sua vida.

Toda uma vida passou e, entretanto, parecia como se tivesse sido ontem quando ela e Colin se sentaram na cama do hospital, olhando a sua filha pequena e linda, contando os dedos das mãos e pés, tão pequenos, uma perfeita miniatura formada de si mesmos, e maravilhando-se porque um dia seria uma adolescente que pediria as chaves do carro e faria que seus cabelos embranquecessem.

Tudo parecia tão maravilhoso, então. Duas pessoas que se encontraram a uma à outra, e juntos criaram a uma terceira pessoa, um milagre. O início de sua própria família. Eles a criariam e cuidariam melhor do que tinham cuidado.

“Ela é tão linda como você. Os meninos vão cair sobre ela. Acredito que será melhor que consigamos um irmão que nos ajude a cuidá-la” — Havia dito Colin, com uma voz rouca que fez que Ariel ansiasse o dia em que estivesse completamente restabelecida e para sentir seu corpo no sua outra vez, empurrando seu pênis dentro e fora de sua vagina.

“Tem certeza que pode sobreviver outra visita à sala de partos?” — Zombou ela, desfrutando da lembrança de como seu marido, um policial macho, que tinha visto tantas coisas, tão terríveis e horríveis em seu passado, quase perde a consciência ao ver sua filha vir ao mundo.



“Posso suportar tudo que você me dê, e algo mais” — Gabou-se, inclinando-se para frente e roçando os lábios, primeiro contra a suave cabeça de sua filha, e depois contra a boca de Ariel, sussurrando: *“Mas o que aconteceu a sala de partos está coberto pela lei de confidencialidade marido-esposa. De acordo?”*

Ariel forçou a afastar os pensamentos do passado e secou as lágrimas, levantou-se da borda da cama de Kaylee e saiu do quarto, sem querer que Zeraac tivesse que chamá-la com voz muito alta quando voltasse.

— Que idade tem a filha? — Perguntou Jeqon, falando em voz alta, a voz parecia casual, embora Zeraac estava treinado para dar-se conta da tensão do corpo do outro homem.

— Nove anos da Terra.

A preocupação substituiu à despreocupação fingida.

— Me dê a outra mecha de cabelo. O da mãe.

Zeraac não fez nenhum movimento para dar.

— A menina tem o gen Fallon?

Jeqon assentiu, com um movimento brusco da cabeça.

— Mas não é sua companheira.

Zeraac se levantou do assento e se moveu à mesa onde Jeqon trabalhava, seu olhar se dirigiu para a visão do oceano e o céu que podia ver através das diáfanas cortinas.

— Kaylee está doente.

— Morrendo.

Desta vez foi Zeraac quem assentiu com a cabeça bruscamente, a dor apertava seu coração ao escutar essa verdade dita em voz alta.

— Ela pensa que sou um anjo que veio para levá-la ao Céu.

— Esse é o lugar onde eles acreditam que voltam para seu Deus depois da morte, tal como nós acreditam que a Deusa absorve nossas almas enquanto que Ylan absorve nossos corpos — Jeqon estendeu a mão — Me deixe examinar o cabelo da mãe.

— E se ela não tem o gen Fallon?

— Então, a menina estará perdida para nós. É muito jovem para ser tomada como companheira, e nós não sequestramos crianças.

— Ela poderia ser curada e deixada aqui até que tenha idade suficiente para ser reclamada.

— Vamos, Zeraac. Sabe como são as coisas. Embora estas pessoas não progrediram até o ponto de descobrir que existem outros mundos e seres, a tecnologia avançou o suficiente para que já não possamos curá-los das enfermidades ou trazê-los da beira da morte como fizeram alguma vez os Fallon e nosso próprios antepassados Amato. Naqueles dias, tal evento era um milagre que não se questionava ou entendia. Mas já não é esse o caso na Terra. Os cientistas e doutores se lançariam sobre o assunto se a menina se curasse de repente. Examinariam-na e veriam se eles podem aprender algo que os ajudasse a curar a outros como ela. Sabe que o Conselho opinou, faz muito tempo, que devemos ter um impacto mínimo neste mundo, e que não



devemos manipular os acontecimentos e a gente daqui — Sorriu ligeiramente — Só o fato de que a companheira de vínculo de seu irmão estivesse em perigo mortal, permitiu que Adan e Lyan matassem enquanto estiveram aqui. Só a necessidade de manter Krista feliz influenciou no Conselho para permitir tanto aos Vesti como aos Amato igualmente, vir aqui observar e proteger aqueles que pelos quais Krista se preocupa.

A face de Zeraac se esticou pela resolução. Ele estava disposto a sacrificar-se por seu povo. Correr atrás dos Hotalings, esperando aprender algo que pudesse ajudar aos cientistas do Conselho a encontrar e oferecer esperanças tanto às mulheres Amato, como às Vesti, assim como aqueles que estabeleceram uniões antes que o vírus biogenético Hotaling, caísse sobre Belizair. Mas não era mais nobre e digno de esforço dar a Kaylee uma possibilidade de futuro, ainda se isto custasse o seu próprio?

— E se quero curá-la?

Jeqon negou com a cabeça.

— Ainda quando as pedra Ylan emigrassem de seus próprios pulsos aos dela, estas não têm o poder de curá-la disto.

Uma dor pesada se alojou no peito de Zeraac.

— Então, não há esperanças? Embora Ariel também tenha o gen Fallon?

— Não é impossível. Os gens da menina teriam que ser modificados.

— Pode-se fazer?

— Sim. Em Belizair.

Zeraac entregou a mecha de cabelo de Ariel a Jeqon, e depois se voltou e se aproximou da janela, separando a fina cortina a um lado para poder olhar o oceano e o céu com a cor do fogo, sua beleza recordava uma praia vermelha que rodeava a cidade de Shiksa, onde alguns de seu clã tinham construído seus lares.

— Se Kaylee pode ser curada em Belizair, há ali um companheiro para ela? — Perguntou, sem dar a volta, da janela.

— Não. Mas ainda estamos recolhendo amostras de DNA. Nem todos os Vesti ou Amato se resignaram a tomar uma humana como companheira, ou compartilhá-la com outro de outra raça. E ainda não examinamos os meninos varões.

Zeraac assentiu com a cabeça e não voltou a falar. Em troca, seus pensamentos voltaram para chão, o corpo cheio de tensão enquanto Jeqon trabalhava silenciosamente atrás dele.

Só quando ouviu o som do banco de Jeqon roçando contra o chão de madeira, Zeraac afastou a vista do céu, agora negro.

— Há algo que tenho que comprovar. Voltarei logo — Disse Jeqon, escapando do quarto antes que pudesse perguntar algo.

A inquietação percorreu ao longo da coluna vertebral de Zeraac e roeu as terminações nervosas. Abandonou a posição na janela e se moveu para onde Jeqon trabalhava, vendo, quase imediatamente, que as provas do cabelo de Ariel se completaram.

Um buraco vazio se formou no peito de Zeraac, e depois se encheu de emoções tão cruas, que imediatamente as trancou dentro, concentrando-se no que estava frente a ele, mas ficou



frustrado quase imediatamente. A ciência nunca tinha sido seu forte. Do momento que deixou o peito de sua mãe, seguiu os passos de seu pai. Tinha estudado as leis de Belizair, e dos outros mundos que frequentemente contratavam aos Amato para repartir justiça e manter a ordem. Estudou os métodos que estavam acostumados a deter aqueles que decidiam violar a lei. Mas teve pouco interesse em explorar e aprender sobre o mundo científico.

Zeraac registrou a casa, sabendo que não encontraria Jeqon, sabendo por instinto que o irmão de Zantara usara a câmara de transporte para voltar para Belizair. Winseka, a Cidade Ponte. Sua ida repentina significava que Ariel tinha o marcador Fallon em seus gens, e um companheiro de vínculo tinha sido encontrado para ela na base de dados que continham a informação sobre todos os varões que foram analisados e registrados.

A dor violou as barreiras de Zeraac, reduzindo a marcha do tempo, fazendo-se insuportável. Lamentou não poder deixar simplesmente a direção onde Kaylee e Ariel podiam ser encontradas e depois transportar-se longe da Terra, mas seu coração já estava comprometido, e sabia que nunca poderia confiar o cuidado delas a um estranho. Sabia que não deixaria este planeta até que elas estivessem seguras em Belizair, onde os curadores e cientistas poderiam assistir Kaylee.

Tratou de esperar junto à janela, olhando um céu tão diferente ao que havia sobre seu próprio mundo. Mas olhá-lo não deu nenhum alívio da agonia de sua espera, e se colocou na porta da câmara de transporte, apesar do orgulho e a formação de guerreiro diziam que era uma tolice levar suas emoções tão claramente, as mostrando como uma fraqueza. E, entretanto, o coração respondeu pedindo que deixasse o futuro companheiro de Ariel saber que ela tinha um protetor, um que se asseguraria que fosse bem tratada.

Com uma maldição, Zeraac começou a caminhar. Antes que Krista enviasse a esta missão, teve a intenção de seguir o rastro dos Hotalings e tentar aprender mais sobre eles, talvez capturando um deles. Eram uma presença estranha, prejudicial, e, entretanto, apesar de seu ataque a Belizair, sabia-se pouco deles. Mas, como poderia assegurar-se que Ariel e Kaylee estavam bem sem ele, se não estavam em Winseka?

O zumbido em seus braceletes, e a vibração contra a pele ao estar tão perto da câmara, assinalou que Jeqon retornara. Zeraac parou diante da porta e se preparou para a aparição do companheiro de vínculo de Ariel. Considerando a saúde de Kaylee, não duvidava que Jeqon não desperdiçaria tempo para localizar o outro varão. E, entretanto, até sabendo, Zeraac não pôde reprimir sua reação.

Não! Foi um grito do mais profundo da alma de Zeraac, quando Jeqon surgiu com um Vesti da casa do clã Araquel, a mesma casa cuja busca do prazer tinha infectado Belizair com o devastador vírus Hotaling.

“Me escute” — Disse Jeqon, o som de sua voz chegou até Zeraac, abrindo caminho através da agonia que agora percorria seu coração— “Me escute, Zeraac. Komet não está envolvido no negócio do prazer, como faz a maioria de seu clã. É um cientista, um erudito, como eu. É meu amigo e está disposto a aceitar que talvez não haja filhos. Está disposto a ser seu co-companheiro, Zeraac. Ariel te pertence. É sua companheira. E necessita um co-companheiro Vesti com o fim de levá-la a casa em Belizair. Komet é muito adequado para a união. Pode te ajudar a tratar com os



cientistas que terão que trocar os gens de sua filha, de modo que a enfermidade não comece sua destruição de novo.”

Zeraac quase cambaleou diante o impacto das palavras de Jeqon. *Ariel era dele!*

Uma onda selvagem de amor, desejo e esperança se apoderou dele, só para ser seguido por um frio que o levou ao desespero, enquanto as palavras de Zantara se repetiam em sua mente, congeladas em sua memória para sempre. *Não posso estabelecer laços com você, Zeraac. Não agora. Prefiro esperar até que os cientistas tenham uma resposta, ou tomar outro como companheiro. É melhor ter uma pequena possibilidade de ter um filho, que nenhuma oportunidade absolutamente. Nenhuma mulher quer fracassar tão miseravelmente. Ligar-se a um companheiro e depois não ver o fruto de sua união na forma de um menino.*

Komet d’Vesti olhou o jogo das emoções no rosto de Zeraac, e mesmo conhecendo só um pouco sobre o outro homem, devido a sua longa amizade com o Jeqon, podia ler facilmente os pensamentos de Zeraac. A compaixão percorreu Komet, embora procurasse mascará-la. Podia entender bem as emoções de Zeraac. Até que Jeqon apareceu e contou sobre Ariel e Kaylee, Komet tinha renunciado à esperança de ter alguma vez uma companheira e filho próprio.

Quem tomaria um membro de seu clã como co-companheiro? E embora o Conselho opinasse que não se aplicariam sanções contra os Araquel, que ter que viver com o conhecimento de que eles trouxeram tanto sofrimento e privações a Belizair era suficiente. Komet se perguntava se os cientistas Amato ou Vesti reconheciam alguma vez que uma companheira tinha sido encontrada para um dos membros de seu clã.

Se soubesse sobre os projetos de sua família para levar a Belizair seres híbridos, máquinas com um toque de DNA humanoide, argumentaria contra a ideia. Entretanto, ele não tinha sido incluído na discussão. Não sabia da intenção de levar os “acompanhantes” a sua cidade natal de Phlair, com o fim de determinar se podia ser criado um mercado para estes brinquedos sexuais.

Talvez eles o escutassem, talvez não. Mas ao final, mesmo os cristais Ylan que custodiavam a porta de entrada de Belizair, não reconheciam a ameaça exposta pelos seres híbridos, não os converteram em partículas e permitiam dissipar-se em vez de restringi-los, de modo que o vírus que escapou dos bolsos escondidos dentro deles, estendeu-se rapidamente, um inimigo oculto até que vários dos mais anciões morreram, e as mulheres recém grávidas abortaram.

Só então os Amato e os Vesti por igual, começaram a perguntar-se, a procurar respostas. Encontrando para seu horror, que onde o ataque direto dos Hotalings tinha falhado previamente, um indireto teve êxito.

Como Jeqon afirmara, Komet se sentiu atraído pelo negócio do prazer, embora, por um tempo, estudara o azeite ritzca que os Vesti produziam e vendiam a todas as partes da galáxia, tratando de entender melhor seu efeito de aumentar a sensibilidade, e determinar se poderia ser usado para algo além de uma ajuda para o prazer e como potenciador. Mas sua falta de participação no negócio do prazer não o economizou ser agrupado junto com outros de seu clã. E na verdade, ele não os denunciaria. Não quebraram nenhuma lei. Não fizeram nada incorreto para



os costumes dos Amato ou os Vesti.

O coração de Komet se inchou diante a possibilidade de não só ter a uma companheira, mas também uma filha. Não deixaria passar esta oportunidade. Não permitiria que o orgulho se interposse em seu caminho.

Dando um passo adiante, estendeu os braços em sinal de saudação.

“Jeqon te diz a verdade. Sou um cientista e erudito. O que não te disse é que sou um homem sem a esperança de uma companheira ou um filho, a menos que você a estenda como uma oportunidade para mim, me permitindo reclamar com você Ariel, e fazer a sua filha minha própria filha, assim como a sua!”

Zeraac fechou a distância entre eles, sabendo nesse instante, que era uma tolice agarrar-se à linha de ação que tinha decidido antes de encontrar Ariel e Kaylee. Já sentia um carinho muito profundo por elas. Nunca seria capaz de afastar-se delas. E se Komet estava disposto a aceitar que não haveria nenhum filho além de Kaylee... Que outro homem viria tão rapidamente a seu lado e se uniria a ele na reclamação de uma companheira de vínculo?

Suas mãos tomaram os antebraços de Komet, os cristais dos braceletes se tocaram brevemente antes que os braços caíssem ao lado.

“Aceito sua oferta, mas não há muito tempo para agir. A situação de Kaylee é grave.”

“Jeqon me disse o mesmo.”

Retiraram-se à sala onde Zeraac tinha encontrado Jeqon quando chegou a casa, escolhendo conversar em voz alta. Foi Jeqon quem abriu a conversa, pondo o mais premente dos problemas relacionados com Ariel frente a eles, como se fosse um espécime exposto ali para sua dessecação, a voz não tomou nenhuma pretensão de esperar uma resposta positiva que perguntou a Zeraac:

— Haverá tempo para conseguir que ela esteja de acordo tanto em uma cerimônia de vínculo, como em retornar a casa com vocês?

Zeraac negou com a cabeça.

— Não. Eu advogaria pelo transporte imediato, tanto de Ariel como de Kaylee, agora mesmo, mas não posso pensar em nenhuma desculpa para levar Komet comigo quando retornar a seu apartamento, ou para trazê-las aqui esta noite.

— Entendem as regas implicadas se retornarem a Winseka sem seguir as regras do Conselho? — Perguntou Jeqon, olhando de Zeraac a Komet — Se o Conselho descobrir, terão o direito de romper o vínculo.

— O risco vale a pena — Disse Zeraac — Kaylee é muito preciosa para perdê-la.

Jeqon assentiu com a cabeça, tendo esperado a resposta que obteve, embora o estômago seguisse apertado com preocupação, pelos acontecimentos por vir. Zeraac e seu clã sempre estiveram em alta estima. Mas muitos membros do Conselho sabiam que não haveria nenhum menino para Zeraac, e então, pareceria inevitável que alguns considerassem uma perda, permitir ter uma companheira de vínculo humana, quando até agora só tinham sido encontradas umas poucas mulheres que levavam o gen Fallon. E ter Komet como co-companheiro... Só isso era uma causa para a oposição.

Talvez fosse um engano sugeri-lo... E, ainda assim, Jeqon não podia lamentar envolver seu



amigo, jogar um pequeno papel em que Komet obtivera o que nunca teria de outra maneira. E, embora Jeon não tinha intenção de dizer alguma vez a Zeraac, se havia uma minúscula possibilidade que se produziram filhos dessa união, seria pelo interesse nisso de Komet d’Vesti, e a sua posse de algumas das mais estranhas pedras Ylan, pedras que se dizia que tinham sido criadas a partir das lágrimas da mesma Deusa, embora a crença Vesti não sustentara esta teoria.

— Estou de acordo — Disse Komet — Os riscos valem a pena. A menina é muito valiosa para perdê-la, e agora não é o momento para cortejar a mãe e convencê-la para que aceite dois varões em sua vida, sobre tudo já que está proibido mostrar nossa verdadeira forma até que estejamos na câmara de transporte de volta a casa — Concentrou a atenção em Zeraac, remetendo-se a seu julgamento ao perguntar — Como sugere que façamos?

— Prometi levar Kaylee a uma exposição de borboletas amanhã. Se já estivesse ali, proporcionaria-nos uma oportunidade para que elas o conheçam. E para estar seguros de que você gosta...

Komet começou a rir.

— Já estou certo, e ansioso por que chegue amanhã. Não duvido que vão gostar de mim, mas vou esperar até que as veja em vez de escutar sua descrição.

Zeraac sorriu, incapaz deter-se de dizer.

— Ambas são delicadas, lindas e perfeitas — Mudou a atenção para Jeon e perguntou — Quando voltarão os outros cientistas do Conselho?

— Tem um pouco de sorte. Estarão de volta sobre o meio-dia. Assim se espera utilizar a câmara sem ser visto, então quanto mais cedo melhor — Sorriu — A maioria dos que reclamam a suas companheiras humanas escolhem a cama da câmara de transporte como o lugar para ter sua cerimônia de vinculação, mas posso tirar a cama, já que sua presença poderia pôr nervosas Ariel e a sua filha.

Zeraac assentiu com a cabeça, as palavras presas na garganta, pela boa disposição de Jeon para ajudar, apesar do fato de que ele também poderia meter-se em problemas por estar à corrente de tudo e ajudá-los contra as leis do Conselho. Zeraac pensou chamar irmão de Jeon uma vez, e ainda agora, chamá-lo amigo, parecia um elogio mais alto.

— Obrigado — Disse finalmente, e Jeon assentiu com a cabeça, reconhecendo as correntes mais profundas entre os dois antes de dizer:

— Está decidido então, à exceção dos braceletes. Já que Zeraac tem que retornar com Ariel e Kaylee, possivelmente Komet possa ocupar-se deste detalhe.

— Isso é aceitável para mim — Disse Zeraac, surpreso pelo fácil que era deixar a tarefa sagrada, permitir que Komet trabalhasse nos braceletes que iriam ao redor dos pulsos de Ariel e Kaylee, para que então, as pedras Ylan pudessem emigrar para elas.

A surpresa cruzou a face de Komet, antes de assentir com a cabeça.

— Ocuparei-me da tarefa e retornarei. Entrará em contato comigo pela manhã?

— Comunicarei-me com você — Disse Zeraac, passando das palavras às imagens, e mostrando a Komet como chegar à casa das borboletas, terminando com uma pergunta — “*Tem certeza que não quer ver Ariel e Kaylee?*”



"Não, quero saborear nosso primeiro encontro. Obter minhas primeiras lembranças delas por mim mesmo."

"Verei-o amanhã então. E se tudo vai bem, voltaremos para Belizair, a Winseka, com uma companheira de vínculo e uma filha."

Capítulo 4

Zeraac seguiu Ariel à pequena cozinha e deixou no balcão a sacola de comida, o coração se apertou quando viu como tremiam as mãos durante um instante, enquanto tirava os recipientes e colocava a comida em pratos antes de levá-los a uma mesa posta para dois.

— Vai deixar que Kaylee continue adormecida? — Perguntou, lamentando imediatamente a pergunta quando o corpo de Ariel se esticou, como se de algum jeito implicasse uma crítica.

Zeraac se aproximou dela, tentando reparar o dano, colocando as mãos em seus ombros e puxando-a para deixá-la frente a ele, com a esperança de que a sensação da ereção apanhada entre eles não piorasse as coisas — Já não come bem — Disse ele, uma declaração de um fato, com um só indício de uma pergunta.

A cabeça de Ariel caiu derrotada, o corpo cedeu, fluindo contra ele, em aceitação de sua oferta de força e consolo.

— É quase tão difícil fazer que coma, como conseguir que durma.

— O que dizem os médicos?

— Que não podem fazer nada mais por ela que prescrever alguns medicamentos para que esteja o mais confortável possível até que tudo acabe — A cabeça de Ariel caiu mais e adicionou — Não podia suportar a ideia de que morrera em um hospital. É a única coisa que sempre teve pavor, mesmo no começo, quando ainda podia ir à escola e fazer algumas coisas que outras crianças faziam.

Zeraac não pôde resistir o impulso de pôr os braços ao redor dela, sepultar a face contra seu pescoço frágil e o cabelo suave, puxando-a mais fortemente contra ele. Durante um longo momento estiveram de pé assim, até que ela se esticou outra vez e disse:

— Se não comermos, a comida esfriará.

Ele a deixou escapar, sentando-se quando disse que o fizesse, sem opor-se quando a comida foi tomada em um silêncio relativo, embora ele não achou estranho. Depois a seguiu à sala de estar, sua atenção foi captada por uma coleção de fotografias que não notou quando esteve antes, o coração congelou ao dar-se conta que ela ainda poderia amar a seu marido morto, que poderia não ter nenhum espaço em seu coração para ele.

Zeraac pegou uma fotografia emoldurada, estudando as expressões de Ariel e o rosto de Colin Ripa enquanto olhavam a sua filha recém-nascida nos braços de Ariel. Era uma imagem que ele nunca experimentaria, um sonho profundamente enraizado arrancado dele antes que tivesse tempo para saboreá-lo totalmente.



Deixou de lado a união com Zantara porque tomava a sério suas responsabilidades, como a maioria dos membros da família, e, de fato, como a maioria dos que viviam em Belizair. Sabia que uma vez que tivesse uma companheira e pouco depois um filho, então já não viajaria tão livremente a outros mundos para oferecer seus serviços como guardião da lei.

A Deusa e seu consorte benziam a cada família Amato ou Vesti com apenas um pequeno número de filhos, talvez porque Belizair fosse um planeta pequeno, e ninguém mais que aqueles que tinham as pedras Ylan em seus pulsos podiam entrar, sair, ou viver em seu mundo. Mesmo antes que os Hotalings soltassem à arma bio-genética, as crianças eram consideradas como inestimáveis, um presente da Deusa e de Ylan.

Zeraac lutou contra o redemoinho de emoções que criava dentro dele quando Ariel se uniu a ele, tomando a fotografia das mãos, e pondo-a de novo na pequena estante, sem dizer uma palavra. Passou os dedos ao longo da parte superior da moldura, e depois se dirigiu a seguinte, que mostrava uma fotografia de grupo com Kaylee, que tinha um sorriso de orelha a orelha, um pequeno coala de pelúcia se segurava o canto do marco.

— Esta era sua classe do jardim de infância. A menina da direita é Kendall. Elas eram as únicas ‘K’ da classe, e era sua melhor amiga até que ela e sua mãe se mudaram longe daqui — O sorriso de Ariel tornou-se triste — Kendall tinha uma imaginação muito viva. Sempre estava afirmando que via seres imaginários, anjos de vez em quando. Eu não soube que algo não estava bem em minha casa — Ariel esfregou o polegar com o passar do braço do pequeno coala cinza. — Kendall o deu a Kaylee.

— Não havia um pai? — Perguntou Zeraac, a atenção centrada no pensamento que talvez, como Ariel e Kaylee, Kendall e sua mãe também poderiam possuir o gen Fallon.

— Não, que eu saiba — Disse Ariel.

— Aonde foram?

Ariel sacudiu sua cabeça.

— Não sei. Elas estavam aqui, e depois se foram sem prévio aviso. Depois me perguntei se talvez estariam em algum programa de proteção de testemunhas. Recordando conversas que tive com a mãe de Kendall, dava-me conta que não sabia nada delas realmente, nem ainda onde viveram antes que viessem a São Francisco.

Zeraac pegou outra fotografia, Kaylee como uma menina pequena, nos braços de seu pai vestido de polícia, o uniforme e expressão dava à imagem uma sensação fria. Era a última foto em que ele aparecia.

Ariel a tirou, surpreendendo-o, e a deixou com a imagem contra a superfície de madeira da prateleira.

— Colin foi assassinado faz quase um ano, enquanto estava disfarçado, investigando um líder da máfia suspeito de estar comprometido na venda de armas e drogas. Seu nome era Alexi Sulemanov. O fiscal de distrito tinha uma testemunha do assassinato de Colin, a professora que era a noiva de Alexi, chamada Krista Thomas, mas ela desapareceu. E Alexi também. Eles provavelmente retornaram a Rússia, e estejam desfrutando da boa vida agora. Ou talvez ele a matou e fugiu do país.



Os dedos de Zeraac rodearam o pulso de Ariel.

— Alexi está morto.

Ela se sobressaltou, dando a volta para poder olhar nos olhos de Zeraac, sondando-os, procurando a verdade no que ouviu dizer.

— Como pode estar tão certo?

— Meu irmão... — Zeraac se deteve, sem ter certeza de como seguir, de quanto revelar. Se tinham êxito em levar Ariel e Kaylee a Winseka, elas conheceriam logo a Krista, assim como às outras companheiras de vínculo humanas que agora chamavam a Winseka seu lar.

— Seu irmão... — Krista apontou, a linguagem corporal advertia que suas suspeitas a fariam afastar-se logo dele, ampliando a brecha que desesperadamente queria fechar até que não houvesse nenhum segredo entre eles.

— Meu irmão, Adan, está envolvido na aplicação da lei. O homem que assassinou seu marido foi morto pelo companheiro de Adan, Lyan d’Vesti, em uma cabana onde tinha feito Krista prisioneira. Mas isto não libertou Krista do medo, sabia que a morte de Alexi só faria que sua família quisesse vingar-se, fazendo mal a ela e a seus seres queridos. Ela aceitou a proteção que meu irmão e seu companheiro ofereceram.

Não ocorreu nada a Ariel que dizer. Suas emoções eram uma confusão, a mente voltava de novo atrás, a esses momentos em que eles estavam sentados no carro patrulha do Peter. Zeraac não podia saber quem era então, e, entretanto, parecia mais que uma coincidência que seu irmão soubesse de Alexi, e tivesse devotado proteção à mulher que presenciaram o assassinato de Colin.

Esfregou a testa, e a mão de Zeraac esteve imediatamente ali, fazendo pequenos círculos contra a pele. E ela deixou que fizesse, o deixando afastar seus sentimentos de confusão e as perguntas ao meio, deixando aliviar sua mente com o toque suave.

Em um mundo perfeito, Alexi Sulemanov teria sido processado e condenado, enviado a prisão onde poderia pagar por todo o sofrimento que causara, mas no mundo real, suspeitava que seu dinheiro o liberaria de pagar por seus delitos.

— Me alegro que Alexi esteja morto — Disse ela, inclinando-se para o contato de Zeraac, sem resistir quando a levantou nos braços e a mudou ao sofá, sentando-se e colocando-a em seu colo, a ereção dura pressionada contra suas nádegas. Ela fechou os olhos, ficando contra ele, saboreando o calor, a segurança que sentia quando estava perto — Mas ele não levou Colin longe de mim. Ou de Kaylee. A doença dela o fez, faz muito tempo.

Zeraac reconheceu seu comentário segurando a face e baixando a própria, para colocar um suave beijo em seus lábios, brincando com a suave pressão da boca na sua e com um ligeiro toque da língua. Ela gemeu e se moveu, os braços se colocaram ao redor do pescoço, a boca se abriu debaixo da dele, convidando-o a aprofundar o beijo, oferecendo mais.

— Ariel — Sussurrou, o coração trovejava em seu peito, o corpo tremia ligeiramente com a necessidade de perder-se em seu doce aroma e corpo feminino. Não havia maneira de que pudesse afastar-se do que estava oferecendo, sobre tudo agora, quando sabia que ela era sua para reclamá-la como companheira de vínculo. A língua entrou em sua boca, em duelo com a dela, enquanto o fazia, manobrava para colocá-la por debaixo dele, com a coxa situada entre as dela, o



corpo movendo-se contra o seu.

Ela gemeu em sua boca, pressionando-se contra ele e comendo sua boca como se estivesse morrendo de fome por seu toque e sabor. E ele respondeu empurrando a mão por debaixo da camisa e o estranho objeto de vestir que cobria os seios, beliscando e puxando os mamilos, seu orgulho masculino surgiu diante a resposta sensível dela, pela maneira como seu corpo se arqueava para ele.

O prazer atravessou Ariel. Desejo. Desejo. A necessidade de ser abraçada, tocada, amada por um homem. Não por qualquer homem. Por ele. Ele tinha feito que suas emoções fossem uma tempestade. Despertou uma parte dela que dormia profundamente.

— Zeraac — Sussurrou. Desejando que ele se encarregasse. Que tomasse a responsabilidade. Fizesse-a esquecer, ao menos por um momento. E, entretanto, enquanto pensava, uma parte dela se retirava, sabendo que não estava pronta para ir mais longe com ele.

— Calma — Sussurrou ele, como sentindo o início de seu medo e incerteza — Só isto, Ariel. Só isto.

Ela fechou os olhos, incapaz de deter um gemido suave, enquanto se situava mais pesadamente sobre ela, a sensação da ereção fazia que sua vulva se inchasse, o clitóris doía diante qualquer toque da roupa ao esfregar um corpo contra o outro.

A mão agarrou seu cabelo, mantendo-a em seu lugar, quando a língua batia em duelo com a sua, pressionando e retirando-se, persuasiva e ordenando, pondo-a febril pelo desejo.

Lágrimas de necessidade escaparam dos olhos, e ela abriu as pernas, rodeando os quadris e pressionando-se a ele, balançando-se contra ele, o clitóris estava tão inchado que queria tirar o jeans e pedir que o sugasse, que o lambesse, que desse sua liberação.

Mas as palavras ficaram apanhadas na garganta e ela as deixou ali, aceitando algo menos e balançando-se contra ele, arqueando-se para ele até que a mão se moveu de seu cabelo, unindo-se à outra de debaixo da blusa, ambas nos mamilos; como se sentisse que seu desejo aumentava com um pouco de dor com o prazer, apertou-os. O estímulo suplementar foi o suficiente para que ela chegasse ao clímax debaixo dele.

Com uma risada rouca, Zeraac finalmente teve que levantar a cabeça de modo que ambos pudessem respirar, e quase imediatamente o feitiço se rompeu. O rubor se precipitou à face de Ariel. A culpa. E ele sabia que os pensamentos estavam no Kaylee.

— Eu... Não posso — Começou Ariel, mas Zeraac se inclinou e a deteve com um beijo, explorando sua boca de uma forma lenta esta vez, gentil, acalmando-a como se a fúria do que acabava de passar entre eles não o tivesse deixado duro e dolorido.

Quando levantou os lábios dos dela, o olhar era terno e suave.

— Não peço nada mais que poder te beijar e te tocar.

O rosto estava cheio de incerteza e de vergonha e algo muito mais valioso para Zeraac, de confiança e carinho.

— Deixei-o... dolorido.

Ele riu, incapaz de resistir a roçar a boca contra a dela outra vez e dizer:

— Sobreviverei. Um pouco de dor antes só aumenta a antecipação e aprofunda a satisfação.



Mas em vez de rir ou zombar dele em resposta, ela se esticou debaixo dele, enchendo seu coração de tristeza e desespero pela facilidade com que parecia encontrar os pontos débeis e pisotear sem cuidado sobre eles.

— Sinto muito — Disse.

Ela sacudiu a cabeça, com um ligeiro movimento, enquanto a cor em sua face se fazia mais profundo.

— Não disse ou fez nada errado — Encontrou e separou seu olhar várias vezes, antes de tomar uma respiração profunda, sustentando o olhar, e enviando uma selvagem e palpitante luxúria através do pênis quando lambeu os lábios e sussurrou — Havia coisas que Colin e eu gostávamos de fazer, ao princípio, antes de nos casar, e depois, antes de saber sobre a enfermidade de Kaylee. Acredito que às vezes se culpava porque ela nasceu com uma enfermidade e tivesse que sofrer tanto. Ele não queria falar disso, mas acredito que às vezes disse que era a maneira de Deus de castigá-lo pelas coisas “que nós gostávamos” no quarto.

Zeraac quase não podia respirar, não podia pensar com grande parte do sangue em seu pênis e testículo. Durante vários segundos, sua imaginação cambaleou em imagens, protagonizadas por Ariel e ele, e não por Ariel e seu marido morto. Desesperadamente, queria perguntar pelos detalhes, e, entretanto, algum pequeno resto de pensamento racional o impediu de fazê-lo. Agora não era o momento para explorar o que fariam juntos quando estivessem unidos. Agora era o momento para criar confiança contra o choque do que viria, para impedir que abrisse uma brecha permanente entre eles.

E, entretanto, não pôde evitar fazer ao menos uma pergunta.

— E você, Ariel? Pensa que seu Deus te castigava pela forma como você e seu marido se amavam fisicamente?

Ela relaxou debaixo dele, o movimento o fez gemer, baixando a cabeça e lutando contra a necessidade de despojá-los de suas roupas e enterrar-se em seu centro molhada. A excitação era óbvia, conectada com sua resistência, tranquilizando Ariel em seus braços, abraçou-a, enquanto ela pressionava um beijo em seu peito.

— Não. Nunca acreditei nisso — Sussurrou ela.

Zeraac enredou os dedos no cabelo, apertando-os, o grito afogado pela dor aguda e a dilatação das pernas, foi uma indicação de sua necessidade. E quando ela se arqueou para ele, esfregou a borda dura de sua ereção encerrada dentro da roupa contra o montículo igualmente protegido pela dela, usando sua força e peso como vantagem, e vencendo as barreiras artificiais entre eles, demonstrando de novo, sem palavras, que ele era capaz de ocupar-se de suas necessidades, mesmo quando à carne não permitia tocar a outra carne.

— Me deixe te agradar, uma vez mais — Sussurrou, a boca partindo sobre seu pescoço e orelhas, os lábios, beijando, mordendo e chupando, a necessidade de permanecer em silêncio para não despertar Kaylee, só aumentou o desespero — Me peça que te dê prazer, Ariel, me peça que dê liberação — Exigiu, com a mão livre empurrou agressivamente debaixo da blusa, os dedos tomaram o mamilo uma vez mais, só que desta vez, de maneira dominante, e exigindo uma reação dela, mais que persuadindo-a. Ela estremeceu debaixo dele, conseguindo tirar a camisa e



empurrando a cintura do jeans, rogando com suas ações que rompesse a promessa de não fazer mais que beijá-la e tocá-la.

Quando ele não cedeu, ela gemeu.

— Me faça gozar, Zeraac. Por favor, me faça gozar outra vez.

As fantasias de como e onde queria levá-la ao orgasmo eram intermináveis, e se fizeram mais gráficas pela confissão anterior. Era tudo o que podia fazer para manter o controle, para não rasgar a calça, tirá-la e empurrar primeiro a língua e depois o pênis dentro dela, montá-la repetidamente. Seus gritos de prazer e palavras de amor seriam a música que levaria no profundo de seu ser, até que a Deusa e seu Consorte reclamassem seu espírito e corpo.

Ela se retorcia debaixo dele, as carícias se voltaram mais agressivas, o corpo mais selvagem, quando se esfregava contra ela, de maneira rude contra o lugar entre as pernas, conduzindo-a mais alto, enquanto os dedos torturavam seus mamilos e a língua empurrava dentro e fora da boca, imitando o que seu pênis faria algum dia, quando estivesse sepultada profundamente dentro de sua boceta e a reclamasse.

Um calor delicioso floresceu em cada parte do corpo de Ariel, e no momento, queimou todo rastro de culpa. Havia passado tanto tempo. Anos de negar seu próprio desejo de amor, segurança e intimidade física.

Necessitava tanto disto. Tinha sido necessário com este homem que chegara tão inesperadamente a sua vida. O anjo de Kaylee, e talvez o dela.

— Por favor — Sussurrou, uma parte escura dela estava muito contente que ele fosse o suficientemente forte para tomar o comando, exigir que suplicasse por sua liberação, retendo a própria necessidade, fazendo-a fantasiar sobre o dia em que sua semente jorrasse por seu corpo — Me deixe gozar. Me faça gozar.

Ele respondeu lançando a blusa e o sutiã longe, a boca se prendeu em seu mamilo, o toque dominante, emocionante, a picada de seus dentes era tão maravilhosa como as duras sucções no mamilo, o modo como a devorava avidamente.

Ela enterrou os dedos nas longas mechas do cabelo, sujeitando-o a ela, querendo retê-lo para sempre, e ele a recompensou passando ao outro seio, colocando a mão em seu jeans, a palma cobrindo a calcinha empapada e roçando sobre o erguido clitóris, levando-a perto da borda e depois retirando-se até que ela esteve tremendo e gemendo, e seu corpo transmitia a mensagem que era dele, e só então, deixou que chegasse a seu clímax.

Durante um longo momento, Ariel tremeu em seus braços, incapaz de encontrar o olhar e reconhecer o que aconteceu entre eles. Ele se moveu, colocando-os de modo que ficassem de lado, com a face de Ariel sepultada contra o pescoço, enquanto ele acariciava as costas, o cabelo, fazendo uma pausa ao girar com cuidado no galo da parte posterior do couro cabeludo, antes de baixar outra vez.

A ereção abrasava através das roupas e chamuscou o ventre, o pênis parecia quase mais duro e maior do que estava antes. Mas ele não fez nada além de abraçá-la, enquanto a respiração voltava para seu ritmo normal.

— Quero ver como está Kaylee — Disse ela finalmente, e ele pressionou um beijo no topo da



cabeça, depois inclinou o rosto para cima e roçou a boca contra a sua.

— Prefere que eu fique aqui?

O coração de Ariel estava indefeso contra ele.

— Não. Veem se quiser.

Ele riu e ela encontrou que podia rir, também, a sensação da ereção não era menos evidente, e, no entanto...

Antes que ela pudesse completar o pensamento, ambos ficaram de pé, quando os dilaceradores gritos de Kaylee encheram o apartamento.

— Mamãe, Zeraac. Me ajudem! Me ajudem! Por favor, me ajudem!

Capítulo 5

Zeraac nunca passou uma noite tão terrível. Uma noite que passou rezando à Deusa e seu consorte quando nunca fez antes, mesmo quando os cientistas disseram que não poderia ter filhos.

Ainda agora, com Kaylee ainda em seus braços, enquanto Ariel dormia junto a eles, com um braço sobre as cinturas dele e Kaylee, seguiu rezando para que Kaylee dispusesse de tempo e força. Em umas horas da Terra, poderiam estar em Belizair onde os cientistas e os curadores poderiam começar o trabalho, mas até então...

Jogou a cabeça para trás contra a cabeceira da cama de Kaylee e fechou os olhos, revivendo o terrível momento quando eles entraram correndo no quarto e a encontraram com as lágrimas correndo pelo rosto, enquanto lutava desesperadamente por respirar, as feições tensas, com um sofrimento que nenhum menino deveria ter que suportar. Ele a tinha tomado nos braços, embalando-a ali, com pensamentos de sair correndo do edifício e levá-la à câmara de transporte.

— Vou dar uma injeção para ela — Disse Ariel, deixando o quarto.

Seu olhar baixou, encontrando os olhos cheios de terror de Kaylee e nesse segundo, Zeraac viu a morte em sua face, e sabia que ela sentia assim pela súplica sussurrada.

— Diga a Deus que prometeu que poderia voltar para a casa das borboletas amanhã, Zeraac. Por favor, não me leve a Céu agora.

Rompeu a lei do Conselho então, abandonando a proteção das pedras Ylan, de modo que as asas brilhassem diante sua vista, estendendo-se atrás dele, as plumas brancas com as nervuras de ouro brilhante, retirando momentaneamente o medo e a dor da face de Kaylee, e trocando sua expressão a uma de maravilha, quando as asas se envolveram ao redor deles, para encerrá-los em um suave casulo.

Não tinha palavras mais que a de um guerreiro. Mas ele as disse de todos os modos, com lágrimas percorrendo o rosto, enquanto beijava a parte superior da cabeça loiro platina.

— Continue lutando, Kaylee. Por favor, continue lutando. Não se renda.

— Não me renderei — Sussurrou ela, estendendo a mão e tocando a suavidade de uma só



pluma, sentindo-o tal qual era antes que as pedras Ylan dos pulsos de Zeraac pulsassem, e as asas se dissolvessem em milhões de partículas translúcidas e recreassem a ilusão de que era um humano, uns segundos antes que Ariel voltasse.

Mesmo com a medicação adicional, a noite foi longa e exaustiva. Aterradora. Mais aterradora que algo que Zeraac jamais experimentou, e antes, houve momentos nos que presenciara a morte de algum companheiro guardião da lei, quando quase havia se suicidado.

O coração se inchou de amor e orgulho quando sua atenção se centrou em Ariel. Ele sofrera uma só noite, as dela duraram anos. Não pôde resistir a acariciar a bochecha, e sorriu quando ela se voltou para cima, aproximando-se a sua palma.

Queria inclinar-se e beijá-la, mas com Kaylee em seu colo, não podia. Depois de ter mostrado as asas, ela recusou-se que a deitassem, e insistiu em ficar em seus braços. Por isso todos se apinharam em sua cama.

Zeraac fechou os olhos uma vez mais, enchendo os momentos até que Ariel e Kaylee despertassem, sonhando com seu futuro em Belizair.

“A Terra parece estar em desacordo com você tanto como Zeraac faz — Disse Jeqon, enquanto observava Komet dar outra volta caminhando pela sala de estar, o outro homem não tinha feito nenhuma pausa para olhar os veleiros da baía”.

“Esperava ter notícias de Zeraac já.”

Jeqon negou com a cabeça.

“A casa das borboletas não se abre com as primeiras luzes da alvorada. De fato, poucos lugares que observei aqui na Terra abrem tão cedo como fazem os de Belizair, embora haja uns poucos que permanecem abertos continuamente.”

Komet deixou de caminhar.

“Continuamente? As pessoas que vivem na Terra não podem planejar de antemão?”

Jeqon encolheu os ombros.

“Em muitos sentidos, não se diferenciam de algumas culturas que se formaram em outros planetas com os que estamos familiarizados. Eles não estão tão atados a seu planeta como nós. De fato, frequentemente parecem ignorar a natureza.”

“Então, perdem muito.”

“É certo, embora admito, os acho interessantes. De fato, estou ansioso por explorar este mundo com mais detalhe, enquanto procuro companheiras de vínculo potenciais. Penso que desfrutarei me unindo e me misturando com eles assim como experimentando sua cultura.”

Komet estremeceu.

“Me dê os espaços abertos, ou até a selva com suas plantas carnívoras.”

Jeqon riu.

“Dito por alguém que passa seus dias estudando todo o vivo, exceto às pessoas, de quem ele diz que não são tão interessantes como tudo o que voa, arrasta-se, corre ou desliza”.

“Nunca disse isso!” — Protestou Komet com um sorriso, o argumento familiar o fez deixar de



caminhar e sentar-se na cadeira de frente a Jeqon.

Inclinou-se para frente e abriu a caixa de cristal sobre a mesa, deixando ao descoberto os braceletes que havia dentro, um casal feitos para uma mulher, e a outra para uma menina pequena.

Jeqon também se inclinou para frente, admirando o artesanato, a singularidade do desenho que incorporava ao dispositivo, tanto os elementos identificativos, do clã de Zeraac como os do de Komet, em cada bracelete, mais que isolá-los em riscos separados. Mas era a pequena pedra Ylan de brilhante cor lavanda, em suas profundidades, já presente em parte de cada bracelete, que deteve o fôlego na garganta de Jeqon.

As lágrimas da Deusa. Poucos as tinham encontrado em Belizair, embora muitos Amato as tivessem procurado. Não tinham preço, eram inestimáveis, mesmo para os Vesti, embora devido a sua escassez e não pelo significado religioso.

Jeqon se sentiu privilegiado e honrado de que Komet acreditasse nele o suficiente, para compartilhar o descobrimento das Lágrimas com ele. De que as mostrasse uma vez antes, e de novo agora, sobre os braceletes destinados para os pulsos de Ariel e Kaylee.

“Acha que Zeraac cumprirá com o acordo? — Perguntou Komet, fechando a caixa e ficando de novo de pé — “Os irmãos e primos de Lyan d’Vesti estão aqui. Zeraac os conhece através de seu irmão. Adan e Lyan foram amigos e agora compartilham sua companhia.”

Simpatia, não muito diferente da que sentia por Zeraac, percorreu Jeqon, enquanto olhava a seu amigo. Antes da devastação de Belizair, Komet tinha sido muito solicitado como companheiro, por muitas do clã Vesti. Várias mulheres e homens Amato, o perseguiram abertamente, mas embora as relações entre as duas raças não estavam proibidas, estavam cheias de dificuldades, especialmente se ambas as partes queriam algo mais que uma relação sexual breve. Qualquer menino produto de uma união inter-racial sempre era Vesti, independentemente de quem era o pai, e esses meninos só teriam descendência Vesti, implicando que a linha do clã Amato se perdia. Para Komet, alguns pensavam que a perda merecia a pena.

Onde a maior parte dos Vesti tinham tons marrom e negro, com cabelo e asas escuras, parecidas com um morcego, os membros da casa do clã Araquel tinham a pele mais clara, alguns deles só apenas mais escura que a pele bronzeada de um Amato. E mais que ter sempre o cabelo escuro, alguns, como Komet, tinham o cabelo castanho dourado e asas combinando.

Jeqon sorriu. Se gostasse dos homens, ele também teria perseguido Komet. Era desejável por qualquer, e em sua maior parte, completamente indiferente de seu impacto em outros, a mente, que geralmente cindia e analisava cada novo feito que aprendia a respeito de qualquer criatura, não enviava aviso sobre este tipo de atenção.

“Tenha paciência, amigo, Zeraac chamará logo, e antes que se dê conta, também terá uma companhia de vínculo e uma filha.”

Foi uma batalha para Zeraac conter sua esperança e ansiedade. Até o momento que levou



Kaylee à casa das borboletas, sentia medo porque algo saísse errado, que cometesse um engano pelo atraso.

Teve a intenção de renunciar a esta excursão e levar Kaylee e Ariel diretamente à casa junto ao oceano, mas Kaylee insistiu que mantivesse sua promessa do dia anterior, e voltassem a ver as borboletas. E embora ela parecia mais fraca, mais frágil, sua determinação de seguir lutando contra a enfermidade, brilhava nos olhos, o fazendo pensar que era hora de conceder isto.

— Tenho que ir ao banheiro de mulheres — Disse Ariel, apertando o braço — Muito café no café da manhã.

Começou a rir, atrevendo-se a inclinar para baixo e roçar um beijo em sua bochecha.

— Eu disse que o consumo dessa coisa não era apta para os humanos... Ou até para os extraterrestres...! Por que escolheria alguém beber algo tão amargo...?

Ela riu.

— Vão me esperar?

— Nos bancos onde nos sentamos ontem.

— Bem, verei-os em uns minutos.

Ele se moveu para frente, com a mente estendendo-se e tocando a de Komet, dirigindo-o ao lugar para o que foram ele e Kaylee, sabendo imediatamente quando chegou Komet.

— Zeraac! — Disse Kaylee, puxando o cabelo e aproximando a face mais à sua, antes de deixar cair à voz em um sussurro — Esse sujeito se parece com uma traça gigante! Vê?

Uma risadinha escapou, e o peito de Zeraac se encheu de alívio pela falta de terror, pânico ou medo em Kaylee, diante a visão de Komet.

— Uma traça? — Disse, adivinhando que Komet saberia sobre tais criaturas, mas decidindo desfrutar de sua própria ignorância — São perigosas?

Kaylee riu.

— Só para a roupa, e às vezes para a comida. Não sei tanto sobre elas como das borboletas. Mas uma vez nosso apartamento se infestou de traças e fizeram alguns buracos nos suéteres favoritos de mamãe. E se meteram na farinha, e foi asqueroso. Entretanto, algumas traças são muito úteis. Algumas se usam para fazer seda.

Komet se voltou então, encontrando os olhos de Zeraac, antes de dirigir a atenção para Kaylee e estender as asas. Eram só visíveis no olho da mente de Zeraac, mas Kaylee deveriam parecer mais reais que imaginárias. Os braços se apertaram ao redor do pescoço de Zeraac, e seu ritmo cardíaco aumentou com o início do medo.

— Tudo está bem — Murmurou Zeraac contra seu cabelo.

— Ele parece um morcego agora — Sussurro ela.

— E os morcegos são criaturas terríveis?

— Alguns deles bebem sangue.

— Hmmm, vejo como isso pode te assustar. Mas não acredito que Komet goste do sangue. É meu amigo, do mesmo mundo que eu chamo lar. Como eu não tive tempo de aprender a respeito das borboletas, pensei que talvez ele poderia ajudar.

— Ah — O apertão de Kaylee se afrouxou durante um momento, o corpo relaxou, mas



depois puxou outra vez o cabelo de Zeraac, obrigando-o a olhá-la nos olhos, muito sábios — Mas não veio aqui só pelas borboletas, não é? Ele vem para levar a alguém mais ao Céu, não?

Zeraac hesitou, e decidiu fazer caso omissa da pergunta no momento, mudando-se ao banco onde estavam no dia anterior, sentou-se, colocando Kaylee a seu lado no assento de madeira. Uma parte dele odiava a ideia de usar Kaylee para conspirar contra a mãe, odiava a ideia de utilizar a fé de Kaylee nele, de sua crença de que a levaria a um lugar onde seu Deus vivia, como forma de poder as levar a Belizair. Entretanto, a necessidade de chegar a seu mundo era urgente e sua saúde mais delicada. Se ela acreditava nele, em seu destino, não teria mais probabilidades de sobreviver até chegar à câmara de transporte?

Que outra opção tinha?

“Se una a nós” — Disse a Komet, sabendo que seria tolo não aproveitar esta inesperada oportunidade de falar com Kaylee a sós, e aliviar seus temores.

“É a mãe tão bela como ela?” — Perguntou Komet, sentando-se ao lado de Kaylee, com a caixa de cristal esculpida no colo.

“Sim. Kaylee tem sua beleza.”

“Então, sou duplamente privilegiado por ser incluído nesta união de companheiros de vínculo” — Disse Komet, sem incomodar-se em esconder as emoções, ou o fato de que já se sentia comprometido na grave situação de Kaylee, e já se sentia protetor com ela — “Tem razão. Ela não viverá muito mais tempo neste planeta”.

“Temi perdê-la ontem à noite. Escapou por um fio” — Zeraac deu a volta ligeiramente em seu assento — Kaylee Ripa do planeta Terra, este é Komet d’Vesti — Disse ele, brincando deliberadamente com a voz.

Mas em vez de rir com a apresentação, o rosto permaneceu sombrio, e se deu conta imediatamente que a falta de resposta a sua pergunta anterior não passou despercebida. Grossas lágrimas brotaram dos olhos de Kaylee e o corpo tremeu.

— Está aqui por mamãe? — Perguntou ela, o olhar inquietante se fechou sobre o de Komet, fazendo impossível afastar seu olhar.

Pelas estrelas, doía o coração ao olhar sua frágil beleza, e pensar que essa luz interior se queimava antes que ela pudesse recolher ao menos uma mínima fração das lembranças e lucros que os anciões se levavam com eles ao morrer. O olhar o cravou em seu lugar, com tanta certeza como uma borboleta na vitrine de um colecionador. Apanhando-o sem possibilidade de escape, sem a capacidade de evitar que o examinasse.

Em que pese a tudo o que falaram e racionalizado sobre o que pretendiam fazer, a angústia da pergunta de Kaylee acabou com as justificações de Komet, e o deixou em carne viva, ao pensar em tirar sua liberdade para escolher. A mesma liberdade em que o Conselho tinha insistido que devia haver quando tomassem a uma companheira de vínculo, que deveria estar de acordo com a cerimônia de união e sua volta a casa com os companheiros Amato e Vesti antes que pudesse ser reclamada.

— Sim. Estou aqui por ela, assim como por você. Quer ir com os dois, com o Zeraac e comigo? Confiará em nós?



Seu lábio inferior tremeu, mas ela assentiu com a cabeça.

— Isto não doerá, não é? Mamãe não está acostumada à dor, não como eu.

— Não doerá absolutamente.

Algum instinto fez que Komet levasse a caixa que continha os braceletes. Ele a abriu agora, só o suficiente para poder tirar o par que elaborara para Kaylee.

— Necessitará isto para ir aonde vamos — Disse, dando um bracelete a Zeraac.

Os olhos de Kaylee ficaram por um momento nos braceletes que tanto ele como Zeraac usavam, e depois estendeu os braços, com o rosto solene.

— Estará esperando papai quando chegarmos lá?

O pânico de Komet se chocou com o de Zeraac durante um instante, mas foi Zeraac que respondeu.

— Não, seus deveres estão em outra parte.

— Ah. Entendo. Também acontecia isso quando estava vivo.

O coração de Zeraac se apertou com força diante essas simples palavras. Inclinou-se para frente, roçando um beijo contra o topo da cabeça, antes de retirar a manga da jaqueta e esperar que Komet fizesse o mesmo no outro braço. Então, colocaram os braceletes, e as pedras Ylan se formaram redemoinhos com vida ao contato com a pele, os braceletes se fundiram, esticando-se, chegando a ser quase uma parte de sua carne.

Quando Kaylee quis tomar um tempo para examiná-los mais a fundo, Zeraac murmurou:

— Mais tarde, Kaylee. Sua mãe não pode vê-los agora. É muito cedo, e não quero que se preocupe ou tenha medo — Kaylee assentiu com a cabeça, os braços se afrouxaram enquanto permitia que Zeraac e Komet estirassem as mangas da jaqueta sobre os braceletes.

Ariel se uniu a eles uns momentos mais tarde, a expressão passou a uma de maior incerteza quando viu Komet.

— Está tudo bem, mamãe, Komet é amigo de Zeraac — Disse Kaylee, estendendo a mão e tomando a de sua mãe, apertando-a, e precipitando-se para frente enquanto que Zeraac e Komet teriam ido com mais cautela — Eles querem nos levar a um lugar.

— Aonde? — Perguntou Ariel, com confusão no rosto, mas sem suspeitar.

O alívio encheu Zeraac e ficou de pé, tomando a outra mão de Ariel.

— O que Kaylee diz é verdade, Ariel. Este é meu amigo, Komet d’Vesti. Tem acesso a uma casa com um jardim cheio de flores exóticas e cristais bonitos, e nos convidou a ir lá.

— Não terá animais? — Perguntou Kaylee, os pequenos traços reunidos em um cenho franzido.

Komet começou a rir.

— Não no primeiro quarto que te mostrarei, ou mesmo no segundo que veja, mas definitivamente terá animais no terceiro lugar.

— Está muito longe? — Perguntou Ariel, com preocupação na voz, e seus olhos olhando aos de Zeraac.

— Para nada — Disse ele, apertando a mão — Acredito que você e Kaylee encontrarão valioso ir a esse lugar. Um curto passeio de automóvel e estaremos ali. Tem vistas à baía.



As sobrelancelhas de Ariel se uniram e dirigiu a atenção para Kaylee.

— Mas não temos feito mais que chegar à casa das borboletas...

— Está bem, mamãe, penso que esse outro lugar será melhor — Então, começou a tossir, a mesma luta horrível para respirar que Zeraac presenciara antes, mas que Komet não. E, contudo, os instintos foram os mesmos de Zeraac, a mão foi até Kaylee, e esfregou as costas, tentando acalmá-la, deixando-a só para tirar um lenço e apertá-lo sobre a boca, insistindo-a a cuspir, enquanto as palavras fluíam à mente de Zeraac, *“Temos que partir!”*

O acesso de tosse passou, mas Kaylee estava notavelmente mais fraca. Ela enredou seus dedos no cabelo de Zeraac, deixando que o peso da mão e braço fizesse inclinar a face para a sua.

— Tento lutar — Sussurrou — Mas está ficando mais difícil.

Levantou Kaylee nos braços, antes de tomar novamente a mão de Ariel na sua, apertando-a quando viu que o argumento para levar a casa Kaylee se formava em sua face. Sabia que era muito cedo para pedir, mas também sabia que era muito tarde para tomar outro curso de ação.

— Confia em mim, Ariel.

Capítulo 6

O fato de confiar tanto em Zeraac assustou Ariel, queria desesperadamente ceder o controle, permitir assumir-se, tomar as decisões e ser o que levasse o peso da responsabilidade. Ela tinha sido forte durante muito tempo, mas agora, quando o final estava perto, quando necessitava sua força ao máximo, era uma luta constante a que tinha que enfrentar em cada momento.

Kaylee ganhou da morte uma vez mais, um milagre desta vez, um pequeno forjado pela coragem e paga com a dor de Kaylee. Mas por muito que Ariel desejasse pôr fim ao sofrimento de sua filha, não podia suportar a ideia de sua morte.

A angústia arrasou Ariel enquanto olhava Kaylee sentada no colo de Zeraac no assento dianteiro. A dor emocional foi seguida por uma onda selvagem de amor, de gratidão por ter tido tanto tempo com Kaylee. E hoje, a angústia, o amor e a gratidão foram seguidas por uma cólera dirigida a Colin, por não ser capaz de fazer frente à doença de Kaylee, por não elevar-se por cima de sua própria decepção e culpa, e cumprir as promessas que fizera, ser um melhor pai para sua filha do que seu pai o foi para ele.

Nunca imaginou o muito que sua filha queria um pai, necessitava um pai, até que Zeraac apareceu. Mas agora era evidente.

Kaylee sempre tinha sido sociável, e mesmo assim se agarrado a Zeraac, emocional e fisicamente, com medo de que se afastasse de sua vista, insistindo em que fosse ele o que a sustentasse, levasse-a. E Ariel não podia encontrar nenhuma falha nos instintos de sua filha. Ela também acreditou nele desde o começo, deixando-o entrar em sua vida, e não lamentava. A imagem dele com Kaylee em seus braços a noite anterior, com as bochechas úmidas pelas



lágrimas, tinha queimado seu coração, mente e alma.

Quando viraram a esquina da casa das borboletas, e viu Zeraac e Kaylee com um desconhecido, seu primeiro pensamento foi egoísta. Desejava que partisse porque não queria compartilhar a atenção de Zeraac com alguém mais que não fosse sua filha. Mas depois, quando Kaylee começou a tossir e Komet respondera imediatamente com compaixão, esfregando as costas de Kaylee, pressionando o próprio lenço na boca e insistindo-a a cuspir, e além disso, parecendo entender, sem ter dito, a vergonha de Kaylee, então, o desejo de Ariel para que partisse desapareceu, e sua apreciação tanto de seu aspecto como de suas maneiras começara...

Era difícil não comparar os dois homens. Zeraac era impressionante, com seu cabelo longo loiro e o corpo de um guerreiro. Mesmo se não tivesse derrotado os três homens que as assaltaram na névoa, o teria relacionado com um policial de antidroga. Era ainda mais fácil vê-lo como um caçador de recompensas.

Komet, por outro lado... O cabelo era de um castanho dourado e como Zeraac, caía por baixo dos ombros, mas onde o de Zeraac era liso, o do Komet era entre ondulado e encaracolado. Onde os olhos de Zeraac eram azuis, os de Komet eram marrom claro. E apesar que os dois homens tinham uma constituição similar, de algum jeito... Impressionante... Não captava tudo o que era Komet. Magnífico era uma palavra muito pobre. O única que poderia aproximar seria desejável. De enfarte, um rouba corações, um lindo corpo desejável, e, entretanto, nenhum só de seus traços o fazia bonito à vista, eram todos eles reunidos em uma forma esquisitamente masculina.

Ariel encontrou um pouco de humor quando notou que a mão de Kaylee deslizou, e agora estava coberta pela de Komet. Ela não podia deixar de sorrir, aprovando incondicionalmente o gosto de Kaylee no referente a pais. Seu sorriso se alargou quando recordou o momento no que chegaram ao carro, e sua filha se converteu em um pequeno general, ordenando sentar-se no assento traseiro, para que ela e Zeraac pudessem sentar-se adiante, de modo que também pudesse estar perto de Komet. *Compartilharei-os com você quando chegarmos aonde vamos, mamãe. Mas agora mesmo, necessito a nossos anjos.*

Komet dirigiu pelas ruas de São Francisco, utilizando os meios humanos de transporte, era mais horrendo que vadear em um labirinto de plantas carnívoras. Várias vezes durante a curta viagem, encontrou Zeraac gritando mentalmente. *"Presta atenção!"* E quase tinha estado perto de arruiná-lo.

Mas, como concentrar-se em outros veículos ou pedestres enlouquecidos, que jogavam a ficar diante dele, quando Ariel e Kaylee estavam presentes no carro? Pelas estrelas e a deusa dos Amato, se tivesse podido conjurar a uma companheira, esta teria se parecido Ariel. A partir do momento que a viu, sabia que não haveria outra para ele, que a razão pela que tinha encontrado tão fácil resistir algo mais que uma união informal com outras mulheres, era porque esperava encontrá-la.

Esfregou o peito, enquanto estacionava na entrada da casa do Conselho, aliviado porque esta parte da viagem quase terminava. Não esperava que Ariel caísse em seus braços tão facilmente como outras fizeram, e não se importava. Tinha toda uma vida para cortejá-la, ganhar sua confiança e amor, e não duvidou que pudesse fazê-lo. Mas primeiro a cerimônia de união



devia ser realizada, para que assim eles pudessem viajar a Belizair, imediatamente.

O pânico ameaçou enchendo seu peito quando foi obrigado a deixar a mão de Kaylee, com o fim de sair do carro. Enquanto a mão havia coberto a de Kaylee, havia sentido as pedras Ylan em seus braceletes, que palpitavam com agitação e em advertência, apoiando-se na própria capacidade curativa dos próprios braceletes e enviava uma mensagem para que se apressassem.

Igual a quase todos os que viviam em Belizair, Komet estudara as pedras Ylan dos dias da infância. Eram um mistério mais que havia passado toda sua vida estudando, as apreciando, e não as entendendo totalmente. Para os Amato chegaram a ser parte de sua religião, o consorte da Deusa tomando forma física. Para os Vesti formavam parte do mundo natural, um presente de seu único Deus, um Deus errante que as tinha criado e depois foi criar outros mundos. Sem dúvida, ambas as religiões tinham raízes em outra crença uma vez sustentada pelos antigos Fallon, mas se perdeu faz muito, como se perdeu sua capacidade de trocar em outras formas aladas.

Onde quer que estivesse a verdade, as pedras Ylan protegiam e ajudavam às pessoas em Belizair. Algumas pedras funcionavam da mesma forma cada vez, mas os resultados de outras variavam, e algumas, como aquela que usou nos braceletes de Kaylee e Ariel, eram tão estranhas que pouco poderia afirmar sobre elas, salvo que não causariam mal nenhum a alguém relacionado com os Fallon.

Jeqon abriu a porta principal e saiu, enviando uma mensagem enquanto o fazia. *“Vão por trás. Não pela primeira porta, mas sim pela porta através do jardim.”*

“Temos que chegar à câmara de transporte. Não há tempo para fazer turismo e facilitar isto” — Disse Komet.

“Há menos tempo de que pensa. Meu tio chegou. Manterei-o ocupado enquanto se deslizam dentro da câmara de transporte.”

O medo se instalou no peito de Zeraac com a menção do membro do Conselho. *“Por que está aqui?”* — Perguntou, tomando a mão de Ariel e desviando-se ao caminho que conduzia ao redor da casa.

“Quem sabe? Arrumei para evitar que me faça perguntas, e seguirei meus esforços. Tudo deveria estar preparado para vocês no outro extremo. Um dos irmãos de Lyan estava aqui, e já que agora são parentes mediante o compartilhar de uma companheira de vínculo com o Adan, pedi que me ajudasse a preparar sua chegada a Winseka. Tanto um curador Vesti como um Amato estão esperando para assistir Kaylee.”

Um nó se formou na garganta de Zeraac. *“Mil vezes obrigado, Jeqon.”*

“Meu agradecimento, também” — Disse Komet, enquanto desapareciam ao virar à esquina e encontrar o jardim, apressando-se a cruzá-lo apesar do alegre protesto de Ariel, a respeito de que esse era o motivo de sua visita.

Só quando chegaram à câmara de transporte e fecharam a porta atrás deles, relaxaram e só um pouquinho.

“Você as conhece melhor que eu Zeraac” — Disse Komet — *Seguirei seu guia.*

Zeraac assentiu ligeiramente, dirigindo-se ao centro da câmara com Ariel seguindo-o, e Komet depois. Geralmente, uma cama ou um sofá descansava dentro dos múltiplos anéis de



pedras Ylan, mas hoje havia quatro travesseiros em um círculo estreito. Os braceletes nos pulsos palpitavam e sabia que Kaylee também sentia o poder.

— Quase já chegamos — sussurrou, contente porque seu rosto estivesse cheio de nervos e entusiasmo, e não de medo.

Homens! Ariel riu silenciosamente. Insistem que tem que ver algo, e depois te apressam!

Entretanto, o que podia ver era bonito. O teto era transparente para permitir que o sol brilhasse sobre uma deliciosa coleção de plantas e flores. Sob os pés havia pedras de cores, colocadas em complexos padrões exóticos. E no centro da sala, que era onde Zeraac parecia decidido a ir, havia quatro almofadas entre um desenho espetacular de cristais.

Provavelmente poderia passar uma semana estudando as rochas e os cristais só desta sala, e, provavelmente, o mesmo no jardim exterior pelo que tinham deslocado. A diferença de Kaylee, que sempre esteve fascinada por qualquer criatura viva, Ariel tinha sido uma apaixonada colecionadora de rochas. Não havia nenhuma montanha muito alta para subir com o fim de encontrar algo único, nenhuma caverna muito profunda para explorar.

Zeraac se deteve e baixou Kaylee sobre uma almofada dourada, a cor deste saltou à vista dela, porque coincidia com a cor das pedras dos braceletes de Zeraac.

Komet se deteve junto a ela, com uma caixa de cristal nas mãos. O coração de Ariel balançou e acelerou, notando que tinha braceletes em seus pulsos similares às de Zeraac, só que em vez de cor ouro fundido, as pedras de Komet eram de uma cor azul com manchas verdes.

— Para apreciar totalmente a sala, devemos nos sentar aqui — Disse Zeraac, sua linguagem corporal dizendo Ariel para sentar.

Ela se sentou em uma almofada, o ritmo cardíaco acelerou, quando Zeraac se despojou da camisa e a jogou fora do círculo de cristais, antes de ajoelhar-se na almofada entre ela e Kaylee. O estômago revirou, quando Komet também prescindiu de sua camisa, expondo mais, desse corpo, que ela estava encontrando mais difícil de ignorar, e também ficou de joelhos sobre uma almofada, a seu lado.

— Mamãe necessita os braceletes, também — Disse Kaylee, com uma mistura de emoções em sua voz, que de repente encheu de inquietação Ariel. Um mal-estar que cresceu, quando Kaylee retirou as mangas da jaqueta e mostrou seus pulsos.

A risada suave de Zeraac aliviou um pouco a tensão dentro de Ariel.

— Não tema, Kaylee. Komet e eu não esquecemos um assunto tão importante — Ele tomou a mão de Ariel, levou-a até sua boca, e pressionou um beijo contra ela — O que Kaylee diz é verdade. Siga o jogo usando os braceletes.

— Parecem dos anos sessenta — Disse Ariel, enrugando o nariz, mas não encontrando razões para protestar.

Komet abriu a caixa esculpida e deu a Zeraac um bracelete, repetindo com Ariel o que já fizera com Kaylee, com suas mentes abertas para o outro enquanto observavam a reação de Ariel quando deslizaram os braceletes em seus pulsos e se apertaram, convertendo-se em uma parte dela até que morresse, os cristais giraram à vida, dando e recebendo, em uma relação simbiótica que ninguém realmente entendia.



“Mostramos nossa verdadeira aparência antes de nos transportar, ou depois?” — Perguntou Komet, aliviado ao ver que Ariel parecia mais fascinada pelos cristais, que preocupada com os apertados braceletes.

“Não sei o que seria melhor. Uma vez que sejamos uma unidade familiar vinculada, as pedras reduzirão o perigo para Kaylee. Mas possivelmente é melhor não nos retardar aqui. Ariel é forte, e Kaylee já aceitou a ideia de que somos anjos de seu Céu.”

A inquietação formou redemoinhos em Komet.

“E você encaixa nesse molde, enquanto que eu aparecerei diante dela como um demônio de seu Inferno.”

Apanhado pela surpresa Zeraac, ficou mudo. Apesar de que não se deixou pensar muito nisso, depois de ter dado um olhar a Komet, uma parte dele tinha temido que Ariel deixasse de querer seu contato depois de encontrar outro homem. E, embora ela não fez nada abertamente, ele havia sentido sua atração por Komet, a pegou olhando de esguelha ao Vesti enquanto estavam no carro, e viu como seus olhos dilatavam quando Komet tirou a camisa. E, entretanto, sua risada fácil, o modo como à mão relaxou na dele, o modo como acreditara nele, tudo serviu para afugentar seu medo não totalmente formado.

Zeraac arqueou as sobancelhas.

“Pensa que não pode convencê-la de olhar além de suas asas? Não acha que possa usar as presas de acasalamento Vesti de tal maneira que ela chegue a desejar sua mordida?”

O cenho franzido de Komet em resposta foi feroz.

“É óbvio que posso.”

“Então, por que está atrasando nossa viagem a Winseka com as preocupações sobre seu aspecto?”

Uma pequena risada escapou e Komet alcançou a mão livre de Ariel, e com a outra a de Kaylee.

“Por quê? De fato.”

“Procedamos então, primeiro com a vinculação, e imediatamente depois, com a viagem a Winseka — Disse Zeraac, fechando os olhos e concentrando-se nas pedras Ylan de seus pulsos, sabendo que Komet estava fazendo o mesmo, ambos os homens dispostos a ceder voluntariamente uma parte de suas pedras Ylan tanto para os braceletes de Ariel, como para os de Kaylee. Mas não houve nenhuma necessidade de forçar a transferência.

Zeraac sabia, pelo peso repentino dos próprios braceletes, que as pedras Ylan se inchavam, cresciam em massa, pulsavam, sincronizando-se não só com as pedras dos braceletes de Komet, mas também com as dos braceletes de Ariel e Kaylee. Por tudo o que era sagrado para os Amato, Zeraac ainda estava chocado por saber que Komet possuía as Lágrimas da Deusa e as tinha distribuído nos braceletes de Ariel e Kaylee.

Era um presente imenso. Um ato de generosidade que Zeraac não podia ter sonhado. Uma surpresa. Nunca tinha ouvido falar de que as pedras Ylan já estivessem postas em um bracelete ao colocar em uma humana. E as pedras reagiram imediatamente a Ariel e Kaylee, as reclamando para Belizair. Duvidava que ainda necessitassem das pedras de Komet e as suas com o fim de



transportar-se, mas não correria riscos, e até dando uma opção, ele ainda queria celebrar a cerimônia obrigatória de vinculação que os converteria em uma família. Devido às circunstâncias, devido à presença de Kaylee, o primeiro enlace não seria sexual, não seria tão profundo como era, geralmente, uma união, mas depois, quando ele e Komet estivessem a sós com Ariel...

A mão de Kaylee apertou a de Zeraac, enquanto o poder aumentava imediatamente, antes que as pedras encontrassem um ritmo comum, e depois um idioma desconhecido sussurrou através de cada uma, os fazendo esforçar-se para escutar as palavras, perdendo-se de volta em um lugar eterno e invisível, e voltando repentinamente quando o ritmo comum se fez, mas bem como um raio de luz que passava de pulso a pulso, como um circuito, três vezes, antes de cessar e deixá-los aturdidos.

Ariel ofegou, por isso Zeraac amaldiçoou seu lapso, a repentina tira de consciência de suas asas e as de Komet, dada a concentração que necessitavam para iniciar a sequência de transporte.

Desta vez, foram às pedras ao redor deles, as que começaram a pulsar em uma sequência de luz e cor, o ar da câmara se fez denso, os cristais dos pulsos absorviam a energia de ao redor deles. Ambos os homens endureceram o agarre a Ariel e Kaylee, enviando tranquilidade, e imagens do que ia acontecer, apesar de que sabiam que nem a menina, nem a mulher, eram conscientes da capacidade de comunicar-se mente a mente.

E, então, pareceu. Entre um batimento do coração e o seguinte, estiveram em Belizair, embora na câmara, tudo parecia ser o mesmo.

O coração de Ariel trovejou em seus ouvidos, precipitando-se com tanta força no peito, que teve medo que parasse de repente. Os pulsos ainda pulsavam e pulsavam, com um ritmo sobre o que ela não tinha controle. Não controlava os pensamentos e emoções que pulsavam sobre ela, palavras e sentimentos, imagens e explicações que não eram dela, mas sim pertenciam aos dois homens que sustentavam ainda as mãos nas suas.

Uma sacudida a atravessou quando voltou à cabeça a um e a outro lado, vendo as asas outra vez. Não brilhavam desta vez, eram sólidas. Tão reais como seu próprio corpo.

Kaylee foi primeira em falar, com voz trêmula, enquanto separava as mãos das de Komet e Zeraac, com dor e desilusão em suas palavras, e em lágrimas na face.

— Pensei que seria diferente no Céu. Mas é o mesmo — Sua voz se quebrou em um soluço — Ainda me dói.

Pela primeira vez, Kaylee ficou rígida e resistiu, quando Zeraac tentou tomá-la nos braços, a rejeição foi como uma faca perfurando através de seu coração. Komet intercedeu, segurando a face de Kaylee.

— Mesmo aqui, em Belizair, estas questões levam tempo, Kaylee. Há curadores te esperando fora desta sala. Depois de passar algum tempo sob seu cuidado, será capaz de correr, brincar e fazer tudo o que sempre desejou, mas necessitará de nossos cientistas para te liberar completamente da enfermidade — Utilizou a outra mão para limpar as lágrimas das bochechas — Diz que ainda te dói, mas, igual como quando estava na Terra? Não pode respirar mais facilmente?

Kaylee aspirou, sua carinha se converteu em um estudo de concentração, até que finalmente assentiu.



— Tem razão, já estou um pouco melhor — Voltou à atenção a sua mãe e abriu os braços, um convite para um abraço que Ariel se apressou a responder, apertando Kaylee fortemente contra o corpo.

Ariel fechou os olhos e sepultou sua face no cabelo de Kaylee, sem estar certo de quem dava consolo e quem recebia. A selvagem e confusa mistura de emoções, ainda a fazia sentir quase paralisada, ainda quando uma dispersão das próprias lembranças e pensamentos a atacasse.

Não pode ver suas asas? São tão brilhantes que quase não posso suportar olhá-las. E ela se permitiu vê-las na névoa, durante um instante, antes que o pensamento racional voltasse e a imagem se dissolvesse.

Então, mais tarde, quando Zeraac a sustentou entre os braços, não quis acreditar que era um “anjo”, entrando em suas vidas quando mais o necessitavam?

O rubor se precipitou na face de Ariel, quando pensou no que Zeraac e ela fizeram no sofá, com o olhar de desejo em seu rosto, a dominação sexual e a feroz ereção.

A confusão seguiu às imagens e sua mente saltou por diante, levando-a a uma resposta, antes que a pergunta se formou.

Meu irmão, Adan, está envolto na aplicação da lei. O homem que assassinou a seu marido foi morto pelo companheiro de Adan, Lyan d’Vesti, em uma cabana onde Krista estava sendo mantida prisioneira. Mas em vez de libertar Krista do medo, ela sabia que a morte do Alexi só faria seus familiares querer vingar-se, atacando-a a ela e às pessoas que importavam. Ela aceitou a proteção que meu irmão e seu companheiro ofereceram.

As palavras de consolo de Komet fazia um momento. *Mesmo aqui, em Belizair, estas questões levam tempo, Kaylee. Há curadores te esperando fora desta sala. Depois de passar algum tempo sob seu cuidado, será capaz de correr, brincar e fazer tudo o que desejar, mas necessitará de nossos cientistas para te liberar completamente da enfermidade.*

Belizair. Era uma nova peça do quebra-cabeças que deslizava em seu lugar. Uma mudança nas crenças de Ariel, para engrenar com as imagens e as explicações que não eram delas. Não era o Céu. Mas sim um mundo diferente. Não eram anjos ou demônios, e sim algo completamente diferente. Embora não se podia negar o que seus olhos diziam ou o que podia sentir. A textura emplumada das asas de Zeraac quando as roçou contra seu braço, e a textura suave, parecida com seda, das de Komet, quando roçou contra o outro braço, ambos os homens perto, seu aroma, calor, e a presença de um casulo protetor. Suas vozes na cabeça, a menos que ela estivesse ficando louca, pensou Ariel, com um toque de humor, oferecendo mais explicações, mas nesse momento Ariel pensou nos curadores que esperavam Kaylee, e descobriu que estava disposta a atrasar as próprias perguntas. A promessa de ver Kaylee correr e brincar, de saber que sua filha viveria, encheu Ariel de valentia, e vontade de enfrentar qualquer provocação que tivesse por diante.

Retirou o cabelo do rosto de Kaylee, olhando primeiro para os olhos de Komet e depois os de Zeraac.

— Podem curá-la?

O orgulho encheu a ambos, tanto Komet como Zeraac, pela força e a coragem de sua



companheira de vínculo.

— Nós não, mas outros que vivem em Belizair. — Disse Komet, não muito certo de que ela tivesse aceito seus pensamentos e imagens prévios, por isso decidiu falar em voz alta, em vez de dar a Ariel algo mais ao que adaptar-se.

As mãos de Zeraac foram para o braço e as costas de Ariel, enchendo-se de alívio, quando ela não se retirou longe de seu contato, permitindo ajudá-la a levantar-se, com Kaylee, ainda unida a ela em um abraço.

— Komet é um erudito e um cientista, ele será capaz de te explicar a maior parte, mas devemos sair da câmara de transporte para que o tratamento de Kaylee comece.

Quando Ariel assentiu, aceitando, a mão de Komet foi para as costas de Kaylee, acariciando-a ligeiramente ao longo da coluna vertebral.

— Nossa forma de cuidar dos doentes e feridos é diferente às suas. Não há médicos nem hospitais. Não há nenhum convidado para presenciar a cura. O que se faz é particular entre os curadores e os que são curados. Kaylee não terá nenhum dano, nisso, Zeraac e eu juramos solenemente. As crianças são valorizadas aqui sobre todas as coisas. Mas Kaylee deve ir sozinha com os curadores que a curarão.

Um soluço ficou preso na garganta de Ariel, apanhando sua negação instantânea, antes de deixar que pudesse escapar. Foi Kaylee que respondeu por ambas.

— Nós duas podemos ser valentes, mamãe. Vou com os curadores. Você terá Zeraac e Komet com você. Tudo ficará bem.

Zeraac riu suavemente e se inclinou para frente, para dar um beijo na testa de Kaylee.

— Tudo estará bem. Os curadores ensinarão muito sobre nosso mundo, e enquanto isso Komet e eu permaneceremos com sua mãe.

— Está bem, então. Estou preparada. E você, mamãe?

A risada de Ariel foi trêmula, e não pôde esconder o indício de lágrimas nos olhos, mas disse:

— Estou preparada.

Zeraac e Komet, puseram uma mão sobre cada braço de Ariel, guiando os passos para a porta que os conduziria à câmara externa, ambos dando uma olhada à caixa de madeira que havia na entrada, desejando tirar o incômodo traje comum da Terra.

“Parecerá estranho quando sairmos vestidos assim” — Disse Komet, com uma nova preocupação começando a crescer nas vísceras. Do primeiro momento em que Jegon apresentara seu plano para ajudar Zeraac a obter não só uma companheira de vínculo, mas também uma filha, preocupou-se porque alguma coisa saísse mau, que arrebatasse a possibilidade.

“Sei” — Disse Zeraac, deixando Komet sentir seu próprio mal-estar— *“Mas podemos evitar. Até agora foi melhor do que me atrevia a esperar que fosse.”*

“Certo” — Komet respirou fundo quando chegaram à porta, e depois deu a ordem para que abrisse.

“Temi que nunca fossem sair” — Disse Kaleaf d’Vesti, enquanto se retirava da parede, os olhos foram de Ariel a Kaylee, sua inalação brusca de ar foi audível para todos — *“Pelos estrelas, são deliciosas.”*



— Ariel, Kaylee — Disse Zeraac, esperando que outros na câmara captassem a indireta e utilizassem a maneira humana de falar — Este é Kaleaf d’Vesti. Está aparentado comigo através do companheiro de vínculo de meu irmão Adan — Sua atenção se desviou para os curadores anciões, o homem Amato e a mulher Vesti, que se levantaram de um banco de cristal. Duas meninas, ambas as Vesti, levantaram-se com eles.

— Pensamos que sua filha poderia desfrutar da companhia de nossas netas, enquanto está conosco — Disse o ancião.

Zeraac inclinou ligeiramente a cabeça.

— Sua consideração é muito apreciada, Curador — A mão se moveu para as costas de Ariel, mas não teve que convencê-la para que liberasse Kaylee. Depois da vergonha inicial de estar em presença de mulheres cuja única roupa eram umas calças parecidas com os de um harém, e homens que usavam pouco mais que uma tanga do mesmo material, Kaylee estava agora completamente concentrada nas meninas, e já indicava que queria que a deixasse no chão.

— Quanto tempo estará com vocês? — Perguntou Ariel, o rosto ruborizado, diante os seios expostos e a falta de blusa da anciã curadora, com a calça de harém, e a coberta mínima dos homens de seu redor. *Deus! Isto ia tomar algum tempo para acostumar-se!* O rubor de Ariel se aprofundou quando sua mente saltou adiante, apresentando uma imagem dela desfilando em público com tão pouca roupa.

A Curadora negou com a cabeça.

— Não há maneira de assegurar, mas os sóis se elevarão em várias ocasiões antes que os cientistas possam começar.

O Curador sorriu com suavidade.

— Tente não preocupar-se por ela, estará a salvo e bem cuidada — Fez um gesto com a mão para o lugar onde as três meninas, todas do mesmo tamanho, já estavam conversando em voz baixa.

As lágrimas que ameaçavam escapar antes, deslizaram pelas bochechas de Ariel, afogando tanto Komet como Zeraac com a emoção.

— Tudo ficará bem, amada — Disse Zeraac, levando-a para seus braços.

— Sei — Sussurrou ela, rodeando a cintura, enquanto as lágrimas umedeciam o peito. Sentindo sua confiança. Sua crença absoluta em que Kaylee estaria a salvo, bem cuidada, curada.

A alegria percorreu Zeraac com seu contato, com a aceitação de seu consolo, o saboreou, até que levantou a vista e leu a dor, e a saudade na face de Komet.

“*Se una a nós*” — Disse, encontrando um pouco de humor ao ver o pequeno passo para trás de Komet, apesar de entender a causa. Os Amato sempre se uniram em qualquer variação que fosse aceitável para todos os envolvidos. Mas os Vesti tomavam um só companheiro.

“*Se una a nós* — Disse outra vez — *Ou não pareceremos o que afirmamos ser.*”

Komet se uniu a eles, com seu próprio senso de humor retornando, enquanto as mãos se pousavam sobre os ombros de Ariel.

“*Isto é difícil de uma maneira que ainda não tinha imaginado.*”

“*Encontraremos uma maneira.*”



“Faremos. Mas eu, por minha parte, prefiro fazê-lo na intimidade de nossa própria moradia.”

— A mente de Komet chegou a de Kaleaf — *“Solicitou um lugar para nós?”*

“Sim” — Suas palavras se fizeram mais pesadas — “Mas não sem que outros se inteirassem da união. Se estivesse em seu lugar, transportaria-me diretamente a sua moradia, e não arriscaria a um encontro, sobretudo vestidos como estão.”

“Onde nos colocou?” — Perguntou Zeraac.

“Pensei que sua companheira de vínculo poderia encontrar reconfortante a companhia de Krista, por isso busquei uma moradia perto de onde Adan e Lyan se assentaram — Sorriu abertamente quando passou as coordenadas do lugar — “Mas eu não apressaria a fazer as apresentações. Apesar de que levava a notícia de sua união, tanto seu irmão como o meu estão irritados porque os interrompi em seus “deveres” para com sua nova companheira de vínculo” — Os olhos caíram sobre o Ariel e a voz baixou também — “Sei que se encontram em uma situação delicada, não quero saber os detalhes por temor que me perguntem, mas os aconselho que se apressem a seus “deveres” e que a façam na verdade sua companheira de vínculo. Rapidamente.”

Zeraac assentiu com a cabeça ligeiramente.

“Obrigado por seus esforços em nosso nome.”

Kaleaf encolheu os ombros.

“Agora é tanto família como amigo. E com um pouco de sorte, unirei-me logo a suas filhas com uma companheira de vínculo própria.”

“Volta para a Terra?”

“Sim. Terá que ocupar-se dos pertences de sua companheira de vínculo, e minimizar o impacto de seu desaparecimento.”

“Não houve tempo para mencionar isto a Jejon, mas Kaylee tinha uma amiga que afirmava ver “anjos” caminhando entre os humanos. Poderia encontrar rastros de seu DNA em um pequeno animal de brinquedo — Zeraac rapidamente pôs em sua mente a conversa que teve com Ariel mais cedo, assinalando a foto do jardim de infância de Kaylee, com o Coala segurando a seu marco.

“Irei agora e direi a Jejon — Kaleaf sorriu — E então, oferecerei meus serviços superiores como caçador de recompensas para a tarefa de procurar essa menina e sua mãe.”

Enquanto Kaleaf se dirigia à câmara de transporte, o curador disse:

— Nós também deveríamos partir.

O coração de Ariel balançou no peito, e tomou um segundo reunir a calma, antes de separar-se de Zeraac e Komet. Kaylee a encontrou a meio caminho, o lábio inferior tremia enquanto dizia:

— Só será por pouco tempo, mamãe. Ambas podemos ser valentes.

— Sei, neném, podemos ser — Ainda assim, tomou Kaylee entre os braços e a abraçou com força — Podemos ser valentes, e a próxima vez que nos vejamos, já pensaremos algo que fazer e que nunca podíamos fazer antes.

— Amo-te, mamãe.

— OH! Pequena. Amo tanto você.

— Não vai chorar, não é? Porque se o faz, vai fazer que eu também chore.

Ariel deixou escapar uma risadinha, as lágrimas corriam pelo rosto uma vez mais.



— É óbvio que não, nenhuma das duas vai chorar. Mas acredito que talvez sou alérgica a alguma destas plantas, porque meus olhos estão lacrimejando.

— Acredito que eu também sou.

Abraçou Kaylee com mais força, beijando o topo da cabeça e murmurando.

— Amo-te muitíssimo. Mas deveria ir agora. Quanto mais rápido vá, mais rápido poderá voltar.

Kaylee devolveu o abraço, e depois beijou sua mãe, sem fazer comentários a respeito da umidade nas faces de ambas. Endireitou as costas e seus passos eram seguros quando se aproximou dos curadores.

— Vamos voar?

O homem tomou em seus braços.

— Hoje não, pequena. Mas talvez na viagem de volta possamos nos transportar dessa forma.

— Nunca deixou ninguém cair, não é? Porque não tenho asas.

O curador riu entre dentes, unindo sua mão a da curadora, suas netas ficaram de pé junto a eles, tomando-as pelas mãos, e uma delas também agarrava a sua avó.

— Não deixei cair a ninguém... Ainda — Brincou o ancião e todos eles desapareceram em um abrir e fechar de olhos.

Capítulo 7

Ariel olhou ao redor do quarto no que se encontrou de repente, o coração deu um salto no peito, seu estômago dizia que estava em uma montanha russa, enquanto sua mente tratava de processar o fato de que já não estavam de pé fora da câmara de transporte.

— Como chegamos aqui? — Perguntou, tentando não sentir-se aflita, querendo fazer algo que se sentisse normal, ver algo que pudesse reforçar a ideia de que não tinha perdido completamente a prudência. Que não estava estendida em uma cama de um hospital da Terra, cheia de drogas porque sua mente finalmente quebrou. Porque Kaylee havia...

— Kaylee está com os curadores — Disse Zeraac, sentindo-se impotente quando suas palavras enviaram outra rajada de emoção selvagem através dela.

— Pode ler minha mente.

Zeraac fez uma careta.

— Amada, está virtualmente gritando — A verdade é que estava mais perto de ser um grito de pânico.

Ariel tomou uma respiração profunda, capturando um sussurro de seu pensamento. A imagem de si mesmo convertida em uma mulher histérica, como muitas mulheres que encontrara no hospital nos últimos anos, ajudou-a a tentar recuperar sua resolução. Ela não tinha medo. Não estava louca. Estava em um lugar com regras diferentes.

— Como chegamos aqui? — Perguntou de novo.



Komet respondeu.

— As pedras Ylan, em combinação com algo que poderíamos considerar como microcomputadores que formam parte em nossos braceletes, permitem que transportemos a curtas distâncias. Kaleaf nos proporcionou as coordenadas e assim fomos capazes de nos mover entre os dois pontos.

— Que lugar é este?

— Esta é nossa casa, por agora — Disse Zeraac, deixando-a ir, igual Komet, ambos, sabendo de alguma forma, que necessitava espaço e tempo para encontrar seu equilíbrio.

Ariel esfregou os braços, depois se mudou à janela, ou, mas bem à parede, já que toda a sala de estar parecia estar formada de cristal e apareceu para ver uma paisagem de deserto, com montanhas.

— Onde vivem os curadores?

— Nas montanhas — Disse Komet, colocando-se de pé a seu lado — As montanhas chamam aqueles que têm o talento de curar e estes respondem, afastando-se das cidades, e vivendo em pequenos enclaves, servindo a todos os que solicitam sua ajuda.

— Todo mundo aqui, em Belizair, tem asas?

— Sim. Sou Vesti, Zeraac é Amato. Uma vez fomos uma só raça de formas aladas conhecidos como os Fallon, mas com o tempo, convertemo-nos em duas raças separadas.

— Os anjos de Deus que foram a Terra acasalaram com os filhos e filhas dos homens, e foram expulsos do Céu por fazê-lo.

— É uma de suas lendas. Um dos modos de sua gente de interpretar nossa presença entre eles. Os Fallon se sentiram atraídos pelos seres humanos e se acasalaram com eles. Você leva esse gen dentro de si, igual Kaylee faz — Tocou o bracelete de Ariel, e o coração parou ao notar pela primeira vez que não só tinha mudado seu bracelete, mas também tinha ocorrido com o dele — “Zeraac!” Enviou, momentaneamente distraído da conversa.

Zeraac se uniu a eles na janela. Abriu amplamente os olhos quando Komet assinalou os braceletes. Embora os dispositivos gravados em cada um eram diferentes, a combinação de pedras Ylan, tinha o mesmo aspecto.

— Pelas lágrimas da Deusa — Murmurou Zeraac, sem conhecer nenhum outro modo de explicar por que suas próprias pedras douradas, tinham agora o azul e verde de Komet, assim como um traço dos cristais sagrados que puseram nos braceletes de Kaylee e Ariel.

— É assim que tem que ser — Disse Komet, sabendo, igual à Zeraac, que quando o vínculo se formava entre dois homens de Belizair e uma mulher da Terra, as pedras dos braceletes dos varões emigravam e se combinavam em um desenho em redemoinho nos braceletes da mulher, mas não trocavam as deles mesmos.

— O que está acontecendo? — Perguntou Ariel, não muito certa se tinha que preocupar-se com o que chamava a atenção de Komet e Zeraac.

Zeraac se voltou e acariciou a bochecha.

— As pedras de nossos braceletes trocaram, possivelmente seja um sinal de que a Deusa e seu consorte estão a favor de nossa união.



— União? — Ariel se encolheu diante a forma como sua voz se elevou quase ao nível de um grito.

Zeraac fez uma careta, amaldiçoando-se por ter trazido a conversa a este tema, e, entretanto, estranhamente aliviado ao mesmo tempo. Tomou o pulso em sua mão.

— Está unida tanto a Komet como a mim. É nossa esposa. Nossa companheira de vínculo.

Os olhos do Ariel se abriram com surpresa, lançando um olhar aos dois homens.

— Esposa?

Os dedos de Komet rodearam o outro pulso, o polegar acariciava as pedras de seus braceletes.

— Quando nossas pedras Ylan se moveram a seus braceletes e de Kaylee nos convertemos em uma família. Depois que nós... Depois que nós três... Haverá mais depois, uma profunda conexão... Não o laço de uma família, mas sim a união dos adultos que se consideram “casados” em seu mundo. Se tivesse tempo, teríamos cortejado na Terra, Ariel, te deixando chegar a nos conhecer e nos aceitar como amantes, como companheiros e pais para Kaylee. Mas...” — Encolheu os ombros — Não havia mais remédio que proceder como o fizemos. A situação era grave e tínhamos medo de perder Kaylee se nos atrasávamos. A união conosco, como nossa companheira, era a única forma de trazê-las para Belizair.

Tinha a boca seca, seu ventre traidor revoava, e, entretanto, ela arrancou à força as palavras, incapaz de impedir que o coração acelerasse e a face ardesse com o rubor.

— Têm a intenção de me compartilhar?

Komet assentiu, demonstrando no rosto seu próprio desconforto. Mas o corpo de Zeraac se apertou diante sua carência de horror, pelo modo em que ela seguiu deixando manter os pulsos cativos, o pênis se encheu com tanta rapidez que quase se dobrou.

— Sim — Disse, as imagens da noite anterior o assaltaram, sua confissão sussurrada nos ouvidos, insistindo a tomar as rédeas como fizera antes, para consumir sua união e reduzir o risco que poderia chegar — Pertence aos dois agora, Ariel. É nossa para o prazer e para te proteger.

Zeraac enviou só uma breve advertência de suas intenções a Komet, antes de voltar-se da janela e dirigir-se por volta de um dos quartos, ainda tomando em sua mão o pulso de Ariel. Ela resistiu, mas só o suficiente para fazer desejar sair do confinamento da roupa que tinha sido obrigado a usar, e ansioso por reclamar a sua companheira de vínculo. Ela faria o que ordenassem, queria fazer o que ordenassem, ele sabia pelo que tinha acontecido no sofá de seu apartamento, pela forma como se ruborizava, os olhos mostravam uma mistura de medo feminino e desejo. Ela desejava estar com um homem dominante que cuidasse de suas necessidades, mas eles tinham que ser firmes com ela agora. Tinham que tomar o controle desde o início.

Já tinha demonstrado ser forte, valente e regulável. E Zeraac não via nenhuma razão para atrasá-lo, postergar ou aprofundar o vínculo que ocorreria uma vez que eles consumassem a união, Komet e ele tocando seus braceletes com os dela quando se emparelhassem com ela em uma união verdadeira. Uma vinculação verdadeira.

Gotas de suor cobriram o peito de Komet quando entraram no quarto. No lapso de um batimento do coração, a febre de emparelhamento Vesti o alagara de calor, com instintos



primitivos e alheios a sua natureza.

Ele estava preparado para cortejar Ariel, dar tempo, esperá-la a convidá-lo a sua cama. Mas agora...

Cada célula de seu corpo o impulsionava a emparelhar-se com ela, bombear dentro e fora dela, até que reconhecesse seu domínio e aceitasse sua proteção, até que desejasse seu toque tanto como ele necessitava o seu.

Não podia tirar as incômodas roupas da Terra rápido o suficientemente, não podia esperar para devorar seu corpo e sentir a boca sobre a sua. Não podia esperar a afundar suas presas de emparelhamento e injetar o soro de sua raça em seu corpo, fazendo impossível que alguma vez escapasse dele.

Tinha pensado que ia aborrecer compartilhar sua companheira tão intimamente com outro homem, já que esse não era costume dos Vesti, e agora se encontrava que a luxúria de Zeraac por sua companheira de vínculo, alimentava a sua própria. A tácita competência entre eles se convertia em uma forma de dar prazer à companheira, além do que nenhum poderia imaginar.

— Tire a roupa, Ariel — Exigiu Zeraac — Desfaremos dela depois. A partir deste momento em diante, quando não estiver nua, levará a roupa que proporcionemos.

Os olhos se aumentaram, e Komet pensou por um momento que desafiaria a ordem de Zeraac. O pênis pulsava pela antecipação, obrigando a sua mão a tomar o órgão dolorosamente cheio, esse movimento foi seguido pelos olhos de Ariel, e seu fôlego saiu em um ofego pouco profundo, fazendo que mais sangue se precipitasse ao pênis ereto.

Pelas estrelas. Nunca tinha sido assim!

Os dedos de Ariel tremiam, enquanto devagar, desabotoava a blusa. Deus! Ela nunca tinha pensado fazer isto outra vez. Ter um homem o suficientemente forte a cargo. Como era Colin nos primeiros dias. Nunca pensou que fosse possível que existisse um homem suficientemente forte para ordenar que se entregasse a outro homem estando ele presente.

Era uma fantasia dela, impulsionada pelo jogo com Colin, quando a havia fodido com um vibrador, de uma vez que tomava com seu pênis. E nunca esperava experimentar, ter a atenção de dois homens, de dois maridos.

Não tinha nenhuma razão para duvidar do que diziam, capturara rastros de seus pensamentos e sentimentos, apesar de que trataram de bloquear a intrusão desconhecida em sua mente, resultando desconcertante e confuso, mais do que queria dirigir-se em cima de todo o resto. Sabia por instinto que era inútil protestar por sua reclamação, e era o suficientemente honesta com ela mesma para confessar que não queria fazer. Maridos. A palavra se enroscou ao redor do coração. Tinha estado tão só durante tanto tempo, que estar aqui, desta maneira, fez que quase começasse a derramar lágrimas.

Quase todos os dias, durante os últimos nove anos, tinham sido uma luta, uma luta para encontrar a força para seguir fazendo-o um dia mais, para suportar, amar, dar a Kaylee o que necessitava. E agora a carga tinha sido eliminada. Sua filha teria uma possibilidade de viver como nunca teve antes.

Ariel teria jogado seu corpo para Zeraac e Komet só por isso. Mas sabia que isto não era o



pagamento de uma dívida. Era uma reclamação.

A blusa caiu no chão, e a seguiu o sutiã. A satisfação feminina rugiu através dela pela forma como ambos os homens se aproximaram, com os olhos cravados nos mamilos fortemente apertados, ambos os homens tinham expressões idênticas de luxúria, com as mãos em seus pênis, seus corpos cobertos pelo brilho do suor e as asas tremendo ligeiramente.

Não pôde impedir que um pequeno gemido escapasse, não pôde deter-se quando se arqueou, empurrando os seios para frente, em uma súplica silenciosa de aprovação e atenção.

Eles responderam imediatamente, levando-a para eles, e caindo sobre seus joelhos, com a boca de Komet enganchada com avidez em seu seio direito, enquanto Zeraac atacava o esquerdo, a ordem anterior de tirar a roupa foi esquecida, quando eles lutaram com a que permanecia ainda sobre ela, tirando de modo que estivesse de pé diante deles nua, coberta pela excitação entre as coxas, finalmente, seu púbis nu chamou sua atenção, afastando-os dos seios.

— Pela Deusa, nunca vi nada tão bonito como isto — Sussurrou Zeraac com reverência, antes de dirigir a língua ao longo de sua fenda e sugar o clitóris em sua boca, depois recuando de modo que Komet pudesse fazer o mesmo.

A boca de Komet se concentrou em sua pele acalorada, seus sentidos afligidos pela sensação e pelo sabor dela. *“Devemos levá-la à cama!”* — Disse, sabendo justo quando disse, que tomaria toda sua força de vontade retirar a face longe de seu calor, e da carne úmida.

“De acordo” — Disse Zeraac, ficando de pé, o movimento enviou a língua de Komet a introduzir-se agressivamente na boceta de Ariel, enquanto tragava com avidez o néctar de sua excitação, que alimentava a febre de emparelhamento Vesti, fazendo-o resmungar e protestar quando Zeraac tentou separá-lo. Mas cedeu, ofegando quando se levantou, centrado em enterrar a face entre suas coxas outra vez, e explorar sua depilada perfeição.

Ariel estava se afogando com as sensações, incapaz de apresentar ainda uma resistência simbólica, quando Zeraac a colocou na cama, seus lábios cobrindo os dela, obrigando-a a provar seu próprio sabor, enquanto ele cravava sua língua dentro e fora da boca.

A mão acariciou seu seio, a palma e dedos trabalharam no mamilo, alternando entre a dor e o prazer, demonstrando seu domínio, demonstrando o conhecimento de que ele sabia o que gostava.

Ele sustentava a parte superior de seu corpo, enquanto as mãos de Komet a impulsionaram a estender as pernas. Gratificando-a com sons de prazer quando obedeceu, oferecendo-se a ele e arqueando-se para cima, gritando na boca de Zeraac, quando a língua de Komet empurrou dentro e fora de sua boceta, os gemidos dele quando a sondava, sugava e comia, faziam que sua excitação aumentasse fora de controle, conduzindo-a mais e mais alto.

Komet se perdeu no minuto em que a boca reclamou outra vez sua boceta. Seus gemidos eram música para os ouvidos, seu aroma o perfume mais maravilhoso que o da mais exótica das flores, e seu sabor... Nunca se cansaria dela. Ele a desejaria para sempre.

Apertou seu agarre sobre o pênis, obrigando-se a manter-se firme e não bombear em seu punho fechado, até que ela gozasse. A língua se retirou de sua boceta, esse movimento para dentro e fora punha a prova seu controle, fazendo que o pênis pulsasse e doesse disposta a



disparar sua carga.

Em seu lugar, moveu-se para suas dobras inchadas, lambendo a pele e chupando os lábios da boceta, cativado por algo que ele nunca teria imaginado. Algo que nunca teria desejado. Mas que desejaria desesperadamente daqui em diante. Um montículo depilado. Uma boceta preparada para a boca de um homem e sua língua. Para seu prazer.

Ela estava quente ao tato, queimando-o, fazendo-o voraz. Com um gemido, levantou a face, olhando fixamente a boceta molhado, avermelhada, por um longo momento, antes de cobrir o clitóris com a boca, sugando grosseiramente, como se a fosse tragar de tudo.

Zeraac se moveu para seu seio, fechando-se sobre um pálido mamilo, mordendo, sugando, suas ações programadas para as coordenar com o assalto de Komet a seu clitóris. A satisfação rugia através dele, pela forma em que seus esforços se uniram para ter Ariel retorcendo-se e suplicando, as pedras de seus braceletes pulsavam em sincronia com as deles. Já Komet e ele estavam em sintonia um com o outro. Suas ações perfeitamente sincronizadas, coreografadas com um só objetivo: agradar e reclamar a sua companheira. Reclamá-la para eles, primeiro por separado, e depois juntos, chegando a estar tão estreitamente unidos que pareceria como se não houvesse nenhuma barreira que os separasse uns dos outros.

Apertou seu agarre nos pulsos quando ela começou a agitar-se, arquear-se, com lágrimas correndo pela face, enquanto suplicava sua liberação. Mas nem ele, nem Komet estavam preparados para dar.

Fizeram-na subir, dando um passo atrás quando estava a ponto de culminar, reduzindo a velocidade de seu assalto, deixando-a gemendo, tremendo, tão total que ambos os homens estavam cobertos de suor, os enormes pênis cheios, as bolas apertadas contra seus corpos, quase preparados para lutar um contra o outro para ver quem a montava.

— Por favor, Zeraac, por favor, Komet, um de vocês fôda-me, por favor! — Gritou Ariel finalmente, tremendo tão desesperadamente que pensou que morreria se um deles não colocava o pênis dentro dela.

“Toma-a você primeiro” — Disse Komet, movendo-se do meio das pernas, sua mão apertando seu eixo, inseguro de se poderia impedir que a visão de Zeraac empurrando nela o levasse a orgasmo. Pelas estrelas, não era de estranhar que os Amato frequentemente estabelecessem uniões com acertos que continham mais de um casal. Ou talvez, a intensidade desta experiência se devia que eram companheiros de vínculo. Qualquer que fosse a verdade, nunca sonhara que ia ser assim, e, entretanto agora, nunca desejaria nada menos.

Zeraac colocou Ariel sobre as mãos e joelhos, enviando a Komet uma imagem que o fez fechar os olhos e apertar os dentes. Mas não o fez rejeitar a oferta para participar.

Ariel gemeu quando Komet trocou de posição, movendo-se de modo que seu pênis estivesse perto de sua face, as asas estendidas atrás dele como alguma besta poderosa de uma lenda. Até agora, eles não tinham deixado tocá-los mais à frente do agarre por suas mãos em seu cabelo e comendo suas bocas.

— Por favor — sussurrou ela outra vez, incapaz de separar os olhos do pênis de Komet — Me deixe te dar prazer.



Sua risada rouca, era um som de pura satisfação masculina e antecipação, enquanto enredava os dedos de uma mão no sedoso cabelo e olhava sua cabeça chegar a ereção, brincando com os ambos, ao limitar quanto dele poderia tomar em sua boca.

O êxtase queimou pelas veias de Komet, fazendo-o encurvar-se, com as asas tremendo de impaciência, quando a boca molhada e a língua pecadora sugaram e lamberam a cabeça de seu pênis, despojando-o de todo vestígio de ser um erudito e cientista, reduzindo-o em sua maior parte para sua forma mais primitiva. Sua respiração se transformou em ofegos curtos, os quadris se sacudiram quando fodeu sua boca, deixando-a ter cada vez mais dele em recompensa por seus gemidos e miados de prazer.

Pela Deusa! Zeraac não estava certo de quem estava recebendo o melhor trato. Os sons de prazer de Ariel e Komet, afastaram os olhos de sua úmida fenda e do clitóris ereto, deixando-o faminto da sensação da boca sobre seu pênis.

As fantasias com as que se entretive uns poucos momentos em seu sofá não eram nada, comparadas com a realidade de estar com Ariel desta maneira. Ele compartilhou mulheres antes, embora nunca se imaginou que queria formar parte de uma união que o requeresse, mas olhar Ariel e Komet... O excitava, fazia que o pênis se inchasse ainda mais, satisfazia-o ao mesmo tempo que o fazia sentir mais selvagem.

A atenção de Zeraac voltou para a visão que o tinha paralisado do momento que conseguiu tirar a roupa fora dela, a pele suave e depilada da boceta, com seus lábios carnudos e inchados. Nunca viu um espetáculo semelhante em uma mulher adulta, teria se encolhido para ouvir alguém dizer que era sedutor, mas vendo agora, sabendo que pertencia a sua companheira de vínculo, não podia resistir a tentação de inclinar-se para diante, e pressionar a boca nas dobras úmidas, lambendo ao redor do clitóris e deslizando a língua no interior dela. Seu sangue rugiu na cabeça quando o aroma de Ariel encheu suas narinas, quando seu sabor o seduziu completamente. Ela arqueou as costas, oferecendo-se a ele, suplicando com o corpo que a tirasse de qualquer forma que quisesse, e ele não pôde resistir.

Levantou-se sobre os joelhos e encaixou a cabeça do pênis em sua abertura, e quase gozou de como estreita ela era. Uma parte dele se emocionou sabendo que passou muito tempo desde que algum homem a tinha penetrado. E agora pertencia a ele, a eles, para seu prazer e proteção.

Zeraac se sentiu tonto, como se cada gota de sangue foi a seu pênis, quando esteve totalmente embainhado dentro dela. Cada músculo de seu corpo estava tenso, a borda das asas rígida, lutando para ficar imóvel, enquanto os apertados, quentes, e palpitantes músculos de seu interior o insistiam que se movesse, que empurrasse dentro e fora dela violentamente.

Ele se manteve imóvel durante o tempo que pôde, saboreando o primeiro emparelhamento, lamentando não poder mantê-lo. Mas enquanto pensava, ela empurrou para trás, o que o forçou a ir mais profundo, afogando-o com sua excitação, e ele já não pôde lutar contra o canto de sereia dela, não podia fazer outra coisa mais que olhar por sua necessidade, e a sua, e tomá-la forte, rápido, dominante, possessivo. Os gritos de prazer de Komet fizeram erupção antes que os próprios, o pênis do outro homem deixou a boca, de modo que Zeraac pudesse segurá-la mais energicamente, os gemidos e súplicas avisavam quanto ela desfrutava com o que estava fazendo,



sua necessidade alimentando a própria, até que o grito de orgasmo provocou sua própria liberação quente como a lava.

A parte mais primitiva dele queria ficar sobre ela, permanecer sepultado em seu canal, mas sentia a presença de Komet a seu lado e sabia sem olhar, que a febre de emparelhamento Vesti enchia o outro homem. Com um gemido, Zeraac saiu de Ariel, e se moveu para descansar a seu lado, olhando como Komet imediatamente a cobria, empurrando o pênis até o fundo da boceta de um só golpe. Fazendo-a gritar e agarrar a roupa de cama, ao mesmo tempo que trocava o ângulo de seu corpo, convidando Komet a ir mais profundo, a enterrar-se de repente contra seu útero.

O que eles faziam, estava além do que Ariel se permitiu fantasiar. Cada terminação nervosa de seu corpo se sentia como se tivesse sido criada para este propósito.

Deixou cair a cabeça para o colchão, com os braços tensos, ardendo enquanto se mantinha nessa posição, desfrutando primeiro de Zeraac e agora de como Komet a montava, ferozmente, fazendo que se sentisse de uma vez protegida e cuidada, tirando suas inibições e dúvidas no processo, e deixando-a nua, exposta e vulnerável, e, muito mais poderosa.

Ela se deleitou no modo que Komet estava ofegando sobre ela, ansiava seus impulsos duros e a forma como deixava cair seu peso, dominando-a como Zeraac fazia. Fazendo que suplicasse por mais, e pedisse por sua liberação.

Estremeceu quando a boca se moveu por seus ombros e pescoço, seu corpo quente, duro e poderoso.

—Morda-me — Sussurrou ela, e assim o fez, enviando-a ao orgasmo, e saindo dela suave, satisfeito, profundamente satisfeito, além dos desejos satisfeitos da carne.

Komet saiu dela e Zeraac se moveu a seu lado, levando-a contra o peito, e beijando o ombro, enquanto que Komet se apertava contra o peito, a boca cobrindo a sua, os braços e pernas se moveram, entrelaçando-se, enredados, as asas rodeando-os, apanhando o calor de seus corpos e secando a pele molhada pela paixão.

Ariel explorou a asa marrom-dourada de Komet com os dedos, desfrutando da textura, como do resto de seu corpo, um jogo suave de pele sobre uns músculos firmes. Ela sorriu quando se deu conta que estava tão cativada pelo resto dele, deles, que realmente não tocara suas asas antes. Ele estremeceu sob seu toque, o pênis se endureceu contra o ventre, e seu corpo respondeu, umedecendo as coxas com uma rajada fresca de excitação.

— Você gosta disto — Sussurrou ela.

“Muitíssimo.”

Sua mão se deteve, e o coração acelerou. O pensamento dele era mais claro agora. Fácil de entender. Tão real como as palavras poderiam ter sido pronunciadas.

Zeraac riu suavemente, a palma cobriu o seio, a boca brincava com seu ombro e pescoço antes de mover-se para a orelha.

“Tranquila, amada, encontrará que vantagens em falar desta maneira, em vez de como está acostumada — Disse ele, demonstrando ao sondar o ponto sensível com a língua enquanto estava falando.

Ela se moveu agitadoamente entre eles, dividida entre o desejo de tê-los de novo e a



necessidade de sua mente de adaptar-se a essa nova realidade, uma que ela havia posposto examinar.

“Nos deixe demonstrar como natural é falar desta maneira. Quanto melhor pode ser. Nos deixe te dar sua liberação” — Sussurrou Komet, seus pensamentos, em consonância com Zeraac, quando os dois se moveram, o que deixou Ariel sobre as costas, com uma das mãos de Komet nos pulsos os fixando à cama, e os dedos da outra no mamilo, enquanto sua boca cobria a dela, a língua suave e tão exigente ao mesmo tempo.

Zeraac se deslizou para baixo, tomando seu seio e sugando-o, a mão foi entre as pernas, a palma deslizou sobre o ereto clitóris, rodeando-o e brincando, de modo que o capuz foi para trás e expôs a parte mais sensível.

Sem dar-se conta, em um primeiro momento, que o estava fazendo, as súplicas de Ariel soavam em suas mentes enquanto o corpo se retorcia debaixo deles. Responderam com suas mãos e bocas, com palavras de elogio e carinho, conduzindo-a mais alto, fazendo-a rogar, deixando-a sem nenhuma outra opção, só falar diretamente, da forma como era para seu povo, até que esteve soluçando, pedindo que a fodessem, que a deixassem gozar, as palavras caindo de sua mente à deles.

Desta vez foi Komet quem tomou primeiro, empurrando o pênis dentro dela, enquanto a língua continuava dominando a sua, com as asas formando uma caverna escura, onde se perderam no êxtase.

Ela só pôde gemer quando Zeraac o seguiu, colocando-se sobre ela, o rosto tenso pela necessidade, o pênis duro e quente quando a empurrou dentro dela, e era suave desta vez, os impulsos terrivelmente lentos, os beijos sensíveis, minuciosos e amorosos, quando levou ambos ao orgasmo, deixando-a com lágrimas correndo pelo rosto, diante a beleza de ter isto depois de ter estado necessitada durante tanto tempo.

“Descansa tranquila, amada, sempre daremos o que necessite” — Disse Zeraac, quando a colocaram, uma vez mais, de modo que os três estivessem abraçados, juntos e quentes, sob a coberta de asas suaves.

“Todo mundo fala telepaticamente?” Perguntou Ariel em silêncio, de acordo com os comentários anteriores, já vendo vantagem nisso. Sentia-se muito preguiçosa e saciada para incomodar-se em mover os lábios.

“Sim, embora também usamos nossas vozes” — Disse Zeraac, e Komet acrescentou: *“Embora, teremos que te ensinar a controlá-lo. Para nós, isto é normal, é algo que fazemos sem pensar, do nascimento. Mas ouvi que algumas companheiras de vínculo, sem dar-se conta “dizem” coisas a outros que estavam destinadas a ser pensamentos particulares.*

Ariel começou a rir, depois brincou, *“Isso poderia ser embaraçoso. Sobretudo se eu despojasse mentalmente a alguém de sua leve tanga!”*

Ambos os homens grunhiram como resposta, mordendo os ombros e pescoço, e o sensível auricular, Zeraac voltou para meio de comunicação humano.

— Será melhor que não a encontremos despindo a nenhum outro varão, com suas mãos, seus olhos ou sua mente!



Ela riu outra vez, desfrutando da brincadeira.

— Hmmm, suponho que os dois poderiam me manter adequadamente entretida.

— Vamos fazer disso o trabalho de nossa vida — Disse Komet, cobrindo a boca com um beijo doce.

Acomodaram-se novamente, os pensamentos de Ariel foram com Kaylee, um punho se ajustou ao redor do coração em resposta.

— Ela vai estar bem — Disse Komet, sabendo de algum jeito que precisava ouvir as palavras.

— Avisaram-nos como está?

O dedo de Zeraac viajou por seu nariz e riscou os lábios.

— Não, eles a devolverão quando pensarem que é forte o bastante como para que os cientistas possam começar seu trabalho.

O coração de Ariel se sacudiu e Komet disse:

— Os curadores só podem restaurar seus órgãos, mas sem a intervenção dos cientistas, a enfermidade começaria de novo, reclamando célula por célula já que sua raiz está nos genes. A única maneira de curá-la completamente é trocando seus genes, para fazê-los saudáveis.

As perguntas bombardearam a mente de Ariel, mas ela as suprimiu, não querendo contemplar nada, mais à frente do momento em que Kaylee retornasse de sua estadia com os curadores. Quando sua filha fosse capaz de correr, brincar e viver como nunca antes foi capaz de fazer.

Estiveram juntos por um longo tempo, descansando, dormindo ligeiramente, até que o corpo de Ariel a fez consciente de quanto tempo passara desde que se ocupou de suas outras necessidades. Eles se levantaram, a face ruborizou quando Komet mostrou como usar as instalações, proporcionando uma imagem de como se imaginaria a ela fazendo precisamente isso.

— Uma explicação verbal teria sido melhor! — Gritou da segurança do outro lado da porta e ouviu sua risada em resposta.

Alguém foi suficientemente considerado para deixar uma calça similar ao que a curadora Vesti e sua neta vestiam, embora a diferença de quão negro levavam, os que tinham deixado mostravam uma combinação de ouro e azul com bolinhas verdes, feitos nos mesmos matizes exatos que as estranhas pedras dos braceletes. Ariel não pôde evitar sorrir quando colocou a calça. *Homens!* Independentemente da espécie, se pudessem vestir a suas mulheres em roupas “fácil de tirar”, e criadas com tecidos que fossem uma brincadeira, tanto em ocultar como em revelar, eles fariam. Mas tinha que admitir, que adorava a sensação desse material sobre a pele, e quando saiu do banheiro, as expressões tanto da face de Zeraac, como de Komet, enviaram um tremor sensual por seu corpo, fazendo que a carícia do tecido quando roçou a boceta depilada e o clitóris, excitasse-a quase dolorosamente.

“Bonita” — Disse Zeraac, movendo-se para ela como se fosse incapaz de deixar de fazê-lo.

“Deliciosa” — Murmurou Komet, também chegando para situar-se diante dela, sua ereção e a de Zeraac eram igualmente óbvias, apesar que eles também se vestiram, com o mesmo tecido, mas o de Zeraac era cor ouro, enquanto que Komet usava uma azul com manchas verdes.

Ariel supôs que as cores tinham algum sentido, mas ela não podia encontrá-lo para abrir



esse debate. Em troca, estendeu as mãos, tomando os pênis cobertos e brincou:

— Não sei por que se incomodam com essas pseudo tanga. Não deixam muito à imaginação.

Ambos os homens riram, levando-a para eles, Zeraac disse:

— Posso ver que temos muito trabalho que fazer, Komet. Nossa companheira de vínculo tem muito que aprender. A primeira lição é que quando saímos em público, os olhos não devem descer para a roupa de nenhum outro varão, nem sua imaginação tampouco deve ir ali!

Ariel riu dissimuladamente, mas antes que ela pudesse responder, o quarto se encheu com um som de sinos e ambos os homens se esticaram.

"O que é isso?" — Perguntou ela.

"Alguém nos faz uma visita" — Respondeu Komet — *Responde, Zeraac? Talvez seja seu irmão.*

"Talvez" — Embora sua voz não soou como se acreditasse.

Zeraac se dirigiu para um lugar na parede de cristal escuro, que se via igual ao resto da sala em que estavam, salvo o lado com vista ao deserto e as montanhas longínquas. Sem dizer uma palavra ou um gesto de sua parte, a parede pareceu dissolver-se e formar uma porta.

A respiração ficou entupida na garganta de Ariel, não só pela vista da abertura repentina da parede, mas também da mulher na porta. Seu cabelo vermelho e as asas com nervuras vermelhas fizeram Ariel pensar em um anjo vingador e lutou o melhor que pôde para não projetar seus pensamentos, especialmente quando os olhos se encontraram e Ariel pôde sentir uma emoção ardente debaixo da beleza.

— Então é verdade — Disse a mulher, sem incomodar-se em ocultar seu desprezo e desgosto, quando o olhar se mudou para Komet — Tomou a possibilidade de outra pessoa para ter filhos, e o tem feito com um do clã Araquel.

— Ela é minha companheira, Zantara, a quem pedi unir-se a mim no vínculo que é meu direito segundo a lei.

A amargura tingiu a voz de Zantara quando disse:

— Ela será desperdiçada ao estar com você, e ele não merece uma companheira absolutamente. Nossos cientistas ainda não encontraram suficientes mulheres humanas, para saber se houver mais de um candidato possível para elas. Está mal que a reclamou tão rapidamente.

— Ela é minha e já a reclamei, assim como Komet o fez.

—E pensa que o Conselho apoiará este vínculo quando não há nenhuma esperança de filhos?

Zeraac se esticou.

— Deu sua opinião, Zantara. E devido que uma vez fomos um casal comprometido, permiti que o fizesse, mas este é meu dia de vinculação, e gostaria de terminar agora com esta interrupção.

Sem outra palavra, a parede se voltou a formar, e Zeraac deu a volta, a voz sombria de Komet pareceu encher toda a sala.

— Os problemas comecem.



Capítulo 8

— Ex-esposa? — Perguntou Ariel, tentando manter um tom leve, apesar da dor repentina no coração.

— Não, tínhamos a intenção de nos unir, mas não o fizemos — Respondeu Zeraac, a própria voz contendo grande quantidade de emoção, e essa intensidade fez que Ariel voltasse para a janela e se concentrasse no deserto e nas montanhas longínquas, e em Kaylee.

Ariel empurrou a dor e a incerteza profundamente dentro de si mesma, estirando a coluna e juntando coragem com a lembrança de sua decisão anterior. Teria que confrontar qualquer provocação que tivesse por diante se isso significava que Kaylee poderia correr e brincar, se realmente viveria como qualquer criança deveria fazer. Se Zeraac ainda amava a outra... Ela encontraria a maneira de aguentar a situação. De lutar com isso.

Esfregou os braceletes de seus pulsos, lamentando agora não ter feito mais pergunta antes de ter ido à cama com eles. Sentia-se tola, incerta e vulnerável. As velhas dúvidas sobre a fidelidade de Colin, a insegurança de estar casada, e, entretanto, sempre sozinha, de repente a encheram.

Tinha parecido tão correto, tão natural. Mas, o que sabia realmente a respeito de seus costumes? O que sabia de suas razões para trazê-la aqui?

Os ombros de Zeraac desabaram ao sentir a dor de Ariel, a confusão e seu medo. *“Vá a ela”* — Impulsionou-o Komet, embora uma bola de emoções estava na boca do estômago, o temor a explicar o papel de sua família na devastação de Belizair, o impediu de dar o menor passo para a janela.

“Estamos juntos nisto” — Recordou Zeraac, reforçando sua própria coluna e dando um passo para frente. Recordando-se que, independentemente do que pudesse acontecer no futuro, ele... Eles, obteve algo que valia qualquer sacrifício, tinham conseguido trazer Kaylee a Belizair e estava nas mãos dos curadores.

Ariel sentiu que se moviam para ela. Quando se detiveram ambos os lados dela, deliberadamente usou a palavra falada com o fim de evitar seu desmoronamento, e chorar sob o ataque de todas as emoções juntas.

— Tive que dirigir muitas más notícias. Prefiro que me digam o que está acontecendo. A verdade, não uma mentira adoçada, que acreditam que seria melhor para mim. Aprendi a lutar com as coisas, em vez de fingir que tudo está bem. Ao final, fingir dói muito mais.

Zeraac não podia suportar estar tão perto dela e manter-se afastado. Pôs a mão nas costas, preparando-se para senti-la separar-se dele, e sentindo alívio em seu coração quando não o fez.

— O que deseja saber? — Perguntou, sentindo-se dominado pela tarefa de explicar tudo. Ele era um guerreiro, mais capacitado para as ações que para as palavras.

Um rastro de humor abriu caminho nos pensamentos de Ariel, um toque patético ao escutar



algo na voz de Zeraac que ouviu em Colin nos dias em que seu matrimônio estava bem, quando às vezes pedia mais do que pensava que podia dar de si mesmo, algo que requeria palavras em vez de ações. Explicação em vez de demonstração.

Ele frequentemente as tinha arrumado para esquivar suas perguntas, evitando olhar com muita profundidade a raiz do problema, de por que ele era do modo que era, levando à cama, dizendo que a amava e mostrando quanto a necessitava. E ao final, talvez fosse porque ele não podia olhar dentro de si mesmo e trocar o que tinha que ser trocado, que não foi capaz de enfrentar a enfermidade de Kaylee.

Mas anos de fazer perguntas difíceis a médicos que tratavam Kaylee fazia Ariel mais resistente que nunca, menos capaz ou disposta a passar por cima uma evasão, ou escapar sem dizer o que ela queria saber.

Ainda assim, Ariel começou com o mais fácil, a pergunta menos importante... para ela.

— O que quis dizer ela quando disse que não havia nenhuma esperança de filhos?

Zeraac imediatamente ficou rígido, fechando os olhos contra a dor do que perguntava, forçando a resposta que a sair de seus lábios e odiando escutar as palavras em voz alta. Odiava reconhecer que era incapaz da tarefa, talvez a mais importante, que a Deusa e seu consorte tinham dado.

— Sou estéril. Fiquei assim por uma arma que soltaram os Hotalings em Belizair.

As sobrancelhas de Ariel se uniram.

— Não os permitem casar-se...? — *Não, eles não usam esses termos* — Não os permitem formar vínculos neste planeta, a menos que possam ter filhos juntos?

Komet teve piedade de Zeraac, e se uniu à conversa, preparado para enfrentar a dor de sua própria confissão.

— Até que a arma bio-genética foi solta em nosso planeta, os vínculos eram um assunto privado, e ainda hoje, seguem-no sendo entre os Vesti e os Amato, mas não quando se produz com uma mulher humana que leva o gen Fallon.

Agora foi a vez de Ariel ficar rígida, ao recordar as palavras anteriores de Komet. *Os Fallon se sentiram atraídos pelos seres humanos e se emparelharam com eles. Leva seus genes dentro de você, igual Kaylee.*

Uma nova onda de dor se precipitou através dela, junto com ira, e uma terrível sensação de traição.

— É por isso que você e Zeraac estavam na Terra. É pelo que nos trouxeram Kaylee e a mim aqui. Por que... — As palavras caíram pela confusão, pela imagem de Zeraac levando em seus braços Kaylee, com as bochechas molhadas pelas lágrimas, deixando-a confusa, incapaz de dar sentido à informação contraditória.

Ela se afundou, necessitava que a abraçassem, desejando poder escapar de tudo isso, dizendo que tudo estaria bem.

Como se sentisse sua disposição a escutar, a manter a calma, a considerar as palavras e esperar julgá-los, Komet disse:

— Nos sentimos, Ariel. As coisas que Zeraac e eu temos que te dizer são dolorosas para nós.



Seria mais fácil fazê-lo se nos permitisse... Te abraçar.

Ariel assentiu, sem resistir quando a guiaram para um móvel que, na Terra, poderia ter sido facilmente um banco elegante, de um desenhista escandalosamente caro, com um marco de cristal, um assento de algum tipo de tecido combinando com a cor do chão de pedra, embora o assento fosse mais alto do que ela estava acostumada. Sentou-se no centro, com Zeraac e Komet cada um do lado, com as asas relaxadas atrás deles, as pontas quase tocavam o chão. Cada um deles tomou uma das mãos, que estavam sobre seu colo, as pressionando contra as coxas, o calor dos corpos proporcionou tranquilidade.

Komet começou, com dor em sua voz quando disse.

— Haverá tempo mais adiante para que possa conhecer mais sobre meu clã, mas por agora, o importante é que saiba que alguns de seus membros foram os responsáveis por trazer um vírus que deixou tanto às mulheres Vesti, como Amato incapazes de trazer descendência. Por agora, nossos cientistas determinaram que a única maneira de evitar a extinção da raça, consiste em que aqueles varões que ainda não estejam unidos participem de um vínculo que inclua um varão Amato e outro Vesti, e uma mulher humana. Uma que leve o gen Fallon. Você é uma delas, Ariel, e o gen que leva te faz compatível com Zeraac. Devido que é sua companheira, era sua opção escolher um co-companheiro. Ele me honrou me permitindo unir com ele para te reclamar — Komet apertou a mão de Ariel, sem fazer nenhuma tentativa de ocultar a intensidade de sua emoção, a alegria que a união com havia trazido — Apesar que não existe nenhuma sanção oficial contra os Araquiel, e embora eu nunca me envolvi nos assuntos comerciais de meu clã, tinha poucas esperanças de obter uma companheira até que Zeraac me aceitou.

As lágrimas brotaram dos olhos de Ariel, não por ela, mas sim por ele.

— Komet — Sussurrou, tirando a mão da de Zeraac, de modo de poder puxar o cabelo marrom dourado de Komet e baixar o rosto para o seu, para dar um beijo nos lábios que comunicasse que o aceitava, e os inícios de seu amor por ele.

Ele gemeu, apoiando-se nela, aprofundando o beijo, encontrando tudo o que necessitava ou desejava em seus braços, na suavidade do corpo, na forma que tocou a alma e reclamou o coração com sua generosidade de espírito, com sua aceitação. A contra gosto permitiu que ela escapasse, afastasse-se, e se girasse para Zeraac, oferecendo o mesmo a seu outro companheiro de vínculo.

Zeraac a abraçou contra ele, com as bochechas úmidas pelas lágrimas, o coração contente por estar na intimidade de sua moradia, com a mente aliviada porque Komet não fosse o varão guerreiro Vesti co-companheiro de seu irmão... Lyan, embora ele ainda tivesse preferido que Komet não testemunhasse tal espetáculo de sentimentos.

— Está de acordo com... — Zeraac não podia obrigar-se a dizer as palavras outra vez, admitir seu fracasso, dizendo-o, deixando as palavras flutuar no ar, tão vis como a maldição que o convertera em algo menor do que uma vez foi.

— Zeraac — Disse Ariel, a voz tão suave como um sussurro — Não sou tão rápida como você para renunciar aos milagres. Sua chegada a minha vida, no momento que o fez, é prova suficiente para mim de que os milagres existem. Mas, se nunca tivermos mais filhos, se Kaylee for nossa única filha, não me importaria. Só tendo-a sã, vê-la crescer... Poder fazer todas as coisas que antes



nunca pudemos. Isso é suficiente para mim. Nunca houve nenhum espaço em minha vida para pensar em querer outro filho. Eu teria dado minha vida pela dela, Zeraac — Apertou as mãos de ambos, suspeitando que já sabia a resposta, mas querendo que eles a admitissem, tanto a ela, como a eles mesmos — Se ela for a única filha que para nós, será suficiente para vocês? Ou se zangarão e se amargurarão?”

A risada de Zeraac foi fraca, quando levou a mão de Ariel até a boca e beijou o dorso.

— Você sabe que ela capturou meu coração no primeiro momento. Eu também teria dado minha vida se com isso tivesse economizado o sofrimento ou para poder salvá-la.

Komet se inclinou e acariciou o pescoço de Ariel.

— Estou igualmente apanhado por nossa filha. E se o que Zeraac me diz é verdade, então não posso esperar para mostrar a Kaylee nosso mundo, e ensinar as formas de vida que há aqui.

Ariel sorriu, girando o rosto, para poder roçar com os lábios de Komet.

— Suspeito que não tem ideia de no que está se colocando. Kaylee tem um apetite insaciável, quando se trata de aprender sobre a vida selvagem.

— Acredito que estarei à altura — Murmurou, com voz rouca. Ele aprofundou o beijo, girando enquanto o fazia, levantando-se e reassentando as pernas a cada lado do banco, antes de puxá-la, de modo que se sentasse escarranchado sobre seu colo. Zeraac se colocou do mesmo modo atrás de Ariel, e depois começou a depositar beijos ao longo de seus ombros nus, enquanto a mão se situava entre o corpo do Ariel e Komet, para cobrir o seio.

Ariel gemeu, assombrada de como poderia crescer seu desejo tão rapidamente, não por qualquer homem, não só por sexo depois de tantos anos de abstinência, mas também por estes dois homens, pela alegria e proximidade que sentia quando se compartilhava a si mesmo com eles.

Durante vários minutos, esteve contente de ser sustentada entre eles, ser tocada e acariciada, adorada pelas mãos e lábios, com a sensação quente dos torsos nus contra o próprio peito e costas nuas, com o som da rápida respiração e o batimento do coração de seus corações, que pulsavam sincronizados, tão rápido como o dela mesma.

— Necessito a ambos — Sussurrou ela, deixando ver à verdadeira profundidade de sua necessidade, o desejo de ter ambos de uma vez, o que antes só tinha sido uma fantasia.

Zeraac grunhiu em resposta, a mão apertou o mamilo, o pênis cresceu contra suas costas, o tecido fino da roupa só era uma mínima barreira. Pressionou um beijo na junta entre o pescoço e ombro, encontrando dificuldades para deixar de tocá-la o suficiente, para retornar a seu quarto, e procurar o azeite de ritzca produzido pelos Vesti, para facilitar a união e aumentar o prazer ao tomá-la ao mesmo tempo.

Komet captou o curso dos pensamentos de Zeraac, e o próprio pênis sacudiu em resposta, antecipando, não só a união dos dois com Ariel e a oportunidade de vinculá-la mais estreitamente, e sim o uso do azeite de ritzca.

“Levanta-a e leve-a a nossa câmara privada” — Disse ele, com umidade na ponta do pênis, e a necessidade de penetrar Ariel crescendo além do que podia suportar.

Zeraac não necessitou maior pressão. Com um movimento suave, levantou-se do assento e



puxou Ariel para os braços, levando-a para o quarto.

Ela riu, com os lábios sobre os de Zeraac, a língua o persuadia esfregando, entrelaçando e fazendo amor no calor de suas bocas, como fizera com Komet. Esperava que Zeraac a deixasse cair sobre a cama, mas em troca, ele a deixou baixar lentamente até que esteve de pé, excitando-se com o toque do corpo contra o seu.

“Amada” — Sussurrou em sua mente — Enche meu coração como nenhuma outra tem feito.”

Ela ficou imóvel, terminando o beijo e afastando-se, só o suficiente para poder olhá-lo ao rosto. Podia sentir a verdade em suas palavras, podia ver em seu rosto, mas a imagem da bonita anjo vingadora, Amato, com as asas de cor vermelha, seu corpo escultural e seios bem formados, introduziu-se na felicidade de Ariel e trouxe um toque de dúvida. *“Inclusive Zantara?”*

“Ariel” — Sussurrou Zeraac, fechando os olhos, a pergunta, e as lembranças que trazia consigo, machucava sua alma, queimando-o grosseiramente, como se estivesse de pé no deserto, quando os três sóis se encontravam em seu ponto mais alto no céu.

Mas ele não se separou disso, em troca, compartilhou o momento mais doloroso de sua vida com Ariel. Deixando-a escutar as palavras que Zantara dissera.

Não posso me unir a você, Zeraac. Não agora. Prefiro esperar até que os cientistas tenham uma resposta, ou tomar outro companheiro. É melhor ter uma pequena possibilidade de engendrar um filho, que nenhuma possibilidade absolutamente. Nenhuma mulher quer falhar tão miseravelmente. Vincular-se a um companheiro, e depois não ver o fruto de sua união na forma de um filho.

E quando o fez, Zeraac abriu seu coração e mente ainda mais, deixando sentir de verdade como sua aceitação o afetava, a profunda alegria que tinha, não só por ter encontrado uma companheira de vínculo para compartilhar sua vida, mas também por ter Kaylee como filha.

Komet se aproximou, de modo que o corpo de Ariel estivesse pressionado entre o seu e o de Zeraac, a pressa anterior por tomá-la cedeu o passo, a uma emoção mais suave, mais doce, a necessidade de desfrutar simplesmente sua proximidade, o vínculo que nenhum dos homens pensou ter.

Durante um longo momento, permaneceram de pé perto da cama, desfrutando do calor, a confiança, o começo do amor... contentes até que a necessidade da carne de agir sobre esses sentimentos, cresceu dentro e entre eles. Mas inclusive então, o desejo não era feroz e urgente, mas sim, mas bem como o lento recheio de um poço, profundo e sustentado.

A mão de Zeraac se dirigiu para a face de Ariel, os nódulos roçaram as bochechas, ainda úmidas pelas lágrimas que derramara quando compartilhou suas lembranças com ela. *“Experimentaria, uma e outra vez, se essa dor me levasse de novo a você, Ariel — Disse, antes que os nódulos se movessem para a boca.*

Os lábios se separaram, e a língua saiu, acariciando a pele, fazendo que os olhos se obscurecessem, enquanto a atmosfera ia trocando entre eles. A boca de Komet chegou ao pescoço de Ariel, o pênis, voraz uma vez mais, quando as imagens dele mesmo afundando-se no pequeno canal de Ariel, deste apertando-se sobre ele e Zeraac empurrando em seu ânus,



encheram seus pensamentos, estendendo-se para os outros dois, o que fez Ariel estremecer, e Zeraac separasse para que assim pudessem subir na cama.

Komet tirou a roupa e depois tomou os quadris de Ariel, e deslizou a calça para baixo com um varrido suave, deixando-as agrupadas ao redor dos pés.

— É tão bonita — sussurrou, sabendo o que o fazia a ela escutar as palavras, incapaz de deter-se, pressionou o corpo nu contra o seu, baixando a boca até o ombro, enquanto as mãos se moviam para segurar os seios, puxar e brincar com os sensíveis mamilos, antes de ir mais abaixo, e explorar a úmida carne feminina, tão sedutora, que quase o enlouqueceu quando olhou as dobras depiladas. Queria afundar nela suas presas de emparelhamento, para sentir novamente seu desespero, quando o soro fluísse através deles no momento exato em que a semente brotasse de seu testículo, e emergisse através do pênis.

Zeraac deu um passo atrás, separando-se deles, para tirar a própria roupa, e tomar o azeite de ritzca de um compartimento oculto a um lado da cama, adivinhando, pelo pensamento anterior de Komet, que ele preferiria tomar primeiro a boceta de Ariel desta vez, mas enviou a pergunta de todos os modos.

Komet respondeu afastando-se de Ariel só tempo suficiente, para deitar-se, com as asas estendidas como um edredom de cor marrom clara na cama, o corpo de Ariel foi um contraste erótico, quando insistiu a subir escarranchado sobre ele. Enquanto ordenava com uma voz rouca pelo desejo

— Ponha meu pênis dentro de você, Ariel.

Ariel estremeceu, em resposta a visão debaixo dela, ao domínio de sua voz. Tomou o pênis na mão, gemendo ao sentir sua dureza e calor, a forma como pulsava contra sua mão, ficando ainda maior e com umidade brotando de sua ponta. Não pôde resistir a usar o polegar para estender as gotas de excitação sobre a cabeça sedosa, o coração galopou de prazer quando ele gemeu e se arqueou para cima, o rosto avermelhado pelo prazer extremo, quando apertou os dentes e renovou sua ordem com uma voz mais dura. *“Ponha meu pênis dentro de você, Ariel. Agora!”*

Ela obedeceu, mas não com a velocidade ou o rigor exigido por suas palavras. Só permitiu que a ponta sentisse a umidade e seu calor, com a intenção de deixar entrar o resto dele, pouco a pouco, em sua boceta. Mas ele não tinha nenhuma intenção de deixar que ela jogasse e brincasse com ele de tal maneira.

Komet se lançou para cima, chocando-se com o punho da mão e empurrando-se até o fundo dentro dela, a força da penetração fez Ariel gritar de êxtase, e cair para frente sobre as mãos, oferecendo os seios em uma tentação que ele não pôde resistir. Com um gemido, fechou-se sobre um duro mamilo avermelhado, sugando e mordiscando, enquanto as mãos acariciavam e seguravam as nádegas, esperando que Zeraac se colocasse em posição.

Quando Zeraac se uniu a eles, Komet deu ao mamilo de Ariel uma mordida aguda, antes de soltá-lo para deixar que Zeraac a empurrasse para baixo, ficando peito contra peito. O coração se emocionou quando os lábios imediatamente procuraram os seus.

“Agora” — Insistiu Zeraac, o próprio pênis estava tão duro, que insistia a apressar-se a penetrá-la, a necessidade era quase insuportável, quando Komet separou as nádegas de Ariel e os



olhos se detiveram sobre o pequeno e rosado buraco do ânus. De todos os modos vacilou, porque não queria assustá-la ou machucar, apesar de seu desejo de fazer isto. *“Fez isto antes?”* Perguntou, a pergunta escapou dos lábios, apesar de que odiou imediatamente a imagem que enviou em resposta, uma visão rápida de seu marido, utilizando o pênis e um brinquedo nela ao mesmo tempo.

“Isto será melhor” Resmungou ele, sabendo que era tolo sentir-se ciumento de uma lembrança, e, ainda assim, desejou fazer essa experiência tão boa para ela, que apagasse qualquer lembrança anterior.

Sem dizer uma palavra mais, estendeu o azeite ritzca em seus dedos e começou a preparar a entrada para seu pênis, o azeite se esquentava com o contato da pele, lubrificando, aumentando a necessidade, fazendo que cada terminação nervosa fosse mais sensível, mais consciente.

Ariel esteve ofegando em questão de segundos, abrindo as pernas mais amplamente e arqueando-se, retorcendo-se contra Komet, e suplicando quando o azeite deslizou para baixo, cobrindo a boceta e o clitóris.

“Ande depressa!” — Insistiu Komet, seu próprio controle era quase inexistente, tanto pelos movimentos de Ariel, como pelo assalto do azeite ritzca sobre o pênis, que demandavam que se precipitasse como um louco para a liberação.

“Já está quase” — Disse Zeraac, com o rosto tenso, os traços duros, as asas estendidas por cima deles, rígido pelo esforço de permanecer imóvel. O fogo do azeite era quase insuportável, enquanto, lentamente, introduzia o pênis em Ariel. Era quase mais do que podia suportar em combinação com sua diminuta abertura.

Para quando esteve totalmente situado, apertado fortemente por seu corpo, o pênis de Komet alojada contra o seu, separados por uma barreira quase inexistente, ofegou, ficou sem vontade, sem nenhum outro pensamento mais que fodê-la, unir-se completamente.

Com um gemido, insistiu a Komet a tomar as mãos de Ariel, para coloca-las na cama, de forma que os braceletes se tocassem, e depois que o fez, as mãos de Zeraac se entrelaçaram com as deles, seus braceletes tocando os deles, e os cristais Ylan alimentando a conexão, pulsando, cantando uma canção erótica, tecendo-os juntos, mais estreitamente de como fez na câmara de transporte, intensificando os sentimentos de uns pelos outros, e reforçando o correto de sua união.

Em harmonia perfeita, os três se moveram juntos, como se esta dança em particular tivesse sido coreografada especialmente para eles, como se sempre tivessem estado juntos dessa maneira, seus movimentos sincronizados, os sons de seu prazer combinado enchendo o quarto, enchendo seus corações, unindo-os tão profundamente, que sentiam como se não só seus corpos estivessem unidos, mas também as próprias almas. Gozaram em uníssono, estremecendo em uma liberação longa e deliciosa.

Depois fizeram juntos, felizes, uma mistura de asas, braços e pernas. Ariel sorriu ao ocorrer-se a ideia disso de que poderia começar a ronronar, sentindo-se lânguida e bem satisfeita. Alargou a mão, para acariciar e explorar com os dedos a asa de Zeraac, enquanto sua mente ia à deriva para a conversa anterior.



— Komet disse que os Fallon foram uma raça de troca formas alados que finalmente evoluiu a raças separadas. Podem trocar a outra coisa?

Zeraac esfregou sua bochecha contra o cabelo de Ariel.

— Não. Isso se perdeu para nós faz muito tempo. As asas são tudo o que fica. Por isso dizem as lendas, os diferentes clãs entre os Fallon começaram a favorecer uma forma sobre a outra, reproduzindo-se naquela forma em particular e considerando os outros inferiores, até que finalmente se converteram em raças diferentes em guerra entre si, até que houve uns poucos pares de cada raça. E assim, reproduziram-se fora de suas raças, mas no processo, perderam a capacidade de trocar de forma. Os Amato, alguma vez chamaram lar às cúpulas altas das montanhas. Viveram ali como aves de rapina similares às águias de seu mundo. Os Vesti eram mais parecidos com um morcego, em sua forma alternativa, reclamando as cavernas onde agora vivem frequentemente os curadores.

A mão de Ariel riscou a clavícula de Zeraac.

— Assim que tudo o que fica dos Fallon são duas raças. Os Amato e os Vesti?

Foi Komet quem respondeu, mordiscando o ombro antes de fazê-lo.

— Aqui em Belizair, sim. Mas existem aqueles, cujos antepassados favoreceram outras formas, diferentes às águias ou os morcegos, assim como outros planetas além do nosso.

— Que outras formas?

O braço de Komet descansava a seu lado, a mão se moveu para segurar seu seio.

— Na Terra, apareceram em seus mitos como dragões, fadas, ou antigos deuses — Os dedos apertaram fortemente um mamilo, fazendo que a boceta se apertasse também em reação. Ela riu, ainda saciada, embora já podia sentir sua necessidade começar a ressurgir. Uniu sua mão com a de Komet, entrelaçando os dedos, uma sacudida foi desde as mãos unidas diretamente ao clitóris, quando os braceletes se tocaram, convertendo a risada em um pequeno gemido.

— As pedras não fizeram isso antes — Disse ela, enquanto Komet dava uma dentada no ombro e o sugava depois, o pênis agitando-se contra as nádegas, e Zeraac movendo-se contra seu ventre.

— Antes não fomos companheiros vinculados — Disse Zeraac, tocando seu bracelete com os deles, enviando outro pulso de reconhecimento, de conexão, de união, através dos corpos — Como Komet disse antes, devido à presença de Kaylee, a cerimônia de união inicial formou um vínculo familiar, parecido ao que se levaria a cabo com motivo do nascimento de uma criança — Sua risada era rouca, completamente masculina, quando se inclinou sobre ela e a beijou antes de acrescentar — Mas o que temos feito juntos nesta cama trocou a natureza do que somos os uns para os outros.

O olhar de Ariel baixou até onde seus braceletes se tocavam.

— Penso que poderia passar toda uma vida estudando as pedras Ylan.

Ambos os homens riram. Zeraac disse

— Então, se encaixará muito bem aqui. Trata-se de uma fascinação em que participamos todos em Belizair. Um mistério que exploramos. Quando houver tempo, trarei aqui as pedras de minha coleção para que as veja.



— E eu — Disse Komet, a discussão desencadeou lembranças que Ariel não tinha convocado, permitindo que uma velha tristeza invadisse seu coração, à medida que os pensamentos piscaram brevemente para o passado, para Colin e a coleção de rochas das quais tinha estado tão orgulhosa uma vez. Muitas das quais tinham sido vendidas quando o dinheiro faltou, as poucas que não pôde suportar perder estavam dentro de uma caixa, e guardadas até o momento em que pudesse as olhar e recordar, sem tristeza ou dor.

“Amada” — Sussurrou Zeraac em sua mente, usando o método mais íntimo para expressar as palavras — *“O que está errado?”*

Ariel afastou as lembranças, concentrando-se em troca em outros artigos que tinham perdido, artigos igualmente inestimáveis para ela, os álbuns de fotos e as fotografias emolduradas que eram uma crônica da vida de Kaylee.

— O que acontecerá com nossas coisas na Terra?

— Serão reunidas, e as que deseje verdadeiramente, serão trazidas aqui — Disse Zeraac.

— E nosso repentino desaparecimento?

— Os caçadores de recompensas que trabalham para o Conselho, farão todo o possível para minimizar o impacto — Zeraac encolheu os ombros — Talvez façam parecer como que se foram de viagem, e depois decidiram que não queriam voltar para São Francisco. Em seu mundo parece singelo que uma pessoa se mude e não voltem a vê-la.

— É bem fácil — Ariel concordou, pensando nos pais de Colin, que viviam na Califórnia, distantes emocionalmente, separados deles, mesmo antes de que seu filho fosse assassinado, e os seus, um falecido, mas sem estar disponível mesmo que ela tinha estado viva, e outro ausente da infância.

Como fez antes, Ariel afastou os pensamentos das coisas que não podia mudar, nas que não valia a pena pensar, sobre tudo quando se encontrava na cama, ente dois homens magníficos que se consideravam seus maridos.

Maridos. Plural. Os pênis, um contra suas nádegas, e o outro contra o ventre, ambos eretos e duros, fazendo-a pensar em enormes sinais de admiração enfatizando o ponto.

Uma pequena risadinha escapou de Ariel, e depois uma risada mais forte. De repente se sentia muito excitada para ficar imóvel. Para estar abraçada.

Ela se retorceu, fazendo-os gemer quando os pênis se sacudiram.

— O que parece se tomarmos uma ducha? — Brincou ela, recordando a grande área no banheiro que tinha adivinhado se utilizava para esse propósito.

Zeraac sorriu, seu olhar encontrou o de Komet em um masculino intercâmbio silencioso, que fez que Ariel se tornasse cautelosa de repente, sobre o que tinha sugerido exatamente, sobre tudo, quando Zeraac rodou da cama e a levantou em nos braços.

— É nosso dever olhar por seu prazer, Ariel. Komet e eu não podemos fazer outra coisa, mais que atender suas necessidades na câmara de banho.

Ela sorriu, sabendo que, sem importar a natureza do que tinham planejado, podia confiar neles. Mesmo sem a influência das pedras Ylan, ela teria acreditado em que eles não fariam nenhum dano. Mas com as pedras... Ela estremeceu, o corpo tenso pela antecipação, pela



intensidade das emoções compartilhadas e as sensações que vieram com a união, que fazia de cada toque tão mais potente.

Zeraac a deixou de pé, no centro do espaço de ducha, embora o nome que tinha posto era inapropriado. A zona parecia ter sido construída de forma que ambos pudessem tomar banho juntos facilmente, com suas asas estendidas. Komet se uniu a eles e com uma ordem, uma porta oculta apareceu no lugar, formando uma parede perfeita, justo como havia passado na sala de estar.

O fôlego de Ariel ficou preso, quando uma segunda ordem foi emitida, e as paredes de cristal começaram a encher-se de uma fumaça cor cinza esbranquiçada no começo, depois mais escura, depois prata, até que brilhava como espelhos, capturando e refletindo sua imagem de pé, nua entre Zeraac e Komet, os mamilos apertados, a boceta inchada e a pele ruborizada.

— Tanto os Vesti, como os Amato são pessoas sensuais — Murmurou Zeraac, movendo-se para ficar de pé atrás de Ariel, com as mãos segurando os seios.

Desta vez foi ele quem deu uma ordem mental e puxou Ariel, seu olhar se dirigiu para o teto, onde duas cordas finas desciam e ela assumiu eram as cabeças da ducha. Mas antes que tivesse tempo para reagir, Zeraac atou as cordas ao redor dos pulsos, sua suavidade a surpreendeu quando eles investiram a direção, subindo, sustentando as mãos por cima da cabeça. Restringindo-a.

O coração de Ariel retumbou no peito. O ventre se agitou violentamente em um ritmo que competia com o pulso. Um gemido escapou da boca, e seu corpo se alagou de desejo.

Zeraac adivinhara que esta era uma das coisas que ela fez com Colin? Permitiu algemá-la. Tomar o controle completo dela fisicamente. Às vezes, até mesmo castigá-la.

Estremeceu, encontrando o olhar de Zeraac no espelho, e vendo a fome escura, como se soubesse o que ela recordava e queria apagar toda lembrança das relações sexuais que teve antes de que fosse dele.

Komet se moveu para colocar-se frente a ela, e as asas se abriram, relaxadas, a mão tomou um dosificador da parede, enchendo de sabonete líquido, antes de ajoelhar-se, enquanto os jorros de água quente saíam dos lados da cabine. A mão de Zeraac também se encheu de sabão, a voz era rouca quando repetiu o dissera no quarto.

— É nosso dever olhar por seu prazer, Ariel. Komet e eu não podemos fazer outra coisa, mais que atender suas necessidades.

Ela gemeu, quando Komet começou a ensaboar as pernas, movendo-se lentamente para uma boceta que já pedia a gritos seu toque, enquanto que as mãos de Zeraac se moveram pelos ombros, seus braços e ao redor do ventre, antes de seguir para cima, para os seios, que estavam cheios, pesados, e doloridos.

Era o céu e o inferno. O prazer e a dor. Ser tocada, mas não poder tocá-los. Ser levada a borda da liberação uma e outra vez, mas sem permitir chegar. A sensação, era ampliada, não só pelo vínculo que as pedras Ylan tinham forjado, mas também pelas imagens capturadas nas paredes de espelho. Não só deles banhando-a, com as mãos em seu corpo, em seus seios e no montículo depilado, também por vê-los ajoelhados diante dela, estendendo as pernas, colocando-



a de modo que ela visse o que eles viam quando olhavam a boceta excitada e inchada, com os lábios abertos expondo a carne rosada. As imagens as línguas e bocas enquanto a comiam, fazendo-a sacudir e gritar, gravaram-se ao vermelho vivo em sua mente, e em sua alma.

Estava tremendo, chorando, apenas incapaz de manter-se em pé, quando Zeraac soltou as cordas, pondo-a sobre suas mãos e joelhos, os jorros pulsantes de água atrás deles.

— Agora, olhe enquanto seus companheiros a tomam — Grunhiu, cobrindo o corpo com o seu, afundando o pênis de um só golpe, bombeando nela, com as asas estendidas atrás dele.

E ela olhava, fascinada, cativada, com seu próprio desejo ao máximo, não só pela sensação dele dentro dela, mas também diante a visão de um corpo alado cobrindo o seu, no erotismo puro de estar com um homem que luzia como ele, um cuja face mostrava cada matiz do prazer enquanto a fodia. Um prazer que se repetiu na cara de Komet quando a montou, depois que Zeraac saísse de seu corpo. O impulso de seu pênis dentro dela, renovava sua necessidade, seu canal se apertava em torno dele, faminto por sua reclamação, faminto de sua semente, seus corpos movendo um contra o outro, em um baile eterno para a liberação.

— Me vestir e me alimentar entram sob a categoria de “atender minhas necessidades”? — Perguntou Ariel, ainda sentindo-se lânguida, depois que a água se converteu em correntes de ar para que saíssem da ducha.

Zeraac riu entre dentes.

— Se fosse por nós, permaneceria nua.

Ariel sacudiu a cabeça. Homens!

Komet puxou contra seu peito, abraçando-a com um gesto de companheirismo.

— Te vestir significaria que nossas mãos subiriam por suas pernas outra vez, nos aproximando desse lugar que fascina tanto Zeraac como a mim, além de toda imaginação. Tal coisa nos atrasaria de comermos pela primeira vez juntos — Deu um beijo no pescoço — E se formos seguir olhando por suas necessidades, eu por minha parte, necessito um pouco de alimento para me sustentar em meus esforços.

Ariel colocou os braços sobre ele, os braceletes se tocaram, enviando um formigamento de prazer através dos dois.

— A comida então — Ela sorriu, com vontade de jogar, pensando que depois de comer, ela poderia devolver a bola para variar — Talvez quando terminarmos de comer, atarei-os um de uma vez, e cobrirei seus pênis com um pouco daquele azeite, e depois brincarei com vocês, como brincaram comigo, até que me peçam que os deixem gozar dentro de mim.

Ambos os homens riram, com sons roucos, indicando que não tinham medo de ficar em suas mãos. Zeraac se inclinou e pressionou um breve beijo em sua boca.

— Pode ser necessário que consiga umas cordas mais fortes, amada, já que até sem o azeite ritzca, o desejo de estar com você é suficiente, para romper as restrições que temos aqui.

Ariel começou a rir, divertida, com o coração transbordante.

— A comida é o primeiro, e depois veremos se suas demandas se mantêm firmes.

Retornaram ao quarto, os homens tentando convencer Ariel de que não necessitava as calças, mas ela insistiu, deslizando-se dentro delas notando outra vez como as cores igualavam aos



das pedras de seus braceletes.

— Usamos estas cores todos os dias? — Perguntou ela, depois de que voltassem para a sala, e chegassem à área que servia como cozinha.

— Não, hoje é nosso dia de vinculação, é a tradição levar as cores de nossos braceletes, embora o irmão de Lyan não podia ter sabido, que Komet e eu necessitaríamos roupa que combinasse com seus braceletes — Disse Zeraac, surpreendendo Ariel ao abrir uma porta de gabinete incorporada à parede, e feita com dobradiças.

— Como é que a porta do gabinete não aparece sozinha, como a da rua ou a da ducha? — Perguntou Ariel divertida.

— Aquelas que requerem uma certa quantidade de energia, mas não se abrem e fecham muitas vezes durante o dia, como poderia acontecer com um armário — Tirou uns pratos de cerâmica, pondo-os sobre a mesa. Fazendo uma pausa para dar um beijo rápido — Sente-se. Prepararemos algo de comer.

Ariel se sentou em algo parecido a um amplo tamborete, fazendo uma careta. Teria que adaptar-se ao mobiliário se tinha que viver com homens que tinham asas. Queria sentar-se em algo no que pudesse apoiar as costas!

Komet preparou uma bandeja de frutas e pão, colocando-a sobre a mesa, a seguir se retirou para procurar uma jarra de água, e outra que possivelmente continha suco, embora sua cor fizesse pensar alguma bebida alcoólica. Durante um momento comeram, os homens oferecendo pequenos pedaços de fruta, alimentando-a à medida que nomeavam os mantimentos, rindo entre dentes quando ela tirava o sarro ao morder e tocava com sua língua os dedos. Quando se encheram finalmente, os pensamentos de Ariel voltaram para sua linha anterior de interrogatório.

— As cores das pedras Ylan significam algo?

— Às vezes — Disse Zeraac, seu olhar fixo nos braceletes, de novo assombrado, ao ver o azul e verde das pedras Ylan de Komet, assim como um espionista dos cristais sagrados, entrelaçados com os seus próprios de cor ouro.

Komet remontou um dedo ao longo do bracelete de Ariel, agradado por como fascinada ela estava com as pedras Ylan. Ia desfrutar buscando-as com ela — De algum jeito, são similares às gemas que entesouram na Terra. Umas são mais estranhas que as outras. Algumas têm diferentes qualidades, embora todas são uma fonte de poder. Quando nascemos, uma parte das pedras Ylan que pertencem a nossos pais, emigram a nossos braceletes, servindo e nos protegendo até que chegamos a adultos. Quando alcançamos um certo ponto, começam a desaparecer e escolhemos nossas próprias pedras.

Ariel se inclinou para frente, fascinada.

— Como?

Komet riu.

— Só posso falar por mim mesmo, e em menor medida, pelos Vesti. Todos colecionamos pedras Ylan. Alguns tropeçam com as pedras que reclamarão na vida adulta através do comércio, outros como um presente, outros, como eu, as encontrando à medida que explorava Belizair. Logo que as descobri, soube que quando chegasse o momento, eu gostaria de colocar em meus



braceletes, as pedras Ylan que encontrei e que encheriam o lugar onde as pedras de meus pais tinham estado.

— Como sabe quando é o momento?

Komet negou com a cabeça.

— Só sabe, Ariel. É quase como se a montanha te chamasse como faz aos curadores, e não tem mais remédio que ir. Embora não tem outra opção, mais que deixar desaparecer as pedras antigas e que as novas ocupem seu lugar.

Ariel voltou sua atenção para Zeraac.

— Foi o mesmo para você?

— Só que também foi nas montanhas. Para os Amato, a escolhas das pedras que levaremos até a morte, é uma tarefa sagrada da Deusa e seu consorte, mais que de cada um de nós. Quando entramos nas montanhas, ao chegar à idade adulta, as pedras de nossos pais nos abandonam, então estamos desprotegidos, livres, só para refletir sobre os quais somos, para pôr um rumo a nossa vida e encontrar a graça com a Deusa. Alguns ficam nas montanhas durante só umas horas antes de encontrar o favor, a própria força de vida do consorte, na forma das pedras Ylan. Outros permanecem durante uma semana, ou mais.

Ariel estremeceu.

— E alguns nunca saem das montanhas?

Zeraac levou a mão para sua boca, pressionando um beijo nela.

— No que levo de vida não aconteceu.

— Mas aconteceu no passado.

Ele assentiu, e uma lasca de medo se cunhou no coração de Ariel.

— Kaylee terá que ir às montanhas quando for mais velha?

Komet tomou a outra mão de Ariel.

— Não podemos saber com certeza, já que é a primeira menina humana que trouxemos aqui. Mas há muitos anos para prepará-la, e seu amor pelo mundo natural fará que a tarefa seja um prazer para todos nós. Não se preocupe desnecessariamente. Em nossa vida, ninguém que tenha entrado nas montanhas ao chegar a ser adulto se perdeu.

Ariel assentiu, afastando o medo por Kaylee, repreendendo-se brandamente, e enquanto o fazia, também maravilhando-se diante o milagre de que Kaylee tivesse um futuro mais à frente do minuto seguinte, da seguinte hora, e de outro dia para preocupar-se.

Zeraac mordiscou seus nódulos, com os olhos dançando com picardia.

— Agora, amada, acredito que nos desafiou. Deveríamos voltar para o quarto e pôr a prova a resistência das cordas que há na gaveta da cama?

O corpo de Ariel respondeu imediatamente. Os mamilos responderam por ela, enrugando-se em nós duros, tensos, e chamando a atenção dos homens que se inclinaram e tomaram cada um, um rosado casulo na boca sugando-o. Ela se arqueou contra eles, com os dedos enredados no cabelo, enquanto os sustentava contra os peitos por um longo momento, até que quase esteve pronta para atirar de sua calça e colocar a si mesma sobre a mesa para que a pudessem tomar ali mesmo.



“Uma ideia atraente” — Disse Zeraac, deixando saber que seus pensamentos escaparam, outra vez.

“Uma que certamente exploraremos mais adiante” — Komet concordou, dando um último puxão do mamilo, antes de ficar de pé.

Zeraac também se levantou, puxando Ariel para que ficasse de pé. Uma risada escapou dela quando as mãos foram aos quadris como se pretendesse baixar a calça e procedesse a tomá-la sobre a mesa. Mas antes que eles pudessem fazer algo mais, o salão se encheu de sons de sinos, terminando instantaneamente com seu estado de ânimo brincalhão.

Komet se dirigiu para a parede que continha à porta escondida, enquanto Zeraac e Ariel o seguiam, parando no centro da sala de estar. O temor de repente encheu Ariel, a convicção de que nada bom esperava do outro lado. Estremeceu, cruzando os braços sobre os peitos, sentindo-se vulnerável, quando segundos antes se sentia poderosamente feminina.

Capítulo 9

A porta se formou novamente onde não havia nenhuma abertura óbvia, e o peito de Ariel se apertou diante a visão das três pessoas que estavam ali, todos com expressões sombrias nos rostos. Zeraac estava rígido a seu lado e perguntou.

“Quem são?”

“Não conheço o homem, mas ambas as mulheres, Amato e Vesti, trabalham para o Conselho.”

O varão Amato parecia incômodo, enquanto seu olhar se movia de Ariel a Zeraac, antes de dizer.

— Me perdoem pelas notícias que trago em seu dia de vinculação. Sou Galil d’Amato. Um protesto se apresentou contra esta união e o Conselho me enviou para informar e recolher algumas amostras.

Komet se moveu para o interior, com o movimento convidando Galil e a suas duas companheiras a entrar, mas Galil negou com a cabeça.

— Uma vez mais, sinto muito. Esta não é minha decisão. Antes que possa entrar em sua moradia, devo dizer que até que o assunto da veracidade de seu vínculo se resolva, sua companheira Ariel deve alojar-se em outro lugar. Será permitido visitá-la todo dia, por separado ou juntos, mas o Conselho reconhece que o laço de vínculo se aprofundará e sua dependência crescerá, se ficar com vocês. Por isso puseram limites.

O medo atravessou Ariel, afastando seu mal-estar por ter os peitos ao descoberto, assim descruzou os braços e alcançou a mão de Zeraac, desejando desesperadamente que dissesse que tudo ia estar bem, mas ele não disse isso. O que disse em troca foi, *“Confia em mim, amada, não te fará nenhum mal aqui em Belizair.”*

— Onde têm a intenção de levá-la? — Perguntou Komet.



Galil indicou às mulheres que estavam com ele.

— Ficaré com Shiraz d’Vesti e Paraisio d’Amato. Elas se ocuparão de sua segurança e garantirão sua comodidade.

Não! O coração e a mente de Ariel gritaram em protesto.

— E se me nego a ir? — Disse ela, incapaz de ocultar um ligeiro tremor em sua voz — Tirão-me arrastada daqui como se fosse uma prisioneira?

Um brilho de compaixão apareceu na face de Galil, e talvez na de Shiraz também, mas ele não respondeu à pergunta de Ariel diretamente. Em troca disse:

— Não é um castigo. E como disse Zeraac e Komet, será permitido te visitar diariamente. Também é livre de explorar Winseka enquanto permaneça acompanhada de Paraisio ou Shiraz. Há outras mulheres humanas aqui. Pode se reunir com elas, se desejar.

— Quem deu a queixa, e qual é a natureza exata da mesma? — Perguntou Komet, desviando a conversa. Sua voz estava cheia de resignação, por isso o medo penetrou mais fundo no peito de Ariel.

— Raym d’Amato. Ele põe em dúvida, em primeiro lugar, se Ariel for, em efeito, a companheira para um de vocês e solicita novas provas de DNA, extraídas aqui em Belizair. Pergunta-se, em segundo lugar, se ela veio por sua própria vontade, aceitando ambos como seus companheiros antes de ser transportada, como exige a lei do Conselho — Galil se moveu desconfortavelmente — Em terceiro lugar, ele sustenta que o que melhor serve a ambas as raças, é deixar à parte o vínculo, se resultar que uma mulher humana com o gen Fallon se une a um companheiro... Se não tiver possibilidade de que cheguem filhos de sua união.

A dor, como uma lança, atravessou Ariel, e apertou a mão de Zeraac, com vontades de voltar-se e abraçá-lo, tranquilizá-lo uma vez mais, dizer que para ela era suficiente, e ao Komet, que era um companheiro maravilhoso e bem-vindo, que ela não tinha a necessidade de ter um filho para ser feliz com ambos.

Os pensamentos sobre Kaylee a encheram de uma nova preocupação, fazendo suas palavras agudas, com medo a seu ataque, embora soubesse que Galil era só o mensageiro e não a força por trás do que estava acontecendo.

— Assim, o único interesse de sua gente por nós é como éguas de cria? Que não sejamos felizes aqui não tem importância? Estaremos livres uma vez que tenhamos servido a nosso propósito?

Um horror verdadeiro cruzou o rosto de Galil e deu um passo para trás. Zeraac intercedeu então, limitando-se a dizer:

— Talvez fosse melhor se nos permitissem uns momentos para falar com nossa companheira de vínculo.

— Esperaremos debaixo dessas árvores — Disse Galil, com alívio na voz.

A parede de cristal se fechou e Komet se uniu a Zeraac e Ariel, tomando a mão na sua.

— Lutaremos contra isto. Há doze membros no conselho, seis Amato e seis Vesti. O clã de Zeraac sempre foi respeitado, por isso haverá aqueles que apoiem seu direito a formar um vínculo — Vacilou antes de acrescentar — Dois dos membros do Conselho são curadores. Acredito que é



provável que eles também nos apoiem. Sobre tudo quando conhecerem Kaylee.

A preocupação por sua filha afogou Ariel, de modo que já não era suficiente que eles sustentassem sua mão, e como sentindo isso ou necessitando mais eles mesmos, tanto Komet como Zeraac fizeram girar seus corpos, pressionando-os contra o dela, as asas jogadas para frente para que Ariel se sentisse como se estivesse em um casulo suave de pele masculina, plumas aveludadas.

— Não podemos partir e ir onde Kaylee está? — Sussurrou, com a esperança de ter uma resposta diferente a que sabia que foram dar.

— Eu adoraria poder fazer assim — Disse Zeraac — Mas só atrasaria a luta, e ao fazê-lo, poderíamos perder o apoio de alguns dos que estejam de nosso lado.

Ela estremeceu.

— Realmente podem me levar longe de vocês e me entregar a outros dois homens?

Komet a manteve abraçada.

— Poderiam decidir que esta união não deveria seguir, mas não podem te obrigar a emparelhar-se com outros varões, Ariel. Mesmo se encontrarem outro que coincida com seu gen Fallon, a opção para aceitá-lo ou não seria sua.

— O que aconteceria a Kaylee?

Komet depositou um beijo no ombro de Ariel.

— Nada mudou, amada. Os curadores se ocupam dela e depois será tratada pelos cientistas, enquanto esteja sob nosso... Seu cuidado. Apesar de que Galil não falou dela, nunca foi nossa intenção ocultar a existência de Kaylee. Mas agora, o Conselho saberá antes do que provavelmente teriam feito por sua conta, e é possível que se envolvam, embora seja a longo prazo, e isso será o melhor para ela, já que têm mais recursos ao seu dispor que nós.

As gretas de preocupação no peito do Ariel se converteram em um abismo. Não tinha considerado nunca o custo de curar Kaylee. Na Terra, ela teve mais sorte que muitos. O seguro de Colin devia pagar a maior parte da atenção médica de Kaylee, mas mesmo assim, o que ficava por pagar, a obrigará viver com um orçamento apertado. E se...?

“Não se preocupe por esses assuntos, Ariel” — Disse Zeraac, tampando a boca com a sua com um beijo — “A saúde do Kaylee é fundamental para todos nós. Não há nenhum “honorário” por curá-la. Por recursos, Komet só quer dizer que quando os cientistas comecem a tratá-la, poderia ser melhor se o varão cujos gens coincidam com o marcador Fallon de Kaylee, tivesse sido localizado. Não pretendo entender o que terá que fazer, mas sei que para sua felicidade futura, é importante que não se faça nada que possa interferir com sua capacidade de ter filhos sãs.

Ariel fechou os olhos e se relaxou contra seu corpo, concentrando-se unicamente, por um momento, em seu aroma, seu calor, e o contraste de músculo duro oculto sob as texturas suaves.

— Não quero outros maridos. Só a vocês dois. Os dois são perfeitos para mim. E não quero outros pais para Kaylee.

Komet esfregou a bochecha contra seu cabelo.

— Sabe que vamos fazer todo o possível para manter o vínculo intacto. E ainda quando as regras do Conselho estejam contra nós, sempre existe a possibilidade que nem os juízes Vesti,



nem os sacerdotes Amato, sejam capazes de fazer cumprir o decreto, conseguindo separar as pedras Ylan, ao chama-las de novo para que residam nos braceletes originais. Nunca vi tal mistura, onde não só nossas pedras Ylan passaram aos braceletes de Kaylee e os seus, mas sim algumas de Zeraac se mudaram aos meus, e algumas das minhas às de Zeraac, e os de seus braceletes ou as de Kaylee, ou talvez ambas, moveram-se também a nossos braceletes.

— O que acontece agora? — Perguntou Ariel.

Komet suspirou.

— Acredito que o conselho deseja esperar que Kaylee esteja bem, antes de reunir-se. Quando o fizerem, estaremos presentes e nos permitirá falar, então, ao igual ao faz o Tribunal Supremo, primeiro votaram sobre considerar ou não o protesto.

— Mas não há escolha. Tenho que ir com Galil.

— Não, não há opção nisso — Disse Zeraac — Mas não tem por que ser algo terrível, Ariel — O corpo era firme sob sua bochecha, como se ele a enchesse de uma nova resolução — É livre para explorar, aprender mais a respeito de nossa gente e nossos costumes. Fazer amigos aqui. Visitaremos-a com tanta frequência e durante tanto tempo como nos permitam. E quando não estivermos com você, então estaremos fazendo tudo em nosso poder para que o desafio a nossa vinculação com você seja deixado de lado.

Por uns segundos, suas palavras encheram Ariel de confiança e valentia, mas com a mesma rapidez, um medo frio se introduziu nela, quando as palavras de Galil se repetiram em sua mente. *Pergunta se, em segundo lugar, se ela veio por sua própria vontade, aceitando a ambos como seus companheiros antes de ser transportada, como exige a lei do Conselho.*

Tanto Zeraac como Komet ficaram rígidos diante a lembrança de Ariel, que se estendia como um poço perigoso entre eles. A inquietação a encheu, diante a perspectiva de ser interrogada. Uma intenção se formou, mas pelo modo que seu coração saltou, fez duvidar o suficiente quando Komet disse.

— É um tesouro para nosso mundo, Ariel. Ninguém te perguntará formalmente até que o Conselho tenha decidido considerar a denúncia. Inclusive então, não se esperaria que você responda com a mente às perguntas, sem a proteção da palavra falada. Mas em nosso mundo, uma mentira é descoberta facilmente, e a honra de um mentiroso fica deslustrada, sua companhia se considera indesejável.

Ariel assentiu, escutando tanto suas palavras boas, como as tácitas.

— Então devo tomar cuidado sobre o que digo exatamente... Ou não digo.

A tensão deixou os corpos de Komet e Zeraac, e durante vários minutos, os três permaneceram de pé, sabendo que não podiam adiar o inevitável por muito mais tempo. *“Só tenho um favor que lhes pedir” — Disse Ariel — “Acredito quando dizem que Kaylee está bem, mas poderia um de vocês ir e inteirar-se como está? Necessito que me digam que a viram. Que o Conselho não a levou longe dos curadores.”*

“Eu irei Ariel” — Disse Zeraac — “Talvez enquanto esteja ali possa falar com os membros do Conselho que também são curadores.”

Ariel assentiu, abraçou-o antes de levantar o rosto, e encontrar um beijo completo, o toque



de sua língua contra a outra, foi tão reconfortante como estimulante. “Amo-te” — Disse antes de afastar-se e girar, suas mãos se colocaram aos lados de Komet, os olhos olharam os seus, vendo além da beleza de seus traços, a necessidade que ele tinha de que o amasse também.

As lágrimas brotaram dos olhos de Ariel, enquanto espontaneamente, quando se lembrou das imagens da casa das borboletas, Komet acariciando as costas de Kaylee, pressionando seu próprio lenço em sua boca e animando-a a cuspir. Sabia que seu matrimônio, seu vínculo, poderia ser impugnado, e poderia perder não só a sua companheira, mas também a uma filha, e, entretanto, arriscara seu coração, talvez até sua honra, com o fim de trazê-las para seu planeta.

Amo-te — Sussurrou em sua mente, pressionando seus lábios nos de Komet, persuadindo-o para que abrisse a boca, unindo a língua com a sua. Como poderia não amá-los, quando o vínculo forjado pelas pedras Ylan permitia sentir a intensidade de suas emoções e a profundidade de seu carinho, tanto por Kaylee como por ela. “*Nunca esperei ter dois maridos, mas há espaço mais que suficiente em meu coração para vocês dois.*”

Os braços a atraíram para ele, abraçando-a com força, enquanto aprofundava o beijo, vertendo suas emoções na alma, crua e dolorosamente honesta.

Com a necessidade de respirar, surgiu a de fazer frente ao que teria que enfrentar. Foi Zeraac que abriu a porta desta vez, convocando mentalmente Galil e a seus acompanhantes.

— Estamos preparados — Disse ele, quando chegaram à porta, desta vez entrando na moradia.

Galil tirou um pequeno instrumento de seu bolso e ofereceu um sorriso a Ariel.

— Se me der sua mão, tomarei umas quantas gotas de sangue. É tudo o que necessito.

Ela ofereceu a mão e uma desculpa.

— Sei que você preferiria não estar fazendo isto. Sinto muito, fui muito dura com você antes, Galil.

Ele assentiu, colocando o instrumento no dorso da mão sobre uma veia visível, e em questão de segundos, a pequena cápsula clara se voltou vermelha.

— Obrigado — Disse, tirando o instrumento, seu olhar se encontrou com o dela, suave pela compaixão — Shiraz e Paraisio a levarão agora.

Por um segundo, o coração de Ariel se sentiu como se o tivessem agarrado. Os pulmões ardiam, bloqueando sua voz e a respiração por igual. Sentia-se cravada ao chão, incapaz de mover-se, de responder.

Então, a voz doce de Kaylee encheu sua mente e a encheu de coragem e orgulho, como fez quando viu as costas de sua filha endireitar-se e voltar os passos para os anciões curadores que estavam esperando para levá-la com eles.

Só será pouco tempo, mamãe. Ambas podemos ser valentes.

Sei pequena. Podemos ser valentes, e a próxima vez que nos vejamos, pensaremos em algo que fazer, algo que nunca fomos capazes de fazer antes.

Ariel respirou fundo, com um estremecimento deu tanto a Komet, como a Zeraac um último abraço e beijo, antes de assentir às mulheres que esperavam, dizendo:

— Já estou pronta para ir.



“Quantos se reuniram em Winseka?” Perguntou Zeraac, contente por poder chegar à mente de Galil com a sua, certo que seria incapaz de falar através da garganta, que parecia ter duas mãos apertando ao redor dela.

“Todos exceto os curadores e Miciah d’Vesti. Ele retornou recentemente a sua casa, agora que as chuvas começaram de novo. Tomará tempo para que os mensageiros do Conselho cheguem a ele.”

Galil tirou do bolso, dois instrumentos para recolher amostras, e Zeraac ficou rígido diante a visão de um deles, embora ele sabia que se requereria uma amostra de sêmen. *“Tomarei primeiro o sangue” — Disse Galil — “E te permitirei intimidade, se desejar, para a segunda mostra” — Concentrou sua atenção em Komet — “As mesmas amostras requerem de você. Embora não está registrado entre os que desejavam ser emparelhados com uma fêmea humana, suponho que sabe como usar o equipamento e tomar uma amostra de esperma.”*

Komet fez uma careta e assentiu.

Ariel ficou atônita diante a beleza que a rodeava. Não tinha esperado... Não, isso não era certo... Nem sequer pensou a respeito da aparência da cidade.

— É Lindo — Ela disse, fazendo uma pausa para olhar os edifícios, que pareciam como se tivessem sido feitos de cristal, com as cores do arco íris, conectados uns com outros por elegantes arcos.

Em todas as partes que olhava, havia flores que recordavam as tulipas de cores, e árvores que recordavam às palmeiras, apesar de que não deveria tê-la surpreendido pelo deserto que os rodeava, parecia estar em um oásis rodeado, primeiro por dunas de areia amarela e vermelha, e na distância, pelas montanhas muito altas, impressionantes, seus picos de gelo branco eram imponentes. Estremeceu-se, perguntando-se por que parecia tão inóspita agora, quando não o tinham parecido da janela.

Como se tivesse notado sua reação, a mulher Vesti Shiraz, disse:

— Os Amato chamam a esta parte de Belizair, o lugar do nascimento da Deusa — Sua mão se moveu para as montanhas — E aqueles são os Braços do consorte — Encolheu os ombros — Os Vesti não têm um nome especial para eles, mas compartilhamos uma verdade com os Amato. As montanhas nos dão à bem-vinda, só por curtos períodos de tempo, depois nos põem doentes e devemos abandoná-las.

— Exceto os curadores — Disse Ariel, recordando as palavras anteriores de Komet. *As montanhas chamam aqueles com o talento de curar, e eles respondem partindo das cidades, e vivendo em pequenos enclaves, e servindo a todos os que pedem sua ajuda.*

Shiraz assentiu.

— Sim, só os curadores têm seus lares nas montanhas.

As sobrancelhas de Ariel se juntaram.



— Assim todos outros vivem aqui?

— Não. Há três caminhos separados através das montanhas. Dois levam às férteis regiões de cultivo que chegam até o mar. E o outro leva a selva, que só os Vesti viram adequada para viver nela.

A mulher Amato estremeceu, e arrepiou as plumas, parecendo ter chegado a uma decisão interna e agora parecendo mais relaxada e acessível, por isso se uniu à conversa.

— O mau dessa região é que faz que nossa pele se faça mais clara e se meta em nossas asas. É por isso pelo que não nos encontrará por ali.

Ariel tocou um dos braceletes.

— Assim quando desejam ir a um lugar, simplesmente vão. À exceção de quando querem ir a outro planeta, então usam a câmara portal.

— Tem razão em algumas coisas — Disse Paraisio, arrepiando suas asas uma vez mais — Podemos usar nossas próprias pedras Ylan para nos mover, mas nos drena de energia, e leva um tempo conseguir substituí-la. Assim, com mais frequência, escolhemos voar quando estamos dentro de uma cidade. Nossas distâncias não são tão largas que não possam ser dirigidas. O portal pelo que chegou foi construído por nossos antepassados, e muito de seu conhecimento se perdeu desde que os Fallon existiram. Só têm permissão para usá-lo os que vão a Terra. Se levar a outros lugares, nossos cientistas ainda têm que descobrir os caminhos. E embora o portal daqui não se pode mover, as câmaras da Terra sim, sempre e quando se colocarem as pedras na ordem correta. Quando se requer viajar a outros planetas para fazer negócios, então está acostumado a ir à cidade de Tarlifah onde temos naves para esse fim.

Ariel não podia deixar de tremer. Isto era real. Isto era real. E, entretanto, pensar em outros seres, em outros planetas, parecia algo surrealista.

— Então... Tarlifah é algo assim como seu Cabo Canavial? Ou é mais parecido a um enorme aeroporto aonde os viajantes vêm e vão?

Paraisio franziu o cenho.

— Não me preparei para visitar seu planeta, por isso não entendo seu primeiro termo. Mas talvez consideraria o lugar onde nossas naves estão como um aeroporto. Embora um muito pequeno. Só aqueles aos que a Deusa e o abraço de Ylan permitem usar pedras, está permitido vir aqui. Não há nenhum visitante em nosso mundo. Os únicos que vivem aqui são os Vesti, os Amato, e as mulheres humanas como você, cujos antepassados uma vez se acoplaram com um dos Fallon.

— Não deixam ninguém mais vir aqui?

— Não nos corresponde decidir. É a Deusa e Ylan quem governam.

Ariel se voltou um pouco para enviar um olhar interrogador a Shiraz. A mulher Vesti encolheu os ombros.

— Nós não compartilhamos a religião dos Amato. Mas o que Paraisio diz é verdade — Ela tocou os próprios braceletes — Sem as pedras Ylan, não há forma de entrar ou sair, nem sobreviver aqui. Qualquer que tentasse se converteria em partículas tão pequenas que nem um sacerdote Amato, nem um curador poderiam trazê-lo de volta a sua forma verdadeira.

Era espantoso, algo saído de um filme de terror, mas Ariel já notara que não havia forma de



tirar os braceletes, salvo cortando as mãos ou os braços, e depois deslizá-los fora. Não pôde evitar dizer:

— Mas, o que impede que qualquer mate a um de vocês, ou o mutile, enquanto estejam em outro planeta, e tome os braceletes?

Shiraz negou com a cabeça.

— As pedras é os que as levam são um só ser. Não há nenhum modo de separá-los.

As sobancelhas de Ariel se uniram, mas o coração sacudiu ao reconhecer a verdade. Recordou a sensação estranha, desconcertante, que experimentara quando Komet e Zeraac deslizaram pela primeira vez os braceletes em seus pulsos. E ainda mais profundo que o que tinha experimentado na Terra, foi quando se uniram entre si, com as mãos juntas na cerimônia de sua vinculação.

E, entretanto, pareciam pedras, e as pedras não estavam vivas. Ao menos não na Terra. Mas a Terra, não era possível o uso de pedras como fonte de energia com o fim de desaparecer e reaparecer.

— Então as pedras Ylan são simbióticas?

Shiraz franziu o cenho

— Não estou certa que seja a palavra correta. São necessárias para nossa sobrevivência, e, no entanto... — Ela encolheu os ombros — Talvez Paraíso te possa levar a visitar os sacerdotes ou sacerdotisas Amato e possam explicar isso melhor. Os Vesti nunca foram uma raça de perguntar como os Amato. Nós aceitamos que nosso Deus nos proporcionasse isso antes de ir a outros mundos, e as usamos com prudência.

Ariel negou com a cabeça, surpreendida porque nesse caso, seres separados pelos ensinamentos religiosos de seu próprio mundo e dois sistemas de crença, tivessem um ancestral comum.

— Você gostaria de passear por aqui e ver algo mais da Winseka? — Perguntou Shiraz — Ou prefere tratar de organizar uma visita com alguma outra pessoa proveniente da Terra?

— Caminhemos e falemos um pouco mais — Disse Ariel, percebendo que a opressão de seu peito desapareceu, e apesar de estar longe de Zeraac e Komet, apesar dos problemas que teria por diante, estava desfrutando de aprender e explorar sobre este novo mundo.

Mesmo nas montanhas, Zeraac, podia sentir a subida do terceiro sol. Refugiaria-se e descansaria entre os curadores. Mas em primeiro lugar, queria visitar Kaylee.

Sua filha. Ele já pensava nela como tal.

“Ouvir-o?” Perguntou ao curador mais velho Amato, que tinha vindo ao portal procurar Kaylee.

“Sim, a notícia nos alcançou muito antes que você o fizesse” — O ancião sorriu — “Aqueles de nós que compartilhamos este enclave, agradecemos a você e a Komet por trazer Kaylee para nós. Ela se parece com uma estranha pedra Ylan, é um tesouro delicioso que somos privilegiados de tê-la, embora seja só um tempo.”

“Senti-me como você o faz, do primeiro momento que a vi.”



“Sua mãe te pediu que se assegure que o Conselho não a levou?” — Diante a expressão surpreendida de Zeraac, o curador riu — “As mães são iguais sem ter em conta sua raça. Veem, sua filha descansa, mas dará a bem-vinda a sua visita.”

Sem dizer outra palavra, guiou Zeraac através de um antigo labirinto de passagens subterrâneas, as paredes, com pedras Ylan de tons profundos, e símbolos e padrões que alguma vez tiveram algum significado para os Fallon.

— Zeraac! — Gritou Kaylee quando o viu, o corpo saltou para sentar-se, antes que um espasmo de tosse a fizesse inclinar-se sobre os joelhos.

Ele se moveu para sua cama, a mão foi imediatamente as costas, esfregando-a, oferecendo consolo. Lembranças da Terra se precipitaram sobre ele, deixando-o indefeso, por um instante, com medo por ela.

— Toma as coisas com calma, pequena — Repreendeu o curador, sua voz um pouco preocupada — Ou vai desfazer tudo o que obtivemos hoje.

A tosse se deteve e Kaylee se jogou nos braços de Zeraac, enquanto ele se sentava na borda da cama, abraçando-o em um apertão que faria orgulhoso a um guerreiro.

— Sabia que alguém viria para saber como me encontro.

Os braços a rodearam, abraçando-a com força, enquanto enterrava o rosto em seu cabelo suave, vencido pelo amor por ela. Além de Ariel, era a coisa mais preciosa que tinha em seu mundo. Antes que as duas entrassem em sua vida, nunca imaginou que poderia sentir esta profunda emoção.

Quando o abraço terminou, disse:

— É melhor que se deite ou o curador me dirá que devo partir, antes que tenhamos a oportunidade da visita.

Kaylee riu e se recolocou na cama, atirando ligeiramente do lençol para cobrir o peito nu, a visão das cicatrizes ainda apunhalava o coração de Zeraac.

— Já me sinto muito melhor — Disse — Até comi hoje sem necessidade de tomar medicamentos para me ajudar a digerir — Seu nariz enrugou — É verdade? Não há Happy Meals¹ aqui?

As sobrancelhas de Zeraac se uniram.

— Pode ser feliz com as comidas se desejar. De fato, agradaria a sua mãe, ao Komet e a mim, se víssemos que está desfrutando de todo o tempo.

Kaylee riu a gargalhadas, agarrou pelos lados, antes de aconchegar-se e tossir de novo. Perplexo, Zeraac olhou ao curador ancião e também encontrou um sorriso no rosto.

— Estou perdendo algo aqui? — Perguntou Zeraac.

Uma imagem fluíu por sua mente e o orgulho o encheu, ao dar-se conta que era de Kaylee, já se adaptando a seu mundo, explicando o que era um Happy Meal em termos que pudesse ver e entender.

— Temo que é verdade, Kaylee — Disse ele, quando ela se deitou uma vez mais sobre as

¹ Happy Meal, é o nome que recebe o menu infantil do Mc Donalds. Textualmente se traduz como “comida feliz” (a fim de poder entender o próximo comentário do Zeraac).



costas, desta vez com a mão entre as suas — Vi esse lugar conhecido como McDonalds quando estive em seu mundo. Mas não provei a comida ali.

— Talvez, às vezes, possamos “fingir” que estamos na Terra, e esconda um prêmio sob meu prato — Brincou, embora sentisse que havia uma intenção mais profunda por trás de suas palavras.

Apertou sua mão.

— Talvez. É uma ideia que darei a sua mãe e a Komet quando voltar a Winseka.

A risada desapareceu de seu rosto, os olhos ficaram sérios, mas ainda mantinham a vulnerabilidade de um menino.

— Você e Komet vão ser meus novos papais?

Os pulmões de Zeraac ficaram sem ar, congelando-se no lugar, reduzindo a velocidade do momento, de modo que pareceu que passava toda uma eternidade entre um batimento do coração e o seguinte, com as palavras extraídas da parte mais profunda da alma, permitiu-se dizer:

— Esse é meu desejo, assim como o de Komet.

Kaylee suspirou, a tensão deixou seu corpo e libertando de Zeraac também.

— Isso eu gostaria — Disse ela — Eu gostaria muito.

Apertou a mão com suavidade, à sensação desta dentro da sua, muito maior, o fazia sentir poderoso e de uma vez humilde, o dom de sua confiança e a aprovação era algo que ele nunca deixaria de apreciar ou falharia em merecer.

Ela se voltou de lado, os dedos puxando a borda do lençol, os olhos de repente fascinados pelo que encontrou ali.

— Será diferente uma vez que esteja bem. Poderemos fazer todo tipo de coisas divertidas, juntos. Não se arrependerá de ser meu papai.

As inquietantes palavras que Zeraac ouviu pela primeira vez na névoa de São Francisco, chegaram a ele através do tempo e o espaço. *Pensa que será diferente quando vir a papai a próxima vez? Acha que quererá estar comigo se já não estiver doente?*

A mão livre de Zeraac foi para seu rosto, segurando-a e girando-a, de modo de poder olhá-la nos olhos.

— Eu nunca me arrependeria de te ter como minha filha, Kaylee. Mesmo quando estávamos na Terra, e sua dor rasgava meu coração em fragmentos, queria ser seu pai.

O olhar, muito velho, procurou o seu, descobrindo a verdade dessas palavras.

— Às vezes, meu verdadeiro... Meu outro papai vinha quando pensava que eu estava adormecida — Sussurrou ela — Estava acostumado a ajoelhar-se ao lado da cama e só... Chorar. Só que nunca fazia o menor ruído. E depois pela manhã se ia, durante semanas e semanas, então parecia que eu não tinha um papai.

Capítulo 10



Ariel despertou para encontrar as paredes de cristal a sua volta ainda obscurecidas contra a intensidade do terceiro sol de Belizair, dando tempo para dormir, já que fazia muito calor, e era muito brilhante para arriscar-se a sair. Que mundo tão assombroso! Que lugar tão maravilhoso para estar, estudar e explorar. Ela poderia passar toda sua vida estudando as pedras Ylan.

Deu a volta sobre as costas, o coração cheio por uma mistura de felicidade e melancolia ao pensar, uma vez mais, em ser capaz de fazer as coisas que estava acostumado a fazer antes, mas desta vez com Kaylee, Zeraac e Komet, enquanto recordava como tinha gostado de ir de excursão, acampar e procurar rochas, quantos fins de semana ela e Colin faziam exatamente isso. Saindo de seu pequeno apartamento na cidade, e das demandas da vida cotidiana. Ele tinha sido um policial recém-graduado, que acabava de começar. Eram jovens, não tinham provado sua confiança de poder dirigir qualquer provocação, e isso só era superado por sua crença que nada errado aconteceria, agora que encontraram um ao outro.

Ariel limpou as lágrimas das bochechas quando recordou o atraente rosto de Colin, os olhos que dançavam com travessura. *Estas são as rochas que vale a pena procurar, Ariel, veem e comprova*, brincava, abraçando-a, e atraindo-a de novo a seu saco de dormir, ou a um banco de suave musgo. Ela ia, rindo e brincando, comparando em brincadeira as rochas com algumas de sua coleção.

Olhou o lençol, sorrindo quando recordou as perguntas de Paraisio sobre as casas da Terra, seu assombro ao inteirar-se que as camas ali, não só tinham lençóis superiores, o que encontrou bastante estranho, mas também frequentemente tinham mantas pesadas também. *Não mantêm suas moradias a uma temperatura confortável para vocês?*

Temos aparelhos de ar condicionado para esfriar, e calefações para esquentar, mas é caro mantê-los ligados todo o tempo.

A boca de Paraisio ficou aberta. *Constroem com materiais que não reagem à temperatura exterior, refletindo ou absorvendo o calor do sol se for necessário?*

A maior parte de nossos edifícios são de madeira, aço ou tijolo disse Ariel, e tinha dividido entre a diversão e o ultraje quando Shiraz resmungou *ouvi que outros afirmam que a Terra era um planeta atrasado, mas me parecia difícil acreditar que podia ser assim. Não quando parece que toda a esperança de evitar a extinção venha dali.*

Nas horas que passou explorando Winseka com elas, chegara a pensar em Paraisio e Shiraz como amigas, em vez de guardas. E chegou a aceitar que realmente estavam presentes para garantir sua segurança, comodidade e fazer todo o possível para que ela fosse feliz. Bem, tão feliz como poderia estar agora que tinha sido separada de Zeraac e Komet.

Os mamilos ficaram rígidos, e a boceta pulsou pensando nos homens, criando uma necessidade deles entre um batimento do coração e o seguinte, as mãos passaram roçando sobre o peito, colocando-as sobre os seios. Quase começou a rir a gargalhadas ao recordar a expressão horrorizada de Paraisio quando Shiraz tinha devotado trazer uma calça do tamanho de um menino, para que servisse como pijama, devido o desejo de Ariel de colocar algo para dormir, Shiraz sugeriu que o uso de roupa para dormir era outra coisa que indicava que a Terra era em efeito um planeta atrasado. Ariel decidiu não colocar nada, como era o costume tanto dos Amato



como dos Vesti, embora tinha indicado, que com suas asas, já tinham uma coberta em caso de necessidade, enquanto que ela não tinha.

Nua. Ariel fechou os olhos, desfrutando da sensação do lençol sob o corpo, ao sentir as mãos sobre os seios. Passara tanto tempo desde que tinha dormido desta maneira. Desde que alguma vez se havia sentido assim. Cheia de vida, pronta uma vez mais para desfrutar de sua sexualidade.

Uma mão deixou o peito para arrastar-se sobre o abdômen e cavar seu montículo depilado. Colin pedira que fizesse isso, e ela encontrou que gostava, tanto, que nunca pensou em permitir que o pelo crescesse de novo.

Permitiu-se continuar pensando naqueles primeiros anos, mas havia muito dor entre o presente e o passado, para que pudesse evocar as imagens de sua vida sexual. Sempre haveria um lugar em seu coração para Colin, onde apreciaria as lembranças, de ambos como foram uma vez. Fazia aquela promessa quando o viu fechar-se, murando-se longe, quando sua pequena filha ficou doente e cada vez pior. Tinha prometido não permitir que a amargura e as lamentações destruíssem a lembrança dos bons tempos, e tomar uma parte de sua alma junto a eles. E não fazia, apesar dos tempos em que se sentira enlouquecida, doída e sozinha, quando tinha gritado e chorado com raiva pela injustiça de tudo isso. Quando tinha rezado por um milagre para Kaylee e devotara sua própria vida em troca.

Um milagre.

A saúde de Kaylee.

Mas conseguiu algo mais que um milagre.

Conseguiu também Zeraac e Komet.

O fôlego de Ariel ficou preso na garganta, enquanto os dedos começavam a manipular o mamilo, a acariciar o clitóris, desejando que fosse a boca de Komet que estivesse em seu peito e a de Zeraac entre as pernas.

Um pequeno gemido escapou dos lábios, enquanto se concentrava mais em seus esforços. Enquanto tentava reviver os momentos que tinha vivido com eles. Seu corpo respondeu, mas advertindo que só encontraria um alívio mínimo.

Ela aceitou o que oferecia, remontando uma colina diminuta, em vez de uma montanha. Mas teria que ser suficiente até que eles pudessem ir visitá-la.

“Os curadores nos apoiam” — Disse Zeraac, tomando assento na mesa, do que se supunha era seu lar, enquanto Ariel e Kaylee se acostumavam à vida em Belizair.

Komet se uniu a ele, deixando um fundo prato com fruta entre eles.

“Como está Kaylee?”

O sorriso de Zeraac foi brilhante de amor e felicidade.

“Já melhorou muito. Os curadores estão assombrados por seu progresso. Talvez graças a você. As lágrimas da Deusa brilham em seus braceletes.”

“De verdade?” — Komet olhou aos próprios braceletes, e depois os de Zeraac. Viam-se igual ao dia anterior, trocadas, combinadas, ouro e azul com manchas verdes e com um indício de brilho



submerso nas profundidades.

“Na verdade. Eles pensam que ela poderia estar o suficientemente forte para retornar, antes que saia o sol uma terceira vez, mas sugeriram que permaneça nas montanhas com eles até que encontrem um verão que coincida com seu gen Fallon. Estive de acordo em permitir” — O rosto mostrava preocupação quando encontrou o olhar de Komet — *“Os curadores que servem ao Conselho, tomaram amostras do sangue de Kaylee e se foram, prometendo fazer todo o possível para acelerar a busca de uma combinação.”*

“É o melhor.”

Zeraac suspirou.

“Sei, e, entretanto, não posso não lamentar a perda de seu livre-arbítrio, sua livre escolha, sobretudo quando se trata de selecionar um companheiro. Nossas raças sempre o valorizaram, reclamaram-no como direito. Kaylee tem só nove anos da Terra. Parece injusto para...”

Komet começou a rir.

“Fala como um pai que ama a sua filha. A escolha continuará sendo dela, Zeraac. Isto não se parece com os antigos costumes de compromisso dos humanos. Kaylee aceitará ou não, ao que seja geneticamente compatível com ela. Quem sabe o que trará o futuro. Talvez, já haja uma cura para o vírus Hotaling quando ela seja o suficiente velha para unir-se a alguém, e deseje ter filhos.”

Zeraac pegou um pedaço de fruta e a mordeu.

“Tem razão. Preocupo-me com coisas do futuro, quando há muitas no presente para me preocupar. Reuniu-se com os cientistas que se sentam no Conselho?”

“Sim. Ambos acreditam que poderia encontrar outro partido genético para Ariel. Ambos acreditam na teoria de que talvez, há potencialmente tanto um Vesti como um Amato para cada mulher humana com o marcador Fallon” — Komet encolheu os ombros — *“Penso que é uma ideia razoável, dado que ainda não podemos explicar por que se requer a combinação de um companheiro compatível, e outro de uma raça diferente, com o fim de produzir descendência.”*

“Então estão procurando um companheiro Vesti para ela?”

“Não sei. Talvez. Mas ainda se encontrarem um, agirão com cuidado. Pensa no que significaria para nossas culturas, se de repente outros homens comessem a olhar à companheira de vínculo de outro, e se perguntassem se poderiam ser sua.”

“Então, os cientistas do Conselho nos apoiarão?”

“Não sei. A possibilidade de um segundo companheiro compatível, não é algo que eles queiram fazer do conhecimento público. Não ainda, de todos os modos. As mulheres humanas ainda são muito escassas. Mas...” — Komet encolheu os ombros — *“Estamos ameaçados pela extinção.”*

“Se tivesse que adivinhar?”

“Então, diria que Jati d’Vesti estará contra e Gabri d’Amato estará a nosso favor. Dos doze membros do Conselho, já falamos com a metade, desde que Ariel se foi, e três estão conosco, e três contra.”

Zeraac ficou de pé e se aproximou da janela, a vista era clara, agora que o terceiro sol se pôs, deixando sempre presente primeiro sol, só por um curto tempo, antes que o segundo se unisse,



esse era oficialmente o início do dia em Belizair. A confusão se precipitou através dele, tão violentamente que escapou através de sua boca.

— Não entendo por que Zantara pôs isto em movimento ao ir com seu tio! Foi ela que me deixou a um lado! Que decidiu que preferia esperar que os cientistas encontrassem uma solução, ou em seu defeito, pelo menos ter um companheiro que um dia desse ao menos uma possibilidade de ter família.

Komet se levantou da cadeira, incapaz de permanecer sentado diante a face de dor de Zeraac. Fechou a distância entre eles, colocando uma mão sobre o ombro. *“Acredito que não podemos entender realmente a profundidade do sofrimento que nossas mulheres experimentaram. Nossas culturas reverenciaram a maternidade desde o começo, quando fomos Fallon e não raças separadas. E agora a nossas mulheres as despojou daquilo pelo que chegaram a valorar a si mesmas, e seu objetivo mais importante. Zantara... Talvez esteja confusa e ferida... Zangada consigo mesma por te afastar... Sobretudo quando vê que encontrou a felicidade... Que há uma possibilidade de felicidade até sem ter filhos.”* — Komet encolheu os ombros — *“Não sei, Zeraac, mas adivinharia que ela está repartindo golpes a torto e direito em resposta a própria dor, e que em última instância, tem muito pouco que ver com você.”*

A emoção cresceu em Zeraac. Amizade e carinho, uma união não carnal, apoiada na amizade, com a esperança de uma vida compartilhada e uma companheira comum. Sem dúvida era o que seu irmão, Adan, compartilhava com Lyan, embora sua amizade tivesse sido mais longa que seu vínculo com Krista.

“Agradeço suas palavras, e seu apoio.”

“Você me ofereceria o mesmo” — Disse Komet, retrocedendo à mesa para tomar um pedaço de fruta — *“Deseja visitar Ariel por separado ou que façamos juntos?”*

“Vá você e dê as notícias sobre Kaylee. Eu tentarei visitar alguns dos outros membros Amato do Conselho, antes de visitá-la.”

Zeraac entrou no edifício onde os membros do Conselho tinham os escritórios. Onde, em poucos dias, encontraria-se na câmara de julgamento, um lugar que tinha visto, mas ao que nunca fora convocado, a diferença do co-companheiro de seu irmão Adan, Lyan, quem provavelmente aprendeu de cor a sala. Um pequeno sorriso se formou no rosto de Zeraac, com o calor anterior de retorno em seu corpo. Komet e ele se adaptaram bem a compartilhar uma companheira. Se conseguissem vencer este desafio a seu vínculo, podia ver um grande prazer nos próximos anos, enquanto cuidavam de Ariel e guiavam Kaylee para a idade adulta.

Os olhos se fecharam brevemente em uma silenciosa oração à Deusa e seu consorte. Por tudo o que era sagrado para os Amato, nunca sentiu algo tão poderoso, como a grandeza do que podia ser o amor de um pai.

O que sentia por Kaylee... Estava além das palavras. Além de algo que pudesse ter imaginado. E ela penetrou em seu coração tão facilmente... Era um presente inestimável. Como o presente do amor de Ariel era quase esmagante.



O corpo de Zeraac se esticou com o pensamento de Ariel, embora sua mente fugiu o que logo poderia estar fazendo com Komet. Quando saíram da moradia, não tinha a intenção de procurar a quem iniciara o desafio, o tio da Zantara, Raym d'Amato. Mas quando se aproximou do edifício que servia como sede do Conselho da região do deserto, deixou de lado sua própria e dolorosa emoção, confrontando a verdade do que tinha que fazer. Se podia convencer Raym de abandonar o desafio a seu vínculo... Zeraac girou a esquina, os passos quase se detêm de repente quando viu que Zantara surgiu do escritório de seu tio.

“Não será de nenhum proveito para você, falar com ele” — Disse ela, a voz dura em sua mente, a expressão também era, e mesmo assim, haveria também ali um pouco de culpa?

Zeraac se deteve frente a ela, fazendo a mesma pergunta que antes fizera a Komet.

“Por que, Zantara? Foi você quem me jogou em um lado. Foi você, que decidiu seguir por outro caminho.”

“E que rapidamente agiu para encontrar uma nova companheira, ainda sabendo que não haveria filhos! Se de repente estava tão desesperado por uma companheira, por que não escolher uma mulher Amato ou Vesti, que desejasse passar a vida com um caçador de recompensas, uma que tivesse deixado passar os sonhos de maternidade?”

“Não fui à Terra procurar uma companheira. Com certeza você já sabe disso.”

“Mas tomou uma companheira de todos os modos! E não só isso, tomou a um Araquel como co-companheiro!”

A confusão encheu Zeraac, enquanto tentava determinar a verdadeira fonte de sua cólera. Não sabia ela que seu próprio irmão era amigo de Komet? Que Jecon tinha contribuído decisivamente a obter que Komet fosse o co-companheiro de vínculo de Ariel?

Absteve-se de mencionar isto, dizendo em troca:

“Komet é um erudito, um cientista. É inocente de toda culpa do que aconteceu em Belizair. E sem ter isso em conta, que diferença faz? Não temos direito a encontrar um pouco de felicidade?”

As lágrimas se formaram nos olhos de Zantara, uma dor aguda atravessou o coração de Zeraac, apesar de tudo o que acontecera entre eles. Mas ela rapidamente as secou, endurecendo a expressão.

“Encontra sua felicidade a custa de outros.”

“Ariel é minha companheira.”

“E se houver outro que pudesse reclamá-la?”

“Os cientistas do Conselho não encontraram um segundo candidato para nenhuma das mulheres humanas que têm o marcador Fallon.”

“Só porque não continuam procurando uma vez que o primeiro candidato apareceu.”

O peito de Zeraac se apertou.

“Ariel é minha companheira, e Komet e eu, formamos um vínculo com ela, Zantara. Nós somos... Uma família.”

“Como você e eu poderíamos ter sido se não tivesse seguido postergando-o a favor de seguir sendo um caçador de recompensas.”

A culpa se instalou no estômago de Zeraac. Ao reconhecer que o que ela dizia era verdade.



Se eles se vincularam antes do ataque dos Hotaling... Se tivessem começado uma família... Mas era inútil recordar de novo o passado.

"Sinto muito" — Disse ele, as palavras eram inadequadas.

"E isso não significa nada agora."

Durante um instante, Zeraac pensou ver um indício de culpa aparecer em sua face, outra vez. Então, ela acrescentou.

"Meu tio não se deixará influir por seus argumentos ou súplicas" — Disse, antes de dar a volta e afastar-se a pernadas.

Zeraac vacilou, a olhando desaparecer à volta da esquina, a emoção e a dúvida formando redemoinhos em suas vísceras. Mas se preparou uma vez mais, e bateu com a mão a porta de Raym, embora suspeitava que o membro do Conselho já era consciente do que tinha tido lugar fora de seus aposentos privados.

"Entra" — Chegou à resposta de Raym, e Zeraac assim o fez. Desejou agora ter chegado a conhecer melhor os membros da família da Zantara. Ele passou pouco tempo com seu tio.

"Sabes por que estou aqui?" — Disse Zeraac, não vendo nenhuma razão para atrasar a confrontação ou mascarar o propósito de sua visita — "Peço-te que retire o desafio a meu vínculo."

Raym juntou as mãos diante do rosto. A expressão não dava nenhuma pista de seus pensamentos.

"É capaz de estar diante mim e me dizer que não rompeu nenhuma lei do Conselho quando trouxe a mulher humana a Belizair?"

Zeraac soube então que foi um engano procurar Ryam. Ele quebrara a lei do Conselho na Terra, com o fim de salvar a vida de Kaylee, e voltaria a fazer outra vez, mas não mancharia sua honra mentindo.

"Ariel é minha companheira, como os cientistas sem dúvida informaram. E estamos vinculados. Se perguntar, ela te dirá que está contente de estar aqui, unida a Komet e a mim."

"Não é o que perguntei. Perguntei se podia parar diante de mim e dizer que não rompeu nenhuma lei do Conselho, quando trouxe para a mulher humana a Belizair."

"Não responderei essa pergunta."

"Então, não retirarei meu desafio."

Zeraac assentiu e deu a volta para ir-se. Mas quando a mão tocou a porta, Raym disse:

"Eu teria menos objeções à vinculação, se não tivesse um Araquel como co-companheiro. Suspeito que meu sobrinho teve algo que ver com a seleção de Komet, mas se outro Vesti ocupasse o lugar de Komet..."

"Estou contente com minha escolha de co-companheiro. Como Arie está."

"Como pode aceitá-lo tão facilmente? Mesmo sabendo que por culpa de seu clã não haverá filhos para vocês?"

Zeraac mascarou a surpresa pelo comentário de Raym, que o fez pensar que o membro do Conselho ainda não sabia nada sobre Kaylee.

"O fato, feito está. Agora é tempo de trabalhar juntos, para prosperar outra vez."



“Eu não fui um dos que votou a favor de que não fossem sancionados. Se tivesse sido por mim, teria banido o clã Araquel de Belizair. Teria enviado a cada membro de sua casa a perseguir os Hotalings, não os deixando voltar até que encontrassem um modo de desfazer a devastação em que deixaram a todos nós. Mas como não pode jurar que não tem quebrado nenhuma lei, ou escolher outro Vesti como co-companheiro, então estou de acordo que é tempo de olhar para o futuro. Onde cada fêmea humana que leve o gen marcador Fallon, deve colocar-se em uma vinculação, onde possa haver descendência. O desafio segue em pé.”

Ariel se moveu pela sala, inquieta, o corpo ainda na borda, necessitado.

— Um de seus companheiros de vínculo, ou ambos, chegará logo — Disse Paraíso, de onde ela e Shiraz jogavam um jogo de estratégia chamado Fett, que se parecia com o xadrez.

Shiraz riu dissimuladamente.

— E se não, há brinquedos na gaveta de sua cama para aliviar a necessidade. São novos, proporcionados para você pelo próprio Conselho.

A face de Ariel queimou, mas a curiosidade deteve seu ritmo.

— Há brinquedos sexuais aqui?

Tanto Paraíso como Shiraz sacudiram as cabeças, compartilhando um olhar, antes de concentrar a atenção em Ariel. Foi Shiraz quem disse:

— Não te disse Komet nada sobre os negócios aos que se dedica seu clã?

Ariel recordou as conversas que teve com Komet e sacudiu a cabeça.

— Disse-me que era um cientista e um erudito, que não estava comprometido no negócio no que estava colocada sua família — Os olhos se encontraram com os delas — Embora me disse que era por culpa de sua família, que o vírus fez... Que são tempos terríveis para vocês — Ariel vacilou antes de acrescentar — Cheguei a pensar nas duas como amigas, mas me pergunto como podem ser tão agradáveis comigo, dado que Komet é meu companheiro de vínculo.

Paraíso suspirou, afastando-se da mesa, com dor em seu rosto, no modo em que as suaves asas brancas se inclinaram, chegando até abaixo para cobrir mais espaço no chão do que ocupara um momento antes.

— Eu estava disposta a estar ressentida com você — Admitiu — Apesar de que o caminho da maternidade não era o que planejava seguir, ao menos durante muitos anos. Tenho uma irmã, e não sou imune a seu sofrimento quando espera que os cientistas ofereçam a esperança de um filho. E ver como nossos homens ficam em fila para conseguir uma companheira de vínculo humana. Uma companheira que teríamos considerado... Disforme... Muito recentemente tempo. Não acredito que a imagem agrade a nossa Deusa, a que vemos no céu que nos rodeia e nos deu as asas de modo que pudéssemos nos aproximar dela. Mas encontrei que somos mais similares que diferentes. E a dor que suportou, é tão grande como qualquer que nós tenhamos sofrido, embora a enfermidade que sua filha experimentou seja desconhecida para nós. Os sacerdotes e sacerdotisas da Deusa e seu consorte Ylan, estão trabalhando nisso. Talvez estejam corretos — Ela sorriu — Mas independentemente do que em um plano superior possa desejar, me alegro que me



considere seu amiga, Ariel. É alguém a quem cheguei a valorizar como tal.

— Igual a mim — Disse Shiraz — Eu me ofereci quando ouvi o que o Conselho planejava fazer. Seu mundo me interessa, e não abrigo nenhum rancor a casa Araquel — Ela suspirou e a olhou ao longe — Se eles forem culpados, então todos os que desejaram encontrar seu prazer com os companheiros artificiais, também são culpados.

Diante o olhar interrogador de Ariel, Shiraz negou com a cabeça, a face cheia de um rubor incômodo.

— O clã Araquel se dedica ao negócio do prazer. Produzem brinquedos, junto com o azeite de ritzca, e outras misturas similares. No curso de suas viagens eles descobriram... Um brinquedo... Que era em parte máquina e em parte um humanoide, programado para uma ampla variedade de prazer, e grande parte das mulheres daqui deram à bem-vinda. Só mais tarde soubemos que era uma arma cuidadosamente desenhada para nós, pelos Hotalings.

— Como um Cavalo de Tróia — Murmurou Ariel, acautelando as perguntas, com imagens da Grécia Antiga, e depois mais, avançado um vírus informático passando através de um correio eletrônico aparentemente inócuo.

Shiraz assentiu com a cabeça.

— Sim, como um de seus Cavalos de Tróia.

Durante uns minutos, Ariel pôde deixar o assunto, mas a curiosidade foi maior.

— Disse que esses “companheiros artificiais” eram programáveis e que eram bem recebidos pelas mulheres daqui, mas pelo que sei até agora, e vi até agora... —As bochechas ruborizaram — E experimentei até o momento, seus homens parecem perfeitamente equipados para o prazer.

Shiraz e Paraisio se olharam antes de explodir em sorrisos, e depois em risadas. Foi finalmente Shiraz que respondeu, admitindo com um sorriso.

— Sim, nossos homens, sem dúvida, estão equipados para dar prazer. Mas a menos que esteja preparada para ser mãe, teria que desfrutar se arriscando. Não há controle de natalidade aqui, exceto se lava a semente de seu homem no ventre quando ele goze, logo depois de sair de seu corpo — Ficou séria — Ou ao menos era assim antes do vírus.

Ariel permitiu que a conversa terminasse, caminhando para comer uma fruta de cor púrpura que tinha sabor como uma pera. Suas amigas voltaram para jogo de estratégia, só detendo-se quando os sinos soaram, indicando um visitante.

Komet.

Ariel esteve em seus braços, ainda antes que pusesse um pé dentro da moradia. E ele respondeu, sustentando-a fortemente contra o corpo, e cobrindo a boca com a sua. Emoção pura fluindo entre eles.

“Tudo está bem?” Perguntou Komet.

“Sim. Zeraac teve notícias sobre Kaylee?”

“Retornou recentemente. Kaylee fez progressos assombrosos. Os curadores dizem que a devolverão para a última parte de sua cura, logo que uma partida seja encontrada para o marcador Fallon que leva.”

Quando finalmente se separaram, Shiraz disse:



— Por ordem do Conselho, deveríamos permanecer no quarto com vocês, mas penso que com a porta do quarto de Ariel aberta, isto se transforma mais ou menos em uma mesma área — Os olhos brilhavam enquanto olhava para a mesa onde as peças do jogo de cristal brilhavam com a luz do sol que entrava pela janela — Se necessitar de Paraíso ou a mim, nos chamem em voz alta, já que nossa atenção está completamente no jogo Fett. Somos jogadoras lentas, e é completamente possível que quando nosso jogo tenha terminado, tenhamos nos equivocado, e tenhamos permitido que fique mais tempo do designado pelo Conselho.

Ariel sorriu, afastando-se de Komet, o tempo suficiente para abraçar Shiraz, antes de agarrar o braço e conduzi-lo a seu quarto, as mãos, quase imediatamente, dirigiram-se a calça, enquanto a tirava, ambos gemendo quando a carne nua tocou a carne nua.

Komet a deixou cair sobre a cama e caiu sobre dela, o pênis sacudindo-se diante a sensação da suave pele entre as pernas. Ela envolveu as pernas ao redor dele, tão faminta de senti-lo, que foi quase impossível formar um pensamento, e muito menos palavras.

O pênis se deslizou dentro dela, unindo-os, e deixando que os sentimentos governassem. Intensos. Devastadores. Sem deixar espaço para nada mais que a sensação, o movimento. O prazer compartilhado.

Ela gozou, gritando em sua boca. Tremendo quando o calor ardente do orgasmo encheu sua boceta, sua matriz.

Só então puderam falar. Com os corpos ainda unidos, e as pedras Ylan palpitando de forma sutil, em um ritmo de ronrono contente, enquanto o suor cobria os corpos apoiados um contra outro, com as asas em forma de manta quente, que oferecia intimidade.

“Amo-te” — Disse ele.

Ariel o beijou, brincando com a boca, com as mãos no cabelo:

“Amo-te, também.”

Ele devolveu o beijo, saboreando a intimidade, saboreando esta primeira união estando sozinhos.

As presas de emparelhamento doíam por sair de suas vagens escondidas e afundar-se em seu pescoço, a mente e coração exigiam que esta vez, ela fosse consciente delas, que aceitasse abertamente esta parte dele, e não recuasse como se fosse um demônio de uma dessas lendas humanas.

A contra gosto, levantou os lábios dos dela e se encontrou com seu olhar. Ela riscou seu nariz com o dedo, os olhos escuros e sensuais.

— É tão bonito — Sussurrou — Quando o olho, só quero te comer por completo.

Sua risada foi rouca, e disse brincando.

— Acredito que meu clã produz várias coberturas corporais deliciosas... — As fossas nasais se abriram e o pênis se inchou em seu canal, ao recordar a sensação da boca quente e úmida em seu pênis — Mas temo que sou pouco mais que uma besta quando põe a boca em mim.

— E isso é um problema? — Brincou ela, suas mãos foram aos ombros, e depois ao redor, para acariciar a parte inferior das asas, para explorar sua textura aveludada e os músculos firmes, para acariciar os lugares onde se uniam a seu corpo. Ele estremeceu em resposta, tremendo



contra ela, o pênis cada vez maior, mais insistente.

— São sensíveis, não é? — Sussurrou ela, com o corpo tenso diante a expressão de sua face.

— Só ao toque de um amante — Respondeu ele, levantando as asas, as posicionando de novo, deixando ver como estas poderiam unir-se a seus braços, aos lados de seu corpo e ao exterior das pernas.

Os dedos se moveram para explorar as novas conexões, enviando uma onda de sangue atrás de outra ao pênis e com isso, um sorriso sedutor aos lábios.

— Há algo mais que queira me mostrar?

Komet abandonou a batalha e deixou sair de suas vagens as presas de emparelhamento, permitindo vê-los, o coração quase se detém o ver sua expressão de excitada luxúria.

— Mordeu-me antes, daquela primeira vez, quando fizemos amor.

As fossas nasais flamejaram quando chegou o aroma do aumento de sua excitação.

— Sim.

Ela inclinou a cabeça para trás e arqueou a parte superior do corpo, oferecendo o pescoço e peito, enquanto sussurrava.

— Faça de novo!

E assim o fez. Abandonou seu verniz de erudito e científico, para ser substituído pelo que realmente era, um homem Vesti em meio de sua febre de emparelhamento. Tomou repetidamente, fixando-a à cama a princípio, depois colocando-a sobre as mãos e joelhos, montando-a, gozando da forma em que a submeteu, da forma em que seu corpo estremecia, desejando seu toque, deleitando-se em seus gritos de prazer quando se emparelhou com ela, as presas afundando-se nela uma e outra vez, o próprio êxtase elevando-se com cada clímax, quando injetava o soro que ajudava a permitir a gravidez da mulher, assim como fazer que fosse mais fácil de rastrear.

Impulsos selvagens e primitivos o atacaram, ainda quando seu corpo estava satisfeito e jaziam juntos sob a coberta das asas marrom dourada. Queria desafiar o Conselho e escapar com ela, levá-la a sua casa e mantê-la ali, para continuar emparelhando-se com ela até que algum milagre ocorresse, e ela se voltasse pesada com seu filho.

— Amo-te — Sussurrou ela, dirigindo o dedo ao longo de seu rosto, rindo ao saber que este homem, que era tão bonito, tão desejável, que podia ser um erudito suave, tanto como um selvagem quando a luxúria o governava, era dela.

Komet riu entre dentes. Seus pensamentos o alcançaram, e isto fez que o coração e o pênis inchassem.

“Só para você, Ariel. Nenhuma outra viu ambos os lados de mim.”

Ela soltou uma pequena risada envergonhada, sem intenção de que ele escutasse tudo o que estava pensando, e, entretanto, quando estava com ele, ou com o Zeraac, seu autocontrole era o último que tinha em mente. O rubor se fez mais profundo um momento depois, quando recordou quão descontrolada tinha estado, quanto de sua paixão desenfreada poderiam ter escutado Paraisio e Shiraz, quando a voz falada de Shiraz os alcançou, os recordando que a porta estava aberta e elas presentes, dizendo:



— Você ganhou, Paraisio, e menos mal que o jogo terminou. Deixamos de prestar atenção ao tempo. Komet deveria ter-se ido daqui faz muito tempo.

— Deixe tomar primeiro o suco — A voz de Paraisio também era um grito misturado com risada — E depois pedirei que se vá.

“Será melhor que nos levantemos” — Disse Ariel, apertando os braços ao redor da cintura de Komet, em contradição com suas palavras.

Ele devolveu o abraço. O corpo tenso, como se uma grande luta ocorresse dentro dele. Mas finalmente suspirou, esfregando a bochecha contra seu cabelo, enquanto reposicionava as asas, para que ficassem dobradas atrás das costas.

“Sim. Elas nos permitiram mais tempo e intimidade das que esperava” — Ficou de pé, levantando-a junto a ele.

Estavam nus, beijando-se, quando Paraisio chegou à porta.

“Já se vai” — Disse Ariel, ruborizando-se, não completamente acostumada à comodidade que a gente de Belizair tinha, tanto com a nudez, como com a naturalidade da atividade sexual, mas pouco disposto a retirar a boca de Komet, com o fim de falar em voz alta.

“Sim, parece que é assim” — Disse Paraisio com voz risonha, fazendo Ariel rir e terminar o beijo.

— Posso usar um momento a câmara de limpeza antes de ir? — Disse Komet.

— Sim, ou sem dúvida, terei que chamar Shiraz, para que ajude a sua... Remoção.

Ariel riu quando o pênis de Komet saltou contra o abdômen, perguntando-se se reagiu à preocupação de ser retirada do corpo de Komet, ou se antecipava a provocação de ser removida da boceta. Deu um beijo rápido.

— Pode usar a câmara de limpeza deste quarto, eu usarei a outra.

E muito cedo, disse adeus da entrada. Desejando poder ir com Komet à moradia em que só esteve brevemente, mas que já pensava como seu lar. Desejou desesperadamente ver, não só Kaylee, mas também Zeraac. Ter a todos juntos em um lugar. Uma família.

— Zeraac te visitará quando tiver feito suas tarefas — Disse Komet, a contra gosto, separando-se de Ariel.

— Se não estarmos aqui, estaremos no mercado. Não tivemos tempo de explorá-lo totalmente, antes que seu terceiro sol nos fizesse retornar ontem.

— Direi.

Ariel assentiu. As lágrimas em seus olhos fizeram difícil a Komet, dar a volta e partir. Mas se forçou a fazer. Havia uns Vesti que queria visitar para pedir que intercedessem diante o Conselho, e, além disso, queria encontrar-se com os cientistas que logo se ocupariam do cuidado de Kaylee. Tinha que entender o que eles planejavam, para assim poder preparar Ariel e Kaylee sobre o que estava por vir.

— Vamos também? — Perguntou Shiraz, colocando um braço, de maneira amistosa, ao redor dos ombros de Ariel, tentando aliviar o ambiente — Mesmo de costas, é formoso, não é?

— Mais que isso — Disse Ariel, recordando seus pensamentos, quando tinham deixado à casa das borboletas na Terra — Tem meu coração, rouba minha alma, e tem um corpo



agradavelmente desejável.

— Não penso frequentemente nos Vesti desse modo — Disse Paraíso, unindo-se a elas na entrada — Mas sua descrição de Komet, e outros de seu clã, é exata. Faz muito, nos tempos escritos, mas não muito bem recordados, nos dias antes de encontrar uma maneira de viver os uns com os outros, sem uma luta constante, dizia-se que sempre que a casa do clã Araquel chegava a uma cidade, os homens Amato escondiam a suas companheiras e meninos, por medo de que fossem atraídos pela beleza dos Araquel.

— Um demônio que conduz aos incautos à tentação — Disse Ariel, emocionada, uma vez mais, pela cultura e a história de Belizair, e como se misturava com a da Terra.

Shiraz moveu suas asas com seriedade fingida.

— Um demônio, é assim como me vê?

Ariel começou a rir, com os braços ao redor da cintura das duas.

— Como amigas, primeiro. — E depois brincou — E como um anjo e um demônio, depois.

Paraíso balançou as asas, pavoneando-se com diversão.

— Sim, eu sempre me vi como um de seus seres míticos. Mas, realmente esperaria que eu tocasse um instrumento de ouro se fosse visitar seu planeta? E seus homens seriam tão superados por minha beleza, que não estariam em condições de renderem-se sexualmente?

Shiraz se afogou de risada, a surpresa em seu rosto quando se voltou a olhar Paraíso.

— Deitaria-se com um deles?

Paraíso encolheu os ombros.

— Talvez. Agora que cheguei a conhecer Ariel, obriguei a repensar meus preconceitos. A entender melhor por que os Fallon, e mesmo alguns de nosso antepassados Amato e Vesti, acharam aqueles da Terra desejáveis — Sorriu abertamente — Ou talvez, estar no mesmo quarto enquanto Komet e Ariel dialogavam me pôs um pouco... Fora de balanço. Iremos ao mercado antes que tenham comprado tudo?

Foram-se. As vistas, os sons e os aromas eram tão intrigantes, que Ariel foi capaz de pôr de lado as preocupações e pensamentos, antes do que ela considerava “a manhã” terminada.

— Comeremos aqui ou voltamos para nossa casa? — Perguntou Shiraz finalmente.

O estômago de Ariel proporcionou a resposta. Ao igual a sua boca, que se encheu de saliva diante a menção dos mantimentos, a fome já aumentada pelas horas dedicadas tanto a ver, como a cheirar, uma variedade de pães, bolos e frutas.

— Eu voto por comer aqui — Disse ela, dando a volta parcialmente, com um destino já em mente.

Mas, com a mesma rapidez, todo o interesse pelos mantimentos desapareceu quando viu Zeraac, com sua atenção fixa em um posto que continha gemas e pedras. A risada e a alegria percorreram Ariel, junto com a ternura, com o pensamento que talvez, comprava um presente antes de visitá-la. Não esperou que elevasse a vista e a visse, ou que viesse para ela. Correu onde estava, tomando só tempo suficiente para sussurrar seu nome, antes de envolver os braços ao redor dele e pressionar a boca com a sua.

Ele ficou rígido, na verdade, deu um passo atrás e se chocou com o posto, fazendo vibrar a



exposição de pedras. As mãos foram aos quadris, não para puxá-la mais fortemente contra ele, e sim para afastá-la.

Não foi necessário.

Ariel saltou para trás, um rubor envergonhado enchia o rosto, desculpando-se a fervuras.

— Sinto muito, pensei que era Zeraac.

O homem ao que atacara, sorriu abertamente nesse momento, sua atenção se dirigiu para alguém atrás dela, antes de retornar a Ariel. Os braços se estenderam em uma saudação que tinha aprendido de Paraisio e Shiraz.

— Deve ser a companheira de vínculo de meu irmão. Sou Adan d'Amato.

Ela tomou seus braços, tocando brevemente os braceletes dos pulsos com os dele, quase imediatamente, consciente de uma presença atrás dela, além de Paraisio e Shiraz. Seu coração trovejou diante o conhecimento de quem era.

Meu irmão, Adan, está envolto na aplicação da lei. O homem que assassinou a seu marido foi morto pelo companheiro de Adan, Lyan d'Vesti, em uma cabana onde Krista estava prisioneira. Mas em vez de deixar Krista livre do medo, ela sabia que a morte de Alexi, só faria que seus familiares quisessem vingá-lo, atacando-a e a aqueles que a importassem. Ela procurou proteção e aceitou que meu irmão e seu companheiro oferecessem.

Ariel respirou fundo, estremecendo, tentando desesperadamente suprimir a dor súbita, a volta repentina das imagens do pesadelo que tentava afastar dela durante o último ano. Quando sentiu como se já não fosse desmoronar, voltou-se para conhecer a mulher que presenciara o assassinato de Colin.

Capítulo 11

As duas mulheres ficaram de pé, imóveis pelo encontro inesperado, cada uma em busca de alguma pista do que a outra pensava, cada uma apanhada, durante um momento, nos acontecimentos do passado. E, entretanto, algo que pudesse ter pensado ou sentido ao encontrar-se com Krista na Terra, era irrelevante diante o milagre de Zeraac, a explicação de sua presença, que tinha dado no carro de polícia perto de seu apartamento: *A esposa de meu irmão me sugeriu que visitasse San Francisco*, encheu-a de repente de uma certeza, fazendo-a dizer:

— Você enviou Zeraac para verificar como estávamos Kaylee e eu.

Krista relaxou, o braço estava ao redor da cintura de Adan, com um sorriso no rosto.

— Sim, embora admita, que não tinha nem ideia de que iria tão bem — Beliscou o lado de seu companheiro de vínculo — Ofereceria-me a te mostrar os arredores e te contar tudo sobre este lugar, mas esta é a primeira vez que me permitiram sair de nossa moradia.

Ariel começou a rir, com o rosto ardendo pelo rubor, e entendimento. Se o Conselho não tivesse ordenado que a separassem de Komet e Zeraac, duvidava que tampouco tivesse visto muito de Winseka.



— Íamos de caminho para comer — Disse Ariel, fazendo uma pausa para apresentar Shiraz e Paraisio — E depois íamos seguir explorando o mercado.

— Talvez Adan e eu possamos nos unir a vocês?

— Eu gostaria — Disse Ariel, dando-se conta de que era verdade, notando que apesar de sentir Belizair como sua casa, uma pequena parte dela tinha saudades estar com alguém como ela, humana, sem as grandes asas.

Comeram, com uma conversa entretida, amigável, e depois, como se tivessem chegado a algum acordo tácito, Adan, Shiraz e Paraisio, ficaram atrasados enquanto caminhavam pelo mercado, permitindo Ariel e a Krista ter um tempo entre elas.

— Onde está seu outro companheiro? — Perguntou Ariel.

Krista sorriu abertamente, sua mão foi até seu abdômen.

— Lyan está em alguma parte incomodando os cientistas do Conselho, procurando respostas, ou talvez só tendo uma crise nervosa em privado.

— Está grávida? — Adivinhou Ariel, recordando os tempos quando ela colocava uma mão no próprio abdômen, maravilhando-se de que uma vida estivesse crescendo dentro dela.

Os olhos de Krista se encheram de lágrimas, mas ela riu.

— Não me faça conta. Estou totalmente fora de controle emocionalmente, embora não acredito que possa jogar totalmente a culpa aos hormônios — Agitou o braço, abrangendo o entorno — É... Tudo, e finalmente poder deixar de fugir de Alexi.

O nome ficou pendurado no ar durante um incômodo momento, até que Krista disse:

— Sinto muito. Não tinha nem ideia do que era quando saía com ele. Mas está morto agora, embora isso não mude o passado.

Ariel pegou a mão, apertando-a.

— Isto destruiu sua vida, também. Mas seguiu em frente, e agora tem um filho no que pensar com muita ilusão.

Krista apertou a mão de Ariel em resposta.

— Não um filho, dois. Os cientistas estão bastante seguros que terei um Vesti e um Amato, mas não estão certos. As primeiras mulheres que vieram aqui estão perto de dar a luz. Todas elas levam gêmeos, e pelo visto, cada feto contém os marcadores distintivos de ambas as raças, sendo isto inesperado, mas não alarmante. Isto também reforça o argumento que os meninos resultarão ser um Vesti e o outro Amato, embora geralmente não há nenhum menino Amato quando um Vesti está comprometido em um emparelhamento.

— Cada mulher grávida leva gêmeos? Um menino de cada raça? — Ariel só podia abrir a boca de espanto.

— Cada uma — Krista sorriu abertamente — A genética não é minha especialidade, a matemática é, e para bem ou para mau, Lyan e Adan são caçadores de recompensas e não estão inclinados a falar de temas científicos — Uma risadinha escapou — Realmente não estiveram inclinados a falar muito desde que chegamos aqui. Mas pela história que pude reunir, adivinхо que os pobres seres humanos, sem asas, provavelmente têm uma amostra mais pura, e uma variedade mais ampla dos gens Fallon, da que os Vesti e Amato têm aqui em Belizair. Quero dizer,



misturam-se com seres humanos durante milhares de anos, enquanto que seus antepassados o fizeram a sua maneira, para suprimir algumas forma e dar prioridade a outras. O que faz perguntar-se exatamente que forma tomaram quando estavam criando a próxima geração. Pela razão que seja, sigo pensando no mito de Leda e o cisne. Sabe do que estou falando? Quando Zeus tomou a forma de um cisne e teve sexo com Leda, e mais tarde deu a luz a Helena da Tróia. E se isso fosse algo comum aqui antes?

Ariel se engasgou com a risada, tentando manter a mente afastada de pensamentos complicados de sexo inter-espécies.

— E as asas? Os cientistas não têm monitores? Não são capazes de dizer a que raça pertencem os bebês que vêm?

— Eles têm provas para saber que os bebês estão sãos. Têm monitores. E sabem o sexo dos bebês logo que a gravidez se faz o suficientemente adiantada, mas as asas não se manifestam até o final do nascimento, quando põe os braceletes dos pulsos, e uma parte das pedras Ylan do pai migra ao bracelete do filho — Krista riu — Você tem uma filha, por isso sabe mais sobre o parto que eu, mas te direi uma coisa, o pensamento de dar a luz a dois meninos, e ambos com asas... — Estremeceu dramaticamente — Digamos que estava completamente enlouquecida só de pensar nisso!

Ariel não pôde evitar sentir-se como Krista.

— Acredito que me sentiria da mesma maneira. O nascimento de Kaylee foi fácil em comparação com alguns, mas ainda gritei, disse más palavras, e jurei que não voltaria a passar por isso nunca mais — Fez uma pausa, as palavras de fazia muito tempo eram vazias no coração — Mas o faria, se Deus me concedesse outro milagre. Sofreria de boa vontade tudo isso outra vez a fim de dar meninos a Zeraac e Komet.

— Talvez consiga seu milagre — Disse Krista — Estar aqui me faz pensar que tudo é possível — Ela riu — Além de receber um Big Mac e batatas fritas... Que desejava desesperadamente, para horror de meus companheiros de vínculo. E os sorvetes, hah! Posso te dizer que vai ser uma gravidez longa e miserável, ao menos para Adan e Lyan! A carne aqui é uma delicadeza cara e para eles, a ideia de ter animais ao redor para tirar seu leite é quase um sacrilégio.

— Não tem sorvete?

— Nenhum. Nada. Não. Apesar de que juram que têm algo similar ao chocolate, é parte da razão pela que Adan e eu estamos no mercado hoje.

Ariel sorriu.

— O chocolate é definitivamente uma boa razão para sair a comprar.

E fizeram, passaram juntos grande parte do dia, procurando, e finalmente encontraram o que necessitavam, em um pequeno posto de uma velha Vesti.

— Supõe-se que isto tem sabor de chocolate? — Disse Ariel com o cepticismo na voz, quando ela e Krista se inclinaram sobre o recipiente que continha o que tanto Adan como a proprietária Vesti chamaram yaschi.

— Não parece muito apetecível — Admitiu Krista — Alguma vez esteve em Santa Cruz?



— Sim. E sei o que está pensando. Lesmas² Amarelo, brando e viscoso. Felizmente, o yaschi parece ter as duas primeiras características, mas não a terceira.

Krista riu dissimuladamente.

— São muito brilhantes. Poderia ser a luz do sol refletindo na umidade. Assim que eu não descartaria que não sejam viscosos. Como estou grávida, com a sensibilidade muito delicada, por que não os prova você primeiro?

Ariel começou a rir.

— Bom, mas só porque temos passado a maior parte do dia procurando isto — Mesmo assim, ela se preparou para a possibilidade de que os “bombons” fosse similares às lesmas pegajosas, enquanto se aproximava, detendo-se antes de recolher um dos yaschi — Não tenho dinheiro.

Krista agitou mão.

— Provavelmente tem. Não te disse Zeraac que nos braceletes há um nano-computadores junto com as pedras Ylan? Para pagar tudo, isso me disseram, apresenta o pulso direito e o vendedor a analisa, e se transfere dinheiro da conta à sua — Ela estendeu a mão para a vendedora.

Adan riu, levando seu braço para trás, dizendo:

— Me deixe fazê-lo, amada, é um pouco mais complicado que isso. Esvaziaria nossa conta, se não tomar cuidado. Sorriu à velha vendedora Vesti, oferecendo seu pulso. Ela roçou o bracelete direito com a dele, brevemente — Pronto. Agora prova o yaschi. Prometo, encontrará-o quase exatamente como os bombons que dizem desejar.

Krista saltou

— Quase?

Ele a abraçou.

— Talvez ainda melhor — Disse ele, a boca cobrindo a de Krista, e os braços dela subindo ao redor do pescoço, quando devolveu o beijo.

Ariel não pôde evitar sorrir, desfrutando de sua companhia, feliz pelos dois. Seus pensamentos foram a Zeraac, e o corpo esquentou, os mamilos se apertaram com uma revoada em sua matriz. A sensação era muito intensa, apesar de que não estava perto.

Deu-se a volta, explorando o mercado, uma sacudida de calor abrasador passou pelo ventre e clitóris, quando os olhos conectaram com um varão Vesti que estava a vários postos de distância, olhando-a atentamente, enfocado completamente nela, assustando-a com a intensidade de seu olhar fixo, e o modo como o corpo respondeu a isso, o desejo a percorreu, quando não deveria haver nenhum.

Ariel se girou de novo para o yaschi, impactada. Ela desfrutava da visão de um homem bonito, tanto como qualquer outra mulher fazia, mas nunca tinha sido uma pessoa que sentisse luxúria por um desconhecido, sobretudo se o coração estava ocupado em outra parte. Entretanto, cada célula do corpo estava vibrando diante a consciência da presença do desconhecido Vesti, diante a consciência de seu olhar acariciador sobre os ombros e costas, fazendo-a consciente dos

² Lesmas amarelas com aspecto de plátano. São os mascotes da Universidade da Santa Cruz



seios nus e os mamilos apertados. Tomo toda sua força de vontade lutar contra o impulso de voltar-se de novo.

Tratou de distrair-se tomando um dos yaschi, aliviada quando encontrou que estava um pouco seco e duro, como um caramelo em um ambiente afresco.

Krista se afastou de Adan, rindo e dizendo:

— E então? — Quando viu que Ariel comeu um dos “bombons”.

— Até agora tudo bem. Não se sente como uma lesma de plátano — Ariel fechou os olhos, dando o passo decisivo e mordendo o “doce” amarelo, chegando a distrair-se completamente de seus pensamentos anteriores, quando uma explosão de sabor encheu a boca ao dissolver o yaschi, deixando uma capa de sabor na língua com o gosto do chocolate preto — Wow — Disse ela. Abrindo os olhos e alcançando um segundo caramelo, o corpo relaxou, os mamilos suavizaram quando se deu conta que a inquietante presença masculina se foi.

Adan teve que oferecer seu pulso à vendedora uma segunda vez, antes que Ariel e Krista se enchessem de comer yaschi, e depois uma terceira vez quando Krista insistiu em querer retornar a casa com um pouco do caramelo amarelo, rindo e dizendo:

— Tenho que me abastecer. Quem sabe quando Lyan e você me deixarão sair outra vez!

Seguiram vagando, não só pelo mercado, mas sim pelos jardins ao redor, desta vez com Paraisio e Shiraz unidas à conversa, falando de alguns planetas próximos e de seus habitantes, só detendo-se quando Zeraac apareceu, obviamente ansioso por passar algum tempo sozinho com Ariel.

Zeraac estava agradecido com Paraisio e Shiraz, por não esperar que conversasse com elas ou mantiveram uma conversa cortês, quando retornaram à moradia. Suas risadas apagadas, quando se retiraram para onde estava o jogo de Fett, para começar de novo a jogar, ao notar a tensão de seu rosto e a ereção que já era evidente através da ridícula coberta.

A suave risada de Ariel se uniu às suas, mas onde a diversão silenciosa de Shiraz e Paraisio, levou um sorriso à face de Zeraac, a de Ariel o excitou, fazendo que seu sangue formasse redemoinhos com avidez por seu corpo, fazendo-o não desejar nada mais que jogá-la sobre um banco acolchoado só uns metros de distância de onde estavam, e tomá-la ali.

“Por aqui” — Disse ela, a urgência da voz fez que seu pênis pulsasse, enquanto ela se voltava para uma porta aberta, o balanço do cabelo longo e quadris o fascinou.

Ele a seguiu, sem pensar além de conseguir que os dois estivessem fora de suas roupas. Mas sua necessidade era tão grande como a dela. Logo que estiveram no quarto, ela tirou a calça, deixando formar um atoleiro de seda cor azul aos pés.

O olhar de Zeraac, dirigiu-se rapidamente para seu montículo depilado e o pênis se sacudiu, molhando a parte dianteira da roupa que cobria sua excitação. Pela Deusa, as dobras depiladas e excitadas, de Ariel o apanharam.

— Sobe à cama — Ordenou, a necessidade de dominar caiu sobre ele assim que seus olhos encontraram o sinal de mordida que Komet deixou no interior da coxa. Um sinal de mordida que agora mesmo reluzia, coberta dos sucos de sua excitação.

Ela estremeceu, fazendo o que pediu, sua pronta obediência fez que o desejo fosse mais



profundo nos dois. Ele se despojou da roupa, tomando o pênis na mão, recordando a visão do prazer de Komet quando ela o tomou na boca, a maneira como sempre quis sentir os lábios e a língua nele.

Mais tarde, prometeu-se, neste momento, a necessidade de reafirmar sua reclamação como sua companheira de vínculo era mais importante que o próprio prazer. Avançou lentamente sobre a cama junto a ela, colocando-se a seu lado, a mão já entre suas pernas, estendendo-as, explorando o interior das coxas úmidas, os lábios da boceta inchados, e o clitóris erguido.

Ela ruborizou sob seu olhar, a face, seios e montículo se fizeram mais evidentes pelo rubor. Recordando seu primeiro encontro no sofá.

Deixei-o... Dolorido.

Um pouco de dor só aumenta a antecipação e faz mais profunda a satisfação.

Havia coisas que Colin e eu gostávamos de fazer, ao princípio, antes de nos casar, e depois, antes de saber sobre a enfermidade de Kaylee. Acredito que às vezes se culpava porque ela nasceu com uma enfermidade e tivesse que sofrer tanto. Ele não queria falar disso, mas acredito que às vezes disse que era a maneira de Deus de castigá-lo pelas coisas “que nós gostávamos” no quarto.

Zeraac evitara perguntar mais detalhe, então, embora sua imaginação cambaleou com imagens, o interlúdio da ducha fez ainda mais fácil para ele conjecturar algumas coisas das quais ela poderia desfrutar. E ele ainda queria agradá-la, sem assustá-la nem ofendê-la. Mas temia que algumas das atividades que passavam por sua mente conseguiriam exatamente isso.

Seu corpo se esticou. Odiava o pensamento de seu marido falecido, embora sabia que o outro homem não era nenhuma ameaça. Compadecia-se do policial por tudo o que tinha perdido por suas próprias ações, a própria esposa e sua filha, mesmo antes de ter sido assassinado.

O olhar de Zeraac encontrou outra marca de mordida de Komet, esta no pescoço, perto da linha de nascimento de seu cabelo, e a necessidade de reclamá-la rugiu através dele, superando sua aversão a perguntar sobre seu passado.

Os dedos se introduziram na boceta, a palma forte e dominante sobre o clitóris, fazendo-a gemer e arquear-se para ele enquanto se inclinava, beijando-a antes de pedir

— Me diga o que você gosta na cama, Ariel.

— Você o faz, Zeraac, tudo o que faz me agrada.

Tirou os dedos da boceta, retirando seu toque durante só uns segundos, antes de levar a palma da mão em um açoite sobre seu montículo, que fez que o fôlego ficasse capturado na garganta e o corpo sacudisse, as pernas se estenderam cada vez mais, antes que ela sussurrasse em sua mente, “OH! Sim. Por favor, Zeraac. Por favor”. E como se ela também recordasse seus momentos juntos em seu apartamento, adicionou: “Me deixe gozar, Zeraac. Faz que goze”.

A boceta estava avermelhada, ruborizada pela excitação e o aguilhão dos açoites. A visão disto fez que o pênis de Zeraac se sacudisse e doesse pela necessidade, de maneira que não estava certo de quem exatamente estava sendo castigado. E quem tinha o controle.

A luxúria fez estragos nele, feroz e primitiva, e se inclinou sobre ela, devorando os seios, mordendo os mamilos, fazendo-os avermelhar e que os sentisse bem atendidos, enquanto sua mão a conduziu ao primeiro orgasmo, os gritos enchendo o quarto, assim como sua alma.



E mesmo assim, não foi suficiente para satisfazer o desejo primitivo de Zeraac. Ele se levantou o suficiente para abrir a gaveta da cama, esperando que contivesse a maioria dos brinquedos usados nos jogos sexuais, o pênis pulsando quando a mão tropeçou com os anéis de mamilos e com as restrições.

Extraiu-os, levantando-se sobre os joelhos, tomando os pulsos de Ariel e rapidamente os segurando às ancoragens ocultas na cama. Ela se sacudiu em reação e o olhar voou a sua face, olhando quando ela nervosamente lambeu os lábios, como os mamilos se apertavam e o fôlego era mais curto.

“Aceita isto?” Perguntou.

Ela estremeceu, tanto por medo feminino como pelo conhecimento carnal em seus olhos, seu rouco *sim*, era uma confirmação do que ele já tinha adivinhado, que isso era algo que ela e seu marido já fizeram alguma vez.

As fossas nasais de Zeraac flamejaram em resposta, o pênis cada vez mais cheio, e as bolas mais pesadas. A combinação da mordida de Komet e as lembranças de seu falecido marido o inflamaram ainda mais. Pela Deusa, que agora era sua vez de possuí-la tão profundamente, tão fundo, que não haveria nenhum lugar para que ela pensasse em nenhum outro enquanto ele estava dando prazer.

Atou os tornozelos, deixando-a estendida, para olhá-la, tocá-la a seu desejo. Seu montículo o chamava, os lábios inferiores brilhantes e separados, rogando por seu beijo, por que empurrasse sua língua nela. Mas antes de ceder a este canto de sereia, colocou os anéis de mamilos, criados pelo clã Araquel, ao redor das aréolas, vendo como se apertavam, por isso se arqueou para cima suspirando, ao notar como se duplas bocas a sugassem.

Quando ela estava retorcendo-se pela estimulação dos mamilos, ele dirigiu a atenção à carne feminina nua, suave e rosada, inchada e excitada pela necessidade de seu toque. *“Zeraac!”*, Gritou diante a primeira passada da língua, sacudindo-se violentamente contra as ataduras que a impediam de procurar seu próprio prazer ou apressá-lo.

Ele brincou com ela. Atormentou-a. Tragando seus gritos e súplicas vorazmente enquanto comia sua boceta. Desfrutando de cada momento com ela, fazendo-a gritar uma e outra vez na liberação, até que as lágrimas brotavam dos olhos e ela gemia, completamente total diante ele.

Só então, soltou as sujeições e se permitiu o que queria, mas ainda não tinha experimentado, ficando de joelhos com as asas estendidas atrás dele, o corpo tenso, dolorido pela necessidade de inundar-se nela, e, entretanto, ele tinha prometido isto.

“Toma meu pênis em sua boca, Ariel” — Pediu, o pênis quase explodiu só de ver seu movimento rápido para obedecer, colocando-se sobre suas mãos e joelhos diante dele, levantando a cara de modo de poder olhá-lo por debaixo das pestanas, enquanto punha sua boca sobre o pênis e lhe dava prazer.

Zeraac quase gozou ao primeiro toque dos lábios e língua. Cravou os dedos no cabelo, dizendo a si mesmo que o fez com o fim de controlá-la, mas sabendo que era uma mentira, mesmo enquanto o pensava, sabendo que a sujeitava com o fim de manter-se em posição vertical diante a doce tortura da boca.



Estava ofegando em questão de segundos, fodendo dentro e fora da boca, fora de controle. Sua realidade inteira, todo seu mundo, centrado em seu pênis e o que ela estava fazendo.

“Ariel!” — Exclamou instantes depois incapaz de deter-se, de atrasar sua liberação quando ela o acariciava, dando um prazer como nunca experimentou antes. Seu grito encheu o quarto, o corpo estremecendo enquanto caía para frente, levando-a com ele.

O desespero levou o sangue de novo para o pênis quase imediatamente, o conhecimento de que sua visita logo acabaria. “Ariel” — Disse, e ela respondeu, abrindo as pernas, dando a bem-vinda em sua boceta, os movimentos suaves agora, mas não menos urgentes. Culminando em uma alegria compartilhada, na liberação compartilhada. Um amor sem o qual Zeraac sabia que morreria.

“Amo-te” — Sussurrou ele, tirando os anéis dos mamilos, não querendo ter nada artificial entre eles.

“Eu também te amo. É meu milagre, Zeraac. E de Kaylee.”

Seus lábios foram suaves sobre os dela, a língua lânguida, quando a acariciava e se entrelaçava com a sua, quando ambos absorviam a emoção que formava redemoinhos ao redor e entre eles, as pedras Ylan pulsando com suavidade, fazendo eco dos batimentos de seus corações. “Ficaria assim para sempre” — Disse, o pênis ainda dentro de seu corpo, deleitando-se com o calor úmido e os músculos apertados.

Ela riu silenciosamente, seus pensamentos o faziam saber que ela desfrutava com a sensação dele dentro dela, embora disse. — “Ser pais já é bem difícil, sem tentar manobrar em uma versão altamente sexual de gêmeos siameses.”

As mãos exploraram a borda superior das asas, fazendo-o estremecer. A necessidade de respirar fez que o beijo terminasse.

— O que está acontecendo com o desafio? — Perguntou.

— Komet e eu seguimos com nossos esforços para conseguir que o Conselho deixe o desafio, sem fazê-lo efetivo.

Ariel mordeu o lábio. Parte dela queria escapar para sentir só a felicidade sensual, fazendo pouco caso de todo o resto, exceto da sensação do corpo de Zeraac nela, de ser dela. Mas podia dizer, pela forma em que as pedras da parede estavam obscurecendo, que logo o terceiro sol surgiria, o que indicava que o “tempo de descanso” de Belizair se aproximava. Ele teria que ir antes que isto acontecesse, e então não teria mais notícias até que Zeraac, Komet, ou ambos a visitassem de novo.

— Com quantos membros do Conselho falaram?

Zeraac suspirou.

— Nove. Cinco que provavelmente votaram em deixar o desafio a nossa vinculação, e quatro que argumentarão que deve fechar o processo.

A tensão encheu o corpo de Ariel.

— Só falta falar com três. Como pensa que votarão eles?

— Não sei.

— Mas se tivesse que adivinhar? — Perguntou ela.



Ele negou com sua cabeça.

— Não posso, Ariel.

Ela quis pressioná-lo mais, para saber de uma ou outra forma. Entretanto, deixou-o estar a favor de algo que aliviaria um tanto seus corações.

— Quanto tempo acha que levar o DNA de Kaylee seja emparelhado e ela possa retornar a casa?

Zeraac riu.

— Não rápido o suficiente no que se refere, mas muito logo para os curadores. Eles ficariam até mais à frente do tempo em que fosse adulta se pudessem. — Inclinou-se e beijou Ariel. *“Como sua mãe, ela é realmente bonita, por dentro e por fora. Sua coragem e espírito são um farol, atraindo a todos os que estão em sua cercania”*.

Os olhos de Ariel ficaram imprecisos por seu louvor, mas brincou:

— É melhor que se prepare para a realidade de educar um filho. Nem sempre é um anjo, às vezes pode ser um pequeno demônio.

Ele sorriu.

— Então, que melhor lugar para criá-la que Belizair, onde os anjos e os demônios coexistiram sempre, e agora compartilham a uma companheira humana?

Ariel se pôs a rir, beijou-o, agarrando-se firmemente ao momento, monopolizando-o, apreciando-o. Rezando para que houvesse uma vida junto a ele. Embora muito cedo, a realidade a invadiu, desta vez em forma da voz alta de Shiraz dizendo:

— Estou quase certa que esse movimento vai contra as regras, Paraisio, mas aceitarei a derrota, já que uma vez mais, deixamos de prestar atenção ao tempo. Você diz a Ariel, ou eu?

“Devo ir” — Disse Zeraac, fechando os olhos quando tirou o pênis de seu corpo e ficou de pé.

Ela se levantou com ele, colocando depressa a calça, enquanto ele se vestia. Ambos sabiam, pela cor das paredes, que não havia tempo para retardar-se, para prolongar o adeus.

— Quando o segundo sol se eleve — Disse ele, beijando-a na porta de entrada — Um de nós virá a você.

“E dentro de mim” — Brincou Ariel, os olhos alagados, como quando se despediu de Komet.

“Dentro de você, ou em seu bonito montículo depilado” — Disse ele, devolvendo a brincadeira, tratando de fazer sua separação mais passível.

Ela ruborizou, pela imagem a toda cor que provocaram suas palavras, as lágrimas foram esquecidas quando os mamilos voltaram a apertar.

— Amo-te.

Zeraac não pôde resistir a dar um último beijo. *“Eu também te amo”*.

As paredes de cristal clarearam, o que permitia a luz do sol entrar no quarto de Ariel quando despertou, com um sorriso enquanto se estirava, o corpo agradavelmente dolorido dos encontros sexuais com Zeraac e Komet.



Uma risada escapou, sua felicidade trocando a uma sensação de euforia e antecipação quando se levantou da cama e se vestiu, escolhendo a calças combinando com os redemoinhos verdes dos cristais dos braceletes.

Kaylee. Tinha o pressentimento que sua filha retornaria hoje.

Paraisio e Shiraz estavam uma vez mais em uma batalha de Fett, descobrindo que eram igualmente hábeis e estavam unidas em seu amor ao jogo de estratégia. Ariel recebeu só uma resposta resmungada quando as saudou, antes de preparar um café da manhã de frutas e pão.

O estômago grunhiu, nem tanto por fome, mas sim pelo desejo de morder uma tira de bacon, ou melhor, ainda, uma salsicha, rindo dissimuladamente em silêncio, talvez o porco inteiro, e coberto em um espesso molho. Por um momento, deixou imaginar na extravagância de comprar carne em Belizair, porque apesar de quão macho eram seus novos maridos, não podia imaginá-los caçando e matando a caça para ela, e comprá-la seria mais verídico. A carne vinha em uns pacotes envoltos de celofane, ordenados a uma loja de comestíveis, com pouco sangue, ou algo que fizesse alusão que tinha vindo alguma vez de uma criatura viva, e ela era o bastante honesta com ela mesma, para confessar que queria que seguisse sendo assim. Nenhum pensamento de um Bambi ficando órfão no bosque porque os caçadores mataram a sua mãe. Nenhum pensamento sobre uns olhos grandes e doces.

Ariel suspirou. Talvez fosse melhor que comesse um grupo de mantimentos que não fossem mamíferos. Entretanto, não podia deixar de perguntar se a carne disponível em Belizair saberia como a carne de vaca ou de porco.

Não. Provavelmente teria sabor de frango. Sorriu, recordando o momento em que ofereceram a Colin e ela carne de cascavel frita no Texas. *“Tem sabor de frango”,* disse a garçonete mal-humorada do restaurante de estrada. Mas eles não pediram *“a especialidade da casa”,* por isso Ariel não sabia se a garçonete estava dizendo a verdade. Em Louisiana, ofereceram um guisado de lontra, mas pensar em comer um roedor semelhante a um rato almiscarado, não merecia nem sequer uma consideração, apesar de que seu anfitrião disse, *“Comam tranquilos, tem sabor de frango.”*

Ariel terminou o café da manhã, com a intenção de arrastar suas companheiras longe de seu jogo, mas antes que pudesse fazê-lo, a moradia se encheu com o ruído da campainha e ela correu à porta, utilizando as pedras do bracelete para que a parede se reabsorvesse em parte, parecendo dissolver-se e formar uma porta.

— Mamães! Estou de volta! — Disse Kaylee, lançando-se nos braços de Ariel, a bochecha suave deslizando-se contra a bochecha úmida de Ariel, enquanto se abraçavam com força.

— OH, pequena! — Disse Ariel, fechando os olhos, incapaz de dizer nada mais, com a garganta obstruída pela emoção, não só por ter de novo sua filha, mas também ao ver Kaylee brilhando com saúde e energia, de sentir o pequeno coração de Kaylee palpitando com a promessa de um futuro, trovejando contra o próprio peito e misturando-se com o rugido feroz de amor maternal que a enchia — OH, minha pequena! — Sussurrou ela outra vez, contendo a risada quando sentiu que Kaylee começava a retorcer-se, desejosa de falar e demonstrar tudo o que podia fazer agora.



A contra gosto, Ariel libertou a filha, uma nova onda de alegria percorrendo-a, quando Kaylee sustentou as mãos a só uns centímetros do rosto de Ariel.

— Olhe, mamãe. Eles as arrumaram!

Ariel tomou as mãos de Kaylee nas suas, lágrimas se formaram nos cantos dos olhos quando olhou os dedos, que já não tinham as pontas arredondadas pela falta de oxigênio, os dedos que já não meteria em um punho com o fim de ocultá-lo da vista.

Por um instante, o passado se sobrepôs ao presente, e Ariel voltou a sentar-se na cama de um hospital, olhando a sua linda filha recém-nascida, contando os pequenos dedos das mãos e pés, miniaturas perfeitamente formadas dela mesma.

Como fez aquele dia, levou as mãos de Kaylee até a boca, dando a volta e beijando cada palma, antes de serenar-se, embora não pôde evitar dar um abraço mais a Kaylee, antes de endireitar-se finalmente e saudar e agradecer ao ancião curador Amato que estava de pé na entrada.

Ele sorriu, a mão enrugada foi para o topo da cabeça de Kaylee.

— Fica muito pela frente para esta garota. Mas sou eu o que foi bento com sua presença em nosso enclave. Ela é como uma estranha pedra Ylan, um tesouro delicioso que tivemos o privilégio de ter, embora só fosse por um curto tempo.

Ariel se separou da entrada.

— Gostaria de entrar para comer ou beber algo?

— Não, obrigado pela oferta, mas tenho que voltar para as montanhas. Já enviei a mensagem da volta de Kaylee a seus companheiros de vínculo. Acredito que logo terão companhia.

Começou a retirar-se, mas Ariel o deteve com a mão em seu braço, depois se adiantou e o abraçou. *“Obrigada por tudo o que tem feito por Kaylee.”*

“Ela sempre será bem-vinda nas montanhas” — Disse, antes de partir.

A chegada de Kaylee separou Paraisio e Shiraz do jogo, e agora se encontravam a seu lado com expressões divertidas nos rostos, ao ver uma pequena menina humana colocando-se frente a elas com as mãos nos quadris dizendo:

— Mamãe, como é que agora vivemos aqui com elas em vez de com Komet e Zeraac? Não quero ter três mães, quero uma mãe e dois pais.

Paraisio foi primeira em reagir, a risada encheu o quarto antes de dizer:

— E com sorte, terá o que deseja, Kaylee, mas até então, talvez possa viver com uma mãe e duas... Tias... Acredito que é a palavra que usaria na Terra, certo?

Kaylee relaxou a postura e enrugou o nariz.

— Podemos usar essa palavra se você desejar. Mas realmente não parece que possa ser a irmã de minha mãe.

— Mas podemos fingir, não é? — Disse Paraisio, conseguindo suprimir sua risada e oferecendo seus braços em sinal de saudação — Sou Paraisio d’Amato, e sua outra tia é Shiraz d’Vesti.

O orgulho encheu Ariel quando olhou Kaylee roçar os braceletes de Paraisio e depois os de



Shiraz, de uma maneira muito parecida com um adulto e com muita seriedade, embora logo que o fez, Kaylee disse:

— Pode ver se Komet e Zeraac já estão em caminho para vir? Quero mostrar todas as coisas que posso fazer agora.

— Não há necessidade — Disse Zeraac, aparecendo na entrada com Komet.

— Zeraac! Komet! — Kaylee se lançou para eles, e Zeraac a levantou nos braços, lançando-a para cima, antes de levá-la para o peito e abraçá-la.

Komet abraçou Ariel, beijando-a, antes de concentrar sua atenção em Shiraz e Paraíso, com o abraço mais fortemente sobre Ariel.

— Os cientistas desejam começar preparar Kaylee para seu tratamento, imediatamente. Devemos acompanhá-las, tanto ela como Ariel, a sua zona de trabalho.

O coração de Ariel balançou no peito. Apesar que ela já sabia...

— Kaylee só acaba de chegar.

Komet roçou os lábios contra os seus. *“Sei, amada. Mas quanto antes comece, mais cedo estará terminado. Algo que ficará para sempre no passado”.*

Um pensamento diferente se precipitou sobre ela, e com ele uma nova onda de preocupação e incerteza assaltou Ariel. *“Os cientistas encontraram um companheiro para ela”.*

Sua imediata tensão não fez nada para aliviar o nó do estômago de Ariel.

Sim”.

“Há mais”.

“Sim”.

“A verdade Komet, não alguma mentira açucarada que você pense que é melhor para mim”.

“Eles encontraram dois companheiros para o gen Fallon de Kaylee. Um Vesti e um Amato”.

O nó do estômago de Ariel se apertou.

“Assim poderia haver um partido Vesti para mim também”.

“Sim”.

Capítulo 12

— Quero abraçar Komet — Disse Kaylee, demandando a atenção de Komet, que mantinha uma conversa à parte com Ariel.

Mas quando Kaylee rodeou com os braços o pescoço de Komet e se transferiu para seus braços, Zeraac riu e deu um passo atrás, dizendo:

— Ainda não, ou esmagará a surpresa que Komet tem para você.

— Trouxe-me uma surpresa? — Perguntou Kaylee, os olhos cada vez mais abertos e seu rosto radiante pela alegria infantil, apesar de que as sobrancelhas se uniram em um cenho de brincadeira, quase imediatamente, quando olhou Komet — Deve ser uma surpresa pequena e não uma grande. Eu não vejo nada. Onde está?



Komet se pôs a rir, deixando Ariel no chão, e retirando os próprios cachos para trás, para deixar ao descoberto uma pequena criatura, cor verde clara, que se agarrava à parte posterior do pescoço.

— O que é? — Perguntou Kaylee, com um sussurro excitado.

Komet convenceu ao pequeno bichinho a ir a sua mão e Ariel não pôde evitar sorrir, surpreendida pelo animal de aspecto delicado.

— Parece-se com uma miniatura de esquilo voador — Disse.

— Só que os da Terra não são verdes — Adicionou Kaylee — E olhe, mamãe, tem linhas, exatamente como uma folha tem.

— Exatamente — Disse Komet — Chama-se banzit, e vive nas árvores, utilizando as folhas de camuflagem — Os olhos brilhavam — Agora, talvez se me dá esse abraço, permitirei que tome a seu cargo esta fêmea, a que chamei Sabaska.

Kaylee abriu os braços amplamente, permitindo a Komet levá-la para os seus, para dar um primeiro abraço e depois um beijo na testa.

— É bom te ter em casa e ver que se sente bem.

— Não estou em casa ainda. Por que mamãe e eu não podemos viver com você e Zeraac?

— Falaremos disso mais tarde. Os cientistas a esperam, embora tenham concordado nos deixar passar um tempo com você antes de começar suas provas. E autorizaram que Sabaska permaneça com você na sala de exame.

O olhar de Kaylee voou para ele, e depois a Ariel, os pequenos traços demonstrando medo e preocupação por um momento.

— Vocês também vão ficar comigo, certo?

— Todos nós — Disse Komet.

Ariel colocou a cabeça de Kaylee sobre o ombro de Komet, e esfregou as costas, ainda magra, da filha.

— Tudo irá bem, pequena, só um pouquinho mais e deixará de estar doente.

— Mas eu queria passar o dia fazendo coisas divertidas — Gemeu Kaylee.

Zeraac se uniu a eles, moveu a mão pela cabeça de Kaylee, enredando os dedos no cabelo fino de sua pequena.

— E as fará. A visita aos cientistas não levará todo o dia. Komet falou com eles e já fez um plano. Hoje, desejam tomar amostras de várias partes do corpo para que possam saber por onde atacar a enfermidade, e como fazer da melhor maneira. A maioria de seu trabalho se levará a cabo depois que tenham reunido tudo o que necessitam de você.

— Doerá? — Perguntou Kaylee, o lábio inferior tremia.

— Pode haver momentos nos que se sinta incômoda — Disse Komet — Mas estes procedimentos não deveriam ser dolorosos.

— Vão cravar-me agulhas?

— Não. Não usamos essas coisas aqui.

— Está bem, então. De acordo. Mas me disse que não tenho que ir em seguida.

Komet sorriu, movendo a mão sobre o ombro de Kaylee e impulsionando banzit a apoiar-se



ali.

— Não em seguida. Pensei que talvez pudéssemos passar algum tempo fora.

Kaylee riu, desviando a atenção para o pequeno mamífero no ombro.

— Tem unhas afiadas!

— Para poder subir e descer das árvores — Disse Komet, pondo Kaylee de pé, suavemente

— Embora os banzits possam deslocar-se distâncias bem longas, a maior parte de seu tempo se dedicam a dormir ou procurar comida. Encontrei a Sabaska no chão do bosque quando era um filhote, não pude localizar seu ninho, de modo que não pude devolvê-la a este.

Kaylee lentamente acariciou ao pequeno animal verde, saltando um pouco quando sua garra dianteira se apoderou do dedo.

— É bonita. Vai levá-la com você quando retornar a casa?

— Aqui não possuímos animais domésticos, como fazem na Terra, mas esperava que estivesse interessada em compartilhar comigo a responsabilidade do cuidado de Sabaska — Disse Komet, com uma expressão tão terna que as lágrimas alagaram os olhos de Ariel

— Sério?

— Sim, se sua mãe permitir isso.

— Posso mamãe?

Ariel sorriu

— Sim, embora Komet tenha que nos instruir para que possamos cuidá-la bem.

Kaylee deu um pequeno grito, saltando, atenuando seu entusiasmo para não assustar Sabaska.

— Podemos sair agora?

Foram-se, Komet e Zeraac situando-se a ambos os lados de Ariel, com Kaylee brincando de correr diante, com alegria. Riu quando encontrou que o banzit estava feliz de fazer uma toca debaixo de seu cabelo e agarrar-se a seu pescoço.

— Olhe, mamãe! Olhe o rápido que posso correr! — Foi até o arco que conduzia ao seguinte grupo de moradias, antes de girar e correr de volta, quase atropelando Ariel quando se deteve, com os braços ao redor da cintura de sua mãe — Amo-te, mamãe.

Ariel beijou a bochecha levantada de Kaylee.

— Também te amo.

Kaylee se mudou para Zeraac, abraçando-o.

— Amo-te, Zeraac.

Ele a beijou.

— Amo-te também.

Komet também conseguiu um forte abraço, tão feroz, que o fez dizer:

— Temo que quando crescer vai chegar a ser um caçador de recompensas, está a ponto de me pôr sobre meus joelhos com seu apertão!

Kaylee riu.

— Amo-te. Obrigada por compartilhar comigo Sabaska. Nunca antes tive um mascote. — Os olhos olharam os dele — Quero dizer, um animal que ajudar a cuidar.



Komet sorriu, retirando uma mecha de cabelo da face de Kaylee.

— Estou seguro que Sabaska não importará que a chame mascote. O que importa é que sinta que ela é tanto um privilégio como uma responsabilidade, e não uma posse.

Ela deu outro abraço forte.

— Vou cuidar bem dela, e não pensarei que ela me pertence — Ela o soltou, voltando sua atenção para Shiraz e Paraisio — Na Terra, as tias brincam de pegar ou esconder com suas sobrinhas, para que os papais e mãães possam ter algum tempo a sós.

Tanto Paraisio como Shiraz riram. Paraisio disse.

— Acredito que pode contar conosco para tentar o melhor que possamos na hora de ser tias. Dois pátios mais à frente, há um lugar desenhado para as crianças. Contarei até vinte e permitirei que Shiraz e você tenham a possibilidade de esconder-se.

— Conta devagar! — Disse Kaylee, já correndo, com Shiraz atrás dela.

Quando Paraisio também desapareceu, Komet disse:

— Devia ter falado da Sabaska antes de...

Ariel apertou o braço.

— Você quer ser seu pai, Komet, e eu quero que tenha um — Ela riu — Bom, não só um... Dois, e Kaylee definitivamente decidiu reclamá-los tanto a você como Zeraac como pais. Estou certa que haverá momentos em que não estejamos de acordo a respeito das coisas, mas também sei que vocês dois atuarão com o coração.

A mão de Komet cobriu a sua, onde descansava em seu braço.

— Os meninos que levam os gens que coincidem com os ela estão com seus pais no pátio onde Kaylee vai brincar.

Um raio de medo correu através de Ariel, quando a realidade explodiu sobre ela. Em um instante, o pensamento que Kaylee a fez esquecer, retornou em uma avalanche de preocupação, que ameaçava asfixiando-a.

— Então agora o Conselho acredita que, por aí, há outro partido Vesti para mim.

A resposta de Komet foi dura.

— Sim.

— Então, votarão para romper o vínculo? E depois o que? Obrigarão-me a casar com esse outro Vesti quando o encontrarem, junto com outra pessoa que ele escolha?

— Sempre valorizamos o livre-arbítrio — Disse Zeraac — Por isso não acredito que cheguemos a isso.

— Mas não está seguro.

Suspirou.

— Não. São tempos difíceis. Nada é seguro, além de que nos enfrentamos à extinção, e nossa forma vai trocar como resultado.

Komet apertou sua mão.

— Eu não perdi a esperança. O Conselho e seus cientistas estão pisando com cuidado. Deixar saber que há tanto uma partida Amato como um Vesti por cada mulher humana, poderia causar uma agitação social aqui. Aos pais dos moços que se emparelham com os gens Fallon de Kaylee,



pediram que trouxessem para todos seus filhos, porque os gens destes poderiam ajudar a uma menina humana.

As sobranças de Ariel se juntaram.

— E eles deixaram tudo por vir até aqui?

Zeraac assentiu.

— Sim, os meninos sempre foram importantes para nós. A maioria em Belizair se ofereceria a ajudar Kaylee, se pensassem que se poderia obter algo com isso — encolheu os ombros — Talvez suspeitam a verdade escondida atrás do pedido, mas provavelmente só é uma esperança, e rezam para que os gens de seus filhos possam utilizar-se em Kaylee, e que, de algum jeito, ela possa ser alterada de modo que finalmente possa ser a mãe de seus netos.

Isso realmente afetou Ariel, e um grande rio de compaixão se estrelou através dela, pela desesperada situação em Belizair, pela dilaceradora que era. De algum jeito, similar a seu próprio pesadelo na Terra, quando ela teria feito tudo com o fim de assegurar um futuro para Kaylee. Assim como estes pais tinham vindo, pondo suas esperanças e as de seu clã em seus filhos, e em uma menina de nove anos que estava longe de chegar à idade adulta.

— Quando decidirá o Conselho se aceitarão ou não o desafio? — Perguntou Ariel, virtualmente forçando a pergunta a sair da boca.

Zeraac respondeu

— Estiveram esperando que chegue Miciah d’Vesti. Agora esperam que Kaylee esteja completamente bem — Levou a mão até sua boca, beijando o dorso — Eles não carecem de coração, Ariel.

— E se fossem votar hoje, como acha que iria?

— A primeira parte do desafio já foi eliminada. Os Cientistas verificaram que leva o marcador que coincide com o meu — As asas se inclinaram, só um pouquinho, mas o suficiente para advertir Ariel que não gostaria do resto de sua resposta — Acredito que haveria seis que votariam a favor de seguir adiante com as partes do desafio que ficam pendentes, e seis para que se detenha. Ao final, chegarão a um acordo. Acredito que discutirão a segunda parte, se veio voluntariamente, aceitando Komet e a mim como seus companheiros, antes de ser transportada, como é requerido pela lei do Conselho. Mas decidirão deixar de lado a terceira parte do desafio, porque o custo para nosso mundo seria muito grande, se eles começarem a perguntar quem tem direito a uma companheira, dado que nossas mulheres não podem ter filhos, e os que já estão vinculados sofreriam um destino similar.

— E se perdermos, e as pedras Ylan dos braceletes podem ser separadas, seria o final de tudo? — Perguntou Ariel, sentindo como se seu coração estivesse sendo apertado sem piedade por um punho.

Zeraac respondeu.

— Não. O mais provável é que proibam a Komet ou a mim de vê-la, talvez, até nos banir por um tempo, com a esperança de que tome outros companheiros de vínculo. Nem tudo está perdido. Ainda têm que te conhecer, e a Kaylee, para escutar o que tem a dizer. Ainda há espaço para a esperança.



— Para um milagre?

Ele riu suavemente.

— Sua chegada a minha vida foi absolutamente um desses milagres dos que fala.

— E o meu também — Adicionou Komet, também levando uma mão de Ariel para a boca, e beijando o dorso — Agora vamos deixar a um lado as preocupações sobre o futuro e desfrutar destes momentos que são nossos para compartilhar.

A emoção agriçdoce afogava Ariel. Os últimos nove anos se preparou para fazer justamente isso, saborear cada momento bom, e entesourá-lo, preparando-se para os maus momentos que chegariam mais adiante.

A reunião com os pais dos meninos que poderiam ser algum dia os companheiros de vínculo de Kaylee, foi inicialmente difícil para todos eles, e, entretanto, as travessuras dos meninos e ver Kaylee brincando de esconde, correndo e gritando, formando parte em um grupo, com três meninos e três meninas, fizeram impossível para Ariel não estar agradecida e alegre. Mal podia suportar afastar o olhar de sua filha, e como sentindo como milagroso era para ela, os outros pais permitiram ter seu espaço, falando uns com os outros e com Komet e Zeraac.

Como Paraisio disse o parque tinha sido desenhado para os meninos, e, entretanto, feito com a ajuda da natureza e não com as estruturas utilizadas nos parques de jogos da Terra. As rochas tinham sido amontoadas em “montanhas”, permitindo aos meninos provar sua habilidade para a escalada, enquanto que uma superfície lisa e de suave pendente ajudava a poder-se “deslizar” para baixo. Fossos escavados em areia, cada um com um oásis em miniatura, faziam possível tanto escavar como criar esculturas. E, é óbvio, havia árvores, alguns com ramos muito juntos e muito fáceis de subir, enquanto que outros proporcionavam um pouco mais de desafio.

“São crianças bonitas, não?” — Perguntou Zeraac mais tarde, logo depois que a atenção de Ariel havia tornado finalmente aos adultos, aos que se uniu em sua conversa, todos se chegaram a conhecer, até que ficaram em um silêncio sociável e cômodo.

Muito — Ela esteve de acordo, com os olhos nos meninos em questão. Na Terra eles possivelmente tivessem doze ou treze anos. Eram grandes para sua idade e surpreendentemente sérios, embora talvez fosse uma consequência da situação no Belizair.

Passaram a maior parte de seu tempo subindo às rochas, conversando uns com outros, e fazendo caso omisso dos meninos menores que pediam que voltassem a brincar com eles. E, entretanto, mais de uma vez viu seus olhos vagar para Kaylee, mas por outro lado, sua filha era tão sociável, tão cheia de vida, mesmo naqueles dias em que estava lutando por cada fôlego, que era difícil ignorá-la.

E como se fosse um sinal, Kaylee gritou:

— Mamãe, olhe! Sabaska subiu à cúpula da árvore. Olhe-me! Vou por ela!

As mãos de Ariel agarraram as de Komet e Zeraac, enquanto ela mordida o lábio para impedir de dizer alguma coisa, com o temor pela segurança do Kaylee, em guerra com a felicidade e diversão da menina. Nove anos de ter uma filha que nunca foi capaz de fazer algo arriscado,



tinham-na deixado em perigo de ser uma mãe muito protetora, agora que via como fácil era para uma criança machucar-se!

Os dedos de Zeraac, acariciaram os nódulos brancos.

— Acredito que tem razão, Komet, nossa filha será uma caçadora de recompensas, quando alcançar a maturidade.

A mão de Komet apertou a de Ariel, oferecendo também um silencioso gesto de consolo.

— Talvez falei muito depressa. Ela tem as qualidades de um cientista e erudito. Muitas vezes procurei o conhecimento dessa maneira. Parece como se tivesse subido às árvores toda sua vida.

Ariel se pôs a rir, deixando que a tensão saísse do corpo.

— Estou segura que há mais opções para Kaylee, que ser um caçador de recompensas ou um cientista.

— É certo — Respondeu Zeraac, o próprio corpo ficando tenso de repente, quando os dois meninos maiores se lançaram da “montanha” e voaram diretamente à árvore que Kaylee escalava. O jovem Vesti subiu alto, tomando Sabaska, enquanto que o jovem Amato arrancou Kaylee da árvore, antes de deslizar-se de novo ao chão.

Por um instante, Kaylee pareceu estar chocada, não só pelo voo, mas também por ser o centro da atenção de um menino maior, mas então ele cometeu o engano de brigar com ela, com voz séria, o que fez que os adultos escondessem seus sorrisos, quando ele disse:

— É muito pequena para subir tão alto. Muito indefesa sem as asas. O que aconteceria se caísse? Plaf! Isso é o que aconteceria. Não pode se permitir que faça isso.

Por um instante, fez-se um silêncio total. E depois Kaylee respondeu:

— Você não é meu dono! — Disse ela, a pequena coluna erguida, enquanto se aproximava e arrancava uma pluma da asa do menino, com o fim de deixar claro seu ponto.

Ele soltou um uivo de protesto, mas o som do mesmo foi quase apagado pela risada que escapou dos adultos presentes.

Ela partiu e recuperou a banzit das mãos do menino Vesti, que sacudiu suas asas para trás, como se tratasse de assegurar-se de que ela não pudesse chegar a elas, e provocou uma onda de risadas como consequência.

Depois, em um movimento que levou uma onda de amor ao coração de Ariel, Kaylee se aproximou dela, sendo de novo uma menina que necessitava um abraço de consolo.

— Eu poderia ter subido até o topo, mamãe.

— Sei, pequena, voltaremos outro dia e poderá fazer isso.

— Talvez também façamos uma corrida para a cúpula — Disse Komet, puxando seu cabelo

— Mas enquanto isso, deve dizer adeus a seus novos amigos. Fizemos os cientistas esperarem muito tempo.

As despedida se alargaram, a relutância de Kaylee a partir era óbvia para todos, embora ninguém se apressou. Mas finalmente, já não pôde postergar o inevitável. Sua mão se deslizou na de Ariel, a boca firme, com apenas um pequeno tremor.

— Bom, estou pronta para ir ver os cientistas agora. Mas prometeu que podemos voltar aqui.



Ariel se inclinou, dando a filha um abraço.

— Voltaremos logo que nos seja possível.

Kaylee elevou a vista, séria, e muito maior para ter só nove anos.

— Com Zeraac e Komet?

— Isso espero, carinho. Eu também desejo.

— Então por que não estamos vivendo com eles? — Perguntou Kaylee, fechando o círculo, agora que sua atenção não se distraía pelo banzit ou os novos amigos.

Ariel segurou o queixo de Kaylee e acariciou com o dedo polegar o lábio inferior de sua filha.

— Cuidaremos primeiro de você, e depois nos preocuparemos do que aconteça depois. De acordo?

Durante um longo momento se olharam, e depois Kaylee suspirou.

— Bem, mamãe. Mas quero que sejamos uma família.

— Eu também, pequena. Quero isso mais que tudo, exceto saber que você está completamente bem.

As provas foram tediosas e aborrecidas, com lances de espera entre elas, pondo Kaylee de mau humor e rabugenta, quando os cientistas quiseram tomar uma amostra atrás de outra, algumas delas no lugar exato da anterior.

— Não terminamos ainda? — Perguntou ela finalmente, a voz contendo um inconfundível gemido.

— Quase — Disse o homem Amato que tomava uma última mostra — Agora tem que tirar a calça.

O rubor alagou a face de Kaylee.

— Então só mamãe pode estar no quarto, e a outra cientista, a senhora Vesti. Você não é meu médico, por isso não pode ver o resto de mim.

O cientista levantou a vista, surpreso, mas Komet intercedeu, dizendo:

— O pedido de Kaylee é razoável. Ela já passou por muitas mudanças. — Levantou-se, beijou Ariel, e a seguir Kaylee — Esperarei na outra sala.

Zeraac fez o mesmo, o coração transbordado pela ternura, a mente girando em como esmagadora poderia ser ter uma filha.

O cientista também desapareceu, deixando Ariel e Kaylee sozinhas.

— Está zangada comigo? — Kaylee perguntou imediatamente.

Ariel tomou a pequena mão de sua filha, acariciando com o polegar os perfeitos dedos de Kaylee.

— Não, não estou zangada. Mas, pode fazer algo por mim?

Kaylee deu um suspiro dramático, com a queda dos ombros, que já indicavam que sabia o que sua mãe pediria.

— O que?

— Seja paciente, só um pouco mais de tempo. Sabe que os cientistas estão trabalhando em



seu benefício.

— Sei, mamãe — Disse Kaylee, soando devidamente repreendida — Mas prefiro estar fora brincando.

— Quanto mais rápido os cientistas façam seu trabalho, mais rápido acontecerá.

Kaylee se aproximou e Ariel não pôde resistir. Tomou sua filha nos braços para dar um abraço, sepultando a face no suave cabelo, que era exatamente da mesma cor que o dela. — Estamos tão perto agora, pequena, tão perto. Só um pouco mais de tempo, e estará completamente bem.

Capítulo 13

A mente do Ariel não dormia. Seus pensamentos e emoções rodavam ao redor de um interminável cacho de cabelo de montanha russa. Outro dia, dois no máximo, e Kaylee estaria completamente curada da enfermidade que quase a matara. Outro dia, dois ou três como máximo, e o Conselho abordaria o desafio a seu “matrimônio”.

Nenhum esperará que responda com a mente as perguntas, sem a proteção da palavra falada. Mas em nosso mundo, uma mentira pode ser facilmente descoberta e a honra do mentiroso fica deslustrado, e sua companhia se julga indesejável, dissera Komet, e, entretanto, o que faria ela se perguntavam diretamente se concordara ou não, em vir aqui, ou se aceitou de antemão os dois, Zeraac e Komet como seus companheiros de vínculo?

— Mamãe — A voz de Kaylee soou na sala fracamente iluminada, interrompendo a preocupação de Ariel. Por costume, beijou a parte superior da cabeça de sua filha — Pensei que estava adormecida, pequena.

Kaylee se aconchegou mais perto de Ariel, mas estendeu a mão, ancorando-se na borda da cama onde ambas estavam, os cristais da parede estavam obscurecidos contra a intensidade do terceiro sol.

— Pensa que papai nos olhe do Céu?

A pergunta perfurou diretamente através do coração de Ariel.

— Não sei. Esteve pensando nele ultimamente? — Perguntou, alisando o fino cabelo de bebê de Kaylee.

— Sim.

— Por Zeraac e Komet?

— Sim.

Ariel seguiu desenredando brandamente, e alisando o cabelo loiro claro da filha, enquanto esperava que Kaylee encontrasse as palavras para contar o que sentia e pensava. O coração doía, enquanto olhava como se agarravam os dedos de sua filha a borda da cama, um sinal revelador e uma indicação sutil de sua angústia.

— Às vezes me custa recordar como era — Disse finalmente Kaylee — Acha que Zeraac e



Komet poderiam trazer as fotos que estavam em nossa estante?

— Sim. Já disse a Zeraac sobre nossas coisas. Quando houver tempo pediremos a Zeraac e Komet que as tragam para Belizair.

— Está bem. Isso seria bom. Especialmente as fotos. E, talvez, algum de meus brinquedos. E meus livros. Não quero me esquecer dos animais da Terra — Ficaram em silêncio de novo, desta vez mais pesado que anteriormente, só quebrado quando Kaylee perguntou — Ainda ama o papai?

As lágrimas alagaram os olhos de Ariel.

— Sim, pequena, ainda o amo. Ele me deu um presente... Você. Era meu marido, o primeiro homem que amei — deixou cair o braço sobre um lado de Kaylee, aproximando-a mais — Mas isso não quer dizer que não tenha espaço em meu coração para Zeraac e Komet. E se seu papai está olhando do Céu, então acredito que ele entenderia. Não acredito que tivesse querido que nós nunca amássemos a ninguém mais, só porque o amamos primeiro.

Parte da tensão deixou o corpo de Kaylee, e, entretanto, os dedos ainda puxavam o lençol.

— Zeraac disse que ainda quando estávamos na Terra e eu estava tão doente, ele ainda queria ser meu pai. *“Como é que papai não podia sentir o mesmo que Zeraac?”*

Já fora intencional ou não, a pergunta com a qual Ariel tinha lutado durante nove anos se colocou entre elas, as palavras não foram feitas em voz alta, e mesmo assim, foram ouvidas igual.

— Ele te amava e queria ser um bom pai para você, mas não soube dirigir a enfermidade. Doía vê-la sofrer. E se culpava. Depois se fechou, foi longe, e depois de um tempo, penso que não pôde encontrar o caminho de volta a nós.

— Eu queria que voltasse.

— OH! Pequena, eu também. Mas não pôde. E ele está em um melhor lugar agora, e se está olhando, então sabe que nós também estamos.

Kaylee suspirou, retirando a mão da borda da cama e aconchegando-se.

— Vamos viver com Zeraac e Komet?

— Se pudermos....

— Por que não podemos?

— Há regras aqui. Nem eu mesma entendo todas. Mas em poucos dias temos que ir frente ao Conselho e falar com eles — Abraçou Kaylee — Mas não mais pergunta sobre isto, certo? Vamos nos concentrar em te pôr bem.

— Quero que Zeraac e Komet sejam meus papais.

— Sei que sim. Acredito que deixou isso muito claro, para qualquer que te escutasse.

— Poderei dizer ao Conselho o que eu quero?

— Kaylee... — Repreendeu Ariel, recordando a filha que não fariam de um futuro, além de conseguir sua cura completa.

— Está bem, mamãe, nada mais de perguntas. Mas quero dar minha opinião.

O orgulho encheu Ariel, embora o mascarou com uma risada suave.

— E eu não aceitaria outra coisa. Pode falar com Zeraac e Komet sobre fazer saber ao Conselho o que deseja.



— Está bem — Disse Kaylee, rodando sobre as costas para olhar o rosto da mãe — Quer saber algo interessante?

Ariel deu um suspiro exagerado.

— Não tem sono ainda?

— Ainda não — Fez uma pausa por um minuto — Mamãe, posso falar com minha mente, mas eu gosto mais de falar com minha boca. Pensa que isso está bem?

Ariel se pôs a rir.

— Vou te contar um segredo. Também gosto mais de falar com a boca.

— Isso está bem. Podemos nos manter unidas. Quer que te diga algo que aprendi com os curadores?

— Bom, uma coisa interessante, e depois vamos tentar conciliar o sono.

— Bem, é mais de uma. Mas todas vão juntas — Kaylee levantou o braço, de modo que seu bracelete ficasse diretamente diante da face de sua mãe — Pode ver os animais?

— Não na escuridão — Respondeu Ariel, momentaneamente distraída pelo brilho do bracelete de Kaylee, diferente do dela, ou de Zeraac e Komet, como se uma constelação de estrelas tivesse tomado residência nas pedras Ylan.

— Bom, se pudesse ver, então veria um animal que se parece com um tigre de dentes de sabre e um que parece um... Bom, um unicórnio com um chifre em sua testa e dois chifres mais curtos no nariz, uma espécie de rinoceronte. O tigre de dentes de sabre é o símbolo da casa de Zeraac, e o unicórnio o do clã de Komet. Mas, este é o primeiro feito interessante, mamãe, o tigre de dentes de sabre não se extinguiu aqui, como na Terra! E o animal que parece uma espécie de unicórnio existe realmente, também. Só que a pelagem não é branca, a menos que vá ao alto da montanha onde há neve. A maior parte do tempo é marrom ou avermelhado. Pode acreditar?

Ariel riu. Sabendo, só pelo entusiasmo da voz de Kaylee, o por perto que ela pudesse ter estado antes da sonolência, agora passaria tempo até que dormisse.

— Está certa que os curadores não estavam contando um conto?

— Mamãe! Os curadores não mentem!

— Bem. Então estes quase-unicórnios e os tigres de dentes de sabre existem. Que mais?

— Bom, sabe que quando saúda alguém, toca os braceletes dos pulsos com os seus?

— Sim.

— E não se perguntou por que eles se apresentam dizendo que são Vesti ou Amato, embora seja óbvio por causa das asas?

Ariel se pôs a rir outra vez, inclinando-se para baixo e esfregando o nariz no de Kaylee.

— Confessarei, que realmente me perguntei isso. Assim tenho a boa sorte de ter uma filha tão brilhante e bonita, para que me explique às coisas.

Kaylee riu, levantando-o suficiente para beijar a sua mãe.

— Tem sorte de me ter.

— Então, por que se apresentam dizendo d'Amato ou d'Vesti?

— Pensei que só poderia te dizer uma coisa interessante — Brincou Kaylee.

Ariel a beijou.



— Por você, farei uma exceção.

— Está bem. Mas há duas partes na resposta. Primeiro: quando se tocam os braceletes de cada um, mesmo sem olhar o que está gravado neles, sabem automaticamente a que clã pertence a outra pessoa. O curador disse que uma vez que tenhamos aprendido mais sobre Belizair, aprenderemos a escutar as pedras Ylan, e então saberemos também, e seremos capazes de fazer o que todo mundo pode fazer... Exceto voar. O que pensa sobre isso, mamãe?

— Penso que soa maravilhoso — Disse — Antes que nascesse, eu estava acostumada a colecionar rochas. Assim não posso esperar para conhecer mais sobre as pedras Ylan. Agora, qual é a segunda parte da resposta?

— A segunda parte não é tão interessante como a primeira. O curador disse que é realmente difícil fazer desaparecer as asas aqui. Necessita-se uma grande quantidade de energia. Assim apresentar-se como d'Amato ou d'Vesti, é mais um hábito que qualquer outra coisa, porque quando eles vão a outros planetas, não mostram as asas, e sabem que os nomes de seu clã serão difíceis de recordar, por isso só dizem a raça a que pertencem. Desta forma, se alguém de Belizair chega depois deles, então essa pessoa saberia, não só que não está sozinho no planeta, mas também, além disso, se tratar-se de um Vesti ou um Amato que estaria ali com eles — Uma risadinha escapou — Assim acredito que isso significa que daqui em diante você é Ariel d'Humana, e eu sou Kaylee d'Humana.

Ariel riu.

— Hmmm, soa um pouco como Conan, o Bárbaro.

Uma ronda de risadas seguiu, junto com mais hipóteses engraçadas, depois, uma conversa fácil, além de várias viagens para ver se banzit estava contente de esconder-se entre as folhas de uma das árvores plantadas em vasos de barro no salão principal. Mas, finalmente, o sono apanhou tanto Ariel como Kaylee, pousando-se sobre elas como uma manta reconfortante, até que as paredes de cristal esclareceram para permitir que a tênue luz de um só sol entrasse, para formar um amanhecer artificial.

Komet e Zeraac chegaram pouco depois, e, apesar de que Shiraz e Paraisio informaram que não tinham que ficar com Ariel, dado que estaria com os cientistas do Conselho, escolheram acompanhá-los, caminhando muito por trás do pequeno grupo familiar com o fim de dar intimidade.

— O que vai acontecer quando chegarmos lá? — Perguntou Kaylee, caminhando entre os homens, com Sabaska em seu ombro.

Komet respondeu

— Os cientistas já prepararam as células que contêm os genes corrigidos. Começaram com suas próprias células, e depois as ajustaram, utilizando algo do DNA, que seus amigos de ontem ofereceram. Agora, só têm que por de novo em suas células e...

— Não o dos meninos maiores — Interrompeu Kaylee — Não quero dentro de mim, nada que lhes pertença.

Zeraac foi o primeiro em reagir, fazendo um som estrangulado, quando sua cara avermelhava com vergonha paternal. Depois Komet engoliu tudo o que esteve a ponto de dizer,



com a língua congelada, enquanto seu olhar procurava o de Ariel, embora antes que ela pudesse fazer algum comentário, Kaylee perguntou:

— O que acontece com Komet e Zeraac?

Ariel riu, inclinando-se para beliscar o nariz da filha.

— Acredito que estão surpresos de que você não gostasse dos meninos maiores — Moveu as sobrancelhas para cima e para baixo em um gesto cômico — Tem que admitir que ambos os meninos eram muito bonitos.

— M-a-m-ã-e — Disse Kaylee, alargando a palavra com exasperação — Sou muito jovem para ter namorados. E, além disso, aqueles meninos eram mandões. Eu não gosto dos meninos mandões.

Ariel riu outra vez, pensando em quão divertido podia ser ter a dois homens mandões no quarto, mas disse:

— Alegra-me ouvir que é muito jovem para ter namorados. Uma vez que esteja completamente bem, vai estar muito ocupada para pensar em meninos.

— Exceto como amigos. Posso ter alguns meninos que sejam só amigos.

— Eu votaria por tal coisa — Disse Zeraac — Por muitos, muitos anos... Até que seja adulta, de fato.

Komet assentiu com a cabeça.

— Eu penso igual.

Ariel sorriu.

— Então está arrumado. Meninos só como amigos, até que Kaylee tenha cem anos.

Kaylee riu.

— Não, não tão velha, mamãe. Eu poderia querer ter um marido algum dia. Mas não mais de dois. Havia um curador na montanha que tinha três esposas. E todas eram irmãs. Pode acreditar nisso?

Ariel negou com a cabeça, e não quis fazer comentários, por temor ao que poderia levar essa conversa. A última coisa que queria fazer, era começar uma discussão sobre educação sexual. Embora a fez sorrir dar-se conta da facilidade com que Kaylee e ela, adaptaram-se à ideia dos matrimônios que não implicavam só a um homem e uma mulher.

Caminharam em silêncio, em camaradagem, até chegar ao edifício que albergava aos cientistas.

— Quanto tempo levará? — Perguntou Kaylee.

— Um dia, possivelmente dois — Disse Komet.

— Doerá? — Desta vez houve um ligeiro tremor na voz de Kaylee.

— Não deveria — Disse Komet, pensando em tranquilizá-la acrescentou — Vai dormir a maior parte do tempo.

Kaylee se deteve repentinamente, com verdadeiro medo no rosto, e imediatamente ambos os homens se ajoelharam para que as faces estivessem perto da sua.

— Eles farão que durma?

— Farão sem agulhas — Disse Zeraac, recordando as palavras que chegaram a ele na névoa



de San Francisco, a voz de pânico de Kaylee, *Não quero uma injeção. Não quero dormir. Por favor, não me faça ir dormir.*

Ariel se inclinou, beijando a parte superior da cabeça de Kaylee.

— Está bem, pequena. Não tem que preocupar-se de não despertar. Só tem que ser valente, por um pouquinho mais de tempo.

O coração de Komet se deteve por um instante, apressado em um punho de dor, odiando que Kaylee tivesse estado alguma vez tão de perto da morte, de ter conhecido o medo a morrer. O polegar acariciou seu bracelete de cristais.

— Recorda quando nos conhecemos na casa das borboletas? — Ela assentiu — Confia em nós. Vigiamos-a enquanto durma. E quando despertar, estaremos ali.

Os lábios de Kaylee tremeram, mas sussurrou:

— Confio em vocês.

Durante dois dias ficaram com Kaylee, incapazes de fazer outra coisa além esperar e olhar, e de vez em quando sustentar as mãos entre as suas, quando os cientistas faziam uma pausa longa no tratamento para reunir amostras frescas. Ariel se esforçou por permanecer sem preocupar-se, mas as lágrimas escapavam frequentemente, diante a imagem, quase insuportável, da filha estendida em algo que se parecia com um caixão de cristal.

— Já quase terminou — Disse Komet, tomando Ariel entre os braços, colocando-a de modo que seu rosto estivesse afastado da câmara de Kaylee — Na última verificação, os cientistas disseram que as novas células quase tinham substituído a todas as anteriores. Só tomará um pouco mais de tempo agora.

Zeraac se uniu a eles e Ariel estendeu sua mão, tomando a dele. Ele sorriu e disse:

— Isto é assombroso, não é? Nunca tive muito interesse na ciência, mas agora estou impressionado pelo que se levou a cabo aqui, e em um período de tempo tão curto.

Ariel apertou a mão.

— Não é nada menos que um milagre. Que chegasse a nossas vidas. Que os dois se arriscassem tanto para nos trazer aqui. Kaylee, que será como qualquer outra criança — Ela riu, tentando aliviar o ambiente — Exceto por não ter asas, a menos que seus cientistas possam proporcionar umas.

Komet riu.

— Não. Terá que ficar sem elas, e possivelmente seja melhor assim. Imagino que Kaylee se meterá em suficientes problemas e travessuras sem voar para e desde eles.

Ariel queria negar a acusação, mas a imagem da filha pequena escalando uma árvore alta, com o fim de recuperar o banzit, e depois arrancando a pluma da asa de seu futuro companheiro, fez-a sorrir, em troca.

— Talvez tenha razão. Ela é tão... Valente... Mas seu corpo sempre a impediu de tentar algo que pudesse colocá-la em problemas.

Moveram-se para uma pequena mesa carregada de comida e bebida que havia em um



extremo, e onde Shiraz e Paraisio cercavam outra acalorada batalha de Fett.

— Joga com a ganhadora? — Perguntou Paraisio a Zeraac, quando tomou assento junto a ela.

Ele riu entre dentes.

— Nunca se cansam de jogar? E de ser vencidas por mim?

Ariel revirou os olhos, com sua atenção em Paraisio.

— Espero que uma de vocês ganhe logo. Seu ego está tão inchado que vai ser impossível viver com ele.

Logo que disse as palavras, um novo peso se instalou no coração de Ariel. Automaticamente sua mão se estendeu para alcançar a de Komet, e através da mesa, a de Zeraac:

— Como é que o Conselho os deixa estar aqui e, entretanto, logo que Kaylee esteja bem, tentarão romper nosso vínculo?

Zeraac suspirou.

— Eles não carecem de coração, Ariel. E a felicidade daquelas que são trazidos da Terra é de grande importância para nós. Mas não podem ignorar o desafio.

— Poderiam retirá-lo?

— Raym d'Amato não fará — Disse Paraisio, jogando um olhar pormenorizado a Komet, e depois Zeraac — Seu clã sofreu enormemente quando o vírus agiu. A maioria das uniões nesse clã têm mais filhas que filhos. Na própria família de Raym, suas duas filhas estavam recém-grávidas e perderam os bebês. Não há nenhum filho em sua casa.

A ira se precipitou através de Ariel, odiando esse Amato desconhecido.

— Então, ele persistirá na tentativa de destruir nosso vínculo, apesar de que Komet não teve nada que ver com o vírus? Que Zeraac não teve nada haver nisso?

“Ele é o tio de Zantara e são muito próximos. Ele sente sua... Dor” — Disse Zeraac, dirigindo seu pensamento só a Ariel, humilhando-se diante a necessidade de mencionar o nome da outra mulher, embora a expressão de Ariel só ficasse mais feroz ao escutar.

“Isso só faz pior! Se dói ter te perdido, então é um sofrimento que ela mesma provocou!” — Disse Ariel, sentindo de repente como se toda uma vida de desespero e raiva, pela enfermidade que sua filha sofria dia a dia e tinha destruído seu matrimônio, amontoasse, ameaçando enchendo-a e consumi-la.

Foi Shiraz quem estabilizou Ariel, ao colocar a mão no ombro, a voz continha uma dor profundamente sentida e real.

“O Conselho ainda não ouviu suas palavras, ou as daqueles que falarão a favor de deixar de lado o desafio. Somos um povo justo, apesar do que encontrou em nosso mundo. Encontra em seu coração o perdão, trata de entender que nós também sofremos. Nossa cultura, apesar de permitir a livre escolha, sempre venerou a maternidade e a criação dos filhos. E agora, nossas mulheres estão sem esperança, lutando contra o desespero e os sentimentos de inutilidade, enquanto que nossos homens, devem tomar uma companheira humana, ainda vendo com impotência às que eles amaram, converter-se em menos do que foram alguma vez. Tenha fé em que o amor prevalecerá. Este é seu mundo agora. Seu lar”.



Ariel assentiu, sua raiva afogada pela dor nos olhos escuros de Shiraz. A resolução e a força de vontade se instalaram no coração, não só para lutar contra o desafio, mas também para fazer o que ela pudesse por Belizair.

Algo mais tarde, os cientistas voltaram, removendo os campos protetores que rodeavam Kaylee e tomando outra ronda de amostras, tão otimistas por ter terminado seu trabalho, que permitiram que Zeraac tomasse à menina adormecida em seus braços e a levasse para o assento, onde a colocou nos braços de Ariel. Ele e Komet se sentaram a ambos lados dela.

A alegria se precipitou através de Ariel, uma felicidade que fez que escapassem as lágrimas.

— Estava acostumada a rezar por um dia como este. Prometendo a Deus todo tipo de coisas, se conseguia encontrar uma cura e Kaylee ficasse bem. É difícil não acreditar que em algum lugar, ali fora, Ele me escutou, enviando anjos, não do Céu, mas sim dos céus.

Zeraac limpou as lágrimas de uma das bochechas de Ariel, o coração tão cheio de amor, que ele também se sentia perto do pranto.

— Não acreditam no mesmo ser divino, e ainda assim, também eu sinto como se uma oração que vivia em meu coração, não reconhecida em minha dor, tivesse sido respondida pela Deusa e Ylan.

— Igual a mim — Disse Komet — Talvez o Deus que nos criou e vagou a outros lugares, ainda olhe Belizair, nos oferecendo raios de esperança para nos ajudar a suportar.

Os cientistas se aproximaram em massa, seus sorrisos eram contagiosos, sua mensagem... Um milagre.

— Ela já está livre da enfermidade. Vamos tomar amostras periodicamente, só como medida de precaução, mas não nos preocupa realmente que a enfermidade emerga de novo.

Uma simples injeção realizada com um instrumento sem agulha, e Kaylee despertou, cheia de energia, as pernas quase tremendo pela necessidade de correr e brincar, e ressarcir os dois dias que permaneceu em repouso.

— Vou levá-la ao parque — Ofereceu-se Zeraac — A esta hora haverá outros meninos para que possa brincar — A Ariel, disse. *“Se não for contra as ordens que Shiraz e Paraisio devem cumprir, passa um tempo a sós com Komet. Sem dúvida, amanhã nos enfrentaremos ao Conselho”.*

O olhar de Ariel se dirigiu para Shiraz, que disse:

“Não devemos te deixar, exceto enquanto esteja aqui. Mas uma vez que voltamos para nossa residência, as velhas regras aplicam. Não tenho nenhuma ordem de te negar as visitas hoje, enquanto não esteja “sozinha” — Sorriu abertamente — “E quis a sorte que Paraisio e eu, tenhamos um jogo inacabado de Fett nos esperando.”

“Obrigada” — Disse Ariel, realmente agradecida por que as guardiãs fossem suas amigas. Teria sido quase insuportável se não tivessem sido.

— M-a-m-ã-e? — Disse Kaylee, retorcendo-se para deixar os braços de Ariel, e tomando Sabaska de uma árvore que os cientistas tinham permitido utilizar como hábitat temporário — Podemos ir já?

Ariel olhou sua filha, dividida, com vontade de ir com ela ao parque, e, necessitando um tempo a sós, tanto com Zeraac como com Komet.



Kaylee resistiu um pouco quando Ariel a tomou em seus braços, uma indicação de seu alto nível de energia, e não uma amostra de mau caráter.

— Estaria bem se só Zeraac for com você ao parque? Eu gostaria de voltar para nossa moradia durante um momento.

Ariel ruborizou imediatamente quando Kaylee perguntou.

— Para que Komet e você possam estar sozinhos?

— Sim.

— Disse que compartilharia a nossos anjos com você, mamãe. Sempre e quando um vá comigo ao parque, você pode ter o outro.

O comentário de Kaylee provocou risadas dissimuladas e sorrisos. Ariel deu a filha um rápido beijo antes de soltá-la.

— Obrigada por compartilhar, pequena.

Zeraac ainda ria entre dentes, vários minutos mais tarde, enquanto olhava Kaylee, que demonstrava como rápido podia correr. O banzit estava sentado em seu ombro, polindo-se com uma mão, enquanto se agarrava a uma mecha de cabelo com a outra.

No caso se corro tão rápido que Sabaska caia, Kaylee disse. Não quero que se machuque. Não seria divertido ter que retornar onde estão os cientistas.

De todos os modos, o pequeno animal cambaleou, quase perdendo o equilíbrio, quando Kaylee se estrelou contra Zeraac, rindo e dizendo:

— Corria tão rápido que não pude me deter a tempo. Viu?

— Vi. Se tivesse asas poderia ter saído como um dos aeroplanos que têm na Terra!

— Podemos ir voando o resto do caminho ao parque? — Perguntou Kaylee, saltando com tanto afinco que Zeraac pensou que poderia ganhar a altura suficiente, para golpeá-lo no queixo com a parte superior de sua cabeça.

— Só se estiver muito quieta para que não tenhamos que ir visitar os curadores.

— Estarei — Prometeu Kaylee, mas quase o ensurdeceu com seu grito, quando tomou em seus braços e correu uns passos antes de lançar-se para cima, as asas de ouro com nervuras ampliando-se até alcançar a plena envergadura, lutado contra a gravidade, até que conseguiu o equilíbrio.

Kaylee se agarrou a ele durante um momento, muito temerosa para olhar para baixo, mas finalmente encontrou coragem, apertando seu agarre quando o fez, o corpo estremeceu ligeiramente, mas sua voz soava excitada.

— Estava acostumado a sonhar sobre como seria ser levada por um anjo. Ao Céu. Mas isto é muito, muito melhor — Ela riu — Devido que só vamos ao parque. E dentro de pouco, voltaremos para casa. Bom, de volta onde mamãe e Komet estejam. Acha que o Conselho do que mamãe me falou, vai deixar nos ir viver com você e Komet?

— Desejo isso mais que qualquer outra coisa.

— Z-e-r-a-a-c — Disse ela, e ele pôs-se a rir ao escutar a mesma exasperação em sua voz, só



que dirigida a ele, em vez da mãe — Não respondeu minha pergunta.

Ele beijou o topo da cabeça.

— Não sei a resposta a sua pergunta, Kaylee, e não tenho intenção de mentir.

— Bem — Ela soprou — Essa é uma boa coisa. As mães e os papais não deveriam mentir a seus filhos.

Ele fez uma aterrissagem suave, alegrando-se por que o parque tivesse um bom número de crianças.

— Quer brincar com algumas destas crianças e que eu olhe, ou prefere que te acompanhe enquanto explora?

Seus olhos se moveram para as crianças, muitos deles já a olhavam, olhou de novo a Zeraac, com uma expressão rasgada, até que os olhos se abriram amplamente, e ela se aproximou e tocou o bracelete.

— Olhe Zeraac, agora você tem as pedras brilhantes! — Rapidamente deu uma olhada aos próprios braceletes — E só ficam algumas nas minhas!

Zeraac olhou para baixo, sem poder afastar o olhar do brilho, do redemoinho de uma pequena galáxia em seus braceletes, misturando-se inexplicavelmente com suas pedras Ylan.

— As Lágrimas da Deusa — Murmurou, recordando o temor que sentiu quando as viu pela primeira vez nos braceletes que Komet fazia para Ariel e Kaylee.

Kaylee esfregou a ponta dos dedos sobre elas.

— Assim as chamava o curador, também. E o dizia do modo que você fez. Só que nunca cheguei a perguntar. São lágrimas de felicidade ou são lágrimas de tristeza?

Capítulo 14

A emoção enchia Ariel, bombardeando-a com tantos sentimentos diferentes, que nenhum deles a enchia por completo, ou se prolongava durante mais de um momento. Ainda se sentia rasgada, na borda, como se tivesse que estar em vários lugares de uma vez, sozinha, com Kaylee, com os homens que mudaram seu mundo.

Komet se sentou na borda da cama, tomando sua mão, embora não fez nenhum movimento para empurrá-la para baixo ou despi-la.

— Está aflita — Disse ele, com expressão suave — Talvez uns momentos na câmara de limpeza a relaxariam. Muitas vezes encontrei que isso me ajuda, quando sou incapaz de resolver as coisas de outra maneira.

Abriu a mão, preparando-se para deixá-la livre, mas ela a apertou, com sua atenção de repente centrada nele. Viu que apesar da expressão serena e do aspecto relaxado, o corpo estava tenso, a pequena tanga tinha a barraca armada com uma ereção que era difícil de ocultar.

O amor a enchia, por este homem, que era tão desejável, que facilmente poderia ter sido egoísta, e, entretanto, tinha sido generoso, sensível, e disposto a adaptar-se, com o fim de



assegurar que aqueles que os rodeavam fossem felizes. Que ela e Kaylee estivessem contentes.

Não pôde resistir a inclinar-se para baixo e beijá-lo, atraindo a sua língua para a boca depois de que a sua realizasse umas sondagens curtas. Ele gemeu, soltando a mão de Ariel, e movendo os próprios quadris, puxando-a para frente para que se colocasse de pé entre as pernas.

Quando se separaram para respirar, ela decidiu provar sorte, ordenando que subisse na cama e se deitasse. Ele obedeceu, estendendo as asas como um edredom escuro, que fez que a boceta inchasse e os mamilos se esticassem diante a antecipação de devolver algo a Komet, de pensar primeiro em seu prazer.

— Não me toque — Sussurrou, cravando as mãos na cama, em uma demonstração simbólica, quando se sentou escarranchado sobre ele — Se me tocar, deterei-me.

Sua risada foi rouca, cheia de poder masculino e antecipação.

— Serei bom.

Ela fechou a distância entre os rostos, esfregando o nariz com o seu.

— OH! Não me cabe dúvida que será muito bom. Sempre é muito, muito bom, Komet — Beijou-o de novo, um beijo lento e prolongado, enquanto a parte inferior do corpo se esfregava contra a dele, o clitóris palpitava pelo prazer de cada centímetro da ereção, contra a que se acariciava.

Ele se sacudiu em resposta, os quadris deixando a cama, o pênis golpeando contra ela, o tecido transparente das próprias calças já molhada por sua excitação.

— Isto está perto de ser armadilha — Brincou ela, beliscando o lábio inferior e depois lambendo-o, desfrutando da tensão de seu rosto e do pequeno gemido que escapou.

Pressionou os pulsos contra a cama outra vez, em um gesto simbólico.

— Nada de me tocar — Advertiu pela segunda vez, depois o libertou, para poder passar os dedos pelos espessos cachos de cor mel — Como é que não foi reclamado ainda? — Perguntou ela, a pergunta surgindo de um nada, e, entretanto, a tinha considerado frequentemente.

Um pouco de rubor apareceu nas bochechas.

— Sempre encontrei meus estudos mais interessantes que aquelas que me perseguiram.

Desta vez a risada escapou de Ariel, e não pôde resistir brincar.

— Então realmente sabe como desejável é.

Sua cor se fez mais profundo, mas os olhos eram líquidos e suaves, cheios de amor e honestidade.

— Sou um cientista e um erudito pelo que compreendo, como o que mais, a importância do aspecto na atração de uma companheira, e também que a beleza externa é um produto da genética. Mas a aparência é só uma pequena parte do que sou. Você foi a primeira em me ver com o coração, de me querer sem importar meu aspecto ou meu clã — Ele se atreveu a fazer armadilhas de novo, levantando a cabeça para poder beijá-la — Estou contente de que meu corpo te agrade, Ariel. Você é a única para a qual quero ser desejável.

Ela devolveu o beijo, segurando as bochechas, antes de arrastar as mãos para baixo para medir seus ombros. “Amo-te” — Sussurrou ela na mente.

“Eu também te amo”.



Seu controle quase se rompeu quando as mãos dela se mudaram a brincar com os pequenos mamilos endurecidos e depois as seguiu sua boca. “*Ariel*!” Disse, o pênis sacudindo-se contra seu ainda coberto montículo, o pensamento da pele suave nua fez que gotas de excitação saíssem da ponta do pênis.

Ela o mordiscou em resposta, sua intenção se fez clara de repente, quando deixou o mamilo, e a boca úmida viajou para baixo. “*Ariel*”. Desta vez saiu como um ofego, como uma negação, como desejo ou antecipação. Suas mãos soltaram o lençol, e ela o deteve, mordendo a apertada carne do abdômen em advertência. “*Não me toque, ou me deterei.*”

Komet estremeceu, o peito já agitado com a luta por respirar, mas não pôde evitar levantar os quadris da cama, em uma súplica silenciosa, para que tirasse a tanga.

O poder feminino e o orgulho se precipitaram por Ariel. Amor. Desejo. A necessidade de agradar a este homem que já tinha dado tanto de si mesmo. Uma necessidade desesperada por conseguir o suficiente tempo, juntos, se por acaso as coisas não fossem bem quando o Conselho se reunisse.

Ela cedeu, despindo-o, a visão de sua ereção que fez que a boceta se apertasse, fazendo que o ventre batesse as asas e seus próprios mamilos doessem. Esteve a ponto de cair da cama quando ela pôs as mãos sobre os quadris e a boca em seu pênis. O pênis se sacudiu e pulsou sob as chicotadas da língua, os dedos se apertaram contra o lençol.

Ela moveu as mãos, segurando o grande testículo com uma, e pondo a outra ao redor do pênis, controlando a profundidade de seus impulsos em sua boca, observou a tensão das asas e do corpo, e desejando arrastar lentamente seu corpo sobre ele e empalar a si mesma sobre o pênis.

Ariel soube que estava perdida, quando ele começou a rogar, a suplicar, dizendo com palavras e pensamentos que queria que sua semente jorrasse na apertada boceta, que queria sentir que ela o sustentava fortemente nas profundidades de seu corpo, enquanto empurrava nela, enquanto se convertia um com ela.

Com um gemido, ela cedeu, subindo escarranchado, lentamente, sobre seu corpo, dirigindo o pênis, com a mão, aonde ambos queriam que estivesse, a sensação das asas, de uma textura como seda, contra os joelhos e as coxas, era incrivelmente erótica, enquanto iniciava um ritmo, montando-o, fodendo-o, amando-o, dando prazer, só esquecendo a ordem que tinha dado ao princípio, quase ao final, quando ele separou as mãos do lençol, encontrando os mamilos, enquanto as presas de emparelhamento se afundavam em seu pescoço, no instante antes de que ele os girasse, tomando o comando, até que os dois estiveram gemendo pelo delicioso êxtase, o rubor quente do orgasmo queimando um caminho desde sua matriz até seu coração, do eixo à alma, as pedras Ylan dos braceletes fazendo-se eco da felicidade da união.

O quarto cheirava a sexo, como Zeraac sabia que faria. Não se incomodou com as palavras, mas sim tirou a tanga, contente de que Kaylee se emocionou com a oferta de uma excursão com Komet, sem que precisasse ver sua mãe antes de deixar a moradia de novo.

O pênis de Zeraac se endureceu pela visão diante ele, Ariel nua e deitada sobre os lençóis, o



sorriso sedutor, o corpo já bem amado, a visão de seu montículo depilado fazia que as fossas nasais se abrissem e o corpo se esticasse. Pela Deusa, nunca teria imaginado que tal coisa poderia tê-lo babando de desejo, com a necessidade e o instinto primitivo de reclamá-la.

Como se sentisse seus pensamentos, ela se moveu, estendendo as pernas para que pudesse ver as dobras da carne inchada, o clitóris que se mantinha erguido, rogando por sua atenção, a parte interior das coxas brilhante, cobertas pela excitação e o resíduo perfumado que tinha deixado atrás de sua visita à câmara de limpeza.

— Foda-me — Pediu ela, ainda remontando uma onda de energia, deixada por seu encontro anterior com Komet, e Zeraac sabia que faria, mas só em seus próprios termos, só depois que ela se rendesse a ele.

Reuniu-se com ela na cama, cobrindo o corpo com o seu, desfrutando da sensação da suave pele feminina, desejando o olhar de amor em seus olhos ainda quando necessitava algo mais dela, algo que nunca tinha desejado de nenhuma outra mulher, algo tão primitivo que se negou se horrorizava Ariel.

Mas não foi assim.

Os olhos de Ariel se obscureceram e se moveu, esfregando a carne lisa e sua fenda molhada contra o pênis, seduzindo-o, atormentando-o, o olhar de seus olhos rogava que se fizesse cargo, que a dominasse, que a reclamasse.

Zeraac segurou os pulsos contra a cama, respondendo a seus gemidos, cobrindo os lábios e afundando a língua em sua boca, brincando ao reter a parte dele que ela tinha pedido que pusesse dentro dela.

“Por favor” — Sussurrou, abrindo mais as pernas e molhando o pênis com seus sucos, desta vez não era uma ordem, era uma súplica. Ele se levantou sobre os braços, só o suficiente para que a boca encontrasse seu seio e poder sugá-lo, degustando seu sabor junto com os gritos, quando ela se arqueou para ele, agradada de deixar engoli-la inteira.

Lambeu, mordeu e sugou, primeiro um mamilo, e depois o outro, sabendo que poderia passar toda a vida fazendo mais do mesmo, querendo passar sua vida com ela.

Ela gozou, o som queixoso fez que o pênis ficasse em alerta, e Zeraac já não pôde resistir à tentação de seu montículo aveludado e suave. Mas em vez de empurrar-se dentro dela, baixou o corpo e agarrou o clitóris, enviando outro estremecimento de orgasmo por seu corpo e deixando-a indefesa, débil e total pelo desejo.

Levou-a de novo ao topo, monopolizando os gemidos e gritos queixosos, as súplicas sussurradas para que tomasse, que a fodesse, que a amasse. Teve a intenção de atá-la à cama outra vez, de introduzir um dispositivo de prazer no ânus, pondo seu canal tão apertado que o prazer confinasse com a dor quando ele finalmente introduzira nela seu pênis, mas já o tinha desesperado, necessitado, quase incapaz de conter-se de gozar sobre o corpo e os lençóis.

— Ariel — Foi um grito rouco procedente das profundidades de sua alma, do coração, um grito de cada célula de seu corpo que dizia que nenhuma mulher existiria alguma vez para ele, agora que tinha estabelecido um vínculo com ela.

“Por favor Zeraac, não posso suportar estar longe de você” — Disse ela, com as lágrimas de



necessidade descendo pelas comissuras dos olhos, cheios de amor.

Ele se levantou sobre ela então, as asas estendidas, cheio, tenso, trêmulo, parecendo encher o quarto de ouro com nervuras brilhantes, e ela deu a bem-vinda, como sabia que sempre faria, com cada parte de seu ser, agarrando-se a ele, tomando sua força e consolo, enquanto ele oferecia o mesmo. Tomando seu amor, enquanto dava o seu. Os corpos movendo-se em um ritmo ancestral, permitindo encontrar uma entrada ao céu, que existia sem ter em conta suas crenças.

Depois se abraçaram. Ambos temendo o momento em que teriam que separar-se. Ambos sabendo que o limite de seu tempo juntos, poderia não estender-se a além dessa visita.

— Quando pensa que se reunirão? — Perguntou finalmente Ariel.

— Amanhã, com a saída do segundo sol.

Ela apertou seu abraço.

— Parece seguro.

Ele ajustou as asas, de modo que pudessem estar de lado e face a face.

— Paraisio me dirá quando chegar com Kaylee.

— O que acontecerá amanhã?

— Seremos convocados às Salas do Conselho e nos permitirá falar. Então cada membro do Conselho fará um breve comentário, antes de dar seu voto quanto a se deixassem que continue o desafio a nosso vínculo de união. Se o voto for um empate, os membros do Conselho se reunirão em privado até que alcancem um acordo quanto a como proceder. Se o desafio é permitido, então os membros do Conselho se permitirão nos fazer perguntas. Se o desafio é negado, então seremos livres de ir, para começar nossa vida juntos.

— E se o desafio é permitido e perdemos?

— Então um Juiz Vesti junto com um Supremo Sacerdote ou Sacerdotisa Amato, tentarão chamar as pedras Ylan a seus braceletes originais — Inclinou-se para frente, selando seus lábios com os dela. *“Nosso tempo juntos quase terminou. Komet e Kaylee se aproximam. Sua conversa se abate a borda de minha mente, fora do alcance de nossa audição. Fizemos o que pudemos, Ariel, o resto está em mãos da Deusa e seu consorte”*.

Conciliar o sono era impossível. Para Ariel, porque estava preocupada. Para Kaylee porque também estava preocupada e cheia de energia acumulada dos dois dias de sono forçado. Entretanto, o terceiro sol finalmente se pôs, e pouco depois o segundo se elevou, trazendo com ele a citação judicial que tinham estado esperando.

— Por que Zeraac e Komet não vêm conosco? — Perguntou Kaylee a Paraisio, que caminhava junto a ela.

— O Conselho provavelmente os convocou primeiro — Fez uma careta — Com o fim de exortar sobre regras e protocolo, tal e como alguns dos membros mais rígidos são propensos a fazer.

A mão de Kaylee se esticou sobre a de Ariel.

— Poderei dar minha opinião?



Shiraz, que caminhava ao lado de Ariel, disse:

— É estranho que as crianças compareçam diante o Conselho, e de fato, sua presença não foi expressamente solicitada. Mas depois de ler a proposta, um dos membros perguntará se algum dos diretamente implicados ou afetados pelas medidas, gostaria de falar, antes mesmo, de que os membros do Conselho intervenham. Não há uma ordem específica para falar, sempre e quando se fizer de maneira tal, que não interrompa o processo. Mas não posso pensar nenhuma lei ou regra que te impeça de oferecer seus pensamentos.

— Então darei minha opinião — Disse Kaylee, elevando o queixo, em um gesto que fez que o coração de Ariel se enchesse de orgulho, ainda quando o lábio inferior tremia ligeiramente, e adicionou — Farão perguntas depois?

A face de Shiraz ficou solene.

— Depende. Se permite fazer algumas pergunta, mas não a outros, ao menos não em seguida.

Paraisio assumiu, chegando até a mão de Kaylee e tomando-a na própria.

— Só diga aos membros do Conselho o que está em seu coração. E se eles querem te fazer uma pergunta, diga só o que você sabe que é a verdade. Não tenha medo de dizer que não sabe a resposta. E se tiver medo de dar uma resposta, então, diz que não pode fazer nesse momento sem falar com sua mamãe primeiro.

— Bem — Disse Kaylee com voz baixa, enquanto via a preocupação de Paraisio, a seriedade do que estava a ponto de acontecer, de repente, assustou-a de tal modo que se deteve em seco, obrigando as adultas a deter-se com ela.

Ariel se ajoelhou imediatamente, puxando sua filha para seus braços.

— Seja valente, carinho — Sussurrou — Podemos sair disto. Vamos fazer que Zeraac e Komet se sintam orgulhosos de nós.

— Estou tentando ser valente, mamãe, mas quero que eles sejam meus papais.

As lágrimas se precipitaram para os olhos de Ariel, quando Kaylee começou a chorar, os soluços eram pequenos ofegos, recordando Ariel toda a dor que sacudiu e aguentou o frágil corpo de Kaylee em outros tempos sem chorar. Esfregou as costas de Kaylee, abraçando-a com força, mas sem oferecer pretextos nem falsas promessas, sua batalha compartilhada contra a enfermidade, as despojou fazia muito tempo da capacidade de encontrar consolo nos pretextos.

Finalmente, Kaylee se acalmou, levantando a face manchada de lágrimas e dizendo,

— Amo aos dois, mamãe.

— Sei que sim. E pode dizer ao Conselho, que isso é o que sente.

— É isso o que você vai dizer?

— Sim — Ariel esfregou o nariz ao longo do de Kaylee — Eles são nossos anjos e não os deixaremos sem lutar. Certo?

Uma vez mais o queixo de Kaylee se elevou.

— Não sem uma grande briga, mamãe. Uma grande. Quando estávamos no parque ontem, Zeraac me mostrou alguns movimentos dos caçadores de recompensas. Se tiver que fazê-lo, utilizarei-os com os membros do Conselho.



Isto trouxe sorrisos aos rostos de Paraíso e Shiraz, assim como Ariel, embora esta conhecia sua filha o suficiente, para acrescentar:

— Tome cuidado de não dar um pedaço de sua mente transmitindo seus pensamentos, Kaylee. E o melhor seria evitar a violência, incluindo arrancar plumas com o fim de te fazer escutar. De acordo?

— Está bem, mamãe — Disse Kaylee, dando um exagerado suspiro antes de rir dissimuladamente — Mas esse menino era um mandão.

— E algum dia será um homem muito bonito! — Brincou Paraíso, por isso os olhos de Kaylee rodaram ao dizer.

— Não diga você também!

Ariel ficou de pé, com a mão de Kaylee na sua, o momento de brincar desapareceu rapidamente, à medida que continuavam para as câmaras onde os membros do Conselho já estavam reunidos.

O coração de Zeraac subiu a garganta, ameaçando asfixiá-lo pela emoção, quando Ariel e Kaylee chegaram e viu que estiveram chorando. Ele e Komet ficaram de pé, tendo a intenção de ir para elas, mas antes de poder dar um passo, Kaylee se separou da mãe e correu, lançando-se para eles.

— Mamãe e eu lutaremos para ficar com vocês! — Disse ela, as palavras puderam escutar-se facilmente, por isso alguns membros do Conselho mostraram um sorriso, enquanto que outros franziram o cenho.

Ariel se uniu a eles, insegura do protocolo, mas incapaz de evitar tocá-los, de oferecer a cada um beijo rápido. *“Permitem-nos nos sentar juntos?”*

“Sim” — Disse Komet, instantes antes que um dos membros do Conselho dissesse:

— Começemos.

Em muitos sentidos, a sala parecia uma sala de tribunal, embora não havia bancos para os espectadores e não havia assentos para os membros do jurado. Os doze membros do Conselho, seis Vesti e seis Amato, nove homens e três mulheres, estavam sentados atrás de uma longa mesa, ligeiramente elevada e feita de cristais, de tão variadas cores, que fez Ariel pensar na mistura de pedras Ylan dos próprios braceletes.

Mas o que realmente a surpreendeu, foi a balança, colocada no centro da longa mesa, a base esculpida e os braços, eram um monte de criaturas aladas. *“A Balança da Justiça”*? Perguntou a Komet.

“Sim, um símbolo de nosso antepassado comum, embora aqui, cada membro do Conselho sustenta um sinal, uma representação de que sua opinião não tem mais peso que a de outro, mas que quando se unem controlam o equilíbrio. As imagens na balança, são as formas que os Fallon uma vez tiveram. Depois que falemos, cada membro do Conselho ficará de pé individualmente, e colocará um sinal na balança. Eles podem decidir dizer algo, embora não é necessário. Um sinal à esquerda, é um voto para que o desafio seja ouvido. Um sinal à direita, é um voto contra que a provocação siga em pé”.

O olhar de Ariel viajou ao longo da fila dos membros do Conselho, que tinham tanto poder



em seu “matrimônio”. Parecia como se sentaram ao azar, homens e mulheres, Vesti e Amato, sem ordem ou agrupamento evidente.

Eles estavam sérios, não sorriam seus pensamentos escondidos, o enfoque mais para dentro que para fora. Exceto o último membro do Conselho. Seu ritmo cardíaco saltou ao ver o homem Vesti que viu no mercado, os olhos de cor ouro cravados nela aqui tal e como o fizera lá, exigindo que seu corpo o reconhecesse, e perfurando através das tentativas de permanecer em calma, por isso escondeu seu pânico muito dentro dela.

Estremeceu, aproximando-se do Komet. *“Quem é ele?”*

Komet seguiu seu olhar e imediatamente ficou tenso, seu corpo fez que o de Ariel ficasse rígido, fazendo pensar em um homem primitivo que se preparava a combater com outro, pelo direito a emparelhar-se. Embora ambos eram Vesti, onde Komet era elegante e bonito, o outro homem era robusto, forte e selvagem, como se os genes fossem passar a seguinte geração pela conquista de uma mulher mais que por atraí-la.

“Quem é ele?” — Ariel repetiu.

“Miciah d’Vesti, do clã Danjal”.

Um membro Amato do Conselho, ficou em pé, chamando a atenção de Ariel, embora ainda podia sentir a intensidade do olhar fixo de Miciah, que a percorria de uma maneira quase sensual. Os mamilos se apertaram em reação, embora sua mente se rebelou, ruborizando o peito, pescoço e face, com um vermelho quase tão brilhante como o cabelo do membro do Conselho que estava de pé.

— Ofereci um desafio para este vínculo de companheiros — Disse o Amato, e Ariel soube imediatamente que era o tio de Zantara, Raym — Assim falo sobre o assunto, agora que estamos reunidos. Nossos cientistas já abordaram o primeiro assunto, assim que este já não tem capacidade diante o Conselho. Encontrou-se que Zeraac d’Amato do clã Gadreel, tem o gen Fallon que se emparelha com o da humana conhecida na Terra como Ariel Ripa. Reconheço que conforme as próprias leis do Conselho, ele tem direito a escolher a um co-companheiro Vesti para reclamá-la. Mas pondo em dúvida que ela viesse aqui voluntariamente, aceitando a ambos os homens como seus companheiros, antes de ser transportada, como é requerido pela lei do Conselho. Ele não foi emparelhado antes de ir a Terra, e ninguém conseguiu voltar com uma companheira tão rapidamente, e muito menos uma companheira com um filho muito doente — Deteve-se tempo suficiente, para encontrar o olhar dos outros onze membros do Conselho antes de acrescentar — Sem ter em conta o resultado desse desafio, acredito que devemos considerar as ações que melhor sirvam a nossas duas raças, no caso que uma mulher humana com o gen Fallon seja emparelhada com um varão, quando não houver nenhuma possibilidade de que se produzam filhos dessa vinculação, sobretudo quando agora sabemos que poderia encontrar um segundo partido para ela em Belizair. Peço ao Conselho que dita permitir este desafio, para que possamos atender estas preocupações.

Ele se sentou e outro Amato se levantou, desta vez uma mulher.

— Ela é uma curadora — Sussurrou Kaylee, apertando a mão de Ariel.

— Sabe o que pode esperar deste procedimento? — A mulher perguntou a Ariel.



— Sim.

— Então seguiremos adiante — Ela se sentou e p olhar se desviou, igual ao de Ariel, com uma fina capa de suor brotando de sua pele, ao dar-se conta que só havia uma pessoa na sala para falar em seu favor, outro Amato, que tinha visto brevemente na Terra, nos momentos prévios em que Komet e Zeraac a apressaram a entrar na câmara de transporte.

Esse homem ficou em pé, indo ao centro da sala e ficando de pé diante a balança.

— Sou Jeqon d’Amato do clã Lahatiel. Embora seja meu tio que pôs em dúvida se este vínculo deveria ser permitido, falo a favor deles e peço ao Conselho que seja permitido mantê-lo. Nosso mundo, neste momento, tem muitos companheiros vinculados sem crianças. Não pusemos em dúvida seu direito a encontrar a felicidade. Por que questionar este vínculo? Embora não possam ter mais filhos com Ariel, já proporcionou um, Kaylee — Fez uma pausa, estendendo sua mão para a balança — No equilíbrio das coisas, não é isso suficiente? A filha para a mãe? E se não acreditam assim, saibam disto. Graças a Ariel e Kaylee, identificamos a outra menina com o marcador do gen Fallon, uma menina cuja mãe não tem companheiro, e que também poderia chegar a ser uma companheira para um de nós.

Raym d’Amato ficou de pé, desafiando o sobrinho.

— Que prova tem dessa menina adicional e sua mãe?

Jeqon abriu a mão fechada e pôs sobre a mesa um pequeno animal de pelúcia, diretamente debaixo do braço da balança, que logo teria as fichas a favor de deixar o desafio de lado. Mas antes que pudesse dizer nada, a voz emocionada de Kaylee chegou até os membros do Conselho.

— É o coala que Kendall me deu de presente! Vai viver aqui? Ela é minha melhor amiga — Houve uma pausa — Depois de você, mamãe.

A maioria dos membros do Conselho sorriram, incapazes de permanecer sérios diante o entusiasmo de Kaylee, diante a perspectiva de que sua amiga fosse trazida a Belizair, e da evidente cercania a sua mãe. Inclusive Jeqon sorria abertamente quando respondeu

— Ariel disse a Zeraac sobre uma amiga de Kaylee que afirmava ver seres imaginários, alguns com forma de anjo, de vez em quando. Zeraac passou a informação e quando reunimos as posses da casa de Ariel em São Francisco e as levamos a casa do Conselho dessa cidade, encontrei vários fios de cabelo neste urso, que provavelmente pertencem a essa menina. Estes contêm o gen Fallon, embora ainda não tenhamos encontrado um varão que coincida.

Seu tio assentiu, aceitando as palavras de Jeqon como verdade, e depois se sentou. Jeqon se voltou para ir, mas hesitou, o gesto uma indicação de que um dos membros do Conselho estava falando. Alargou o braço e tomou o urso, dando-o a Kaylee, antes de sair da sala.

“Eu falarei a seguir” — Disse Zeraac, levantando do banco que compartilhavam, as palavras eram pesadas, com uma dor que odiava fazer público, por isso Ariel sentiu vontades de chorar. Em troca, estendeu a mão quando ele passou, tocando-o, dizendo sem palavras que o amava.

Ele também se deteve no centro da sala, frente à balança.

— Eu gostaria de pedir ao Conselho que deixe de lado o desafio a meu vínculo. Embora não fui à Terra procurando uma companheira ou uma filha, logo que encontrei Ariel e Kaylee, estive perdido. Teria permanecido a seu lado durante todo o tempo que pudesse, inclusive abandonando



a tarefa a que me tinha devotado em nome de nosso mundo — Tomou uma respiração profunda antes de forçar o resto das palavras — Esperava-se que me vinculasse com Zantara d’Amato do clã Lahatiel. Depois que se conheceu os efeitos do vírus Hotaling em nós, ela me pediu que fizesse testes, esperando talvez... — Encolheu os ombros — Não posso falar de suas esperanças. Mas não havia razão para me opor, por isso permiti que me estudassem, e então soube que... Não haveria filhos para mim, inclusive com uma companheira de vínculo humana e com um Vesti como co-companheiro. Aceitei essa notícia. Ariel e Komet também aceitaram. Já somos abençoados com uma filha, uma cuja saúde foi restaurada por nossos curadores e cientistas. Uma que amo profundamente. Somos uma família verdadeira e só desejamos permanecer assim.

Retornou a seu assento e Komet se moveu para colocar-se diante do Conselho.

— O que Zeraac disse é verdade. Somos uma família verdadeira e só desejamos continuar sendo, viver juntos, criar a nossa filha, e fazer o que pudermos para ajudar Belizair nestes momentos de dor. Eu gostaria de recordar ao Conselho que já discutiram a questão de sancionar o clã Araquel e encontraram que já sofremos bastante por nossa parte na devastação de Belizair. Como Zeraac, peço que o desafio seja deixado de lado.

Quando se sentou, Kaylee ficou de pé.

— Eu quero falar agora — Disse, dando um passo, antes de deter-se e voltar atrás, com incerteza no rosto. *“Viria comigo, mamãe?”*

Ariel se uniu a ela, as duas pegaram a mão, e se colocaram frente ao Conselho.

“Quer que fale primeiro?” Perguntou Ariel.

O queixo de Kaylee se sobressaiu. *“Não, eu farei”*. Ao Conselho disse:

— Amo Zeraac e Komet, e quero que eles sejam meus papais. Não quero que vocês me tirem isso. Eles vieram a Terra por mamãe e por mim, e eu disse que queria ir com eles — Olhou diretamente a Raym d’Amato, com um feroz cenho franzido — Por isso nenhuma de suas regras foi quebrada.

O tio de Zantara ficou em pé outra vez, sua atenção em Kaylee. Ariel se esticou quando perguntou:

— E sua mãe disse que queria ir com eles?

— Isso é algo entre minha mamãe e meus dois papais — Disse Kaylee, e ao menos um dos membros do Conselho riu dissimuladamente.

Durante um momento Raym olhou Ariel, e ela pôde ver o desejo em seus olhos de perguntar, mas a voz de Zeraac sussurrou *“Não pode fazê-lo já que foi Kaylee, e não você, quem trouxe para colação o tema”*.

A boca de Raym se apertou, a atenção se dirigiu de novo a Kaylee, mas ao final voltou para o assento, possivelmente decidindo que interrogar a uma menina, só serviria para debilitar seu desafio.

“Seu turno, mamãe”.

Ariel se obrigou a encontrar o olhar de cada membro do Conselho, mesmo o olhar de pálpebras entrecerrados de Miciah d’Vesti, antes de dizer.

“Desde que cheguei a seu planeta, me disseram em repetidas ocasiões que a felicidade dos



humanos que são companheiras de um vínculo é importante, que minha felicidade é importante. Se isso for certo, então peço que deixem de lado este desafio. Amo Komet e Zeraac. Considero-me casada com eles. Quero-os a meu lado. Quero que eles sejam os homens que me ajudem a criar a minha filha. Já perdi um marido, assim como Kaylee perdeu um pai, por favor, não acrescentem mais ao que já sofremos, ameaçando desconhecer o vínculo que temos com o Zeraac e Komet.

Elas voltaram para o banco, sentando-se entre Zeraac e Komet, sustentando as mãos.

A curadora Amato, que havia se dirigido antes a Ariel, levantou-se de novo, com seu olhar fixo sobre os outros membros do Conselho, enquanto falava:

— Uma vez os Amato e Vesti lutaram entre si, sendo cada vez menos do que tínhamos sido, com cada nova geração, encontrando paz só com o estabelecimento da ordem e a aceitação das leis que regiam a ambos, ao mesmo tempo que permitiam nossas diferenças. Após, estivemos orgulhosos de nossa justiça. O assunto que nos ocupa é muito sério, não só para aqueles cujo vínculo é questionado, mas também para o futuro de Belizair. Já seja que este vínculo em particular se mantenha, ou se desfaça, não acredito que seja justo aplicar uma norma para eles que não se aplicou antes. A questão de quem pode reclamar a uma humana, descendente dos Fallon, necessita mais reflexão e debate, e deve ser abordada em um momento diferente e sem relacioná-lo com o assunto que nos ocupa — Ela se voltou para Raym d'Amato — Eu pediria a Raym que retirasse sua solicitude para que o considerássemos como parte do desafio.

Raym d'Amato ficou de pé, seu olhar também percorreu os membros do Conselho reunido, avaliando suas expressões antes de dizer.

— Retirada.

A curadora assentiu com a cabeça e se sentou, enquanto Raym permanecia de pé.

— Se todos falaram, então devemos fazer a votação sobre seguir adiante com o desafio, agora limitado se Ariel Ripa da Terra veio voluntariamente, aceitando tanto Zeraac d'Amato do clã Gadreel, como Komet d'Vesti do clã Araquel como companheiros antes de ser trazida, como é requerido pela lei do Conselho. Acredito que este vínculo tem que ser investigado com minuciosidade, porque Zeraac não foi emparelhado a Ariel antes de ir a Terra e outros não tiveram tanto êxito ao trazer de volta a sua companheira tão rápido, e muito menos a uma mulher com um filho doente.

Inclinou-se e colocou um sinal na balança, com o que se inclinou para baixo a favor de permitir que a provocação continuasse.

Outros dois seguiram rapidamente, as fichas se uniram a dele, só para ser equilibradas por outras três ao outro lado.

Um Vesti ficou de pé.

— Apoiamos nossa sociedade no livre-arbítrio e se promulgaram leis em apoio a isto. Apesar que aqueles que estão diante de nós parecem contentes com seu vínculo, se fizermos de lado o desafio, então, como podemos tomar medidas a da próxima vez que ponhamos em dúvida se uma companheira de vínculo humana foi trazida aqui sem ter dado primeiro seu consentimento? — A balança se inclinou de novo a favor de confrontar o desafio.

Outro se uniu, respondido por dois no outro lado, deixando a balança equilibrada, cinco a



favor do procedimento, cinco em contra.

Ariel engoliu, seus olhos foram para Miciah d’Vesti, cujo símbolo estava na mesa de juízes, frente a ele.

Ele mostrou um pequeno sorriso, quase selvagem, quando Vesti com o símbolo restante ficou em pé.

Komet se esticou, alertando Ariel de antemão *“Votará contra nós”*. Mas em lugar de avançar para a balança, o membro do Conselho disse.

— Embora não é habitual fazer, não está contra nossas regras. Minha consciência me diz que devo ceder meu voto a outro — Com um simples movimento de pulso, lançou sua peça simbólica.

Miciah d’Vesti ficou em pé, tomando-a no ar com tranquilidade.

— Eu gostaria de falar com Ariel em particular, antes de colocar as fichas na balança.

A negação instantânea de Zeraac e Komet, ressoaram na cabeça de Ariel, mas ela ficou de pé, beijando-os e a Kaylee, antes de seguir silenciosamente ao membro de Conselho fora da câmara. Ele a levou a um escritório, ou ao menos assim teria chamado na Terra, embora esta carecesse de pilhas de papel ou outro equipamento, em troca mostrava um sortido de planta em todas as partes, e o que era provavelmente algum tipo de computador plano no escritório.

Ela esperou a que ele tomasse assento. Em troca, ele fechou a porta e se moveu até ocupar seu espaço pessoal, enchendo o nariz de Ariel com seu aroma, e esquentando seu corpo com seu próprio calor.

— É minha companheira — Grunhiu sem mais preâmbulos, atordoando-a momentaneamente com suas palavras. Entretanto, quando introduziu os dedos em no cabelo, ela reagiu por instinto, retrocedendo longe dele, o fazendo franzir o cenho.

— Sou a companheira de Zeraac.

— E também minha. Sabe que é possível. Assim não negue a verdade, nem o que seu corpo está te dizendo. O que te disse outro dia quando estava no mercado? — Seus olhos vagaram sobre ela, estreitando-se quando encontraram os sinais de mordidas de Komet, mas esquentando-se quando viu os mamilos eretos. Ela estremeceu em reação e as fossas nasais de Miciah se inflamaram.

— Já tenho companheiros de vínculo — Recordou ela, odiando que seu corpo respondesse.

— Eu poderia fazer que me desejasse. Poderia fazer que desejasse meu toque.

Ela não viu o ponto em mentir, ou si mesma.

— Sim, poderia. Mas não poderia fazer que te amasse, ou que os esqueça. Sempre se perguntaria se estou pensando neles, ao ter relações sexuais com você. Odiaria-me cada vez mais, e a si mesmo.

Moveu a cabeça para trás, com um movimento brusco, e a soltou, dando um passo atrás.

— O amor e o carinho não são essenciais para produzir descendência. Olhe a seu próprio planeta, reproduzem-se tão livremente, que ameaçam destruindo a vocês mesmos consumindo e poluindo seus recursos.

— E é o tipo de mundo que quer? Um como a Terra? Onde as crianças com muita frequência são não desejados, divididos entre pais que se odeiam entre si, ou algo pior. Há lugares onde as



crianças podem encontrar-se buscando alimento nas ruas, abandonados em sua maior parte por pais que não se amam entre si, ou a eles. É o que quer para Belizair? Isso me parece só outra espécie de devastação.

Ele grunhiu, caminhando para a janela e detendo-se, o corpo irradiando tanta tensão e angústia, que foi impossível para Ariel resistir ir para ele, embora não o tocou.

— Na verdade o ama? A um homem cujo clã causou tanto sofrimento aqui? — Perguntou Miciah.

Ela começou a argumentar que Komet não tinha nada que ver com o negócio da família, mas algo a deteve, fazendo-a tomar uma direção diferente.

— Nunca usou nenhum dos artigos de prazer que proporcionam os Araquel?

Ele sacudiu como se ela o tivesse golpeado, depois a surpreendeu dizendo:

— Aceito seu ponto. Ama-o realmente?

— Sim. Amo a ambos. Quero viver com eles, dormir com eles, estar com eles. Quero compartilhar as alegrias e as tristezas que vêm ao criar uma criança, e tê-los a meu lado quando essa criança finalmente parta para formar seu próprio lar.

Os ombros se encurvaram para frente, e isso foi suficiente para que o coração de Ariel tentasse consolá-lo.

— Certamente não carece de... Amigos varões — Ele ficou rígido e ela rapidamente acrescentou — Um Amato que possa te escolher como co-companheiro.

Isto trouxe um grunhido de resposta enquanto se afastava, caminhando ao longo da sala, fazendo-a arrepender-se de ter dito algo. Com um suspiro, obrigou a seus pensamentos a afastar-se dos dois símbolos que ele controlava, e olhou pela janela, para um pátio cheio de flores e fontes cristalinas.

Ele se tranquilizou, voltando para seu lado.

— Dizia-me a verdade? Há lugares onde as crianças devem valer por si mesmo, sem estar reclamados e sem ser desejados?

Foi à vez de Ariel de sacudir-se em reação, de repente, preocupando-se de que essas crianças pudessem ser tirados do que conheciam e trazidas aqui. Sua preocupação não foi só por eles, mas sim pelo impacto que isso poderia ter em um mundo tão diferente ao próprio. Ela não era tão ingênua para pensar que uma mudança de ambiente, sempre seria suficiente para trocar o curso da vida de uma criança, trocar quem e o que eram em seu coração.

— E se há? — Desconversou ela.

Ele riu suavemente.

— Apesar de que às vezes possa parecer uma contradição, realmente valorizamos o livre-arbítrio. Talvez aqueles que não têm nenhuma esperança neste momento, encontrariam uma medida de paz ao ir a Terra e fazer-se pais substitutos, educando a uma geração que poderia vir a Belizair por sua própria vontade, quando tivesse idade suficiente para formar um vínculo com um companheiro — Sua mão se estendeu, segurando o rosto de Ariel, obrigando-a a encontrar seu olhar, procurando intensamente, como se queria ver sua alma. Então, sem uma palavra, afastou-se, deixando a câmara.



Ela o seguiu, com o coração pulsando com força. Emoções selvagens a percorreram quando o viu caminhar a pernas para a balança e deixar cair os sinais no prato de cristal, o peso das duas novas fichas mudou o equilíbrio, o desafio ao vínculo de sua união desapareceu, à medida que a balança baixava, mais pesada pelos votos de Miciah.

Epílogo

— Zeraac vai vir para surpresa? — Perguntou Kaylee, com uma expressão inocente que desmentia o fato de que ainda tentava pegar pistas e tentava conseguir que Komet revelasse o segredo que os adultos compartilhavam.

Komet olhou a seu redor no mercado, franzindo o cenho como se o estivesse contemplando seriamente, enquanto os olhos de Kaylee seguiam seu olhar, tentando captar algum sinal de que seu olhar ficasse fixo em um objeto, por mais de um segundo.

— Talvez — Disse Komet depois de um silêncio tortuoso, não completamente capaz de esconder seu sorriso ou diversão.

— K-o-m-e-t. Não é justo. Só uma pista. Por favor. Zeraac não se oporia que me desse uma pequena pista. Não é, mamãe?

Ariel riu.

— OH, não! Deixem-me fora disto.

Kaylee começou a dizer algo, mas a expressão de Komet fez que girasse e seguisse a direção de seu olhar. A atenção de Ariel também trocou, esticando-se e pressagiando algo mau, quando viu Zantara d'Amato.

A mulher de cabelo vermelho se deteve frente a eles, com seu olhar fixo em Kaylee, momentaneamente.

— Já causou suficiente dor e sofrimento, Zantara — Disse Komet — Nem Zeraac nem eu permitiremos que inflija mais a nossa companheira de vínculo ou a nossa filha.

Zantara estremeceu ligeiramente, o olhar encontrando o de Ariel quando disse:

— Não sabia que havia uma menina comprometida, quando falei com tanta amargura a meu tio. Se tivesse sabido que Zeraac... Se soubesse... Teria sido mais fácil de aceitar.

Kaylee pressionou as costas contra a frente de Ariel, com o corpo tenso. Ariel pôs suas mãos sobre os ombros rígidos da filha, pensando em tranquilizá-la, mas em troca, Kaylee acalmou sua própria intranquilidade. Seu pequeno queixo se sobressaiu como a de um pugilista, preparado para derrotar seu oponente.

— Já não pode ter Zeraac de novo, ele pertence à mamãe e a mim agora — Disse, indo à essência do assunto, como ela o interpretava, sua coragem fez que a mulher, que ainda agora recordava Ariel a um anjo vingador, desse um passo atrás.

— Kaylee... — Começou Ariel, só para que Zantara negasse com a cabeça e dissesse:

— Não, responderei ao desafio de sua filha com a esperança de poder eliminar seus medos.



Vim para pedir perdão pelo papel que joguei na separação de sua família. Sinto muito, e embora eu peço seu perdão, não o espero — Sorriu ligeiramente enquanto seu olhar se dirigia para Kaylee — Permanece tranquila, não faço nenhuma reclamação sobre Zeraac, nem agora, nem no futuro.

Durante um momento Kaylee permaneceu tensa, mas então, ela relaxou e assentiu com a cabeça, apoiando de novo as costas contra a frente de Ariel, de modo que Ariel não pôde resistir a tentação de inclinar-se e depositar um beijo na parte superior da cabeça da filha.

— Eu gostaria de falar a sós com Zantara durante uns minutos. Por que não vão Komet e você, a procurar um pouco dessa fruta que tem sabor como as bananas, junto com um pouco de pão doce e algumas nozes para Sabaska. Já quase é tempo de deter-se para tomar algo de comer.

Kaylee assentiu, sua postura dizia que não estava completamente segura de deixar a sós sua mãe e Zantara. O protesto de Komet não foi tão sutil. “*Não*” — Disse, a preocupação e a proteção enchiam essa pequena palavra.

Ela deu a volta, encontrando seu olhar, reconhecendo com o seu que apreciava sua preocupação, antes de pressionar um beijo nos lábios. “*Por favor, Komet. Fique perto se desejar, mas me dê uns minutos com ela*”.

Ele se abrandou. Finalmente. Tanto ele como Kaylee se moveram tão devagar, que teria sido engraçado se não tivesse sido tão comovedor.

Quando estiveram o suficientemente longe para permitir uma conversa privada, Ariel voltou a atenção para Zantara. Ela queria odiar à mulher que estava frente a ela. Mas quando Zantara olhou Kaylee, Ariel viu tão claro o profundo sofrimento nos olhos de Zantara, que, em troca, tinha sentida compaixão.

Não tinha experimentado ela alguma vez emoções similares, quando tinha olhado a seu redor, e viu outros desfrutar do que não era possível para ela? Em seus momentos mais escuros, quando se sentia só e indefesa, não teve às vezes o sentimento de sentir-se aflita, cheia de dor, desespero, e enviou aos que tinham filhos sãs e um bom matrimônio?

As palavras de Shiraz ressoaram na mente de Ariel. *Encontra em seu coração o perdão, trata de entender que nós também sofremos. Nossa cultura, apesar de permitir a livre escolha, sempre venerou a maternidade e a criação dos filhos. E agora, nossas mulheres estão sem esperança, lutando contra o desespero e os sentimentos de inutilidade, enquanto que nossos homens, devem tomar uma companheira humana, ainda vendo com impotência às que eles amaram, converter-se em menos do que foram alguma vez. Tenha fé em que o amor prevalecerá.*

E seu amor tinha prevalecido. Seu amor por Kaylee a fez viver um milagre, e a teria feito sobreviver se não tivesse havido. As lembranças teriam sido tão preciosas, como dolorosas, se Kaylee tivesse morrido. Seu amor por Zeraac e Komet tinha dado um novo futuro, novas possibilidades, um novo mundo para explorar. E até sem a promessa de mais filhos, o coração de Ariel estava cheio, seu espírito se elevava tão alto como qualquer Amato ou Vesti podiam voar.

— Não posso dizer que senti exatamente o que você sente — Disse Ariel, seu olhar procurando Kaylee — Mas houve tempos que odiei, explorei interiormente diante a injustiça da vida, quando escutava a pais queixar-se por enfermidades menores de seus filhos ou ameaçavam demandando a seus vizinhos por algum osso quebrado, e pensava em minha própria filha, que



nunca subiu uma árvore ou tinha jogado um esporte de equipe, que nunca tinha aprendido a nadar, ou a montar em bicicleta, porque cada fôlego era uma luta para ela. Cada dentada de comida, era uma batalha que seu corpo empreendia para ganhar a nutrição suficiente para existir. Cada dia uma vitória, e mesmo assim, um fracasso. Houve tempos, quando desejei que outros passassem minhas privações, quando eu não gostava de algumas crianças mimadas e choronas, inconscientes de como afortunados eram. Isso me comia, como um ácido que queimava minha alma, tomando as melhores parte de mim, e ameaçando me deixar amargurada, até que decidi não permitir — Ariel levou sua atenção de volta a Zantara, notando as lágrimas nos olhos da outra mulher — Perdoo-a — Disse, estendendo os braços em sinal de saudação — Deixa que o passado permaneça no passado, enquanto trabalhamos juntos para algo melhor. Se você puder, eu também posso pensar neste momento, como se fosse a primeira vez que nos encontramos.

Zantara assentiu, levantando as mãos e agarrando os antebraços de Ariel, para que os braceletes se tocassem por só um instante.

— Obrigada — Disse com voz rouca — Que encontre a felicidade em Belizair.

Zeraac estava na casa do Conselho em São Francisco, olhando as caixas que continham as posses do apartamento de Ariel e Kaylee, sentindo dúvidas, agora que enfrentava à tarefa de decidir quais de seus pertences tinha um valor e deviam ser levadas a Belizair. Isto parecia uma boa surpresa para Kaylee, e um modo de culminar a vida de Ariel na Terra, mas agora...

— Não é tão difícil como parece — Disse Jeqon, afastando-se da porta com um sorriso, que imediatamente pôs tenso a Zeraac — Toma esta caixa, por exemplo — Inclinou-se para baixo e revolveu um pouco, levantando artigos de roupa que seriam impróprios para a cidade desértica da Winseka — Penso que estará de acordo, em que seria um desperdício de energia transportá-la.

— É certo — Zeraac esteve de acordo, escutando a risada na voz de Jeqon, e preparando-se.

Jeqon ficou de pé, levando em cada mão um pedaço de tecido fino, pertencente a um suave objeto de uma brilhante cor azul clara, que desdobrou diante sua vista, a imagem do objeto, ou desta sobre o corpo do Ariel, fez que o pênis de Zeraac endurecesse.

— Mas isto poderia ser interessante — Disse Jeqon, sorrindo abertamente, seus olhos caindo à tanga de Zeraac — De acordo?

— De acordo — Grunhiu Zeraac, de repente, preparado para terminar com a tarefa e retornar a Belizair, Ariel, para que pudesse vesti-la no objeto, e permitir torturá-los, ao tirar pouco a pouco.

— Deixarei-o classificá-las, então — Disse Jeqon, rindo enquanto saía da sala.

A maior parte foi fácil. As fotografias que uma vez estavam na estante de Ariel. Os livros, uma coleção de álbuns de fotos. A diáfana e não prática roupa de dormir, que nenhuma criatura alada poderia usar, mas que em Ariel seria excitante. Os brinquedos de Kaylee, e os jogos, alguns similares a alguns de Belizair, e outros que Kaylee desfrutaria introduzindo em seu novo mundo. Zeraac sorriu ao pensar em sua pequena e mandona filha, instruindo a outros e informando sobre as regras do jogo.



Essas coisas foram fáceis para ele, e as embalou de novo, colocando as caixas fora da porta da câmara de transporte. Entretanto, a última caixa que abriu o surpreendeu com a guarda baixa, e levou lágrimas a seus olhos. Ariel tinha conservado algumas dos objetos de roupas de Kaylee, quando era bebê, pijamas pequenos e vestidos com babados, com suas correspondentes meias e pequenos sapatos brilhantes.

Durante um longo momento, Zeraac os olhou, o coração dolorido pelo que nunca experimentaria. Mas então pôs a emoção a um lado, voltou a empacotar a caixa e a levou diretamente à câmara de transporte, antes de levar dentro o resto das caixas. A Deusa o abençoara com uma companheira de vínculo e uma menina, quando ele não esperava a nenhuma. Era bastante. Mais que suficiente.

As luzes cintilaram quando as pedras Ylan reuniram a energia, a antiga câmara rompeu em pequenas moléculas, antes de abrir a porta do portal entre um mundo e o outro, tal como fez nos dias nos que os Fallon caminhavam pela Terra.

A fruta que parecia tão deliciosa, cheirava deliciosa e tinha sabor delicioso, caiu pesadamente no estômago de Ariel, fazendo sentir náuseas, até o ponto de ter que pensar em escapar para poder vomitar sem audiência.

— Quer um pouco de meu pão doce, mamãe? — Perguntou Kaylee, agitando um pedaço diante do nariz de Ariel, quase rompendo o controle de Ariel sobre o estômago.

“Está bem?” Perguntou Komet, levantando-se do próprio assento e aproximando-se, roçando com os nódulos a bochecha de Ariel, úmida de repente. *“Não tem bom aspecto”*.

“Penso que talvez a fruta estava estragada”.

Ele franziu o cenho. *“Tinha o sabor de sempre”*.

Ariel baixou a cabeça, com a intenção de colocá-la sobre a mesa, mas em troca, sua atenção se fixou nos próprios braceletes. Que estavam brilhando, como as tinha visto brilhar nos pulsos de Kaylee, e mais tarde nos de Zeraac. *“Olhe”*, dirigiu-se a Komet, e ele olhou, as sobranceiras juntando-se com perplexidade enquanto o fazia.

Kaylee gritou com alegria, reconhecendo suas ações, embora a conversa fosse particular.

— Olhe, mamãe, a Deusa está chorando por você agora!

“É normal que as pedras continuem mudando?” Perguntou Ariel a Komet.

“Não sei, as Lágrimas da Deusa são estranhas, seu poder desconhecido, embora eu pensava... Esperava...”

“O que?”

“Que elas pudessem ajudar na cura”.

“Kaylee?”

“Sim”.

A mente de Ariel correu a toda velocidade, suas náuseas foram esquecidas pela emoção, ao recordar esses mesmos episódios, os desejos de um alimento em particular, seguidos pelas náuseas, durante a primeira gravidez.



“E Zeraac? Pensou que talvez permitiriam gerar um menino?”

Komet tomou a mão de Ariel na sua, apertando-a, ao mesmo tempo que acariciava com a outra um lado de seu pescoço, deslizando-se sob o cabelo e roçando o lugar onde suas presas de emparelhamento a tinham marcado repetidas vezes. *“Tinha esperança, Ariel, mas só pela saúde de Kaylee, teria entregue, não só as Lágrimas da Deusa, mas também cada pedra Ylan que tivesse. Como o faria Zeraac. Já é suficiente para nós, se for a única filha temos.”*

“Pode me trazer um teste de gravidez?”

Ele não respondeu imediatamente, e ela pôde ver sua resistência, seu temor de decepcioná-los com más notícias. Ariel apertou a mão, tentando contagiar algo de sua repentina confiança. *“Que outra explicação pode oferecer do por que as Lágrimas cintilaram nos pulsos de Kaylee até que foi curada, e depois nos de Zeraac, e agora nos meus... Quando estou sentindo vontade de vomitar... Quando poderia necessitá-las para assegurar uma gravidez segura?”*

Komet deu um suspiro tremulo. *“Não posso pensar em nenhuma.”*

Durante um momento permaneceram sentados em silêncio, pegos pelas mãos enquanto a esperança os enchia, visível em suas expressões. Finalmente Komet disse *“Meu equipamento não é tão sofisticado como o que possuem os cientistas do Conselho, eles quereriam...”*

Ariel negou com a cabeça. *“Não. Isto é... privado. Não quero envolver ao Conselho ou a seus cientistas, não tão logo depois do que tivemos que suportar. Pode fazer o teste?”*

Ele riu suavemente. *“Trouxe para casa um grande número de espécimes intrigantes, com o fim de aprender mais sobre eles. Acredito que posso dirigir este teste em uma desejosa companheira de vínculo.”*

“Façamo-lo então, antes que Zeraac retorne a casa com sua surpresa. Mas vejamos se alguma das muitas “tias” de Kaylee pode cuidar dela por um momento. Se por acaso temos uma razão para uma celebração de adultos”.

Zeraac saiu do edifício do portal, contente de ter feito acertos com vários jovens dispostos a ganhar alguns créditos. Mas em vez de encontrar-se com eles esperando-o, preparados para tomar as caixas que levava a câmara exterior, para levar os pertences de Ariel e Kaylee a sua moradia, encontrou-se com Zantara, embora sua expressão indicava que ela não tinha esperado encontrar-se com ele.

— Zeraac — Disse ela, oferecendo tentativamente os braços em sinal de saudação. E quando ele hesitou, dividido entre o passado e o presente, ela mostrou um pequeno e triste sorriso — Se isto puser mais fácil, já ofereci minhas desculpas a Ariel, e encontrou em seu coração um lugar para me perdoar. Como espero que você o faça.

Ele assentiu, unindo brevemente os braceletes aos dela, mas descobriu que não tinha palavras adicionais para ela. Zantara encheu o incômodo silêncio, dizendo:

— Pedi ao Conselho que me permitisse ir à Terra como uma de seus agentes, deixando tomar a tarefa de procurar entre os meninos não desejados, em um esforço por encontrar os que têm o gen Fallon, e se os encontro, ajudar a criá-los até que sejam o suficientemente maiores para



serem emparelhados com companheiros de vínculo e que possam vir voluntariamente a Belizair.

O coração de Zeraac se apertou no peito, o surpreendendo a forma tão clara em que sentia a dor de Zantara, mesmo depois de tudo o que aconteceu. E, entretanto, não era isto similar como se sentia Ariel com respeito a seu falecido marido? Onde uma vez houve bons momentos, compartilhar seus corpos e seus sonhos. O amor.

— Que a Deusa e seu consorte te abençoe com um... Que te abençoe com a felicidade, Zantara. Como me abençoaram.

As lágrimas brilharam nos olhos de Zantara, e ele pôde ver as palavras de amor apanhadas na garganta. Mas se alegrou de que ela não as dissesse. Já era muito tarde para que estas emergissem. Para ele, o amor que compartilharam era algo do passado. E não se arrependia de que o fosse.

Ele tinha Ariel e Kaylee. Elas o converteram em um homem diferente, um homem melhor de que tinha sido antes. Elas eram seu milagre.

Zantara tomo uma respiração entrecortada, assentindo, aceitando o curso que suas vidas tomaram, depois girou e partiu sem voltar à vista atrás.

Zeraac a olhou ir, mas não tinha nenhuma dúvida, nenhum desejo, além de chegar a casa e tentar que Ariel colocasse uma dessas camisolas transparentes.

Voltou-se, agradecido ao ver que os jovens tinham chegado, apesar de estar muito ansioso para esperá-los, além de assegurar-se que conheciam o lugar onde deviam entregar as caixas restantes. Sorrindo abertamente, Zeraac recolheu a que continha as coisas de Kaylee e se dirigiu a casa, esperando que seu conteúdo, seguido pela chegada dos jovens, logo permitisse um pouco de intimidade para os adultos.

Ariel olhou o pequeno escritório, um quarto cheio até o batente de rochas e amostras de vegetação, assim como ossos, plumas e coisas em contêineres de cristal, sobre as quais não tinha a intenção de indagar.

— É aqui onde trabalha? — Perguntou, sendo difícil imaginá-lo fora do papel de marido e pai.

Komet riu.

— Não realmente. Este é o lugar, onde os colegas me podem deixar mensagens, e onde posso armazenar artigos de interesse que encontro nesta região, pelo menos até que os levo a Phlair, a cidade natal de meu clã.

— Ali é onde viveu até agora?

— Sim. Em moradias não muito diferentes às que temos aqui, embora todos os que me rodeavam são membros de minha família.

— E Zeraac?

— O lar de seu clã é Shiksa.

— Por isso dizem que são membros de um clã, porque realmente vivem perto uns dos outros, mesmo que são adultos.



— Talvez essa seja a origem do nome. E sim, pelo geral vivemos perto dos outros membros de nossa família, mas não é estranho ficar com amigos quando visitamos outras regiões — Sorriu abertamente — Até que entrou em minha vida, habitualmente ficava com Jecon quando estava por esta região, embora como ele também é um cientista e um erudito, e nos demos conta rapidamente que era melhor não misturar as coisas que colecionamos.

Ela riu.

— Devido que terminavam brigando por elas?

— Não, porque fez que qualquer movimento por sua casa fosse quase impossível. Ele é pior que eu nisso de trazer espécimes interessantes a casa.

Ariel explorou o desordenado e repleto escritório. Recordou o primeiro apartamento que ela e Colin tinham compartilhado, sua coleção de rochas em cada batente, cada balcão, assim como nas mesas e os aparadores. Por um momento a tristeza a encheu, mas os dedos de Komet a apartaram, enquanto acariciavam a bochecha, o olhar preocupado a fez sentir tola por reviver o passado.

“Não faça, amada. É uma parte de você, do faz que hoje ser quem é”. Seu sorriso cresceu. “E não se voltam frequentemente choronas, as mulheres grávidas? Se o que acha é certo, então Zeraac e eu deveremos aprender algumas novas habilidades para lutar com nossa companheira de vínculo”.

Uma pequena risada escapou de Ariel.

— Só recorda uma única e importante palavra. Yaschi. Quando todo o resto faltar. Traga-me yaschi. E se podemos encontrar um modo de envolvê-lo em pão, como um croissant de chocolate, seria ainda melhor.

Komet sorriu.

— Recordarei. Agora bem, procuremos meu equipamento de testes. O que tenho aqui em meu escritório, é só uma simples prova de gravidez de sim ou não. Mas ao final do corredor, há um equipamento mais sofisticado. Eu poderia ser capaz de acessar a ele se... — Tomou em seus braços, beijando-a, para depois roçar o nariz com o dela — *“Ariel, se os resultados não forem os que desejamos...”*

“Não haverá lágrimas. Prometo”.

Ele a abraçou durante um longo momento antes de soltá-la, tomando um instrumento idêntico ao que Galil utilizou para tomar a amostra de seu sangue. Ariel ofereceu a mão, e Komet colocou a câmara de cristal sobre a veia mais proeminente. Em questão de segundos, o pequeno espaço se encheu de sangue. Ele retirou o instrumento, colocando-o sobre um cubo de cristal quase idêntico, exceto por uma capa fina “de pó” azul, que descansava no fundo. Enquanto Ariel olhava, o sangue que havia no compartimento superior encheu o inferior, fazendo que o “pó” desaparecesse.

Sem perguntar, Ariel soube o resultado. Podia sentir a alegria de Komet através do vínculo que compartilhavam. A confirmação chegou com o abraço esmagante que ele deu, e com as lágrimas que sentiu em sua face.

“Nada de lágrimas” — Brincou ela, obtendo uma risada e um beijo — *“Podemos ir agora ao*



final do corredor, e ver se levo gêmeos como as demais? Um Amato e um Vesti?”

Zeraac sentiu um momento de desilusão, quando encontrou a residência vazia. Esperava ver a reação de Kaylee ao ver suas posses da Terra, conhecer um novo grupo de jovens, e talvez os ensinar alguns de seus jogos. Em troca, deu aos que levavam as caixas os créditos que tinha prometido, e começou a desembalá-los ele mesmo, exceto as caixas que continham a roupa de bebê de Kaylee. Essas as deixou para Ariel.

Surpreendeu-o muito que sentia a ausência de Ariel, de Kaylee, e mesmo a de Komet. Em tão pouco tempo, converteram-se em uma família.

O pênis se agitou pensando na camisola de cor azul clara, que agora mesmo estava estendido sobre sua cama, esperando Ariel, como ele o fazia. Desfrutaria vendo-a usá-la, tanto como o faria vê-la tirá-la. Na verdade, desfrutava de todo o relacionado com ela. Desejava-a. Necessitava-a. Poderia viver só dos sorrisos e amor. E ainda agora, contava os momentos até que pudesse sentir o corpo contra o seu, unir-se a ela, por separado ou tendo Komet agasalhado dentro dela.

Quando as pedras Ylan vibraram, assinalando que ambos estavam perto, o coração de Zeraac acelerou, ainda quando o olhar se dirigiu a seus pulsos, e as sobrancelhas se juntaram. As pedras Ylan dos pulsos mudaram de novo. O brilho das Lágrimas permanecia presente, ainda mais do que brilharam a princípio, mas menos que o dia que tinha voado com Kaylee, para levá-la ao parque, depois de ter deixado os cientistas. Ele negou com a cabeça, talvez os braceletes mudariam sempre, devido às Lágrimas da Deusa.

A porta se abriu e Ariel entrou, seguida por Komet.

— Kaylee não veem? — Perguntou Zeraac, confuso por sua ausência, considerando seu entusiasmo sobre “uma surpresa” próxima. Mas quando Ariel se aproximou, e sinuosamente jogou os braços ao redor de seu pescoço, pressionando o corpo ao dele, roçando-se contra a ereção, Zeraac não pôde encontrar nenhuma queixa a esse novo plano.

— Komet e eu pensamos em girar as voltas, e te dar uma surpresa em troca — Murmurou Ariel, com os olhos dançando com emoção, embora por uma vez, contendo seus pensamentos para que Zeraac não pudesse tirar nada deles.

Os braços a rodearam, acariciando as costas, incapaz de resistir a tentação quando colocou em sua calça. As tirou, convertendo-os em um atoleiro dourado a seus pés.

Ela riu, um som rouco que fez que tomasse nos braços, dizendo:

— Vamos procurar nosso prazer na cama?

— Talvez seja melhor se estivesse deitado. Seria embaraçoso se desmaiasse — Brincou Komet, seu comentário fez que o coração de Zeraac se sacudisse e acelerasse, assim em vez de entrar no quarto, Zeraac se sentou no sofá parecido a um banco, com Ariel no colo.

— Que surpresa você e Komet tem para mim?

Ariel tomou uma das mãos de Zeraac na sua, pressionando seu bracelete contra o dele, Komet se moveu para estar de pé ao lado deles, as mãos se uniram às suas, de modo que as



pedras Ylan zumbissem, uma canção sutil de conexão.

— Olhe o que está acontecendo às minhas — Disse Ariel, e Zeraac olhou, vendo a diminuta constelação em suas pedras, igual a que tinha visto uma vez nas de Kaylee e nas suas próprias.

— Notei quando estávamos no mercado, depois de me sentir enjoada. Fez-me começar a pensar, Zeraac, e a me fazer perguntas.

Ela se deteve, as emoções cresceram e quase alagaram Zeraac, rompendo a represa de seus pensamentos, a mensagem era clara, embora sacudiu a cabeça em negação. O próprio coração estremeceu dolorosamente, sob o impacto da esperança e alegria que sentia no dela.

— Amada, não pode ser. Fez o teste... Mais de uma vez.

Ariel apertou a mão.

— É verdade, Zeraac. Aí é onde estivemos Komet e eu. Em seu escritório. E depois em um laboratório compartilhado. Ele fez os testes duas vezes, e depois tomou outra amostra, só para ter certeza. Em cada prova, o resultado foi o mesmo. Gêmeos. Igual ao resto das uniões vinculadas com mulheres humanas.

Uma crua emoção percorreu Zeraac, intensa, um raio que ressuscitou esperanças e os sonhos que aceitou como mortos. Olhou Komet, incapaz de obrigar às palavras a sair de uma garganta, que estava quase muito apertada para respirar.

“É certo” — Disse Komet — Juro. Talvez seja um presente da Deusa Amato, através de suas Lágrimas — Ele enviou uma imagem dos equipamentos utilizados para recolher o esperma — “Mas se prefere me entregar uma amostra para fazer outros testes...”

Zeraac emitiu uma risada, seguida de lágrimas, quando sepultou seu rosto no cabelo de Ariel, lutando por controlar a onda selvagem de emoções que se precipitavam através dele, explodido sobre ele, esmagando-o com sua intensidade.

Por um momento, sentiu-se uma vez mais de pé diante do velho edifício de apartamentos na Terra, a névoa envolvendo-o, úmida e pegajosa, seu coração pesado pelo desespero, sua mente resolvida a ir à caça dos Hotalings, morrer por Belizair ia ser seu destino. Sua vida parecia tão vazia, insuportável, até que Ariel e Kaylee entraram nela como um raio de luz na penetrante escuridão.

E agora isto.

Um milagre.

A risada suave de Ariel encheu sua mente, seu amor encheu seu coração e alma. *“Veremos se ainda o considera um milagre quando tiver que trocar fraldas e não consiga dormir absolutamente. Por não falar de fazer frente a uma mulher emocional grávida”.*

Zeraac levantou a face de seu cabelo, encontrando um sorriso, apesar que ainda se sentia quase aflito pelo resplendor do futuro frente a ele... A eles. *“Acredito que estou preparado para o desafio”.* Deu um beijo na boca, o contato dos lábios nos dela se transformou em uma necessidade mais profunda, para celebrar com a união dos corpos, as pedras dos braceletes pulsaram quando o desejo atravessou a cada um deles. *“Eu também, fiz os acertos para uma pequena surpresa para Komet, e um convite para todos nós”.* Enviou uma imagem da camisola azul clara estendida sobre a cama.



Ariel se pôs a rir, sentindo a antecipação de Komet e Zeraac, tanto para vê-la com a sexy camisola, para tirá-la lentamente, e só depois de brincar com ela até a ter suplicando que o fizessem. *Homens!*

“Seus homens” — Disse Zeraac, ficando de pé com ela ainda em seus braços.

“Seus companheiros de vínculo, para olhar por sua proteção e dar prazer a você, Ariel. Sempre” — Komet sorriu — “E para te proporcionar yaschi quando todo o resto faltar”.

Fim

TALIONIS

*Incentive as revisoras contando no nosso blog
o que achou da história do livro.*

<http://talionistw.wordpress.com/>